

# MEMÓRIAS

da

Irmã

Lúcia







*MEMÓRIAS  
DA  
IRMÃ LÚCIA I*

*Compilação do P.º Luís Kondor, SVD*

*Introdução e notas do P.º Dr. Joaquín M. Alonso, CMF (†1981)*

Secretariado dos Pastorinhos  
FÁTIMA – PORTUGAL

Imprimatur,  
Fatimae, Octobris de 2007  
† Antonius, Episc. Leiriensis - Fatimensis

13ª edição, Outubro de 2007

Capa: Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado  
em visita à Loca do Cabeço (16 de Maio de 2000)  
Contra-capá: Basílica do Santuário de N.ª S.ª de Fátima  
com os retratos dos dois Pastorinhos após a sua beatificação  
em 13 de Maio de 2000

ISBN: 978-972-8524-18-0

## PREFÁCIO DO EDITOR

Às quatro primeiras Memórias da Irmã Lúcia, escritas por ordem do Bispo de Leiria, José Alves Correia da Silva, e aos Apêndices I e II relatos das aparições em Pontevedra e Tuy – em cumprimento da promessa de 13 de Julho de 1917: «...virei pedir a Consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão Reparadora nos primeiros sábados» juntou-se o texto do importante documento intitulado «A Mensagem de Fátima», com a terceira parte do «segredo», que João Paulo II confiara à Congregação para a Doutrina da Fé o encargo de o tornar público depois de elaborar um comentário adequado.

Com a publicação da terceira parte do «segredo» recebido de Nossa Senhora pelos três Pastorinhos em 13 de Julho de 1917 (ver Apêndice III), ficou assim contida neste primeiro volume toda a Mensagem de Fátima.

Estas quatro primeiras «Memórias», além das Aparições do Anjo e de Nossa Senhora, descrevem também como os Pastorinhos corresponderam heroicamente aos pedidos de Nossa Senhora, e nos apontam a todos, e de modo especial às crianças, um caminho certo para atingir a santidade.

As chamadas «Quinta Memória» (sobre o pai) e «Sexta Memória» (sobre a mãe) escritas pela Irmã Lúcia, no Carmelo de Coimbra, estão editadas, em separado, em «Memórias da Irmã Lúcia II».

A beatificação de Francisco e Jacinta Marto (13-V-2000) iniciou uma nova era para a Igreja.

«'Eu te bendigo, ó Pai, porque revelaste estas verdades aos pequenos.' O louvor de Jesus toma hoje a forma solene de beatificação dos Pastorinhos Francisco e Jacinta. A Igreja quer, com este rito, colocar sobre o candelabro estas duas candeias que Deus acendeu para iluminar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas... Que a mensagem das suas vidas permaneça sempre viva para iluminar o caminho da humanidade». (Sermão de João Paulo II, em Fátima, na missa da Beatificação)

*O conteúdo destas Memórias justifica bem o grande esforço despendido na elaboração da nova edição.*

*Com a benévola licença do Bispo de Leiria-Fátima utilizámos os manuscritos originais das quatro primeiras Memórias.*

*Aproveitámos os trabalhos do P.º Dr. Joaquín María Alonso, Claretiano (†1981) e contámos com a ajuda do P.º Dr. Luciano Cristino, Director dos Serviços de Estudo e Difusão do Santuário de Fátima.*

*Aqui lhes deixamos, em nome pessoal e de todos os leitores a expressão do nosso reconhecimento pela sua preciosa ajuda.*

*Assim, nesta nova edição, é-lhe dada, caro leitor, a garantia possível das palavras da Irmã Lúcia, embora corrigidas na ortografia e na apresentação dos diálogos, esperando que elas o atinjam no mais profundo de si mesmo e aí se fixem em laboriosa docilidade ao Espírito.*

*Agradecemos ao Senhor esta graça extraordinária de podermos ter hoje nas mãos a obra completa sobre a Mensagem de Fátima, que tanto ajudará a conhecer e a amar – sempre mais – a Santa Mãe de Deus e nossa Mãe.*

*P.º Luís Kondor, SVD.*

*Vice-Postulador das Causas de Canonização  
dos Beatos Francisco e Jacinta*

# INTRODUÇÃO ÀS MEMÓRIAS DA IRMÃ LÚCIA

*Antes de entrar na matéria propriamente dita de uma introdução a toda a publicação de «Memórias», pareceu-nos oportuno expor ao leitor, embora com muita brevidade, quais as nossas intenções, os limites que nos impusemos e o procedimento ou método seguidos.*

*A presente edição das Memórias da Irmã Lúcia é constituída pelo texto português tal como se encontra nos originais manuscritos conservados no Arquivo da Cúria Episcopal de Leiria, precedidos de uma breve introdução.*

*Devemos à bondade paternal do actual Ex.<sup>mo</sup> Senhor Bispo de Leiria-Fátima a generosa licença da publicação. Não se trata, claro está, de uma edição crítica, no sentido técnico da palavra. A obra crítica sobre os textos de Fátima está a ser feita pelo Serviço de Estudos e Difusão do Santuário, em volumes sob o título «Documentação Crítica de Fátima».*

*A presente edição é, pois, uma edição popular e de vulgarização de um texto precioso que irá comovendo o mundo. Ao chamar-lhe «popular», não o fazemos para nos libertarmos das exigências críticas, senão de algumas delas, como, por exemplo: não julgamos necessária a indicação de todas as referências e fontes que estão na base das nossas afirmações. Sem dúvida, podemos assegurar ao leitor que nenhuma afirmação é feita aqui, na introdução ou notas, que não possa ser provada.*



*Uma obra de carácter popular exige limites. Não é necessário multiplicar as citações e notas, sobrecarregando-a excessivamente, mas, ao contrário, que o leitor não encontre dificuldades na sua leitura. Neste sentido, onde as palavras ou o pensamento da Autora nos aconselham a fazê-lo, damos a necessária explicação. Daí, também, o procedimento seguido.*

*Não nos parecia bem, numa edição deste género, que a obra de Lúcia, extraordinariamente diáfana e simples, aparecesse sem aquelas divisões normais que o próprio texto insinua. Por isso dividimos as Memórias em partes, capítulos e parágrafos, onde nos pareceu conveniente e o pedia a sua estrutura lógica. Demos títulos a essas divisões. Mas, para que o leitor saiba que as introduções, os títulos, as notas explicativas e as palavras acrescentadas são nossos e não da Irmã Lúcia, vão em itálico.*

*Assim, esperamos que o leitor, por um lado, descanse na sua leitura, por vezes longa; e entre, por outro, devidamente preparado no conteúdo do título oferecido. O texto original, portanto, longe de perder a sua integridade, pode ganhar em clareza e ordem.*

*As notas e referências ao fundo da respectiva página, ajudam o leitor a superar certas dificuldades; explicam certas circunstâncias estranhas; e dão algumas informações, sem as quais, nalguns casos, não é fácil entender bem o texto original.*

*Damos, em primeiro lugar, uma biografia, necessariamente breve da Irmã Lúcia; seguidamente, um ensaio da fisionomia literária da Autora; e, por fim, uma introdução geral a todas as Memórias em conjunto.*

*No lugar próprio, faremos uma introdução especial a cada Memória que compreende: a ocasião, o tempo, o ambiente, as intenções e o conteúdo geral.*

## BIOGRAFIA DE LÚCIA

*«Aos trinta dias do mês de Março de mil novecentos e sete, nesta paroquial Igreja de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, Patriarcado de Lisboa, baptizei solenemente um indivíduo do sexo feminino, a quem dei o nome de Lúcia, nascida em Aljustrel, desta freguesia, às sete horas da tarde de vinte e dois de Março corrente...» Assim reza a acta do baptismo. Seus pais eram António*

*dos Santos e Maria Rosa, residentes em Aljustrel, lugarejo pertencente à Paróquia de Fátima.*

*Sendo a última de sete irmãos, cinco raparigas e um rapaz, teve uma infância de mimos e privilégios, a que não faltaram desgostos e desgraças familiares, corajosamente suportados e superados por aquela mulher exemplar que era sua mãe. Aos seis anos, faz a sua primeira comunhão, cujo relato os nossos leitores hão-de saborear com admiração e carinho. Nessa idade porque assim o exigiam as necessidades da casa, começa a sua vida de pastora. Primeiro, no ano de 1915, os seus companheiros são todas as pequenas e pequenos de Aljustrel e arredores. A partir de 1917, acompanham-na, quase exclusivamente, seus primos Francisco e Jacinta Marto. É o ano das Aparições da Virgem. Nelas, Lúcia ocupa um lugar especial, pois é a única que fala com Ela e d'Ela recebe uma mensagem especial para dar a conhecer no futuro. Vive e sofre com seus primos, por causa das Aparições; mas é também a única que teria de ficar por mais tempo neste mundo, para cumprir a sua missão.*

*A Virgem, na verdade, tinha-a mandado aprender a ler... Sem dúvida, só depois das Aparições começa a ir à escola, onde rapidamente, com seu engenho e memória extraordinárias, aprende as primeiras letras.*

*Passadas as Aparições, a situação de Lúcia era, naturalmente, a de uma «vidente», com todos os riscos que isso comporta. Era necessário fazer algo mais com ela. Atender à sua educação e subtrai-la aos perigos que poderia sofrer naquele meio ambiente de «milagreira» e de «maravilhosismo», foi uma das primeiras preocupações do recém nomeado primeiro Bispo de Leiria, após a restauração da Diocese. Na manhã de 17 de Junho de 1921 entrava, como educanda, no Colégio das Irmãs Doroteias, em Vilar, hoje integrado na cidade do Porto.*

*Recolhamos um retrato fisionómico da época, correspondente a fotografias perfeitamente conhecidas: «cabeça alta e larga. Olhos castanhos, grandes e vivos. Sobrancelhas pouco densas. Nariz achatado, boca larga e lábios grossos. Queixo redondo. Rosto algo mais que natural. Cabelos ruivos e finos. Baixa estatura, mas alta para a sua idade (então tinha treze anos e meio). Feições bastas mas rosto simpático. Ar de gravidade e de inocência. Viva, inteligente, mas modesta e sem pretensões. Mãos grossas, de trabalho e de tamanho regular.»*

*A jovem Lúcia entra no Colégio do Porto com catorze anos e três meses. Ali recebe uma educação moral e religiosa excelente. A educação cultural é mais deficiente, pois não vai além da instrução primária. Pelo contrário, a preparação de trabalhos femininos é muito boa. Mas a pequena Lúcia, com o seu grande talento, grande memória, constância e seriedade de conduta, haveria de tirar, de tudo isso, uma formação que poderíamos classificar de suficientemente completa.*

*Lúcia, já antes de entrar no Colégio tinha tido uns vagos desejos de consagrar-se a Deus na vida religiosa. Mas a intensa vida de piedade que se cultivava no Colégio fê-la reflectir; e a sua primeira ideia foi para as Carmelitas... Porém, o exemplo e o agradecimento para com as suas formadoras decidiu-a a escolher o Instituto de Santa Doroteia.*

*Nessa altura (1921-1925) as Doroteias portuguesas tinham o Noviciado em Tuy. Para ali se dirigiu Lúcia, então jovem de 18 anos, no dia 24 de Outubro de 1925. Seguirá imediatamente para a Casa que as Doroteias tinham em Pontevedra, na Travessa de Isabel II, a fim de fazer o Postulantado. Esteve aqui desde o dia 25 de Outubro de 1925 até 20 de Julho de 1926, data em que chega ao Noviciado de Tuy para completar o Postulantado.*

*Com a imposição do hábito, em 2 de Outubro de 1926, começa o seu Noviciado. Ali passa os dois anos de Noviciado, para professar no dia 3 de Outubro de 1928. Seis anos depois, é destinada à Casa de Pontevedra, para onde segue e permanece, até que, de novo, em Maio de 1937, volta a Tuy. Aqui fica até Maio de 1946, em que recebe ordens para regressar a Portugal. Depois de passar uns dias a visitar e a reconhecer os locais das Aparições, na Cova da Iria e em Aljustrel, é destinada à Casa do Sardão, em Vila Nova de Gaia, próximo do Porto. Entretanto, renovando antigos desejos de retiro e solidão, obtém do Papa Pio XII a graça da transferência para as Carmelitas.*

*Em 25 de Março de 1948, entra para o Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, para levar uma vida de oração e penitência até à morte, ocorrida em 13 de Fevereiro de 2005.*

## EM TORNO DA FISIONOMIA LITERÁRIA DE LÚCIA

*De toda a historiografia sobre Fátima, deve dizer-se aquilo que, entusiasmado com o seu livro, escrevia o escritor Antero de Figueiredo: «Mas a luz deste livro, a grande luz, a luz bela, essa foi recebida directa, da alma cândida e profunda, admiravelmente simples, da vidente Lúcia de Jesus.»*

*Começemos por dizer que os escritos de Lúcia sempre se ressentiram da sua falta de formação cultural suficiente. Mas, o que noutros teria sido um defeito irreparável, em Lúcia foi suprido pelos seus grandes dotes naturais. Lúcia confessa singelamente e muitas vezes a sua «incapacidade e insuficiência» chegando a dizer literalmente: «Nem sequer a caligrafia sei fazer capazmente». Contudo, essas faltas de correcção ortográfica não impedirão nunca uma síntese clara e definida, atingindo, por vezes, uma redacção elegante e firme.*

*Os seus dotes literários poderiam resumir-se assim: clareza e precisão de conceitos; sentimentos delicados e profundos; uma rica imaginação; um bom humor artístico que dá graça ao relato, uma ironia delicada que nunca fere; uma extraordinária memória para fixar detalhes e circunstâncias; os diálogos vêm-lhe de dentro, como se as pessoas estivessem presentes. Contempla imaginariamente a paisagem, como se a estivesse gozando. Sabe descrever os caracteres dos primos, dos confessores, dos seus personagens em geral, com rasgos que manifestam uma penetração psicológica não comum. Dá-se conta perfeitamente das suas divagações e sabe voltar, com graça, ao ponto de partida.*

*É verdade que, por vezes, o estilo podia ressentir-se menos das suas leituras piedosas, amenas e religiosas. Mas a sua naturalidade, vivacidade e alegria, sempre acabam por triunfar. Quem não recorda a sua despedida nocturna dos lugares queridos das Aparições, na véspera da sua partida para o Porto? Como não admirar a graça com que se fixa nos sapatos, com fivelas de prata, de tal cônego? Como não sentir-se arrebatado pela transcrição daquelas «Cantigas de Serrana»?*

*Lúcia sabe dizer o que quer e di-lo como quer. E é tal a posse interior, que consegue conjugar as ocupações servis absorventes com o trabalho de redacção dos seus escritos, sem perder o fio da*

*narração ordenada, nem a lógica das suas reflexões. Isto não pode dar-se senão quando se possui um grande equilíbrio de alma.*

*Lúcia, na verdade, «sente-se inspirada» ao escrever; assim o diz em várias ocasiões... Mas, por favor, não pode tomar-se essa expressão em sentido rigoroso, no género profético, como o fez algum crítico quezilento; é sua convicção de que uma presença especial de Deus está sobre ela nos momentos de redacção. Sente-se, pois, ...«assistida» por Deus ao escrever. Mas uma leitura atenta mostra claramente que Lúcia não toma essas expressões no seu sentido rigoroso. É ela própria que, respondendo expressamente a isso, declara: «A palavra “inspirados” quer dizer que, anteriormente, nos sentíamos movidos a isso.»*

*Não se trata, pois, de uma «inerrância» semelhante à da Sagrada Escritura. Lúcia pode enganar-se na tradução mística das suas experiências, por causa da dificuldade própria de «interpretação». Algumas vezes, ela mesma duvida se será o Senhor quem lhe fala; outras, confessa que é impossível revelar algo do percebido na graça mística. De facto, uma crítica inteligente encontra alguns erros meramente acidentais de datas, de factos, de circunstâncias. E até na própria ocasião de assegurar-nos que nos transmite «ipsissima verba» as mesmas palavras da Virgem, isso não significa senão que, na verdade, ela põe nisso toda a sua sinceridade. Daquilo que Lúcia está sempre segura – e assim o diz – é do sentido do que transmite.*

*Quanto a datas, é já conhecida a insegurança de Lúcia. Uma vez porque, de pequenos, ela e seus primos não sabiam contar nem os dias, nem muito menos os meses, não digamos os anos. Assim, Lúcia não se recorda das datas das aparições do Anjo, e tem que recordá-las aproximadamente pelas estações que, estas sim, se lhes gravavam bem aos pequenos serranitos. Mas a principal razão desta falta de memória cronológica está, certamente, no carácter realista das recordações de Lúcia, sempre dirigida ao essencial.*

*Além disso, o leitor não deve esquecer, na leitura das Memórias de Lúcia, uma regra geral de interpretação das traduções que os místicos fazem das suas experiências do sobrenatural: trata-se sempre de «traduções» nas quais não é necessário admitir que tudo, literalmente, corresponda às locuções divinas. Isso não*

*quer dizer, por outro lado, que, se a alguém se deve dar crédito sobre esses fenómenos maravilhosos, não seja, naturalmente, àquele que os experimentou.*

*Queremos fazer uma última advertência, para que o leitor entre mais bem preparado na leitura destas páginas maravilhosas. É necessário distinguir entre aquilo que a Irmã Lúcia nos apresenta como Mensagem do Céu e aquilo que ela mesma nos apresenta como «reflexão» ou «interpretação sua». O primeiro, embora dentro das dificuldades da tradução mística, oferece maiores garantias de veracidade que o segundo. Importa supor que, se Deus apresentou uns sinais tão evidentes para fazer conhecer a Sua presença nos acontecimentos de Fátima, também interveio de um modo especial para que a «Sua» Mensagem, através da Virgem, fosse bem traduzida pelos videntes para isso escolhidos. Algo de parecido ao que dizemos sobre a Igreja – se Deus entregou à Sua Igreja uma Mensagem de salvação, há que, pelo menos, aceitar que A dotou de um carisma de verdade, para que nos transmita essa Mensagem de uma maneira infalível.*

*Mas Lúcia apresenta-se muitas vezes como «reflectindo» sobre as palavras e os acontecimentos... certamente é um intérprete privilegiado, mas sempre e apenas «um» intérprete. Portanto, neste terreno, as palavras da Irmã Lúcia já não têm razão para exigir aquela assistência especial que reclamamos para o primeiro caso.*

## GÉNERO LITERÁRIO DAS «MEMÓRIAS»

*Aos escritos que, felizmente, o leitor vai ter nas suas mãos, chamamos «Memórias» porque, efectivamente, mais se parecem a este género literário, não obstante a sua aparência de «Cartas» ou, até, em certos momentos, de «autobiografia».*

*Evidentemente que a Irmã Lúcia não tinha qualquer pretensão literária ao escrever estes admiráveis documentos. Ela escrevia porque lho mandavam. E pode afirmar-se que Lúcia nunca escreveu nada por vontade própria. Isto não quer dizer que, às vezes, ela mesma, no decurso da sua obra, não se sinta arrebatada pelos assuntos que toca, dando impressão de que «faz literatura». Mas será sempre uma literatura espontânea e clara, em que a elegância é uma consequência e não uma preocupação.*

*Ora bem: muito menos podia ter uma preocupação do género literário, e não sabia absolutamente o que podia significar «memória», senão como faculdade de recordar o passado. Ela mesma nos diz, algures, que, não sabendo como cumprir o mandato recebido de escrever sobre a vida da Jacinta, ocorreu-lhe fazê-lo com toda a naturalidade, dirigindo-se ao Sr. Bispo, como quem conta uma história com as recordações que conserva. Portanto, não há que tomar estes escritos como «Cartas» embora extensas, que escreve ao Sr. Bispo de Leiria. Isso foi uma pura ficção, neste caso «literária», para sair do apuro. Na realidade, o que Lúcia intenta é escrever as suas «recordações». E a isto se chama, com propriedade, «Memórias», porque, efectivamente, se trata de um género literário em que o autor pretende comunicar as suas recordações, referentes a si mesmo (ou a outros), aos seus próprios sucessos ou aos sucessos acontecidos a outros.*

*Não obstante, não se trata também falando propriamente – de «Biografia» ou de «Autobiografia». Lúcia não o pretendeu, nem podia pretendê-lo, dar-nos uma biografia de Jacinta e de Francisco e, naturalmente, nunca pretendeu dar-nos uma «auto-biografia».*

*Trata-se simplesmente de uma ordenação de recordações à volta dos principais factos da vida de Jacinta e de Francisco, e isso, seguramente, contra a sua própria vontade.*

*A biografia e a autobiografia distinguem-se da «Memória»; esta não pretende comunicar senão «recordações»; enquanto que os outros géneros literários pretendem algo de mais completo, sistemático; supõem, mais do que a simples recordação, uma investigação de documentos auxiliares.*

*Mas Lúcia, nestas Memórias, não necessitou mais do que olhar para o passado e recordá-lo. E que recordação! Porque, ou se tratava da vida de seus primos e, então, tratava-se da sua própria vida; ou se tratava de tudo quanto se referia às Aparições da «Senhora» e, então, tudo era contemplado, mais do que uma simples recordação, como uma presença gravada a fogo sobre a sua alma. Ela mesma nos adverte que «essas coisas vão-se gravando tão nitidamente na nossa alma, que não é fácil esquecê-las.» Por isso, estas «Memórias» da Irmã Lúcia são, sobretudo, uma «releitura» de caracteres impressos, para sempre, no mais fundo do espírito da Autora. Ela, mais do que «recordar», parece que está vivendo; tal é a facilidade da recordação, que se converte em «leitura interior».*

## TEMA DAS MEMÓRIAS

*Na introdução de cada Memória indicaremos o tema central ao qual ela se refere.*

*No entanto, parece-nos importante sublinhar desde já o objectivo principal das Memórias da Irmã Lúcia: revelar a vida heróica dos dois Videntes já falecidos, hoje Bem-Aventurados Francisco e Jacinta, em resposta aos pedidos da Santíssima Virgem. Não há dúvida de que os dois irmãozinhos cativam logo desde o primeiro contacto que com eles se tenha, pela sua ingenuidade e simpatia natural. Isto ainda antes de lhes conhecer as belezas e riquezas interiores da alma. Basta o seu retrato exterior para nos prender. E porque entendemos que pode ser esse o primeiro passo para mais nos afeiçoarmos aos Pastorinhos, com uma afeição que leve à imitação, vamos deixar aqui a descrição histórica mais antiga que supomos deles haver.*

*Referimo-nos à célebre carta do Dr. Carlos de Azevedo Mendes para a sua futura esposa, em que lhe descreve as impressões duma visita que fez a Aljustrel e à Cova da Iria, no dia 7 de Setembro de 1917. Pouco diz do Francisco, o retrato é curto, mas completo e expressivo: “...Chegou o Francisco. Carapuço enterrado pela cabeça, jaleca muito curta, colete deixando ver a camisa, calças justas, enfim um homem em miniatura. Bela cara de rapaz! Olhar vivo e cara agarotada. Com ar desempenado responde às minhas perguntas”.*

*Vinte dias depois, a 27 de Setembro, também o Sr. Cónego Formigão foi interrogar as crianças a Aljustrel. O primeiro a ser ouvido foi o Francisco. Não nos interessa por agora o teor das respostas, mas apenas estas impressões do erudito e piedoso sacerdote: “Rapaz de nove anos de idade, que entra com certo desembaraço no quarto onde estávamos, conservando o barrete na cabeça, decerto por não se lembrar que devia descobrir-se. Connvidei-o a sentar-se numa cadeira ao meu lado, obedecendo imediatamente e sem nenhuma relutância”.*

*Estes dois excertos de documentos autênticos e primitivos mostram-nos que o Francisco no tempo das Aparições era um pastorinho alegre, vivo e desembaraçado, um perfeito “serrano”, sem preocupações, taras ou complexos de qualquer espécie.*

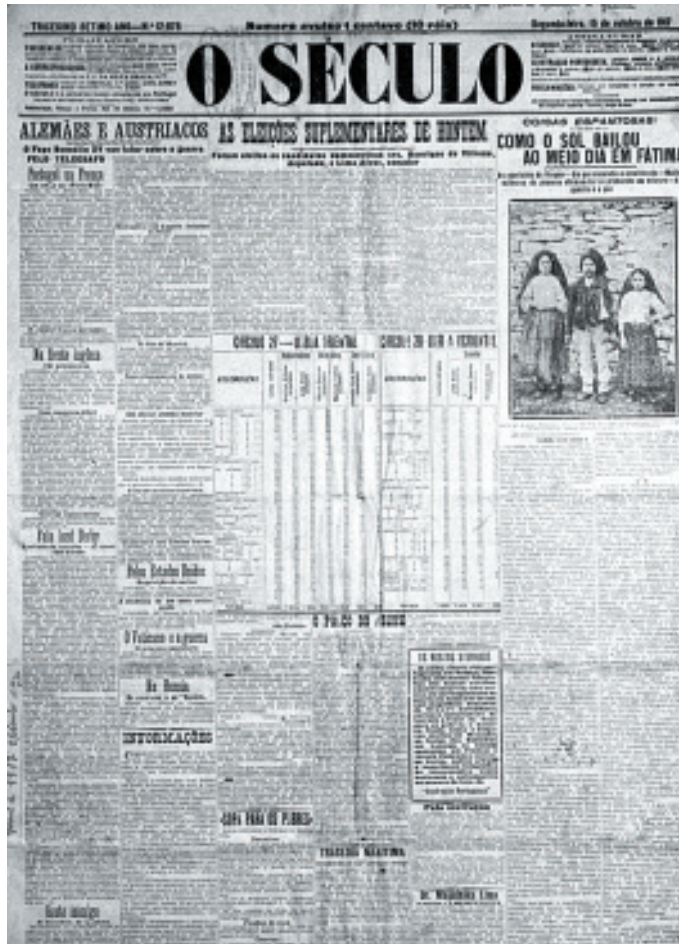


*Vejamos agora a descrição que o Dr. Carlos Mendes faz da Jacinta. O retrato é um bocadinho mais desenvolvido que o do Francisco:*

*A Jacinta “muito pequerrucha, muito encolhidita, foi-se chegando para o pé de mim. Sentei-a em cima de uma arca e eu ao pé. Afirmo-te que é um anjo... um lenço com ramagem encarniçada, embrulhado na cabeça, com as pontas atadas atrás. Lenço velhito e já roto. Um casaquito que também não primava muito pela limpeza. Uma saia sobre o encarnado, mas com uma roda enorme, à moda da terra. Aqui tens o traje do nosso anjito.*

*Queria descrever-te a carita, mas creio bem que nada conseguirei dizer-te aproximado ao menos. O lenço, da maneira como o usava, ainda mais realçava as feições. Os olhos negros de uma vivacidade encantadora, uma expressão angélica, de uma bondade que nos seduz, um todo extraordinário que, não sei porquê, nos atrai. Muito envergonhadita, com dificuldade ouvíamos o pouco que falava, em resposta às minhas perguntas. Depois de durante algum tempo a ter entretido, conversando e (não te rias!) brincando, chegou o Francisco... A Jacinta começa a ganhar confiança. Pouco depois chega a Lúcia. Não imaginas a alegria da Jacinta quando a viu! Toda ela riu, correu para ela e nunca mais a largou. Era um quadro lindo...”*

*O depoimento do Sr. Cônego Formigão, mais reduzido, condiz perfeitamente com o anterior: “Chama-se Jacinta de Jesus, tem sete anos de idade... Bastante alta para a sua idade, um pouco delgada sem se poder dizer magra, de rosto bem proporcionado, tez morena, modestamente vestida, descendo-lhe a saia até à altura dos artelhos, o seu aspecto é o duma criança saudável, acusando perfeita normalidade no seu todo físico e moral. Surpreendida com a presença de pessoas estranhas, que me tinham acompanhado e não esperava encontrar, a princípio mostra um grande embaraço, respondendo com monossílabos e num tom de voz quase imperceptível às perguntas que lhe dirijo”.*



O diário *O Século*, publicado no dia 15 de Outubro de 1917, apresentava pela primeira vez a fotografia dos Pastorinhos e dava a conhecer a todo o país “coisas espantosas: como o Sol bailou ao meio-dia em Fátima”



Os três videntes, Francisco (9), Lúcia (10) e Jacinta (7) no local da pequena azinheira sobre a qual aparecera a Santíssima Virgem nos dias 13, de Maio a Outubro de 1917



A Capelinha, construída pelo povo em 1918, no lugar das aparições



Imagem que desde 13 de Junho de 1920 se venera na Capelinha das Aparições. Em 13 de Maio de 1946 foi coroada solenemente pelo Card. Masella e no interior da sua coroa encontra-se, actualmente, incrustada a bala que depois do atentado de 13 de Maio de 1981 foi retirada do *jeep* do Papa.



Os três Pastorinhos junto do arco erguido no local das aparições para o dia 13 de Outubro de 1917



Janela da cadeia de Vila Nova de Ourém para onde foram levados os Pastorinhos em 13 de Agosto 1917



Capela construída no local da aparição dos Valinhos



A Via-Sacra húngara no “caminho dos Pastorinhos” liga a Cova da Iria aos outros lugares de aparições e a Aljustrel, terra natal dos três videntes.



Casa dos pais de Lúcia



Casa onde nasceram Francisco e Jacinta e onde morreu o Francisco



Maria Rosa (1869-1942), mãe de Lúcia, com vários familiares e pessoas amigas



Família de Francisco e Jacinta: a mãe Olímpia de Jesus (†1956), o pai Manuel Pedro Marto († 1957) e os irmãos



Igreja paroquial de Fátima no tempo das aparições



Pia baptismal onde foram batizados Lúcia, Francisco e Jacinta



Imagem de Nossa Senhora do Rosário na igreja paroquial



Os três Pastinhos junto do cruzeiro, no adro da igreja paroquial



P. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima no tempo das aparições (1914-1919)



P. Faustino José Jacinto Ferreira, prior do Olival



Cónego Manuel Nunes Formigão que, em 1917, fez numerosos interrogatórios aos pastorinhos



P. Cruz que ouviu a primeira confissão de Lúcia





Os três Pastorinhos no quintal de Francisco e Jacinta



Lúcia e Jacinta de visita a Reixida  
em Setembro de 1917



Francisco



Loca do Cabeço



Monumento na Loca do Cabeço que representa a terceira aparição do Anjo



Poço da família de Lúcia onde se deu a segunda aparição do Anjo



Monumento sobre o poço da família de Lúcia que representa a segunda aparição do Anjo



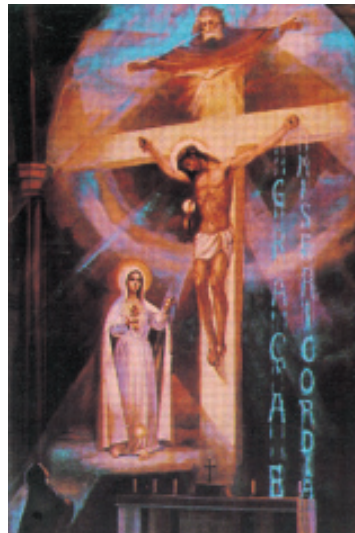
Pontevedra – quarto de Lúcia onde em 10 de Dezembro de 1920, Nossa Senhora pediu a comunhão reparadora nos primeiros sábados



Aspecto actual do quarto, transformado em capela



Convento das Doroteias em Tuy onde em 13 de Junho de 1929 Nossa Senhora pediu a consagração da Rússia



Visão da Santíssima Trindade



Para cumprir o pedido de Nossa Senhora, Pio XII consagrou, em 31.10.1942, todo o género humano ao Coração Imaculado de Maria



Em Roma, diante da Imagem da Capelinha, João Paulo II, em união com os bispos da Igreja, renovou a Consagração do mundo e da Rússia. (25 de Março de 1984)



D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, com o texto com a terceira parte do segredo, que enviaria para o Santo Ofício, em 1957. O Card. Sodano torna conhecida a terceira parte do segredo, em 13.V.2000, em Fátima.



Representação da terceira parte do segredo de Fátima segundo as indicações da Irmã Lúcia (Júlio Gil)



Pintura representando a aparição de 13 de Junho de 1917  
(Irmã M<sup>a</sup> da Conceição ocd)



O corpo incorrupto de Jacinta na abertura do seu caixão em 12.9.1935



Identificação canónica dos restos mortais de Francisco em 17.2.1952



Depois de beatificar Francisco e Jacinta, João Paulo II visita os túmulos dos novos beatos.



Momento solene da beatificação de Francisco e Jacinta em 13.5.2000



Encontro de Lúcia com João Paulo II em 13.5.2000.  
No momento da beatificação a imensa multidão aplaude  
calorosamente os novos beatos





Carmelo de Coimbra onde Lúcia viveu desde 25 de Março de 1948 até 13 de Fevereiro de 2005.



Imagem do Coração Imaculado de Maria no Carmelo de Coimbra.



Lúcia visita a casa familiar e os lugares das aparições em 16.5.2000

# PRIMEIRA MEMÓRIA

## Introdução

*Não é certamente o primeiro escrito de Lúcia; mas sim o seu primeiro escrito extenso. Antes dele, temos cartas, muitas cartas, interrogatórios, relatos, etc. Mas, agora, encontramos-nos diante dum documento extenso e importante.*

*Se Lúcia nunca escreveu por vontade própria, como nasceu este documento?*

*No dia 12 de Setembro de 1935 eram trasladados, do cemitério de Vila Nova de Ourém para o de Fátima, os restos mortais de Jacinta. Nesta ocasião, tiraram-se diversas fotografias ao cadáver; algumas delas foram enviadas pelo Sr. Bispo à Irmã Lúcia que, então, se encontrava em Pontevedra. Agradecendo essa lembrança, com data de 17 de Novembro de 1935, entre outras coisas, Lúcia dizia: «Agradeço reconhecidíssima as fotografias. Quanto as estimo, não posso dizer. Em especial à de Jacinta eu queria, mesmo à fotografia, tirar aqueles panos que a cobrem, para vê-la toda; estava como numa impaciência de descobrir o rosto do cadáver, sem me dar conta de que era um retrato; estava meio abstracta, tal era a minha alegria de voltar a ver a mais íntima amiga de criança. Tenho esperança de que o Senhor, para glória da Santíssima Virgem, lhe concederá a auréola da santidade. Ela era criança só de anos. No demais, sabia já praticar a virtude e mostrar a Deus e à Santíssima Virgem o seu amor, pela prática do sacrifício...»*

*Estas recordações tão vivas de Lúcia sobre a sua primiza Jacinta induziram o Sr. Bispo a mandar-lhe escrever tudo o que se recordasse dela. E, com efeito, o escrito, começado na segunda semana de Dezembro, estava terminado no dia de Natal de 1935. Quer dizer, em menos de quinze dias, Lúcia redigia este escrito que conserva uma unidade perfeita e faz um retrato de Jacinta, em que o seu íntimo fica iluminado com essa luz de Fátima, que é o Coração Imaculado de Maria.*

*O conteúdo deste escrito dá-nos, sobretudo, um retrato de Jacinta, tirado das recordações de Lúcia. A finalidade dele não era, portanto, dar-nos uma «história» das Aparições. Estas aparecem como uma moldura necessária, em que se destaca a figura de Jacinta.*

*O estilo é sempre simples e familiar; e até, diríamos, em certas ocasiões, «infantil», porque o ambiente e o assunto assim o exigiam. Lúcia nunca perdeu o sentido realista das coisas que tratava.*

## PREFÁCIO

### 1. *Oração e Obediência*

J. M. J.

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo <sup>(1)</sup>

Depois de ter implorado a protecção dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, nossa Terna Mãe, de ter pedido luz e graça aos pés do Sacrário, para não escrever nada que não seja única e exclusivamente para a glória de Jesus e da Santíssima Virgem, venho, apesar da minha repugnância, por não poder dizer quase nada da Jacinta sem directa ou indirectamente falar do meu miserável ser. Obedeço, no entanto, à vontade de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> que, para mim, é a expressão da vontade de nosso bom Deus. Começo, pois, este trabalho, pedindo aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria que se dignem abençoá-lo e servir-se deste acto de obediência para a conversão dos pobres pecadores, pelos quais esta alma tanto se sacrificou.

Sei que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> não espera de mim um escrito capaz, pois conhece a minha incapacidade e insuficiência; irei, pois, contando a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o que me for recordando desta alma, da qual o nosso bom Deus me fez a graça de ser a mais íntima confidente e da qual conservo a maior saudade, estima e respeito, pela alta ideia que tenho da sua santidade.

### 2. *Silêncio sobre alguns assuntos*

Apesar, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, da minha boa vontade em obedecer, peço me concedais reservar algumas coisas que, porque também me dizem respeito, desejaria fossem lidas somente nos limiares da eternidade. V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> não estranhará que pretenda guardar segredos e leituras para a vida eterna; pois não tenho eu a Santíssima Virgem a dar-me o exemplo? Não nos diz o Sagrado Evangelho que Maria guardava todas as coisas em Seu

<sup>(1)</sup> *D. José Alves Correia da Silva (1872-1957), primeiro Bispo da Diocese restaurada de Leiria, a que pertence Fátima.*

coração? <sup>(2)</sup> E quem melhor que este Imaculado Coração nos poderia descobrir os segredos da Divina Misericórdia? No entanto, lá os levou guardados como em jardim cerrado, para o palácio do Divino Rei. Recordo ainda uma máxima que me deu um venerável Sacerdote, quando eu tinha apenas 11 anos. Foi, como tantos outros, fazer-me algumas perguntas. Entre outras, interrogou-me acerca de um assunto do qual eu não queria falar. Depois de ter desfolhado todo o seu reportório de interrogações, sem conseguir obter, sobre o tal assunto, uma resposta satisfatória, compreendendo, talvez, que tocava um assunto demasiado melindroso, o venerável Sacerdote, abençoando-me, disse:

– Faz bem, minha filhinha, porque o segredo da Filha do Rei deve permanecer oculto no fundo do seu coração.

Não entendi, por então, a significação destas palavras, mas compreendi que aprovava o meu procedimento e, como não as esqueci, compreendo-as agora. Este venerável Sacerdote era então Vigário em Torres Novas <sup>(3)</sup>. Mal sua Rev.<sup>cia</sup> sabe quanto bem estas breves palavras têm feito à minha alma e por elas conservo de sua Rev.<sup>cia</sup> uma grata recordação.

Consultei, no entanto, um dia, um Santo Sacerdote, a respeito desta reserva, porque não sabia que responder, quando me perguntassem se a Santíssima Virgem me tinha dito mais alguma coisa. Este Senhor, que era então Vigário do Olival <sup>(4)</sup>, disse-nos:

– Fazeis bem, meus filhinhos, em guardar para Deus e para vós o segredo das vossas almas; quando vos fizerem essa pergunta, respondi: Sim, disse; mas é segredo. Se vos fizerem mais perguntas a respeito disto, pensai no segredo que vos comunicou essa Senhora e dizei: Nossa Senhora disse-nos que não disséssemos a ninguém, por isso não o dizemos. Assim guardais o vosso segredo ao abrigo do da Santíssima Virgem.

Que bem compreendi a explicação e direcção deste venerável ancião!

Estou já gastando demasiado tempo com estes prelúdios e V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> dirá que não sabe a que propósito vêm aqui.

<sup>(2)</sup> Lc. 2, 19-51.

<sup>(3)</sup> Pe António de Oliveira Reis (†1962).

<sup>(4)</sup> Pe Faustino José Jacinto Ferreira (†1924).

Vou ver se dou começo à narração do que me lembro da vida da Jacinta. Como não disponho de tempo livre, durante as horas silenciosas de trabalho, num bocado de papel, com um lápis escondido debaixo da costura, irei recordando e apontando o que os Santíssimos Corações de Jesus e Maria quiserem fazer-me recordar.

### 3. *Prece à Jacinta*

Ó tu que a terra  
Passaste voando,  
Jacinta querida,  
Numa dor intensa,  
Jesus amando,  
Não esqueças a prece  
Que eu te pedia.  
Sê minha amiga  
Junto do trono  
Da Virgem Maria.  
  
Lírio de candura,  
Pérola brilhante  
Oh! lá no Céu  
Onde vives triunfante,  
Serafim de amor,  
Com teu Irmãozinho  
Roga por mim  
Aos pés do Senhor. <sup>(5)</sup>

## I. *RETRATO DE JACINTA*

### 1. *Temperamento*

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo

Antes dos factos de 1917, exceptuando o laço de parentesco que nos unia, nenhum outro afecto particular me fazia preferir a companhia da Jacinta e Francisco, à de qualquer outra criança.

<sup>(5)</sup> *Lúcia, apesar da sua deficiente cultura escolar, tinha uma inclinação poética. Escreveu várias poesias.*

Pelo contrário, a sua companhia tornava-se-me, por vezes, bastante antipática, pelo seu carácter demasiado melindroso. A menor contenda, das que se levantam entre as crianças, quando jogam, era bastante para a fazer ficar amuada, a um canto, a prender o burrinho, como nós dizíamos. Para a fazer voltar a ocupar o seu lugar na brincadeira, não bastavam as mais doces carícias que em tais ocasiões as crianças sabem fazer. Era então preciso deixá-la escolher o jogo e o par com quem queria jogar. Tinha, no entanto, já então, um coração muito bem inclinado, e o bom Deus tinha-a dotado dum carácter doce e meigo que a tornava, ao mesmo tempo, amável e atraente.

Não sei porquê, a Jacinta, com seu irmãozinho Francisco, tinham por mim uma predilecção especial e buscavam-me, quase sempre, para brincar. Não gostavam da companhia das outras crianças e pediam-me para ir com eles para junto dum poço que tinham meus pais, no fundo do quintal. Uma vez aí, a Jacinta escolhia os jogos em que nos íamos entreter. Os seus preferidos eram, quase sempre, sentados sobre esse poço, que era coberto de lajes por cima, à sombra duma oliveira e duas ameixieiras, o jogo das pedrinhas ou do botão. Com este vi-me também, não poucas vezes, em grandes aflições, porque, quando nos chamavam para comer, encontrava-me sem botões na roupa. Por ordinário, ela tinha-mos ganhado e isto era o bastante para que minha mãe me ralhasse. Era preciso pregá-los à pressa; e como conseguir que ela nos desse, se, além do defeitinho de amuar, tinha o de agarrada? Queria guardá-los para o jogo seguinte, para não ter que arrancar os dela. Só ameaçando-a de que não voltava mais a brincar com ela é que os conseguia!

Não poucas vezes acontecia não poder satisfazer o desejo da minha amiguinha. Como minhas irmãs mais velhas, que eram uma tecedeira e a outra costureira, passavam os dias em casa, as vizinhas pediam a minha mãe para deixarem os seus filhinhos no pátio de meus pais, junto de mim, a brincar, sob a vigilância de minhas irmãs, enquanto que elas iam para os campos trabalhar. Minha mãe dizia sempre que sim, embora custasse a minhas irmãs uma boa perca de tempo. Eu era então encarregada de entreter essas crianças e ter cuidado que não caíssem num poço que havia nesse pátio. Três grandes figueiras resguardavam, dos ardores do sol, a essas crianças; seus ramos serviam de balouço e uma velha

eira servia de sala de jantar. Quando, nesses dias, a Jacinta vinha com seu irmãozinho a chamar-me para o nosso retiro, dizia-lhe que não podia ir, pois minha mãe me tinha mandado estar ali. Então os dois pequeninos resignavam-se com desgosto e tomavam parte na brincadeira. Nas horas da sesta, minha mãe dava a seus filhos a sua lição de doutrina, principalmente quando se aproximava a quaresma, porque – dizia – não quero ficar envergonhada, quando o Senhor Prior vos perguntar a doutrina, na desobriga. Então todas aquelas crianças assistiam à nossa lição de catecismo; a Jacinta lá estava também.

## 2. *Delicadeza de alma*

Um dia, um desses pequenos acusou outro de ter dito algumas palavras pouco decentes. Minha mãe repreendeu-o com toda a severidade, dizendo que aquelas coisas feias não se diziam, que era pecado e que o Menino Jesus se desgostava e mandava para o inferno os que faziam pecados, se não se confessavam. A pequenina não esqueceu a lição. No primeiro dia que encontrou a dita reunião de crianças, disse:

– Hoje tua mãe não te deixa ir?

– Não.

– Então eu vou para o meu pátio, com o Francisco.

– E por que não ficas aqui?

– Minha mãe não quer que, quando estiverem estes, aqui fiquemos. Disse que fôssemos para o nosso pátio brincar. Não quer que aprenda essas coisas feias que são pecados e das que o Menino Jesus não gosta.

Depois, disse-me baixinho, ao ouvido:

– Se tua mãe te deixar, vens cá ter a minha casa?

– Sim.

– Então vai a pedir-lhe.

E tomando a mão do irmão, lá foi para sua casa.

Como já disse, um dos seus jogos escolhidos era o das prendas. Como V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> decerto sabe, quem ganha manda, ao que perde, fazer uma coisa qualquer que lhe parecer. Ela gostava de mandar correr atrás das borboletas até apanhar uma e levar-lha. Outras vezes, mandava procurar uma flor qualquer que ela escolhia. Um dia, jogávamos isto em casa de meus pais e tocou-

-me a mim mandá-la a ela. Meu irmão estava sentado a escrever junto duma mesa. Mande-i-a, então, dar-lhe um abraço e um beijo, mas ela respondeu:

– Isso, não! Manda-me outra coisa. Por que não me mandas beijar aquele Nosso Senhor que está ali? (era um crucifixo que havia pendurado na parede).

– Pois sim – respondi. – Sobes acima duma cadeira, trazê-lo para aqui e, de joelhos, dá-s-lhe três abraços e três beijos: um pelo Francisco, outro por mim e outro por ti.

– A Nosso Senhor dou todos quantos quiseses.

E correu a buscar o crucifixo. Beijou-o e abraçou-o com tanta devoção, que nunca mais me esqueceu aquela acção. Depois, olha com atenção para Nosso Senhor e pergunta:

– Por que está Nosso Senhor assim pregado numa cruz?

– Porque morreu por nós.

– Conta-me como foi.

### 3. *Amor a Cristo Crucificado*

Minha mãe costumava, ao serão, contar contos. E entre os contos de fadas encantadas, princesas douradas, pombinhas reais, que nos contavam meu pai e minhas irmãs mais velhas, vinha minha mãe com a história da Paixão, de S. João Baptista, etc., etc.

Eu conhecia, pois, a Paixão de Nosso Senhor como uma história; e como me bastava ouvir as histórias uma vez para as repetir com todos os seus detalhes, comecei a contar aos meus companheiros, pormenorizadamente, a história de Nosso Senhor, como eu lhe chamava. Quando minha irmã <sup>(6)</sup>, ao passar por junto de nós, se dá conta que tínhamos o crucifixo <sup>(7)</sup> nas mãos, tira-no-lo e repreende-me, dizendo que não quer que toque nos santinhos. A Jacinta levanta-se, vai junto de minha irmã e diz-lhe:

– Maria, não ralhes! Fui eu, mas não torno mais.

Minha irmã fez-lhe uma carícia e disse-nos que fôssemos a brincar lá para fora, dizendo que em casa não deixávamos parar nada no seu lugar.

<sup>(6)</sup> *Maria dos Anjos, a irmã mais velha de Lúcia (†1986).*

<sup>(7)</sup> *Ainda hoje os visitantes podem ver este Crucifixo na casa da Lúcia.*



Lá fomos contar a nossa história para cima do poço de que já falei e que, por estar escondido detrás duns castanheiros, dum monte de pedras e dum silvado, havíamos de escolher, alguns anos depois, para cela dos nossos colóquios, de fervorosas orações e, também, Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Senhor, para dizer-vos tudo, também de lágrimas, por vezes bem amargas. Misturávamos as nossas lágrimas às suas águas, para bebê-las depois, na mesma fonte onde as derramávamos. Não seria essa cisterna a imagem de Maria, em cujo Coração enxugávamos o nosso pranto e bebíamos a mais pura consolação?

Mas voltando à nossa história:

Ao ouvir contar os sofrimentos de Nosso Senhor, a pequenina enterneceu-se e chorou. Muitas vezes, depois, pedia para lha repetir. Chorava com pena e dizia:

– Coitadinho de Nosso Senhor! Eu não hei-de fazer nunca nenhum pecado. Não quero que Nosso Senhor sofra mais.

#### 4. *Sensibilidade*

A pequenita gostava também muito de ir, à noitinha, para uma eira que tínhamos em frente da casa, ver o lindo pôr do sol e o céu estrelado que se lhe seguia. Entusiasmava-se com as lindas noites de luar. Porfiávamos a ver quem era capaz de contar as estrelas que dizíamos serem as candeias dos Anjos. A lua era a de Nossa Senhora e o sol a de Nosso Senhor, pelo que a Jacinta dizia, às vezes:

– Ainda gosto mais da candeia de Nossa Senhora, que não nos queima nem cega; e a de Nosso Senhor, sim.

Na verdade, o sol, em alguns dias de verão, faz-se sentir bem ardente; e a pequenina, como era de compleição muito fraca, sofria muito com o calor.

#### 5. *Catequese infantil*

Como minha irmã era zeladora do Coração de Jesus, sempre que havia comunhão solene de crianças, levava-me a renovar a minha. Minha tia levou, uma vez, a sua filhinha a ver a festa. A pequenita fixou-se nos anjos que deitavam flores. Desde esse dia,

de vez em quando afastava-se de nós, quando jogávamos; colhia uma arregaçada de flores e vinha atirar-me com elas.

– Jacinta, para que fazes isso?

– Faço como os anjinhos, deito-te flores.

Minha irmã costumava, ainda, em uma festa anual que devia ser, talvez, a de Corpus (*Christi*), vestir alguns anjinhos, para irem ao lado do pálio, na procissão, a deitar flores. Como eu era sempre uma das designadas, uma vez, quando minha irmã me provou o vestido, contei à Jacinta a festa que se aproximava e como eu ia a deitar flores a Jesus. A pequenita pediu-me, então, para eu pedir a minha irmã para a deixar ir também. Fomos as duas fazer o pedido; minha irmã disse-nos que sim. Provou-lhe também um vestido e, nos ensaios, disse-nos como devíamos deitar as flores ao Menino Jesus. A Jacinta perguntou:

– E nós vêmo-Lo?

– Sim – respondeu minha irmã –, leva-O o Senhor Prior.

A Jacinta saltava de contente e perguntava continuamente se ainda faltava muito para a festa. Chegou, por fim, o desejado dia e a pequenita estava doida de contente. Lá nos colocaram as duas ao lado do altar; e, na procissão, ao lado do pálio, cada uma com o seu açafate de flores. Nos sítios marcados por minha irmã, atirava a Jesus as minhas flores. Mas, por mais sinais que fiz à Jacinta, não consegui que espalhasse nem uma. Olhava continuamente para o Senhor Prior e nada mais. Quando terminou a função, minha irmã trouxe-nos para fora da Igreja e perguntou:

– Jacinta, por que não deitaste as flores a Jesus?

– Porque não O vi.

Depois, perguntou-me:

– Então tu viste o Menino Jesus?

– Não! Mas tu não sabes que o Menino Jesus da hóstia, que não se vê, está escondido?! É O que nós recebemos na comunhão.

– E tu, quando comungas, falas com Ele?

– Falo.

– E por que não O vês?

– Porque está escondido.

– Vou pedir a minha mãe que me deixe ir também a comungar.

– O Senhor Prior não ta dá sem teres 10 anos.

– Mas tu ainda os não tens e já comungaste!

– Porque sabia a doutrina toda e tu não a sabes.

Pediram-me, então, para os ensinar. Constituí-me, então, catequista dos meus dois companheiros que aprendiam com um entusiasmo único. Mas eu que, quando me interrogavam, respondia a tudo, agora, para ensinar, poucas coisas me lembravam, o que fez com que a Jacinta me dissesse, um dia:

– Ensina-nos mais coisas, que essas já as sabemos.

Confessei que não me lembravam sem mas perguntarem, e acrescentei:

– Pede a tua mãe que te deixe ir à Igreja aprender.

Os dois pequenitos, que desejavam ardentemente receber a Jesus escondido, como eles diziam, foram fazer o pedido à mãe. Minha tia disse que sim, mas poucas vezes os deixava ir, por que, dizia ela, a Igreja é bastante longe, vocês são muito pequeninos e, de todos (os) modos, o Senhor Prior não vos dá a comunhão antes dos 10 anos <sup>(8)</sup>.

A Jacinta fazia-me continuamente perguntas a respeito de Jesus escondido e lembro-me que, um dia, perguntou-me:

– Como é que tanta gente recebe ao mesmo tempo o Menino Jesus escondido? É um bocadito para cada um?

– Não. Não vêes que são muitas hóstias e que em cada uma está um Menino?!

Quantos disparates lhes terei dito!

## 6. *Jacinta, a pequena Pastora*

Entretanto, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, cheguei à idade em que minha mãe mandava os seus filhos guardar o rebanho. Minha irmã Carolina fez os seus 13 anos <sup>(9)</sup> e era preciso começar a trabalhar. Minha mãe entregou-me, por isso, o cuidado do nosso rebanho. Dei a notícia aos meus companheiros e disse-lhes que não voltava mais a brincar com eles; mas os pequenitos não se conformavam com a separação. Foram pedir à mãe que os deixasse ir comigo, o que lhes foi negado. Tivemos que nos conformar com a separação. Vinham, então, quase todos os dias, à noite, esperar-me ao caminho e lá íamos, então, para a eira, dar algumas

<sup>(8)</sup> *Jacinta nasceu em 11 de Março de 1910.*

<sup>(9)</sup> *Carolina faleceu em 31 de Março de 1992.*

corridas, à espera que Nossa Senhora e os Anjos acendessem as suas candeias e as viessem pôr à janela para nos alumiar, como nós dizíamos. Quando não havia luar, dizíamos que a candeia de Nossa Senhora não tinha azeite.

Aos dois pequenitos custava a conformar com a ausência da sua antiga companheira. Por isso, renovavam continuamente as instâncias junto de sua mãe, para que os deixasse, também eles, guardar o seu rebanho. Minha tia, talvez para se ver livre de tantos pedidos, apesar de serem demasiado pequenos, entregou-lhes a guarda das suas ovelhinhas. Radiantes de alegria, foram dar-me a notícia e combinar como juntaríamos todos os dias os nossos rebanhos. Cada um abria o seu à hora que lhe mandasse sua mãe e o primeiro esperava pelo outro, no Barreiro (assim chamávamos a uma pequena lagoa que estava ao fundo da serra). Uma vez juntos, combinávamos qual a pastagem do dia e para lá íamos, tão felizes e contentes, como se fôssemos para uma festa!

Aqui temos, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, a Jacinta na sua nova vida de pastorinha. As ovelhinhas ganhámo-las à força de distribuir por elas as nossas merendas. Por isso, quando chegávamos à pastagem, podíamos brincar descansados, que elas não se afastavam de nós. A Jacinta gostava muito de ouvir o eco da voz no fundo dos vales. Por isso, um dos nossos entretenimentos era, no cimo dos montes, sentados no penedo maior, pronunciar nomes em alta voz. O nome que melhor ecoava era o de Maria. A Jacinta dizia, às vezes, assim, a Ave Maria inteira, repetindo a palavra seguinte só quando a precedente tinha acabado de ecoar.

Gostávamos também de entoar cânticos. Entre vários profanos, que infelizmente sabíamos bastantes, a Jacinta preferia o Salve Nobre Padroeira, Virgem Pura, Anjos, cantai comigo. Éramos, no entanto, bastante afeiçoados ao baile e qualquer instrumento que ouvíssemos tocar aos outros pastores era o bastante para nos pôr a dançar. A Jacinta, apesar de ser tão pequena, tinha, para isso, uma arte especial.

Tinham-nos recomendado que, depois da merenda, rezássemos o Terço; mas, como todo o tempo nos parecia pouco, para brincar, arranjámos uma boa maneira de acabar breve: passávamos as contas, dizendo somente: Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria! Quando chegávamos ao fim do mistério, dizíamos, com muita pausa, a simples palavra: Padre Nosso! E assim, em um abrir e

fechar de olhos, como se costuma dizer, tínhamos o nosso Terço rezado!

A Jacinta gostava também muito de agarrar os cordeirinhos brancos, sentar-se com eles no colo, abraçá-los, beijá-los e, à noite, trazê-los ao colo para casa, para que não se cansassem. Um dia, ao voltar para casa, meteu-se no meio do rebanho.

– Jacinta – perguntei-lhe – para que vais aí, no meio das ovelhas?

– Para fazer como Nosso Senhor, que, naquele santinho que me deram, também está assim, no meio de muitas e com uma ao colo.

## *7. Primeira Aparição*

Eis aqui, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, um pouco mais ou menos, como se passaram os sete anos, que tinha a Jacinta, quando apareceu belo e risonho, como tantos outros, o dia 13 de Maio de 1917. Escolhemos nesse dia, por acaso, se é que nos desígnios da Providência há acasos, para pastagem do nosso rebanho, a propriedade pertencente a meus pais, chamada Cova de Iria. Determinámos, como de costume, qual a pastagem do dia, junto do Barreiro de que já falei a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> e tivemos, por isso, que atravessar a charneca, o que nos tornou o caminho dobradamente longe. Tivemos, por isso, que ir devagar, para que as ovelhinhas fossem pastando pelo caminho; e assim chegámos cerca do meio-dia.

Não me detenho agora a contar o que se passou nesse dia, porque V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> já sabe tudo e seria perder tempo, como perdê-lo me parece, a não ser por estar a obedecer, todo o que levo a escrever isto, pois não vejo que utilidade V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> possa tirar daqui, a não ser o conhecimento da inocência da vida desta alma.

Antes de começar a contar-vos, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor, o que me lembro do novo período da vida da Jacinta, tenho que dizer que há algumas coisas, nas manifestações de Nossa Senhora, que nós tínhamos combinado nunca dizer a ninguém e talvez agora me veja obrigada a dizer alguma coisa disso, para dizer onde a Jacinta foi beber tanto amor a Jesus, ao sofrimento e aos pecadores,

pela salvação dos quais tanto se sacrificou. V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> não ignora como foi ela que, não podendo conter em si tanto gozo, quebrou o nosso contrato de não dizer nada a ninguém. Quando, nessa mesma tarde, absorvidos pela surpresa, permanecíamos pensativos, a Jacinta, de vez em quando exclamava com entusiasmo:

– Ai! que Senhora tão bonita!

– Estou mesmo a ver – dizia-lhe eu. – Ainda vais dizer a alguém.

– Não digo, não! – respondia. – Está descansada.

No dia seguinte, quando seu irmão correu a dar-me a notícia de que ela o tinha dito, à noite, em casa, a Jacinta escutou a acusação sem dizer nada.

– Vês? Eu bem me parecia! – disse-lhe eu.

– Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada – respondeu, com as lágrimas nos olhos.

– Agora não chores; e não digas mais nada a ninguém do que essa Senhora nos disse.

– Eu já disse!

– O que disseste?!

– Disse que essa Senhora prometeu levar-nos para o Céu!

– E logo foste dizer isso!

– Perdoa-me; eu não digo mais nada a ninguém!

## 8. *Meditação sobre o Inferno*

Quando, nesse dia, chegámos à pastagem, a Jacinta sentou-se pensativa, em uma pedra.

– Jacinta! Anda brincar!

– Hoje não quero brincar.

– Por que não queres brincar?

– Porque estou a pensar. Aquela Senhora disse-nos para rezarmos o Terço e fazermos sacrifícios pela conversão dos pecadores. Agora, quando rezarmos o Terço, temos que rezar a Ave Maria e o Padre Nosso inteiro. E os sacrifícios como os havemos de fazer?

O Francisco discorreu em breve um bom sacrifício:

– Demos a nossa merenda às ovelhas e fazemos o sacrifício de não merendar!

Em poucos minutos, estava todo o nosso fanel distribuído pelo rebanho. E assim passámos um dia de jejum, que nem o do mais austero cartuxo! A Jacinta continuava sentada na sua pedra, com ar de pensativa e perguntou:

– Aquela Senhora disse também que iam muitas almas para o inferno. E o que é o inferno?

– É uma cova de bichos e uma fogueira muito grande (assim mo explicava minha mãe) e vai para lá quem faz pecados e não se confessa e fica lá sempre a arder.

– E nunca mais de lá sai?

– Não.

– E depois de muitos, muitos anos?!

– Não; o inferno nunca acaba. E o Céu também não. Quem vai para o Céu nunca mais de lá sai. E quem vai para o inferno também não. Não vêes que são eternos, que nunca acabam?

Fizemos, então, pela primeira vez, a meditação do inferno e da eternidade. O que mais impressionou a Jacinta foi a eternidade. Mesmo brincando, de vez em quando, perguntava:

– Mas, olha. Então, depois de muitos, muitos anos, o inferno ainda não acaba?

Outras vezes:

– E aquela gente que lá está a arder não morre? E não se faz em cinza? E se a gente rezar muito por os pecadores, Nosso Senhor livra-os de lá? E com os sacrifícios também? Coitadinhos! Havemos de rezar e fazer muitos sacrifícios por eles!

Depois, acrescentava:

– Que boa é aquela Senhora! Já nos prometeu levar para o Céu!

## 9. *Amor aos pecadores*

A Jacinta tomou tanto a peito os sacrifícios pela conversão dos pecadores, que não deixava escapar ocasião alguma. Havia umas crianças, filhos de duas famílias da Moita <sup>(10)</sup>, que andavam pelas portas a pedir. Encontrámo-las, um dia, quando íamos com o nosso rebanho. A Jacinta, ao vê-los, disse-nos:

<sup>(10)</sup> *Nessa época era uma pequena povoação a Norte da Cova da Iria distante cerca de 1 km do local das Aparições.*

– Damos a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores?

E correu a levar-lha. Pela tarde, disse-me que tinha fome. Havia ali algumas azinheiras e carvalhos. A bolota estava ainda bastante verde, no entanto disse-lhe que podíamos comer dela. O Francisco subiu a uma azinheira para encher os bolsos, mas a Jacinta lembrou-se que podíamos comer da dos carvalhos, para fazer o sacrifício de comer a amarga. E lá saboreámos, aquela tarde, aquele delicioso manjar! A Jacinta tomou este por um dos seus sacrifícios habituais. Colhia as bolotas dos carvalhos ou a azeitona das oliveiras.

Disse-lhe um dia:

– Jacinta, não comas isso, que amarga muito.

– Pois é por amargar que o como, para converter os pecadores.

Não foram só estes os nossos jejuns. Combinámos, sempre que encontrássemos os tais pobrezinhos, dar-lhes a nossa merenda; e as pobres crianças, contentes com a nossa esmola, procuravam encontrar-nos e esperavam-nos pelo caminho. Logo que os víamos, a Jacinta corria e levar-lhes todo o nosso sustento desse dia, com tanta satisfação, como se não lhe fizesse falta. Era, então, o nosso sustento, nesses dias: pinhões, raízes de campainhas (é uma florzinha amarela que tem na raiz uma bolinha do tamanho duma azeitona), amoras, cogumelos e umas coisas que colhíamos na raiz dos pinheiros, que não me lembro agora como se chamam; ou fruta, se a havia perto, em alguma propriedade pertencente a nossos pais.

A Jacinta parecia insaciável na prática do sacrifício. Um dia, um vizinho ofereceu a minha mãe uma boa pastagem para o nosso rebanho; mas era bastante longe e estávamos no pino do Verão. Minha mãe aceitou o oferecimento feito com tanta generosidade e mandou-me para lá. Como havia perto uma lagoa, onde o rebanho podia ir beber, disse-me que era melhor passarmos lá a sesta, à sombra das árvores. Pelo caminho, encontrámos os nossos queridos pobrezinhos e a Jacinta correu a levar-lhes a esmola. O dia estava lindo, mas o sol era ardente; e naquela pregueira <sup>(11)</sup> árida e seca, parecia querer abrasar tudo. A sede fazia-se sentir e

(11) *Regionalismo que significa «pedregoso e improdutivo».*



não havia pinga d'água para beber! A princípio, oferecíamos o sacrifício com generosidade, pela conversão dos pecadores; mas, passada a hora do meio-dia, não se resistia.

Propus, então, aos meus companheiros, ir a um lugar, que ficava cerca, pedir uma pouca de água. Aceitaram a proposta e lá fui bater à porta duma velhinha que, ao dar-me uma infusa com água, me deu também um bocadinho de pão que aceitei com reconhecimento e corri a distribuir com os meus companheiros. Em seguida, dei a infusa ao Francisco e disse-lhe que bebesse.

– Não quero beber – respondeu.

– Por quê?

– Quero sofrer pela conversão dos pecadores.

– Bebe tu, Jacinta!

– Também quero oferecer o sacrifício pelos pecadores!

Deitei, então, a água em a cova duma pedra, para que a bebessem as ovelhas e fui levar a infusa à sua dona. O calor tornava-se cada vez mais intenso. As cigarras e os grilos juntavam o seu cantar ao das rãs da lagoa vizinha e faziam uma grita insuportável. A Jacinta, debilitada pela fraqueza e pela sede, disse-me, com aquela simplicidade que lhe era habitual:

– Diz aos grilos e às rãs que se calem! Dói-me tanto a minha cabeça!

Então, o Francisco perguntou-lhe:

– Não queres sofrer isto pelos pecadores?!

A pobre criança, apertando a cabeça entre as mãozinhas, respondeu:

– Sim, quero. Deixa-as cantar.

## 10. *Resistência da família*

Entretanto, a notícia do acontecimento tinha-se espalhado. Minha mãe começava a afligir-se e queria, a todo o custo, que eu me desdissesse. Um dia, antes que saísse com o rebanho, quis obrigar-me a confessar que tinha mentido. Não poupou, para isso, carinhos, ameaças, nem mesmo o cabo da vassoura. Não conseguindo obter outra resposta que um mudo silêncio ou a confirmação do que já tinha dito, mandou-me abrir o rebanho, dizendo que pensasse bem, durante o dia; que, se nunca tinha consentido uma mentira nos seus filhos, muito menos consentia

agora uma daquela espécie; que, à noite, me obrigaria a ir junto daquelas pessoas a quem tinha enganado, confessar que tinha mentido e pedir perdão.

Lá fui com as minhas ovelhinhas; e nesse dia já os meus companheiros me esperavam. Ao verem-me a chorar, correram a perguntar-me a causa. Contei-lhes o que se tinha passado e acrescentei:

– Agora, digam-me como vou fazer?! Minha mãe quer, a todo o custo, que diga que menti; e como vou a dizê-lo?

Então o Francisco diz para a Jacinta:

– Vês? Tu é que tens a culpa! Para que o foste a dizer?

A pobre criança, chorando, põe-se de joelhos, com as mãos postas, a pedir-nos perdão:

– Fiz mal – dizia, chorando – mas eu nunca mais digo nada a ninguém!

Agora, perguntará V. Ex.<sup>cia</sup>: Quem lhe ensinou a fazer esse acto de humildade?!

– Não sei. Talvez por ver seus irmãozinhos pedir perdão a seus pais, na véspera de comungar; ou porque a Jacinta foi, segundo me parece, aquela a quem a Santíssima Virgem comunicou maior abundância de graça, conhecimento de Deus e da virtude.

Quando, algum tempo depois, o Senhor Prior <sup>(12)</sup> nos mandou chamar, para nos interrogar, a Jacinta baixou a cabeça e a custo sua Rev.<sup>cia</sup> conseguiu obter dela apenas duas ou três palavras. Quando viemos embora, perguntei-lhe:

– Por que não querias responder ao Senhor Prior?

– Porque prometi não dizer mais nada a ninguém!

Um dia perguntou:

– Por que não podemos dizer que aquela Senhora nos disse para fazermos sacrifícios pelos pecadores?

– Para que não nos perguntem que sacrifícios fazemos.

Minha mãe afligia-se cada vez mais com o progresso dos acontecimentos. Empregou, por isso, mais um esforço para me obrigar a confessar que tinha mentido. Um dia, pela manhã, chama-me e diz que me vai levar a casa do Senhor Prior:

(12) O primeiro interrogatório do Pároco, Pe. Manuel M. Ferreira, foi feito em fins de Maio de 1917.

– Quando lá chegares, pões-te de joelhos, dizes-lhe que mentiste e pedes-lhe perdão.

Ao passar por casa de minha tia, minha mãe entrou uns minutos. Aproveitei a ocasião para contar à Jacinta o que se passava. Ao ver-me aflita, deixou cair algumas lágrimas e disse-me:

– Vou-me já levantar e vou chamar o Francisco. Vamos para o teu poço rezar. Quando voltares, vai lá ter.

À volta, corri ao poço e lá estavam os dois, de joelhos, a rezar. Logo que me viram, a Jacinta correu a abraçar(-me) e a perguntar como tinha feito. Contei-lhes. Depois, disse-me:

– Vês?! Não devemos ter medo de nada! Aquela Senhora ajuda-nos sempre. É tão nossa amiga!

Desde que Nossa Senhora nos ensinou a oferecer a Jesus os nossos sacrifícios, sempre que combinávamos fazer algum ou que tínhamos alguma prova a sofrer, a Jacinta perguntava:

– Já disseste a Jesus que é por Seu amor?

Se lhe dizia que não...

– Então digo-Lho eu.

E punha as mãozinhas, levantava os olhos ao Céu e dizia:

– Ó Jesus, é por Vosso amor e pela conversão dos pecadores.

## 11. *Amor ao Santo Padre*

Foram interrogar-nos dois sacerdotes que nos recomendaram que rezássemos pelo Santo Padre. A Jacinta perguntou quem era o Santo Padre e os bons sacerdotes explicaram-nos quem era e como precisava muito de orações. A Jacinta ficou com tanto amor ao Santo Padre que, sempre que oferecia os seus sacrifícios a Jesus, acrescentava: e pelo Santo Padre. No fim de rezar o Terço, rezava sempre três Ave Marias pelo Santo Padre e algumas vezes dizia:

– Quem me dera ver o Santo Padre! Vem cá tanta gente e o Santo Padre nunca cá vem <sup>(13)</sup>.

Na sua inocência de criança, julgava que o Santo Padre podia fazer esta viagem como as outras pessoas.

<sup>(13)</sup> *Paulo VI a 13 de Maio de 1967, e João Paulo II em 13 de Maio de 1982, de 1991 e de 2000, estiveram em Fátima.*

Um dia, meu pai e meu tio <sup>(14)</sup> foram intimados para nos apresentarem, no dia seguinte, em a Administração <sup>(15)</sup>. Meu tio disse que não levava os seus filhos, porque, dizia ele, não tenho por que apresentar em um tribunal duas crianças que não são responsáveis pelos seus actos; e ademais disso, eles não aguentam o caminho a pé até Vila Nova de Ourém! Vou ver o que eles querem. Meu pai pensava doutra maneira:

– A minha, levo-a; ela que se arranje lá com eles, que eu cá destas coisas não entendo nada.

Aproveitaram então a ocasião para nos meterem todos os sustos possíveis. No dia seguinte, ao passar por casa de meu tio, meu pai esperou alguns instantes por meu tio. Corri à cama de Jacinta a dizer-lhe adeus. Na dúvida de nos tornarmos a ver, abracei-a. E a pobre criança, chorando, disse-me:

– Se eles te matarem, diz-lhes que eu e mais o Francisco somos como tu e que também queremos morrer. E vou já com o Francisco para o poço rezar muito por ti.

Quando, à noitinha, voltei, corri ao poço e lá estavam os dois, de joelhos, debruçados sobre a beira do poço, com a cabecinha entre as mãos, a chorar. Assim que me viram, ficaram surpreendidos:

– Tu vens aí?! Veio aqui a tua irmã buscar água e disse-nos que já te tinham matado. Já rezámos e chorámos tanto por ti!...

## 12. *Na cadeia de Ourém*

Quando, passado algum tempo, estivemos presos, a Jacinta, o que mais lhe custava era o abandono dos pais; e dizia, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces:

– Nem os teus pais nem os meus nos vieram ver. Não se importaram mais de nós!

– Não chores – lhe disse o Francisco. – Oferecemos a Jesus, pelos pecadores.

E levantando os olhos e mãozinhas ao Céu, fez ele o oferecimento:

<sup>(14)</sup> O pai chamava-se António dos Santos (†1919). O tio, Manuel Pedro Marto (†1957), pai de Francisco e Jacinta.

<sup>(15)</sup> O Administrador era Artur de Oliveira Santos (†1955)

– Ó meu Jesus, é por Vosso amor e pela conversão dos pecadores.

A Jacinta acrescentou:

– É também pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Quando, depois de nos terem separado, voltaram a juntar-nos em uma sala da cadeia, dizendo que dentro em pouco nos vinham buscar para nos fritar, a Jacinta afastou-se para junto duma janela que dava para a feira do gado. Julguei, a princípio, que se estaria a distrair com as vistas; mas não tardei a reconhecer que chorava. Fui buscá-la para junto de mim e perguntei-lhe por que chorava:

– Porque – respondeu – vamos morrer sem tornar a ver nem os nossos pais, nem as nossas mães!

E com as lágrimas as correr-lhe pelas faces:

– Eu queria sequer, ver a minha mãe!

– Então tu não queres oferecer este sacrifício pela conversão dos pecadores?

– Quero, quero.

E com as lágrimas a banhar-lhe as faces, as mãos e os olhos levantados ao Céu, faz o oferecimento:

– Ó meu Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Os presos que presenciaram esta cena quiseram consolar-nos:

– Mas vocês – diziam eles – digam ao Senhor Administrador lá esse segredo. Que lhes importa que essa Senhora não queira?

– Isso não! – respondeu a Jacinta com vivacidade. – Antes quero morrer.

### 13. *Terço na prisão*

Determinámos, então, rezar o nosso Terço. A Jacinta tira uma medalha que tinha ao pescoço, pede a um preso que lhe pendure em um prego que havia na parede e, de joelhos diante dessa medalha, começamos a rezar. Os presos rezaram connosco, se é que sabiam rezar; pelo menos estiveram de joelhos. Terminado o Terço, a Jacinta voltou para junto da janela a chorar.

– Jacinta, então tu não queres oferecer este sacrifício a Nosso Senhor? – lhe perguntei.

– Quero; mas lembro-me de minha mãe e choro sem querer.

Então, como a Santíssima Virgem nos tinha dito que oferecêssemos também as nossas orações e sacrifícios para reparar os pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, quisemos combinar a oferecer cada um pela sua intenção. Oferecia um pelos pecadores, outro pelo Santo Padre e outro em reparação pelos pecados contra o Imaculado Coração de Maria. Feita a combinação, disse à Jacinta que escolhesse qual a intenção por que queria oferecer.

– Eu ofereço por todas, porque gosto muito de todas.

#### 14. *Afeiçozinha pelo baile*

Havia entre os presos um que tocava harmónio (*harmónica*). Começaram, então, para distrair-nos, a tocar e a cantar.

Perguntaram-nos se não sabíamos bailar. Dissemos que sabíamos o fandango e o vira. A Jacinta foi então o par dum pobre ladrão que, vendo-a tão pequenina, terminou por bailar com ela ao colo! Oxalá Nossa Senhora tenha tido compaixão da sua alma e o tenha convertido.

Agora dirá V. Ex.<sup>cia</sup>: Que belas disposições para o martírio!... É verdade! Mas éramos crianças; não pensávamos mais. A Jacinta tinha para o baile uma afeiçozinha especial e muita arte. Lembro-me que chorava, um dia, por um seu irmão que andava na guerra e que julgavam morto no campo da batalha. Para a distrair, com dois seus irmãos, arranjei um baile; e a pobre criança andava a bailar e a limpar as lágrimas que lhe corriam pelas faces. Não obstante esta afeiçozinha que tinha pelo baile, que bastava às vezes ouvir qualquer instrumento que tocavam os pastores para começar a bailar, mesmo sozinha, quando se aproximou o S. João e o Carnaval, disse-me:

– Eu, agora, já não bailo mais.

– E porquê?

– Porque quero oferecer este sacrifício a Nosso Senhor. E como éramos as cabeças, na brincadeira, entre as crianças, acabaram os bailes que se costumavam fazer nestas ocasiões.

## II. DEPOIS DAS APARIÇÕES

### 1. Orações e sacrifícios no Cabeço

Minha tia, cansada de ter que mandar continuamente buscar os seus filhinhos, para satisfazer o desejo de pessoas que pediam para lhes falar, mandou pastorear o seu rebanho o seu filhinho João. <sup>(16)</sup> À Jacinta custou muito esta ordem, por dois motivos: por ter que falar a toda a gente que a procurava e, como ela dizia, por não poder andar todo o dia junto de mim. Teve, no entanto, que resignar-se. E para se ocultar das pessoas que a buscavam, ia esconder-se, com seu irmãozinho, na caverna dum rochedo <sup>(17)</sup> que fica na encosta dum monte que está em frente do nosso lugar e que tem no cimo um moinho de vento. O rochedo fica na encosta do lado do nascente; e é tão bem feita a loca, que os resguardava perfeitamente da chuva e dos ardores do sol. Além disso, fica encoberta por numerosas oliveiras e carvalhos. Quantas orações e sacrifícios ela aí ofereceu ao nosso bom Deus!

Na encosta desse monte havia muitas e variadas flores. Entre elas, havia inúmeros lírios, de que ela gostava muito. E sempre que à noite me ia esperar ao caminho, me trazia um lírio ou, na falta deste, uma outra flor qualquer. E era para ela uma festa chegar junto de mim, desfolhá-la e atirar-me com as pétalas.

Minha mãe contentou-se, por então, a marcar-me as pastagens, para saber onde andava, quando fosse preciso mandar-me chamar. Quando estas eram perto, avisava os meus companheiros que logo lá iam ter. A Jacinta corria até chegar perto de mim. Depois, cansada, sentava-se e chamava por mim; e não se calava enquanto não lhe respondia e corria ao seu encontro.

### 2. O incómodo dos interrogatórios

Minha mãe, cansada de ver minha irmã perder tempo para ir continuamente chamar-me e ficar no meu lugar com o rebanho, resolveu vendê-lo; e, de acordo com minha tia, mandarem-nos à

<sup>(16)</sup> João Marto, irmão da Jacinta († 28-IV-2000)

<sup>(17)</sup> A gruta rochosa chama-se «Loca do Cabeço» e a colina onde se encontra tem o nome de «Cabeço».

escola. A Jacinta gostava de, durante o recreio, ir visitar o Santíssimo; mas, dizia ela:

– Parece que adivinham. Logo que a gente entra na Igreja, é tanta gente a fazer-nos perguntas! Eu gostava de estar muito tempo sozinha, a falar com Jesus escondido; mas nunca nos deixam!

Na verdade, aquela gentinha simples das aldeias não nos deixava. Contavam, com toda a simplicidade, todas as suas necessidades e aflições. A Jacinta mostrava pena, em especial quando se tratava dalgum pecador. E, então, dizia:

– Temos que rezar e oferecer sacrifícios a Nosso Senhor, para que o converta e não vá para o inferno, coitadinho!

Vem agora aqui a propósito contar uma passagem que mostra quanto a Jacinta procurava fugir às pessoas que a procuravam. Íamos um dia <sup>(18)</sup> a caminho de Fátima, quando, já perto da estrada, vemos que descem dum automóvel um grupo de senhoras e alguns cavalheiros. Não duvidámos um momento que nos procuravam. Fugir, já não podíamos, sem ser notadas. Vamos para diante, na esperança de passar sem ser conhecidas. Ao chegarem junto de nós, as senhoras perguntam se conhecemos os pastorinhos a quem apareceu Nossa Senhora. Respondemos que sim. Se sabíamos onde moravam. Demos-lhes todas as indicações precisas para ir lá ter e corremos a ocultar-nos nuns campos em um silvado. A Jacinta, contente com o bom resultado da experiência, dizia:

– Havemos de fazer assim sempre que não nos conheçam.

### 3. O santo Padre Cruz

Foi também um dia, por sua vez, o Senhor Dr. Cruz, de Lisboa <sup>(19)</sup>, a interrogar-nos. Depois do seu interrogatório, pediu-nos para lhe irmos mostrar o sítio onde Nossa Senhora nos tinha aparecido. Pelo caminho ia uma de cada lado de sua Rev.<sup>cia</sup>, que ia montado em um jumento tão pequeno que quase arrastava com os pés pelo chão. Foi-nos ensinando uma ladainha de jaculatórias, das quais a Jacinta escolheu duas que depois não cessava de repetir e eram:

<sup>(18)</sup> Isso aconteceu cerca de um ano depois das Aparições, portanto, em 1918 ou 1919.

<sup>(19)</sup> P.<sup>o</sup> Francisco Cruz, S.J. (1858-1948), *Servo de Deus, cujo processo de beatificação está a decorrer.*



Ó meu Jesus, eu Vos amo. Doce Coração de Maria, sede a minha salvação.

Um dia, na sua doença, disse-me:

– Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando Lh'o digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito, mas não me queimo.

Outra vez dizia:

– Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canso de Lhes dizer que Os amo.

#### 4. *Graças alcançadas pela Jacinta*

Havia no nosso lugar uma mulher que nos insultava sempre que nos encontrava. Encontrámo-la, um dia, quando saía duma taberna, e a pobre, como não estava em si, não se contentou, dessa vez, só com insultar-nos. Quando terminou o seu trabalho, a Jacinta diz-me:

– Temos que pedir a Nossa Senhora e oferecer-Lhe sacrifícios pela conversão desta mulher. Diz tantos pecados que, se não se confessa, vai para o inferno.

Passados alguns dias, corríamos em frente da porta da casa desta mulher. De repente, a Jacinta pára no meio da sua carreira e voltando-se para trás pergunta:

– Olha, é amanhã que vamos ver aquela Senhora?

– É sim.

– Então não brinquemos mais. Fazemos este sacrifício pela conversão dos pecadores.

E sem pensar que alguém a podia ver, levanta as mãozinhas e os olhos ao Céu e faz o oferecimento. A mulherzinha espreitava por um postigo da casa e depois, dizia ela a minha mãe, que a tinha impressionado tanto aquela acção da Jacinta, que não necessitava doutra prova para crer na realidade dos factos. E daí para o futuro, não só nos não insultava, mas pedia-nos continuamente para pedirmos por ela a Nossa Senhora, que lhe perdoasse os seus pecados.

Encontrou-nos um dia uma pobre mulher e, chorando, ajoelhou-se diante da Jacinta a pedir-lhe que lhe obtivesse de Nossa Senhora a cura duma terrível doença. A Jacinta, ao ver de joelhos, diante de si, uma mulher, afligiu-se e pegou-lhe nas mãos

trémulas para a levantar. Mas vendo que não era capaz, ajoelhou também e rezou com a mulher três Ave-Marias; depois, pediu-lhe que se levantasse, que Nossa Senhora havia de curá-la. E não deixou mais de rezar todos os dias por ela, até que, passado algum tempo, tornou a aparecer para agradecer a Nossa Senhora a sua cura.

Outra vez, era um soldado que chorava como uma criança. Tinha recebido ordem de partir para a guerra e deixava a sua mulher em cama, doente, e três filhinhos. Ele pedia ou a cura da mulher ou a revogação da ordem. A Jacinta convidou-o a rezar com ela o Terço. Depois disse-lhe:

– Não chore. Nossa Senhora é tão boa! Com certeza faz-lhe a graça que lhe pede.

E não esqueceu mais o seu soldado. No fim do Terço rezava sempre uma Ave-Maria pelo soldado. Passados alguns meses, apareceu com sua esposa e seus três filhinhos para agradecer a Nossa Senhora as duas graças recebidas. Por causa duma febre que lhe tinha dado na véspera de partir, tinha sido livre do serviço militar e sua esposa, dizia ele, tinha sido curada por milagre de Nossa Senhora.

## 5. *Novos sacrifícios*

Disseram um dia que vinha a interrogar-nos um Sacerdote que era santo e que adivinhava o que se passava no íntimo de cada um e que, por isso, ia a descobrir se sim ou não dizíamos a verdade. A Jacinta dizia, então, cheia de alegria:

– Quando virá esse Senhor Padre que adivinha? Se adivinha, há-de saber muito bem que falamos verdade.

Brincávamos, um dia, sobre o poço já mencionado. A mãe da Jacinta tinha ali uma vinha pegada. Cortou alguns cachos e veio trazer-no-los, para que os comêssemos. Mas a Jacinta não esquecia nunca os seus pecadores.

– Não os comemos – dizia ela – e oferecemos este sacrifício pelos pecadores.

Depois, correu a levar as uvas às outras crianças que brincavam na rua. À volta, vinha radiante de alegria; tinha encontrado os nossos antigos pobrezinhos e tinha-lhas dado a eles.

Outra vez, minha tia foi chamar-nos para comermos uns figos que tinha trazido para casa e que na realidade abriam o apetite a qualquer. A Jacinta sentou-se connosco, satisfeita, ao lado da cesta e pega no primeiro para começar a comer; mas, de repente, lembra-se e diz:

– É verdade! Ainda hoje não fizemos nenhum sacrifício pelos pecadores! Temos que fazer este.

Põe o figo na cesta, faz o oferecimento e lá deixámos os figos, para converter os pecadores. A Jacinta repetia com frequência estes sacrifícios, mas não me detenho a contar mais; se não, nunca acabo.

### III. DOENÇA E MORTE DE JACINTA

#### 1. *Jacinta, vítima da pneumónica*

Passavam assim os dias da Jacinta, quando Nosso Senhor mandou a pneumónica, que a prostrou em cama, com seu Irmãozinho <sup>(20)</sup>. Nas vésperas de adoecer dizia:

– Dói-me tanto a cabeça e tenho tanta sede! Mas não quero beber, para sofrer pelos pecadores.

Todo o tempo que me ficava livre da escola e de alguma outra coisa que me mandassem fazer, ia para junto dos meus companheiros. Quando, um dia, passava para a escola, diz-me a Jacinta:

– Olha, diz a Jesus escondido, que eu gosto muito d’Ele e que O amo muito.

Outras vezes dizia:

– Diz a Jesus que Lhe mando muitas saudades.

Quando ia primeiro ao quarto dela, dizia:

– Agora vai ver o Francisco; eu faço o sacrifício de ficar aqui sozinha.

Um dia, sua mãe levou-lhe uma xícara de leite e disse-lhe que o tomasse.

– Não quero, minha mãe – respondeu, afastando com a mãozinha a xícara.

Minha tia ateimou um pouco e depois retirou-se, dizendo:

<sup>(20)</sup> *Jacinta adoeceu em Outubro de 1918; Francisco pouco depois.*

– Não sei como lhe hei-de fazer tomar alguma coisa, com tanto fastio!

Logo que ficámos sós, perguntei-lhe:

– Como desobedeces assim a tua mãe e não ofereces este sacrifício a Nosso Senhor?

Ao ouvir isto, deixou cair algumas lágrimas, que eu tive a felicidade de limpar, e disse:

– Agora não me lembrei!

E chama pela mãe, pede-lhe perdão que toma tudo quanto ela quiser. A mãe traz-lhe a xícara do leite; toma-o sem mostrar a mais leve repugnância. Depois, diz-me:

– Se tu soubesses quanto me custou a tomar!

Em outra ocasião, disse-me:

– Cada vez me custa mais a tomar o leite e os caldos; mas não digo nada. Tomo tudo por amor de Nosso Senhor e do Imaculado Coração de Maria, nossa Mãezinha do Céu.

Perguntei-lhe um dia:

– Estás melhor?

– Já sabes que não melhora.

E acrescentou:

– Tenho tantas dores no peito! Mas não digo nada; sofro pela conversão dos pecadores.

Quando, um dia, cheguei junto dela, perguntou-me:

– Já fizeste hoje muitos sacrifícios? Eu fiz muitos. Minha mãe foi-se embora e eu quis ir muitas vezes visitar o Francisco e não fui.

## 2. *Visita de Nossa Senhora*

Recuperou, no entanto, algumas melhoras. Pôde ainda levantar-se e passava, então, os dias sentada na cama do irmãozinho. Um dia mandou-me chamar: que fosse junto dela depressa. Lá fui, correndo.

– Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-Lhe que sim. Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito; que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria e por amor de Jesus. Perguntei se tu

ias comigo. Disse que não. Isto é o que me custa mais. Disse que ia minha mãe levar-me e, depois, fico lá sozinha!

Depois, ficou algum tempo pensativa. Depois, acrescentou:

– Se tu fosses comigo! O que mais me custa é ir sem ti. Se calhar, o hospital é uma casa muito escura, onde não se vê nada; e eu estou ali a sofrer sozinha! Mas não importa, sofro por amor de Nosso Senhor, para reparar o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre.

Quando chegou o momento de seu irmãozinho partir para o Céu <sup>(21)</sup>, ela fez as suas recomendações:

– Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-Lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem, para converter os pecadores e reparar o Imaculado Coração de Maria.

Sofreu muito com a morte do irmão. Ficava por muito tempo pensativa; e se se lhe perguntava no que estava a pensar, respondia:

– No Francisco. Quem me dera vê-lo!

E os olhos arrasavam-se-lhe de lágrimas.

Um dia, disse-lhe:

– A ti já te falta pouco para ires para o Céu; mas eu!

– Coitadinha! Não chores. Lá, hei-de pedir muito, muito, por ti. Tu, é Nossa Senhora que quer assim. Se me quisesse a mim, ficava contente, para sofrer mais pelos pecadores.

### 3. *No hospital de Ourém*

Chegou também o dia de ir para o hospital <sup>(22)</sup>, onde, na verdade, teve muito que sofrer. Quando a mãe a foi visitar, perguntou-lhe se queria alguma coisa. Disse-lhe que queria ver-me. Minha tia, ainda que com inúmeros sacrifícios, lá me levou, logo que pôde voltar. Logo que me viu, abraçou-me com alegria e pediu à mãe que me deixasse ficar e fosse a fazer compras. Perguntei-lhe, então, se sofria muito.

– Sofro, sim; mas ofereço tudo pelos pecadores e para reparar o Imaculado Coração de Maria.

<sup>(21)</sup> *Francisco morreu em 4 de Abril de 1919.*

<sup>(22)</sup> *Trata-se do primeiro hospital em que ela esteve: o de Santo Agostinho de Vila Nova de Ourém. Esteve aí internada de 1 de Julho a 31 de Agosto de 1919.*

Depois falou com entusiasmo de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dizia:

– Gosto tanto de sofrer por Seu amor! Para dar-Lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores.

Esse tempo destinado para a visita passou rápido; e minha tia lá estava para me levar. Perguntou à sua filhinha se queria alguma coisa. Pediu para me trazer outra vez, quando voltasse a vê-la. E minha boa tia, que queria dar gosto à sua filhinha, lá me levou uma segunda vez. Encontrei-a com a mesma alegria por sofrer por amor de nosso bom Deus, do Imaculado Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre; era o seu ideal, era no que falava.

#### 4. *Regresso a Aljustrel*

Voltou ainda algum tempo para casa dos pais, com uma grande ferida aberta no peito, cujos curativos diários sofria sem uma queixa, sem mostrar o menor sinal de enfado. O que mais lhe custava eram as frequentes visitas e interrogatórios das pessoas que a procuravam e às quais agora não podia esconder-se.

– Ofereço também este sacrifício pelos pecadores – dizia com resignação. Quem me dera ir ao Cabeço rezar ainda um Terço na nossa loca! Mas já não sou capaz. Quando fores à Cova de Iria, reza por mim. Decerto nunca mais lá vou – dizia com as lágrimas a correr-lhe pelas faces.

Um dia, disse-me minha tia:

– Pergunta à Jacinta o que está a pensar, quando está tanto tempo com as mãos na cara, sem se mover, já lho tenho perguntado, mas sorri-se e não responde

Fiz a pergunta.

– Penso – respondeu – em Nosso Senhor, Nossa Senhora, nos pecadores e em ... (Nomeou algumas coisas do segredo). Gosto muito de pensar.

Minha tia perguntou-me pela resposta da sua filhinha; com um sorriso, tinha tudo dito. Então dizia minha tia a minha Mãe contando o que se tinha passado:

– Não entendo; a vida destas crianças é um enigma! E minha Mãe acrescentava:

– Quando estão sós, falam pelos cotovelos, sem que a gente seja capaz de lhes apanhar uma palavra, por mais que escute; e

logo que chega alguém, baixam a cabeça e não dizem uma palavra! Não posso entender este mistério!

##### 5. *Novas visitas de Nossa Senhora*

De novo a Santíssima Virgem se dignou visitar a Jacinta, para lhe anunciar novas cruzes e sacrifícios. Deu-me a notícia e dizia-me:

– Disse-me que vou para Lisboa, para outro hospital; que não te torno a ver, nem os meus pais; que, depois de sofrer muito, morro sozinha, mas que não tenha medo; que me vai lá Ela a buscar para o Céu.

E chorando, abraçava-me e dizia:

– Nunca mais te torno a ver. Tu lá não me vais a visitar. Olha, reza muito por mim, que morro sozinha.

Até que chegou o dia de ir para Lisboa, sofreu horrivelmente! Abraçava-se a mim e dizia, chorando:

– Nunca mais te hei-de tornar a ver?! Nem a minha mãe, nem os meus irmãos, nem o meu pai?! Nunca mais hei-de ver ninguém?! E depois morro sozinha!

– Não penses nisso – lhe disse um dia.

– Deixa-me pensar, porque, quanto mais penso, mais sofro; e eu quero sofrer por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores. E depois não me importo! Nossa Senhora vai-me lá a buscar para o Céu.

Às vezes beijava um crucifixo e, abraçando-o, dizia:

– Ó meu Jesus, eu Vos amo e quero sofrer muito por Vosso amor.

Outras vezes dizia:

– Ó Jesus, agora podes converter muitos pecadores, porque este sacrifício é muito grande!

Perguntava-me, às vezes:

– E vou morrer sem receber a Jesus escondido? Se m’O levasse Nossa Senhora, quando me for a buscar!...

Perguntei-lhe uma vez:

– Que vais a fazer no Céu?

– Vou amar muito a Jesus, o Imaculado Coração de Maria, pedir muito por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus

pais e irmãos e por todas essas pessoas que me têm pedido para pedir por elas.

Quando a mãe se mostrava triste por a ver tão doentinha dizia:

– Não se aflija, minha Mãe: vou para o Céu. Lá hei-de pedir muito por si.

Outras vezes, dizia:

– Não chore, eu estou bem.

Se lhe perguntavam se precisava de alguma coisa, dizia:

– Muito obrigada, não preciso nada.

Quando se retiravam, dizia:

– Tenho muita sede, mas não quero beber; ofereço a Jesus pelos pecadores.

Um dia que minha tia me fazia algumas perguntas, chamou-me e disse-me:

– Não quero que digas a ninguém que eu sofro; nem à minha mãe, porque não quero que se aflija.

Um dia, encontrei-a abraçando uma estampa de Nossa Senhora e a dizer:

– Ó minha Mãezinha do Céu, então eu hei-de morrer sozinha?

A pobre criança parecia assustar-se com a ideia de morrer sozinha. Para a animar, dizia-lhe:

– Que te importa morrer sozinha, se Nossa Senhora te vai a buscar?

– É verdade! Não me importa nada. Mas não sei como é; às vezes não me lembro que Ela me vai a buscar, só me lembro que morro sem tu estares ao pé de mim.

## 6. *Partida para Lisboa*

Chegou, por fim, o dia de partir para Lisboa <sup>(23)</sup>. A despedida cortava o coração. Permaneceu muito tempo abraçada ao meu pescoço e dizia, chorando:

– Nunca mais nos tornamos a ver! Reza muito por mim, até que eu vá para o Céu. Depois, lá, eu peço muito por ti. Não digas

<sup>(23)</sup> *Foi para Lisboa em 21 de Janeiro de 1920, tendo ficado no Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres, fundado e dirigido pela Madre Godinho, Rua da Estrela, 17. Foi internada a 2 de Fevereiro de 1920 no Hospital D. Estefânia; aí faleceu, a 20 de Fevereiro de 1920, às 22.30 horas.*



nunca o segredo a ninguém, ainda que te matem. Ama muito a Jesus e o Imaculado Coração de Maria e faz muitos sacrifícios pelos pecadores.

De Lisboa, mandou-me ainda dizer que Nossa Senhora já lá a tinha ido ver; que Ihe tinha dito a hora e dia em que morria; e recomendava-me que fosse muito boa.

## APÊNDICE

Acabo, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, de contar a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o que recordo da vida da Jacinta.

Peço a nosso bom Deus se digne aceitar este acto de obediência, para acender nas almas a chama do amor aos Corações de Jesus (e) Maria.

Agora peço um favor: é que, se V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> publicar alguma coisa <sup>(24)</sup> das que acabo de contar, o faça de modo que não fale de maneira alguma da minha pobre e miserável pessoa. Confesso, porém, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo que, se soubesse que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> tinha queimado este escrito sem sequer o ler, eu teria nisso muito gosto, pois o escrevi unicamente para obedecer à vontade do nosso bom Deus, para mim declarada na vontade expressa de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>.

<sup>(24)</sup> *Estas Memórias da Lúcia foram transcritas, pela primeira vez, pelo Cônego Dr. José Galamba de Oliveira, no seu livro «Jacinta» (Maio de 1938).*

# SEGUNDA MEMÓRIA

## Introdução

*A Primeira Memória tinha descoberto aos Superiores de Lúcia que esta guardava, cuidadosamente, ainda muitas coisas que só revelaria por obediência. Em Abril de 1937, O P.º Fonseca, escrevendo ao Sr. Bispo, dizia-lhe: «A carta da Irmã Dores (Lúcia) sobre a Jacinta faz supor que há ainda particulares interessantes relativos à história das aparições (palavras, ou comunicações de N. Senhora, actos de virtude das crianças em obediência das indicações de N. Senhora...) que estão ainda inéditos. Não seria possível, ou haveria inconveniente, em fazer que a irmã Lúcia, com simplicidade religiosa e evangélica, para honra de Nossa Senhora, escrevesse miudamente quanto se lembrasse?».*

*Com efeito, o Sr. Bispo, posto de acordo com a Madre Provincial das Doroteias, Madre Maria do Carmo Corte Real, dão ordem à Lúcia. Esta, com data de 7 de Novembro de 1937, pode responder ao Sr. D. José: «Aqui estou, com a pena na mão, para fazer a vontade do meu Deus.» Este escrito, iniciado no dia 7 de Novembro, está terminado no dia 21, isto é, catorze dias para redigir um longo escrito, e sempre no meio das ocupações caseiras que não a deixam repousar. Trata-se de um trabalho de 38 folhas escritas de ambos os lados, com letra fechada e corrida e sem correcções. Isto manifesta, uma vez mais, a lucidez de espírito, a serenidade de alma, o equilíbrio das faculdades da Irmã Lúcia.*

*Nesta Memória, os temas são surpreendentes: as aparições do Anjo, graças extraordinárias na sua primeira comunhão, aparições do Coração Imaculado de Maria em Junho de 1917 e muitas circunstâncias absolutamente inéditas até então. A intenção da Irmã Lúcia neste escrito, assinala-a deste modo: «...deixar ver a história de Fátima tal qual ela é.» Não se trata, portanto, – como na Memória anterior – de umas recordações «biográficas», em que as Aparições permanecem na penumbra, mas das próprias Aparições, em primeiro plano.*

*O «espírito» com que Lúcia escreve é patenteado nas seguintes palavras: «Não terei mais o gosto de saborear só contigo os segredos do Teu amor; mas, para o futuro, outros cantarão comigo as grandezas da Tua misericórdia!... Eis aqui a escrava do Senhor! Que Ele continue a servir-se dela como Lhe aprouver. »*

## PREFÁCIO

J. M. J.

Vontade de Deus, tu és o meu Paraíso! (1)

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo

Aqui estou, com a pena na mão, para fazer a vontade do meu Deus; e porque não é outro o meu fim, começo com a máxima que a minha santa Fundadora me deixou em herança e que eu, no decorrer deste escrito, à sua imitação, repetirei muitas vezes: vontade de Deus, tu és o meu paraíso! Deixai-me, Ex.<sup>mo</sup> Senhor, penetrar-me bem de todo o sentido desta máxima, para que, nos momentos em que a repugnância ou o amor ao meu segredo me quiser fazer deixar ainda alguma coisa oculta, ela seja a minha norma e a minha guia.

Tinha vontade de perguntar para que irá servir este escrito feito por mim, que nem sequer a caligrafia sei fazer capazmente (2). Mas não pergunto nada. Sei que a perfeição da obediência não pergunta razões. Bastam-me as palavras de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, que me dizem que é para glória da Nossa Santíssima Mãe do Céu. Na certeza, pois, de que assim seja, imploro a bênção e a protecção do Seu Coração Imaculado; e humildemente prostrada a Seus pés, sirvo-me das Suas santíssimas palavras para falar ao meu Deus:

– Eis aqui a última das Vossas escravas, ó meu Deus, que numa plena submissão à Vossa vontade santíssima, vem rasgar o véu do seu segredo e deixar ver a história de Fátima tal qual ela é. Não terei mais o gosto de saborear só contigo os segredos do Teu amor; mas, para o futuro, outros cantarão comigo as grandezas da Tua misericórdia!

(1) *Trata-se da frase da fundadora da Congregação de Santa Doroteia, Santa Paula Frassinetti.*

(2) *A ortografia é, por vezes, imperfeita, mas isso não atinge a clareza nem o nível de estilo dos seus escritos.*

## I. ANTES DAS APARIÇÕES

### 1. *Infância de Lúcia*

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo

«O Senhor pôs os olhos na baixeza da Sua serva» <sup>(3)</sup> eis por que os povos cantarão as grandezas da Sua misericórdia.

Parece-me, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor, que o nosso bom Deus se dignou favorecer-me com o uso da razão, muito criancinha ainda. Lembro-me de ter consciência dos meus actos desde o colo materno. Lembro-me de ser embalada e de adormecer ao som de vários cantos. E como era a mais nova de 5 meninas e um menino <sup>(4)</sup> que Nosso Senhor concedeu a meus pais, lembro-me de haver entre eles várias contendidas, por todos quererem ter-me em seus braços e entreter-se comigo. Em estes casos, para que nenhum ficasse vitorioso, minha mãe tirava-me das suas mãos. E se ela, pelos seus afazeres, não podia, entregava-me a meu pai, que por sua vez me cobria de mimos e carícias.

A primeira coisa que aprendi foi a Ave-Maria, porque minha mãe tinha por costume ter-me em seus braços, enquanto ensinava a minha irmã Carolina, que me seguia em idade, tendo mais 5 anos que eu. Minhas duas irmãs mais velhas eram já grandes; e minha mãe, como eu era um papagaio que tudo repetia, gostava que elas me levassem a todos os sítios onde iam. Elas eram, como se dizia na minha terra, as cabeças da mocidade. E não havia festa nem dança onde elas não fossem: Carnaval, S. João, Natal; era fixo, tinha que haver baile. Além disso, havia a vindima. E na apanha da azeitona havia dança quase todos os dias. Nas festas principais da freguesia, como a do S. Coração de Jesus, Nossa Senhora do Rosário, St.<sup>o</sup> António, etc., havia sempre, à noite, a rifa dos bolos e o baile não faltava. Éramos ainda convidadas para quase todas as bodas que se celebravam nos lugares circunvizinhos, porque minha mãe, quando não era convidada para madrinha, era chamada para cozinheira. Em estas bodas, o baile durava desde que acabava o banquete até ao outro dia pela manhã.

<sup>(3)</sup> Lc. 1,48.

<sup>(4)</sup> Os Irmãos chamam-se: (†) Maria dos Anjos, (†) Teresa, (†) Manuel, (†) Glória e (†) Carolina.

Minhas irmãs, como tinham que ter-me sempre a seu lado, esmeravam-se tanto em enfeitar-me como a elas mesmas. E como uma era costureira, não me faltava já o traje mais elegante usado pelas camponesas da minha terra, em aquele tempo: a saia empregada (*pregueada*), o cinto de verniz, o lenço de cachené com as pontas caídas para trás e o chapéu com as suas contas douradas e as penas de várias cores. Parecia, por vezes, mais bem que vestiam uma boneca que uma criança.

## 2. *Divertimentos populares*

Nos bailes, punham-me em cima duma arca ou duma outra coisa alta, para não ser pisada pelos assistentes e onde devia entoar vários cantos ao som da guitarra ou do harmónio. Para isto, minhas irmãs ensaiavam-me, assim como para bailar algumas valsas, quando faltasse algum par, o que eu desempenhava com uma destreza única, atraindo assim as atenções e os aplausos dos assistentes. Nem me faltavam prémios e dádivas de alguns que queriam dar gosto a minhas irmãs.

Aos domingos, pela tarde, toda esta mocidade se juntava no nosso pátio: no verão, à sombra de três grandes figueiras e no inverno numa alpendurada que tínhamos no sítio onde está agora a casa de minha irmã Maria, para aí passarem a tarde, jogando e conversando com minhas irmãs.

Na Páscoa, era aí que se fazia a rifa das amêndoas, calhando-me a maior parte das rifas, porque alguns assim o faziam de propósito, para se tornarem agradáveis. Minha mãe passava estas tardes sentada à porta da cozinha que dava para o pátio, donde podia ver o que se passava: umas vezes com um livro na mão, lendo; outras, falando com alguma das minhas tias ou vizinhas que viviam junto dela. Conservava sempre a sua seriedade habitual e todos sabiam que o que ela dissesse era como uma escritura e que era preciso obedecer-lhe sem demora. Nunca vi que diante dela se achesse alguém a dizer alguma palavra menos respeitosa ou com menos consideração. Era dito ordinário, entre aquela gente, que minha mãe valia mais que todas as filhas. Lembro-me de ouvir dizer várias vezes a minha mãe: Não sei que gosto esta gente possa ter em andar falando pelas casas dos outros; para mim, não há nada que chegue a uma leitura sossegadinha em mi-

nha casa. Estes livros trazem coisas tão bonitas! E as vidas dos santos, que beleza!

Parece-me que já disse a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> como passava os dias da semana rodeada das crianças do nosso lugar, que as mães, para ir para os campos, pediam à minha para as deixar junto de mim. Também me parece que, no escrito que enviei a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> sobre a minha prima, dizia quais as minhas brincadeiras e entretenimentos. Por agora, não me detenho com isso. Assim, embalada em mimos e carícias, cheguei aos meus 6 anos. E, para dizer a verdade, o mundo começava a sorrir-me e sobretudo a paixão pelo baile ia lançando em meu pobre coração fundas raízes. E confesso que, se o nosso bom Deus não tem usado para comigo da Sua misericórdia especial, por aí o demónio ter-me-ia perdido.

Se me não engano, também já disse a V. Ex.<sup>cia</sup>, no mesmo escrito, como minha mãe tinha por costume ensinar a doutrina aos seus filhinhos nas horas da sesta, durante o Verão; no Inverno, a nossa lição era à noite, ao serão, depois da ceia, na lareira, enquanto assávamos e comíamos as castanhas e as bolotas doces.

### 3. *Primeira Comunhão*

Aproximava-se, pois, o dia em que o Senhor Prior tinha destinado fizessem a sua primeira comunhão solene as crianças da freguesia. Minha mãe pensou, pois, que em vistas da sua filhinha saber a doutrina e de ter já completado os 6 anos, poderia talvez fazer já a sua primeira comunhão. Com este intento, mandou-me, com minha irmã Carolina, assistir à explicação da doutrina que, como preparação para esse dia, fazia o Senhor Prior às crianças. Lá ia, pois, radiante de alegria, na esperança de em breve receber, pela primeira vez, o meu Deus. Sua Rev.<sup>cia</sup> fazia as suas explicações sentado em uma cadeira que estava sobre um estrado. Chamava-me para junto de si e quando alguma criança não sabia responder às suas perguntas, para as envergonhar, mandava-me dizer a mim.

Chegou, pois, a véspera do grande dia e Sua Rev.<sup>cia</sup> mandou ir à Igreja todas as crianças, da parte da manhã, para dizer definitivamente quais as que comungavam. Qual não foi o meu desgosto, quando Sua Rev.<sup>cia</sup> me chama para junto de si e, acariciando-me, me diz que tinha de esperar pelos 7 anos! Comecei logo a chorar;

e, como se estivesse junto de minha mãe, reclinei a cabeça, soluçando, nos seus joelhos. Estava em esta atitude, quando entra na Igreja um Sacerdote que Sua Rev.<sup>cia</sup> havia mandado vir de fora, para o ajudar nas confissões (5). Sua Rev.<sup>cia</sup> perguntou o motivo das minhas lágrimas e, ao ser informado, levou-me para a sacristia, examinou-me a respeito da doutrina e do mistério da Eucaristia e depois trouxe-me pela mão junto do Senhor Prior e diz:

– Padre Pena, V. Rev.<sup>cia</sup> pode deixar esta pequena comungar. Ela entende melhor o que faz que muitos desses.

– Mas só tem 6 anos! – retorquiu o bom Pároco.

– Não importa! Essa responsabilidade, se V. Rev.<sup>cia</sup> quer, tomo-a eu.

– Pois bem – me disse o bom Pároco –, vai dizer a tua mãe que sim, que fazes amanhã a tua primeira comunhão.

A minha alegria não tem explicação. Lá fui, batendo as palmas de contente, correndo todo o caminho, dar a boa nova a minha mãe que começou logo a preparar-me para, de tarde, me levar a confessar-me. Ao chegar à Igreja, disse a minha mãe que me queria confessar a esse sacerdote de fora. Sua Rev.<sup>cia</sup> estava confessando na sacristia, sentado em uma cadeira. Minha mãe ajoelhou-se, pois, ao pé da porta, no altar-mor, junto das outras mulheres que estavam esperando a vez dos seus filhinhos. Aí, diante do Santíssimo, foi-me fazendo as suas últimas recomendações.

#### 4. *Sorriso da Mãe de Deus*

E quando chegou a minha vez, lá fui ajoelhar aos pés do nosso bom Deus, ali representado pelo Seu ministro, a implorar o perdão dos meus pecados. Quando terminei, vi que toda a gente se ria. Minha mãe chama-me e diz:

– Minha filha, não sabes que a confissão se faz baixinho, que é um segredo? Toda a gente te ouviu! Só no fim disseste uma coisa que ninguém soube o que foi.

No caminho para casa, minha mãe fez várias tentativas para ver se descobria o que ela chamava o segredo da minha confissão; mas não obteve mais que um profundo silêncio. Vou, pois, descobrir agora o segredo da minha primeira confissão. O bom

(5) *Mais tarde foi identificado como o «santo» Padre Cruz († 1948).*

Sacerdote, depois de me ter ouvido, disse-me estas breves palavras:

– Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo. Guarde-a para sempre pura, para que Ele possa continuar nela a Sua acção divina.

Ao ouvir estas palavras, senti-me penetrada de respeito pelo meu íntimo e perguntei ao bom confessor como devia fazer.

– De joelhos, aí, aos pés de Nossa Senhora, peça-Lhe, com muita confiança, que tome conta do seu coração, que o prepare para receber amanhã dignamente o Seu querido Filho e que o guarde para Ele só.

Havia na Igreja mais que uma imagem de Nossa Senhora. Mas, como minhas irmãs arranjavam o altar de Nossa Senhora do Rosário <sup>(6)</sup>, estava por isso habituada a rezar diante dessa e por isso lá fui também dessa vez. Pedi-Lhe, pois, com todo o ardor de que fui capaz, que guardasse, para Deus só, o meu pobre coração. Ao repetir várias vezes esta humilde súplica, com os olhos fitos na imagem, pareceu-me que ela se sorria e que, com um olhar e gesto de bondade, me dizia que sim. Fiquei tão inundada de gozo, que a custo conseguia articular palavra.

## 5. *Vigília de esperança*

Minhas irmãs ficaram essa noite trabalhando para me fazer o vestido branco e a grinalda de flores. Eu, com a alegria, não podia dormir; e as horas não havia maneira de passarem. Levantava-me, pois, constantemente, para ir junto delas perguntar-lhes se ainda não era dia, se me queriam provar o vestido, a grinalda, etc.

Amanheceu, por fim, o feliz dia, mas as nove horas, quanto tardaram! Já vestida com o meu vestido branco, minha irmã Maria levou-me à cozinha para eu pedir perdão a meus pais, beijar-lhes a mão e pedir-lhes a bênção. Terminada a cerimónia, minha mãe fez-me as últimas recomendações. Disse-me o que queria que eu pedisse a Nosso Senhor quando O tivesse em meu peito e despediu-me com estas palavras: – Sobretudo, pede a Nosso Senhor que te faça uma santa – palavras que se me gravaram tão indelévels, no coração, que foram as primeiras que disse a Nosso Se-

<sup>(6)</sup> *Esta linda imagem encontra-se ainda hoje na Igreja Paroquial.*



nhor logo que O recebi. E ainda hoje me parece ouvir o eco da voz de minha mãe a repetir-mas.

Lá fui, caminho da Igreja, com minhas irmãs; e para não me manchar com o pó do caminho, levou-me ao colo meu irmão. Logo que cheguei à Igreja, corri aos pés do altar de Nossa Senhora a renovar o meu pedido. Aí me fiquei, na contemplação do sorriso de ontem, até que minhas irmãs me foram buscar para me colocar no lugar que me estava destinado. As crianças eram muitas. Formavam quatro filas desde o fundo da Igreja até à balaustrada, 2 de meninos e 2 de meninas. Como eu era a mais pequenina, calhou-me ficar junto dos anjos, no degrau da balaustrada.

## 6. *O grande dia*

Começou a Missa cantada e à maneira que o momento se aproximava, o coração batia mais apressado, na expectativa da visita dum grande Deus que ia descer do Céu para Se unir à minha pobre alma. O Senhor Prior desceu por entre as filas a distribuir o Pão dos Anjos. Tive a sorte de ser a primeira. Quando o Sacerdote descia os degraus do altar, o coração parecia querer sair-me do peito. Mas logo que pousou em meus lábios a Hóstia Divina, senti uma serenidade e uma paz inalterável; senti que me invadia uma atmosfera tão sobrenatural, que a presença do nosso bom Deus se me tornava tão sensível, como se O visse e ouvisse com os sentidos corporais. Dirigi-Lhe então as minhas súplicas:

– Senhor, fazei-me uma santa, guardai o meu coração sempre puro, para Ti só.

Aqui, pareceu-me que o nosso bom Deus me disse, no fundo do meu coração, estas distintas palavras:

– A graça que hoje te é concedida permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna.

Sentia-me de tal forma transformada em Deus!

Quando terminou a função religiosa, que era quase a uma hora da tarde, por os Sacerdotes de fora terem tardado em vir, e com o sermão e renovação das promessas do baptismo, minha mãe foi, pois, buscar-me, aflita, julgando-me a cair de fraqueza. Mas eu sentia-me tão saciada com o Pão dos Anjos, que me foi impossível, por então, tomar alimento algum. Perdi, desde então, o gosto e atractivo que começava a sentir pelas coisas do mundo e só me

sentia bem em algum lugar solitário, onde pudesse, só, recordar as delícias da minha primeira comunhão.

## 7. Família de Lúcia

Este retiro conseguia-o poucas vezes, porque, além de ser encarregada da guarda das crianças que as vizinhas nos confiavam, como já disse a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, minha mãe costumava também fazer por ali como que de enfermeira.

Vinham consultar o seu parecer, quando tinham alguma coisa de menor importância e pediam-lhe para ir às suas casas, quando o doente não podia sair. Ela passava então os dias e às vezes as noites em casa dos doentes. E se as doenças se prolongavam e o estado dos enfermos assim o exigia, mandava as minhas irmãs passar também algumas noites junto deles, para que os membros das famílias pudessem descansar. E se o enfermo era alguma mãe de família que tivesse crianças, cujo barulho que fizessem estorvasse a doente, trazia essas crianças para nossa casa e eu era a encarregada de as entreter. Distraía-as, então, ensinando-as a dobar, com o desandar da dobadura, com o rolar do caneleiro, com os movimentos do sarilho a formar as meadas e a guiar os novelos na urdideira. Disto tínhamos sempre muito que fazer, porque, por ordinário, havia sempre em nossa casa várias raparigas de fora que vinham aprender a tecedeiras ou costureiras. Estas raparigas pelo regular (*regularmente*) ficavam testemunhando sempre um grande afecto pela nossa família e costumavam dizer que os melhores dias da sua vida tinham sido os que tinham passado em nossa casa.

Como minhas irmãs, em algumas épocas do ano, tinham que durante o dia trabalhar no campo, teciam e costuravam ao serão. Depois da ceia e da reza que se lhe seguia, entoada por meu pai, começava-se a trabalhar. Todos tinham que fazer: minha irmã Maria ia para o tear; meu pai enchia-lhe as canelas; a Teresa e a Glória iam para a costura; minha mãe fiava; a Carolina e eu, depois de arrumar a cozinha, éramos empregadas a tirar alinhavos, pregar botões, etc.; meu irmão, para espalhar-nos o sono, tocava harmónio, ao som do qual cantávamos várias coisas. Os vizinhos vinham, não poucas vezes, fazer-nos companhia e costumavam dizer que, apesar de os não deixarmos dormir, se sentiam alegres

e lhes passavam todas as arrelias com ouvirem a festa que nós fazíamos. A várias mulheres ouvi dizerem a minha mãe:

– Que feliz que tu és! Que encanto de filhos que Nosso Senhor te deu!

Tínhamos ainda, no seu tempo, as escamisadas ao luar. Sentavam-me, então, no cimo do monte do milho e era a encarregada de dar a todos os assistentes o abraço-chi, quando aparecia alguma espiga carocha.

## 8. *Reflexão da Autora*

Não sei se os factos que acabo há pouco de contar da minha primeira comunhão foram uma realidade ou uma ilusão de criança. O que eu sei é que eles tiveram sempre, e têm ainda hoje, uma grande influência na união da minha alma com Deus. Nem sei também para que estou a contar a V. Ex.<sup>cia</sup> todas estas coisas da vida de família, mas é Deus que assim mo inspira. Ele sabe o motivo por que o faz. É talvez para que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> possa ver quanto me devia ser sensível o sofrimento que o bom Deus me vai pedir, depois de ter sido tão amimada. E como V. Ex.<sup>cia</sup> me manda dizer todos os sofrimentos que Nosso Senhor me pediu e graças que se dignou, por misericórdia, conceder-me, parece que assim me dá mais jeito a dizê-las tal qual como elas se passaram <sup>(7)</sup>. Ademais, fico descansada, porque sei que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> mete no fogão tudo aquilo que vir que não tem utilidade para a glória de Deus e de Maria Santíssima.

## II. AS APARIÇÕES

### 1. *Manifestações em 1915*

Assim, pois, completei os meus 7 anos. Minha mãe determinou que começasse a guardar as nossas ovelhas. Meu pai não era dessa opinião, nem minhas irmãs. Queriam, para mim, pelo afecto particular que me tinham, uma excepção. Mas minha mãe não cedeu.

<sup>(7)</sup> *A total discrição de Lúcia revela ainda mais claramente a sua sinceridade.*

– É como todas – dizia ela –. A Carolina tem já 12 anos. Pode, por isso, começar a trabalhar no campo ou aprender a tecedeira ou costureira, se o quiser.

Foi-me, pois, confiada a guarda do nosso rebanho <sup>(8)</sup>. A notícia de que eu começava a minha vida de pastora espalhou-se rápida entre os pastores e quase todos vieram oferecer-se para serem meus companheiros. A todos disse que sim e com todos combinei ir para a serra. No dia seguinte, a serra era coalhada de pastores e rebanhos. Parecia uma nuvem que a cobria; mas eu não me senti bem no meio de tanta grita. Escolhi, pois, entre eles, três para minhas companheiras e, sem dizer nada aos demais, combinei umas pastagens opostas. Eram as minhas escolhidas: Teresa Matias, sua irmã Maria Rosa e Maria Justino <sup>(9)</sup>. No dia seguinte, lá vamos com os nossos rebanhos para um monte chamado o Cabeço. Dirigimo-nos para a encosta do monte que fica voltada ao norte. Na encosta deste monte, ao sul, ficam os Valinhos que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, de nome, já deve conhecer. E na encosta que fica voltada ao nascente do sol, está a tal rocha de que também já falei a V. Ex.<sup>cia</sup> no escrito sobre a Jacinta. Subimos, com os nossos rebanhos, até quase ao cimo do monte. A nossos pés ficava um extenso arvoredo que se espalha nas planícies do vale: oliveiras, carvalhos, pinheiros, azinheiras, etc.

Um pouco mais ou menos aí pelo meio-dia, comemos a nossa merenda e, depois dela, convidei as minhas companheiras para rezarem comigo o Terço, ao que elas anuíram com gosto. Mal tínhamos começado, quando, diante de nossos olhos, vemos, como que suspensa no ar, sobre o arvoredo, uma figura como se fosse uma estátua de neve que os raios do Sol tornavam algo transparente.

– Que é aquilo? – perguntaram as minhas companheiras, meias assustadas.

– Não sei!

Continuámos a nossa reza, sempre com os olhos fitos na dita figura que, assim que terminámos, desapareceu. Segundo o meu costume, tomei o partido de calar, mas as minhas companheiras, assim que chegaram a casa, contaram o sucedido às famílias. Di-

<sup>(8)</sup> *Encontramo-nos em 1915.*

<sup>(9)</sup> *Todas elas, interrogadas pelo P.<sup>o</sup> Kondor, confirmaram as afirmações de Lúcia.*

vulgou-se a notícia; e um dia, quando chego a casa, interroga-me minha mãe:

– Ouve lá: dizem que viste para aí não sei o quê. O que é que tu viste?

– Não sei.

E como não me sabia explicar, acrescentei:

– Parecia uma pessoa embrulhada em um lençol.

E querendo dizer que não lhe tinha podido divisar as feições, disse:

– Não se lhe conheciam olhos nem mãos.

Minha mãe rematou tudo com um gesto de desprezo, dizendo:

– Tolices de crianças <sup>(10)</sup>!

## 2. *Aparições do Anjo em 1916*

Passado algum tempo, voltámos com os nossos rebanhos para esse mesmo sítio e repetiu-se o mesmo, da mesma forma. As minhas companheiras contaram, de novo, o acontecido. E o mesmo, passado outro espaço de tempo. Era a terceira vez que minha mãe ouvia falar, por fora, destes acontecimentos, sem eu ter dito palavra em casa.

Chama-me, então, já pouco contente, e pergunta-me:

– Vamos a ver: o que é que vocês dizem que vêem para aí?!

– Não sei, minha mãe. Não sei o que é.

Várias pessoas começaram por fazer troça. E como eu, desde a minha primeira comunhão, me ficava por algum tempo como que abstracta, recordando o que se tinha passado, minhas irmãs, com algo de desprezo, perguntavam-me:

– Estás a ver algum embrulhado no lençol?

Estes gestos e palavras de desdém eram-me muito sensíveis, pois eu não estava habituada senão a carinhos. Mas isto não era nada. É que eu não sabia o que o bom Deus me tinha reservado para o futuro.

Por este tempo, o Francisco e a Jacinta pediram e obtiveram, como já contei a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, licença dos pais, para começarem a guardar o seu rebanho. Deixei, pois, estas boas companheiras e

<sup>(10)</sup> *Estas aparições pouco claras do Anjo tinham, talvez, o fim de preparar Lúcia para o futuro.*

substituí-as por meus primos: o Francisco e a Jacinta. Combinámos, então, pastorear os nossos rebanhos nas propriedades de meus tios e de meus pais, para não nos juntarmos na serra com os demais pastores.

Um belo dia, fomos com as nossas ovelhinhas para uma propriedade de meus pais que fica ao fundo do dito monte voltado ao nascente. Chama-se essa propriedade Chousa Velha. Aí pelo meio da manhã, começou a cair uma chuva miudinha, pouco mais que orvalho. Subimos a encosta do monte, seguidos das nossas ovelhinhas, em procura de um rochedo que nos servisse de abrigo. Foi então que pela primeira vez entrámos nessa caverna abençoada. Fica em meio dum olival pertencente a meu padrinho Anastácio. Desde ali, avista-se a pequena aldeia onde nasci, a casa de meus pais, os lugares da Casa Velha e Eira da Pedra. O olival, pertencente a vários donos, continua até (se) confundir com estes pequenos lugares. Aí passámos o dia, apesar da chuva haver passado e de o sol se haver descoberto lindo e claro. Começamos a nossa merenda, rezámos o nosso Terço e não sei se não seria um daqueles que costumávamos, com o afã de brincar, como já disse a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, passar as contas dizendo só a palavra Ave-Maria e Padre-Nosso! Terminada a nossa reza, começámos a jogar as pedrinhas.

Alguns momentos havia que jogávamos, e eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que (se) passava, pois o dia estava sereno. Vemos, então, que sobre o olival <sup>(11)</sup> se encaminha para nós a tal figura de que já falei. A Jacinta e o Francisco ainda nunca a tinham visto, nem eu lhes havia falado nela. À maneira que se aproximava, íamos divisando as feições: um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza. Ao chegar junto de nós, disse:

– Não temais! Sou o Anjo da Paz. Oraí comigo.

E ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras:

– Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e Vos não amam.

(11) Foi a primeira aparição do Anjo.

Depois, erguendo-se, disse:

– Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.

As suas palavras gravaram-se de tal forma na nossa mente, que jamais nos esqueceram. E, desde aí, passávamos largo tempo assim prostrados repetindo-as, às vezes, até cair cansados. Recomendai logo que era preciso guardar segredo e, desta vez, graças a Deus, fizeram-me a vontade.

Passado bastante tempo <sup>(12)</sup>, em um dia de verão, em que havíamos ido passar a sesta a casa, brincávamos em cima dum poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro. (No escrito sobre a Jacinta, também já falei a V. Ex.<sup>cia</sup> deste poço). De repente, vemos junto de nós a mesma figura ou Anjo, como me parece que era, e diz:

– Que fazeis? Orai, orai muito. Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.

– Como nos havemos de sacrificar? – perguntei.

– De tudo que puderdes, oferecei a Deus sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Passou-se bastante tempo e fomos pastorear os nossos rebanhos para uma propriedade de meus pais que fica na encosta do já mencionado monte, um pouco mais acima dos Valinhos. É um olival a que chamávamos Prégueira. Depois de termos merendado, combinámos ir rezar na gruta que ficava a outro lado do monte. Demos, para isso, uma volta pela encosta e tivemos que subir uns rochedos que ficam ao cimo da Prégueira. As ovelhas conseguiram passar com muita dificuldade.

Logo que aí chegámos, de joelhos, com os rostos em terra, começámos a repetir a oração do Anjo: Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos, etc. Não sei quantas vezes tínhamos repetido esta oração, quando vemos que sobre nós brilha uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o

<sup>(12)</sup> Foi a segunda aparição do Anjo.

Anjo <sup>(13)</sup>, tendo em a mão esquerda um Cálix, sobre o qual está suspensa uma Hóstia, da qual caem algumas gotas de Sangue dentro do Cálix. O Anjo deixa suspenso no ar o Cálix, ajoelha junto de nós, e faz-nos repetir três vezes:

– Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, (*adoro-Vos profundamente e*) ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

Depois levanta-se, toma em suas mãos o Cálix e a Hóstia. Dá-me a Sagrada Hóstia a mim e o Sangue do Cálix divide-O pela Jacinta e o Francisco <sup>(14)</sup>, dizendo ao mesmo tempo:

– Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horriavelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.

E prostrando-se de novo em terra, repetiu connosco outras três vezes a mesma oração: Santíssima Trindade... etc., e desapareceu. Nós permanecemos na mesma atitude, repetindo sempre as mesmas palavras; e quando nos erguemos, vimos que era noite e, por isso, horas de irmos para casa.

### 3. *Problemas familiares*

Eis-me chegada, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor, ao fim dos meus três anos de pastorinha – dos 7 aos 10. Durante estes três anos, a nossa casa e, quase me atrevia a dizer, a nossa freguesia, tinha mudado quase completamente de aspecto. O Rev.<sup>mo</sup> Senhor Padre Pena tinha deixado de ser nosso Pároco e tinha sido substituído pelo Rev.<sup>mo</sup> Senhor Padre Boicinha <sup>(15)</sup>. Este zelosíssimo Sacerdote, ao ter conhecimento dos costumes pagãos que existiam na freguesia, de bailes e danças, começou desde logo a pregar contra

<sup>(13)</sup> *A terceira e última aparição do Anjo.*

<sup>(14)</sup> *Francisco e Jacinta ainda não tinham feito a sua primeira comunhão. Nem por isso consideraram esta como comunhão sacramental.*

<sup>(15)</sup> *O seu verdadeiro nome era Manuel Marques Ferreira, também conhecido por P.<sup>o</sup> Boicinha. (Faleceu em Janeiro de 1945).*



isso, no púlpito, nas homilias aos domingos. Em público e em particular, aproveitava todas as ocasiões que se lhe ofereciam para combater este mau costume. Minha mãe, desde que ouviu o bom Pároco falar assim, proibiu a minhas irmãs ir a tais divertimentos. E como o exemplo de minhas irmãs arrastou outras a não comparecer, este costume foi-se a pouco e pouco desvanecendo. O mesmo (se) passou entre as crianças que, como eu já disse a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> no exposto sobre minha prima, formavam as suas danças à parte. A alguém que um dia dizia a minha mãe:

– Mas até aqui não era pecado bailar! E agora, porque veio um Pároco novo, já é pecado? Como são essas coisas?

– Não sei – respondeu minha mãe. – O que sei é que o Senhor Prior não quer que se baile e, portanto, as minhas filhas não voltam a esses ajuntamentos. Quando muito, deixá-las-ei bailar alguma coisa entre família, porque diz o Senhor Prior que em família não é mal.

No decorrer deste período de tempo, as minhas duas irmãs mais velhas deixaram a casa paterna, pelo Sacramento do Matrimónio. Meu pai tinha-se deixado arrastar pelas más companhias e tinha caído nos laços duma triste paixão, por causa da qual tínhamos já perdido alguns dos nossos terrenos <sup>(16)</sup>.

Minha mãe, ao ver que escasseavam os meios de subsistência, resolveu que as minhas duas irmãs, Glória e Carolina, iam servir. Ficou, então, em casa, meu irmão, para cuidar dos campos que nos restavam, minha mãe que cuidava do arranjo da casa e eu, para pastorear o nosso rebanho. Minha pobre mãe vivia mergulhada numa profunda amargura e, quando à noite nos juntávamos os três, à lareira, esperando por meu pai para cear, minha mãe, ao ver os lugares das suas outras filhas vazios, dizia, com uma profunda tristeza:

– Meu Deus! Para onde foi a alegria deste lar!

E inclinando a cabeça sobre uma pequena mesa que tinha a seu lado, prorrompia em amargo pranto. Era uma das cenas mais tristes que tenho presenciado! Eu sentia o coração despedaçar-me de saudades por minhas irmãs e pela amargura de minha mãe.

<sup>(16)</sup> *Não se deve exagerar, na vida do pai da Lúcia, a sua «paixão pelo vinho». Ele não era um alcoólico. Quanto aos seus deveres religiosos, é certo que não os cumpriu, durante alguns anos, na Paróquia de Fátima, por não se entender com o Pároco. Ia a Vila Nova de Ourém.*

Apesar de ser criança, compreendia perfeitamente a situação em que nos encontrávamos. Lembrava-me, então, das palavras do Anjo: Sobretudo, aceitai, submissos, os sacrifícios que o Senhor vos enviar. Retirava-me, então, a um lugar solitário, para, com o meu sofrimento, não aumentar o de minha mãe. (Este lugar era, por ordinário, o nosso poço). Aí, de joelhos, debruçada sobre as lajes que o cobriam, juntava às suas águas as minhas lágrimas e oferecia a Deus o meu sofrimento. Por vezes, a Jacinta e o Francisco vinham encontrar-me assim amargurada. E como eu tinha a voz embargada pelos soluços e não podia falar, eles sofrendo comigo a ponto de derramarem também abundantes lágrimas, fazia a Jacinta, então, em voz alta, o nosso oferecimento: Meu Deus, é em acto de reparação e pela conversão dos pecadores que Vos oferecemos todos estes sofrimentos e sacrifícios. (A fórmula do oferecimento não era sempre exacta, mas o sentido era sempre este).

Tanto sofrimento começou por abalar a saúde de minha mãe. Esta, não podendo já trabalhar, mandou vir, para a tratar e tomar conta do arranjo da casa, minha irmã Glória. Correram, então, quantos cirurgiões e médicos por ali havia. Gastou-se uma infinidade de remédios, sem se obter melhoras algumas. O bom Pároco prontificou-se a levar minha mãe a Leiria, no seu carro de mulas, para ela aí consultar os médicos. Lá foi, acompanhada de minha irmã Teresa, mas chegou a casa meia morta pelo cansaço do caminho e moída das consultas, sem ter obtido resultado algum. Por fim, consultou-se um cirurgião que dava consulta em S. Mamede, que declarou ter minha mãe uma lesão cardíaca, um elo da espinha deslocado e os rins caídos. Submeteu-se a um rigoroso tratamento de pontas de fogo e vários medicamentos, com os quais obteve algumas melhoras.

Eis o estado em que nos encontrávamos, quando chegou o dia 13 de Maio de 1917. Meu irmão completava também, por esse tempo, a idade de assentar praça na vida militar. E como gozava de perfeita saúde, era de esperar que ficasse apurado. Ademais, estava-se em guerra e era difícil conseguir livrá-lo. Com o receio de ficar sem ter quem lhe cuidasse as terras, minha mãe mandou também vir para casa a minha irmã Carolina. Meteu empenhos com o médico da inspecção e o nosso bom Deus dignou-se, por então, dar a minha mãe este alívio.

#### 4. *Aparições de Nossa Senhora*

Não me detenho a descrever a aparição do dia 13 de Maio. É de V. Ex.<sup>cia</sup> bem conhecida e, por isso, seria perdido o tempo que nisto gastaria. É também bem conhecido de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o modo como minha mãe se informou do acontecimento e os esforços que fez para me obrigar a dizer que tinha mentido. As palavras que a Santíssima Virgem nos disse em este dia e que combinámos nunca revelar, foram: Depois de nos haver dito que íamos para o Céu, perguntou:

– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

– Sim, queremos – foi a nossa resposta.

– Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

No dia 13 de Junho celebrava-se, na nossa freguesia, a festa em honra de St.<sup>o</sup> António. Era costume, nesse dia, abrir os rebanhos de madrugada cedo, e às 9 horas cerravam-se nos currais para se ir à festa. Minha mãe e minhas irmãs, que sabiam quanto eu era amiga de festas, diziam-me, então:

– Sempre estou para ver se tu deixas a festa para ires para a Cova de Iria falar lá com essa Senhora!

Em esse dia ninguém me dirigiu palavra, portando-se, a meu respeito, como quem diz: Deixá-la! vamos a ver o que faz! Abri, pois, o meu rebanho de madrugada, cedo, no intento de o cerrar no curral às 9, ir à Missa das 10 e, em seguida, ir para a Cova de Iria. Mas eis que pouco depois do romper do sol me vai chamar meu irmão: que viesse para casa, pois estavam várias pessoas que me queriam falar. Ficou, pois, ele com o rebanho e eu vim ver o que me queriam. Eram algumas mulheres e homens que vinham dos sítios de Minde, dos lados de Tomar, Carrascos, Boleiros, etc. <sup>(17)</sup>, e que desejavam acompanhar-me à Cova de Iria. Disse-lhes que ainda era cedo e convidei-os a ir comigo à Missa das 8. De-

<sup>(17)</sup> *Estes locais ficam numa área de 25 km de Fátima.*

pois, voltei para casa. Esta boa gente esperou por mim, no nosso pátio, à sombra das nossas figueiras.

Minha mãe e minhas irmãs mantiveram a sua atitude de desprezo que, na verdade, me era mais sensível e me custava tanto como os insultos. Aí pelas 11 horas, saí de casa, passei por casa de meus tios, onde a Jacinta e o Francisco me esperavam, e lá vamos para a Cova de Iria, à espera do momento desejado. Toda aquela gente nos seguia, fazendo-nos mil perguntas. Em este dia, eu sentia-me amarguradíssima. Via minha mãe aflita, que queria a todo o custo obrigar-me, como ela dizia, a confessar a minha mentira. Eu queria satisfazê-la e não encontrava maneira sem agora mentir. Ela tinha, desde o berço, infundido em seus filhos um grande horror à mentira e castigava severamente aquele que dissesse alguma.

– Sempre – dizia ela – consegui que meus filhos dissessem a verdade; e agora hei-de deixar passar uma coisa destas na mais nova?! Se ainda fosse uma coisa mais pequena...; mas uma mentira destas que traz aí enganada já tanta gente!...

Depois destas lamentações, voltava-se para mim e dizia:

– Dá-lhe as voltas que quiseres! Ou tu desenganas essa gente, confessando que mentiste, ou eu te fecho em um quarto onde não possas ver nem a luz do Sol. A tantos desgostos, faltava-me que se viesse juntar uma coisa destas!

Minhas irmãs tomavam o partido de minha mãe e em volta de mim respirava uma atmosfera de verdadeiro desdém e desprezo. Lembrava-me, então, dos tempos atrasados e perguntava-me a mim mesma: Onde está o carinho que, há tão pouco ainda, a minha família me tinha? E o meu único desafogo eram as lágrimas derramadas diante de Deus, enquanto Lhe oferecia o meu sacrifício. Em este dia, pois a SS. Virgem, como que adivinhando o que se passava, além do que já narrei, disse-me:

– E tu? Sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus.

A Jacinta, quando me via chorar, consolava-me, dizendo:

– Não chores. Decerto são estes os sacrifícios que o Anjo disse que Deus nos ia enviar. Por isso, é para O reparar a Ele e converter os pecadores que tu sofres.

## 5. *Dúvidas da Lúcia* <sup>(18)</sup>

Por este tempo, o Pároco da minha Freguesia soube do que se passava e mandou dizer a minha (*mãe*) que me levasse a sua casa. Esta sentia-se respirar, julgando que o Senhor Prior iria tomar a responsabilidade dos acontecimentos. Por isso, dizia-me:

– Amanhã vamos à Missa logo de manhãzinha. Depois, vais a casa do Senhor Prior. Ele que te obrigue a confessar a verdade, seja como for; que te castigue; que faça de ti o que quiser; como que te obrigue a confessar que tens mentido, eu fico contente.

Minhas irmãs tomaram também o partido de minha mãe e inventaram um sem número de ameaças, para assustar-me com a entrevista do Pároco. Informei a Jacinta e seu irmão do que se passava, os quais me responderam:

– Nós também vamos. O Senhor Prior mandou também dizer a minha mãe para nos levar lá, mas minha mãe não nos disse nada destas coisas. Paciência! Se nos baterem, sofremos por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores.

No dia seguinte, lá fui atrás de minha mãe que, pelo caminho, não me disse nem uma palavra. Durante a Missa ofereci a Deus o meu sofrimento; e depois atravesso o adro atrás de minha mãe e subo as escadas da varanda da casa do Pároco. Ao subir os primeiros degraus, minha mãe volta-se para mim e diz-me:

– Não me rales mais! Agora diz ao Senhor Prior que mentiste, para que ele possa, no domingo, dizer na Igreja que foi mentira e assim acabar tudo. Isto tem lá jeito! Toda a gente a correr para a Cova de Iria, a rezar diante duma carrasqueira!

Sem mais, bate à porta. Vem a irmã do bom Pároco que nos manda sentar em um banco e esperar um pouco. Por fim, veio o Senhor Prior. Manda-nos entrar no seu gabinete, faz sinal a minha mãe que se sente em um banco e chama-me para junto da sua escrivaninha. Quando vi Sua Rev.<sup>cia</sup> interrogando com toda a paz e até com amabilidade, fiquei admirada. No entanto, conservava a expectativa do que viria. O interrogatório foi muito minucioso e, quase me atrevia a dizer, maçador. Sua Rev.<sup>cia</sup> fez-me uma pequena advertência, porque, dizia:

<sup>(18)</sup> *Convém notar que se trata apenas dum estado de confusão e perplexidade provocado pelas circunstâncias familiares e pela atitude prudente do Pároco. De modo nenhum se pode considerar como verdadeira dúvida de Lúcia.*

– Não me parece uma revelação do Céu. Quando se dão estas coisas, por ordinário, Nosso Senhor manda essas almas a quem Se comunica, dar conta do que se passa a seus confessores ou párocos e esta, ao contrário, retrai-se quanto pode. Isto também pode ser um engano do Demónio. Vamos a ver. O futuro nos dirá o que havemos de pensar.

## 6. *Jacinta e Francisco encorajam-na*

Quanto esta reflexão me fez sofrer, só Nosso Senhor pode saber, porque só Ele pode penetrar o nosso íntimo. Comecei, então, a duvidar se as manifestações seriam do Demónio que procurava, por esse meio, perder-me. E, como tinha ouvido dizer que o Demónio trazia sempre a guerra e a desordem, comecei a pensar que, na verdade, desde que via estas coisas, não tinha tido mais alegria nem bem-estar em nossa casa. Que angústia que eu sentia! Manifestei a meus primos a minha dúvida. A Jacinta respondeu:

– Não é o Demónio, não! O Demónio dizem que é muito feio e que está debaixo da terra, no inferno; e aquela Senhora é tão bonita! E nós vimo-La subir ao Céu.

Nosso Senhor serviu-se disto para desvanecer algo a minha dúvida. Mas, no decurso deste mês, perdi o entusiasmo pela prática do sacrifício e da mortificação e titubeava se acabaria por dizer que tinha mentido e assim acabar com tudo. A Jacinta e o Francisco diziam-me:

– Não faças isso! Não vês que agora é que tu vais mentir e que mentir é pecado?

Em este estado tive um sonho que veio aumentar as trevas do meu espírito: Vi o Demónio que, rindo-se de me ter enganado, fazia esforços por me arrastar para o inferno. Ao ver-me nas suas garras, comecei a gritar em tal forma, chamando por Nossa Senhora, que acordei minha mãe, a qual me chamou, aflita, perguntando-me o que eu tinha. Não me lembro do que lhe respondi. O que me lembro é que em aquela noite não pude mais dormir, pois fiquei tolhida de medo. Este sonho deixou no meu espírito uma nuvem de verdadeiro medo e aflição. O meu único alívio era ver-me só, em algum canto solitário, para aí chorar à minha vontade. Comecei por sentir aborrecimento até à companhia de meus pri-

mos e por isso comecei a esconder-me também deles. Pobres crianças! Às vezes andavam à minha procura, chamando pelo meu nome, e eu junto deles sem lhes responder, oculta, às vezes, em algum canto para onde eles não atinavam a olhar.

Aproximava-se o dia 13 de Julho e eu duvidava se lá iria. Pensava: se é o Demónio, para que hei-de ir vê-lo? Se me perguntam por que não vou, digo que tenho medo que seja o Demónio quem nos aparece e que por isso não vou. A Jacinta e o Francisco que façam como quiserem; eu não volto mais à Cova de Iria. A resolução estava tomada e eu bem resolvida a pô-la em prática.

No dia 12, pela tarde, começou a juntar-se o povo que vinha para assistir aos acontecimentos do dia seguinte. Chamei então a Jacinta e o Francisco e informei-os da minha resolução. Eles responderam-me:

– Nós vamos. Aquela Senhora mandou-nos lá ir.

A Jacinta prontificou-se a falar ela com a Senhora, mas custava-lhe que eu não fosse e começou a chorar. Perguntei-lhe por que chorava.

– Por tu não queres ir.

– Não; eu não vou. Olha: se a Senhora te perguntar por mim, diz-lhe que não vou, porque tenho medo que seja o demónio.

E deixei-os ficar, para me ir esconder e não ter assim, que falar às pessoas que me procuravam para me interrogar. Minha mãe, que me julgava a brincar com as crianças do lugar, durante todo este tempo que passava escondida atrás dum silvado que havia na propriedade dum vizinho que pegava com o nosso Arneiro, um pouco a leste do poço já várias vezes mencionado, quando eu à noite chegava a casa, (*minha mãe*) repreendia-me, dizendo:

– Isto é que é um santinha de pau carunchento! Todo o tempo que lhe sobra de andar com as ovelhas passa-o na brincadeira; e de tal forma que ninguém a encontra!

No dia seguinte, ao aproximar-se a hora em que devia partir, senti-me de repente impelida a ir, por uma força estranha, a que não me era fácil resistir. Pus-me, então, a caminho e passei por casa de meus tios a ver se ainda lá estava a Jacinta. Encontrei-a no quarto, com seu irmãozinho Francisco, de joelhos ao pé da cama, chorando.

– Então vocês não vão? – lhes perguntei.

– Sem ti não nos atrevemos a ir. Anda, vem.

– Já cá vou – lhes respondi.

Então, com um semblante já alegre, partiram comigo. O povo esperava-nos em massa pelos caminhos e a custo conseguimos lá chegar. Foi este o dia em que a SS. Virgem se dignou revelar-nos o segredo. Depois, para reanimar o meu fervor decaído, disse-me:

– Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei a Jesus, muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

### *7. Descrença da mãe de Lúcia*

Graças a nosso bom Deus, nesta aparição desvaneceram-se as nuvens da minha alma e recuperei a paz. Minha pobre mãe afligia-se cada vez mais, ao ver a quantidade de gente que ali vinha de todas as partes:

– Esta pobre gente – dizia ela – vem, com certeza, enganada pelas vossas intrujices; e realmente não sei o que fazer para os desenganar.

A um pobre homem, que se jactava de fazer troça de nós, de nos insultar e chegar às vezes a pôr-nos as mãos, um dia que lhe perguntou:

– Então, ti Maria Rosa, que me diz das visões da sua filha?

– Não sei – respondeu. – Parece-me que não passa duma intrujona que traz meio mundo enganado.

– Não diga isso muito alto; senão, alguém é capaz de lha matar. Parece que há por aí quem lhe tem boa vontade.

– Ah! Não me importa! contanto que a obriguem a confessar a verdade. Eu é que hei-de dizer sempre a verdade, seja contra meus filhos, seja contra quem for, nem que seja contra mim.

E verdadeiramente assim era. Minha mãe dizia sempre a verdade, ainda que fosse contra si mesma. Este bom exemplo lhe devemos, os seus filhos.

Um dia, pois, resolveu de novo obrigar-me a desmentir-me, como ela dizia. E, por isso, resolveu levar-me, no dia seguinte, outra vez, a casa do Senhor Prior, para eu lhe confessar que tinha mentido, pedir-lhe perdão, e fazer as penitências que Sua Rev.<sup>cia</sup> julgasse e quisesse impor-me. O ataque, realmente, desta vez, era forte e eu não sabia como fazer. De caminho, passo por casa



de meus tios, digo, à Jacinta, que ainda estava na cama, o que se passava e lá vou atrás de minha mãe. No escrito sobre a Jacinta, já disse a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> a parte que ela e seu irmão tomaram nesta prova que o Senhor nos enviou e como me esperaram em oração junto do poço, etc.

Pelo caminho, minha mãe foi-me pregando o seu sermão. A páginas tantas, eu disse-lhe, tremendo:

– Mas, minha mãe! como hei-de dizer que não vi, se eu vi?

Minha mãe calou-(se) e, ao chegar junto da casa do Pároco, disse-me:

– Tu vê lá bem; o que eu quero é que digas a verdade. Se viste, diz que viste; mas, se não viste, confessa que mentiste.

Sem mais, subimos a escadaria e o bom Pároco recebe-nos no seu gabinete, com toda a amabilidade e, direi até, com carinho. Interrogou-me com toda a seriedade e delicadeza, servindo-se de alguns artificios, para ver se eu me desmentia ou se trocava uma coisa por outra. Por fim, despediu-nos, encolhendo os ombros, como que dizendo: Não sei o que dizer nem fazer a tudo isto!

## 8. Ameaças do Administrador

Passados não muitos dias, meus tios e meus pais recebem ordem das autoridades, para comparecer na Administração, no dia seguinte, a tal hora marcada, com a Jacinta e o Francisco, meu tio e, comigo, meu pai. A Administração é em Vila Nova de Ourém; e por isso havia que andar umas três léguas, distancia bem considerável para três crianças do nosso tamanho. E os únicos meios de viajar, em aquele tempo, por ali, eram os pés de cada um, ou os de alguma burrita. Meu tio respondeu logo que comparecia ele, mas que seus filhos não os levava:

– Eles, a pé, não aguentam o caminho – dizia ele – e a cavalo eles não se seguram em cima da burra, porque não estão habituados. Ademais, não tenho para que apresentar em um tribunal duas crianças deste tamanho.

Meus pais pensavam ao contrário:

– A minha vai; que responda ela. Eu cá destas coisas não entendo nada. E, se mente, é bem que seja castigada.

No dia seguinte, de manhãzinha, lá me puseram em cima duma burrita, da qual caí três vezes durante o caminho, e lá fui acompa-

nhada de meu pai e meu tio <sup>(19)</sup>. Parece-me que já contei a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> quanto a Jacinta e o Francisco sofreram neste dia, julgando que me iam matar. A mim, o que me fazia sofrer era (a) indiferença que por mim mostravam meus Pais, a qual eu via mais clara quando via o carinho com que meus tios tratavam os seus filhinhos. Lembro-me de nesta viagem ter feito esta reflexão: Que diferentes são meus pais de meus tios! Estes, para defender seus filhos, entregam-se eles. Meus pais entregam-me com a maior indiferença, para que façam de mim o que quiserem! Mas paciência! dizia no íntimo do meu coração; assim tenho a dita de sofrer mais por Teu amor, ó meu Deus, e pela conversão dos pecadores. Em esta reflexão encontrava consolação em todos os momentos.

Na Administração, fui interrogada pelo Administrador, na presença de meu pai, meu tio e vários outros senhores que não sei quem eram. O Administrador queria forçosamente que lhe revelasse o segredo e que lhe promettesse não voltar mais à Cova (de) Iria. Para conseguir isto, não se poupou a promessas e, por fim, ameaças. Vendo que nada conseguia, despediu-me, protestando que o havia de conseguir, ainda que para isso tivesse de tirar-me a vida. A meu tio passou uma boa repreensão, por não haver cumprido as suas ordens, e lá nos deixaram vir para nossa casa.

### 9. *Prejuízos na família*

No seio da minha família havia ainda outro desgosto, de que eu era a culpada, como diziam. A Cova de Iria era uma propriedade pertencente a meus pais. No fundo, tinha um pouco de terreno bastante fértil, no qual se cultivava bastante milho, legumes, hortaliças, etc. Nas encostas, havia algumas oliveiras, azinheiras e carvalhos. Ora, desde que o povo aí começou a ir, não mais aí pudemos cultivar coisa alguma. As gentes tudo pisavam; grande parte ia a cavalo e os animais acabavam de comer e estragar tudo. Minha mãe, lamentando esta perda, dizia-me:

– Tu, agora, quando quiseres comer, vais pedi-lo a essa Senhora!

Minhas irmãs acrescentavam:

<sup>(19)</sup> O mencionado «*dia seguinte*» foi 11 de Agosto de 1917.

– Tu, agora, só havias de comer o que se cultivava na Cova de Iria!

Estas coisas custavam-me tanto que eu não me atrevia a pegar em um bocado de pão para comer. Minha mãe, para obrigar-me a dizer a verdade, como ela dizia, chegou, não poucas vezes, a fazer-me sentir o peso de algum pau, destinado ao lume, que encontrasse no canto da lenha, ou do cabo da vassoura. Mas, como ao mesmo tempo era mãe, procurava depois levantar-me as forças decaídas e afligia-se ao ver-me definhar, com uma cara amarela, temendo que fosse adoecer. Pobre mãe! Agora, sim, que compreendo verdadeiramente a situação em que se encontrava e que tenho pena dela! Na verdade, ela tinha razão para me julgar indigna dum tal favor e por isso de me julgar mentirosa.

Por uma graça especial de Nosso Senhor, nunca tive o menor pensamento nem movimento contra o seu modo de proceder a meu respeito. Como o Anjo me tinha anunciado que Deus me mandaria sofrimentos, vi sempre em tudo isto Deus que assim queria. O amor, a estima e o respeito que Lhe devia continuou sempre aumentando, como se fosse muito acariciada. E agora estou-Lhe mais reconhecida por me ter tratado assim, do que se me tivesse continuado a criar entre mimos e carícias.

## 10. *Ajuda espiritual*

Parece-me que foi no decorrer deste mês <sup>(20)</sup> que aí apareceu o Senhor Dr. Formigão, pela primeira vez, para me fazer o seu interrogatório. Interrogou-me séria e minuciosamente. Gostei muito dele, porque me falou muito da prática da virtude, ensinando-me alguns modos de a praticar. Mostrou-me uma estampa de Santa Inês. Contou-me o seu martírio e animou-me a imitá-la. Sua Rev.<sup>cia</sup> continuou a ir lá todos os meses fazer o seu interrogatório, no fim do qual sempre me dava algum bom conselho, com que me fazia algum bem espiritual. Um (*día*) disse-me:

– A menina tem obrigação de amar muito a Nosso Senhor, por tantas graças e benefícios que Lhe está concedendo.

<sup>(20)</sup> O Dr. Manuel Nunes Formigão Júnior, grande apóstolo de Fátima, não veio em Agosto, mas em 13 de Setembro, pela primeira vez, à Cova da Iria.

Gravou-se tão intimamente na minha alma esta frase que desde então, adquiri o hábito de dizer constantemente a Nosso Senhor:

– Meu Deus, eu Vos amo, em agradecimento pelas graças que me tendes concedido.

Comuniquei à Jacinta e a seu Irmãozinho esta jaculatória de que eu tanto gostava e ela tomou-a tanto a peito que, no meio das brincadeiras mais entretidas, perguntava:

– Vocês têm-se esquecido de dizer a Nosso Senhor que O amam, pelas graças que nos tem feito?

### 11. *Na cadeia de Ourém*

Entretanto, amanhecia o dia 13 de Agosto. O povo chegava de todos os sítios, desde a véspera. Todos queriam ver-nos, interrogar-nos e fazer-nos os seus pedidos, para que os transmitssemos à Santíssima Virgem. Éramos, nas mãos daquela gente, como uma bola nas mãos da rapaziada. Cada um nos puxava para seu lado e nos perguntava a sua coisa, sem dar-nos tempo de responder a ninguém.

Em meio desta lida, aparece uma ordem do Sr. Administrador, para ir a casa de minha tia, que lá me esperava. Meu pai é o intimado e lá me foi levar. Quando cheguei, estava ele em um quarto com meus primos. Aí nos interrogou e fez novas tentativas para nos obrigar a revelar o segredo e a prometer que não voltaríamos à Cova de Iria. Como nada conseguiu, deu ordem a meu pai e meu tio para nos levar a casa do Senhor Prior.

Tudo mais que nesta prisão se passou, não me detenho, agora, a contá-lo, porque V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> já sabe tudo. Como já disse a V. Ex.<sup>cia</sup>, o que nesta altura me foi mais sensível e que mais me fez sofrer, assim como a meus primos, foi o abandono completo da família.

À volta desta viagem ou prisão, que não sei como lhe hei-de chamar, que a meu ver foi no dia 15 de Agosto <sup>(21)</sup>, como regozijo da minha chegada a casa, mandaram-me imediatamente abrir o

<sup>(21)</sup> *Lúcia afirma aqui e também noutro lugar que a aparição nos Valinhos tinha sido em 15 de Agosto, i.e., no dia do regresso de Vila Nova de Ourém. Trata-se dum erro: o dia de regresso foi, com certeza, o dia 15 de Agosto; mas a aparição terá sido no domingo seguinte, em 19 de Agosto.*

meu rebanho e levá-lo a pastar. Meus tios quiseram ficar com os seus filhinhos em casa e por isso mandaram, na sua vez, seu irmão João. Como já era tarde, deixámo-nos ficar junto da nossa pequena aldeia, nos Valinhos.

Como esta cena se passou, V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> também já sabe e, por isso, também me não demoro a descrevê-la. A Santíssima Virgem recomendou-nos, de novo, a prática da mortificação, dizendo, no fim de tudo:

– Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

## 12. *Mortificações e sofrimentos*

Passados alguns dias, íamos com as nossas ovelhinhas por um caminho, no qual encontrei um bocado duma corda dum carro. Peguei nela e, brincando, atei-a a um braço. Não tardei a notar que a corda me magoava. Disse, então, para meus primos:

– Olhem: isto faz doer. Podíamos atá-la à cinta e oferecer a Deus este sacrifício.

As pobres crianças aceitaram logo a minha ideia e tratámos, em seguida, de a dividir entre os três. A esquina duma pedra, batendo em cima doutra, foi a nossa faca. Seja pela grossura e aspereza da corda, seja porque às vezes a apertássemos demasiado, este instrumento fazia-nos por vezes sofrer horrivelmente. A Jacinta deixava às vezes cair algumas lágrimas com a força do incómodo que lhe causava; e, dizendo-lhe eu, algumas vezes, para a tirar, respondia:

– Não! Quero oferecer este sacrifício a Nosso Senhor, em reparação e pela conversão dos pecadores.

Um outro dia, brincávamos, apanhando em as paredes umas ervas com as quais se dão uns estalidos ao apertá-las nas mãos. A Jacinta, ao apanhar estas ervas, colheu, sem querer, juntamente, umas urtigas, com as quais se picou. Ao sentir a dor, apertou-as mais em as mãos e disse-nos:

– Olhem, olhem outra coisa com que nos podemos mortificar!

Desde então, ficámos com o costume de, de vez em quando, dar com as urtigas alguns golpes em as pernas, para oferecermos a Deus mais aquele sacrifício.

Se me não engano, foi também no decurso deste mês que adquirimos o costume de dar a nossa merenda aos nossos pobrezinhos, como já contei a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> no escrito sobre a Jacinta.

Minha mãe começou também, no decurso deste mês, a estar um pouco mais em paz. Ela costumava dizer:

– Se houvesse, nem que fosse uma só pessoa mais, que visse alguma coisa, eu talvez acreditasse; mas, entre tanta gente, só eles verem!

Ora, em este último mês, várias pessoas disseram que viram várias coisas: umas, que tinham visto Nossa Senhora; outras, vários sinais no Sol, etc., etc. Minha mãe dizia agora:

– Eu, antes, parecia-me que, se houvesse outras pessoas que também visse, que acreditava; mas, agora, tantas dizem que viram e eu não acabo (*de*) crer!

Meu pai começou também, por então, a tomar a minha defesa, impondo silêncio, sempre que comesçassem a ralar comigo; e costumava dizer:

– Não sabemos se é verdade, mas também não sabemos se é mentira.

Por este tempo, meus tios, cansados das importunações das pessoas de fora, que continuamente pediam para nos ver e falar, começaram por mandar seu filho João a pastorear o seu rebanho e a ficar com a Jacinta e o Francisco em casa. Pouco depois, acabaram por vendê-lo. Eu, como não gostava doutras companhias, comecei então a andar só com o meu rebanho. Como já contei a V. Ex.<sup>cia</sup>, a Jacinta e seu irmãozinho, quando eu ia para perto, iam lá ter comigo; e se a pastagem era longe, iam-me esperar ao caminho. Posso dizer que foram verdadeiramente felizes para mim, esses dias em que, só, no meio das minhas ovelhinhas, desde o cimo dum monte ou das profundidades dum vale, eu contemplava os encantos do Céu e agradecia a nosso bom Deus as graças que de lá me tinha enviado. Quando a voz de alguma das minhas irmãs interrompia a minha solidão, chamando por mim, para me mandar vir a casa falar a tal ou qual pessoa que me procurava, eu sentia um profundo desgosto e só me consolava com poder oferecer a nosso bom Deus mais este sacrifício.

Vieram um dia falar-nos três cavalheiros. Depois do seu interrogatório, bem pouco agradável, despediram-se, dizendo:

– Vejam se se resolvem a dizer esse segredo, se não o Sr. Administrador está disposto a acabar-lhes com a vida.

A Jacinta, deixando transparecer a alegria no rosto, diz:

– Mas que bom! Eu gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e assim vamos vê-l'Os breve.

Correndo o boato de que efectivamente o Administrador queria matar-nos, minha tia, casada nos Casais, veio a nossa casa com o intento de nos levar para sua casa, porque, dizia ela:

– Eu vivo em outro concelho e, por isso, este Administrador não vos pode lá ir buscar.

Mas o seu intento não se realizou, porque nós não quisemos ir e respondemos:

– Se nos matarem, é o mesmo; vamos para o Céu.

### 13. *Treze de Setembro*

Assim se aproximou o dia 13 de Setembro. Em este dia, a Santíssima Virgem, depois do que já tenho narrado, disse-nos:

– Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia.

Escusado será dizer que obedecemos pontualmente às Suas ordens. Como, em o mês passado, Nosso Senhor, segundo parece, tinha querido manifestar alguma coisa de extraordinário, minha mãe animava a esperança de que, agora, em este dia, esses factos seriam mais claros e evidentes. Mas como nosso bom Deus, talvez para dar-nos ocasião de Lhe oferecer algum sacrifício mais, permitiu que em este dia não transparecesse nenhum raio da Sua glória, minha mãe desanimou de novo e a perseguição em casa recomeçou de novo. Eram muitos os motivos por que se afligia. À perda total da Cova de Iria, que era uma bela pastagem para o nosso rebanho, e dos comestíveis que aí se recolhiam, vinha juntar-se a convicção, quase certa, como ela dizia, que os acontecimentos não passavam de simples quimeras e fantasias da imaginação de crianças. Uma de minhas irmãs não fazia quase outra coisa mais que ir-me chamar e ficar em meu lugar, pastoreando o nosso rebanho, para eu vir falar às pessoas que pediam para me ver e falar. Esta perda de tempo, para uma família rica, não seria nada; mas, para nós, que tínhamos de viver do nosso trabalho, era alguma coisa. Minha mãe viu-se, por este motivo, obrigada, passado não

muito tempo, a vender o nosso rebanho que fez, ao sustento da família, não pouca falta. De tudo isto eu era a culpada e tudo me deitavam em rosto nos momentos críticos. Espero que o nosso bom Deus me terá aceitado tudo, pois Lho ofereci, sempre contente por poder sacrificar-me por Ele e pelos pecadores. Por sua vez, minha mãe sofria tudo com uma paciência e resignação heróica; e se me repreendia e castigava, era porque me julgava mentirosa. Por vezes, completamente conforme com os desgostos que Nosso Senhor lhe enviava, dizia:

– Será tudo isto o castigo que Deus me manda pelos meus pecados? Se assim é, bendito seja Deus!

#### 14. *Espírito de sacrifício de Lúcia*

Uma vizinha lembrou-se um dia, não sei como, de dizer que uns Senhores me tinham dado não me lembro que quantia de dinheiro. Minha mãe, sem mais, chamou-me e perguntou-me por ele. Como eu lhe dissesse que não (*tinha*) recebido, quis então obrigar-me a entregar-lho e, para isso, serviu-se do cabo da vasoura. Quando eu já tinha o pó da roupa bastante bem sacudido, interveio uma de minhas irmãs, a Carolina, com uma outra rapariga nossa vizinha, chamada Virgínia, dizendo que tinham assistido ao interrogatório desses Senhores e que tinham visto que eles nada me haviam dado. Pude, assim defendida, retirar-me para o meu poço predilecto e oferecer aí mais este sacrifício a nosso bom Deus.

#### 15. *Uma visita curiosa*

Se me não engano, foi também no decurso deste mês que aí apareceu um jovem <sup>(22)</sup> que, pela sua elevada estatura, me fez tremer de medo. Quando vi entrar em casa, à minha procura, um Senhor que teve que curvar-se para caber na entrada da porta, julguei-me em presença dum alemão. E como, em esse tempo, estávamos em guerra e as famílias usavam meter medo às crianças, dizendo: – Aí vem um alemão para te matar – eu julguei-me, por isso, chegada ao último momento. O meu susto não passou

<sup>(22)</sup> Refere-se à visita do Dr. Carlos de Azevedo Mendes, no dia 8 de Setembro de 1917.



desapercebido ao dito jovem que procurou tranquilizar-me, sentando(-me) em seus joelhos e interrogando-me com toda a amabilidade. Terminado o seu interrogatório, pediu a minha mãe para me deixar ir ensinar-lhe o sítio das aparições e rezar aí com ele. Obteve a licença desejada e lá vamos. Mas eu estremei de pavor ao ver-me só, por aqueles caminhos, na companhia do desconhecido. Tranquilizou-me porém, a ideia de que, se me matava, ia ver a Nosso Senhor e a Nossa Senhora. Chegados ao local, posto de joelhos, pediu-me para rezar um Terço com ele e pedir à Santíssima Virgem uma graça que ele muito desejava: que uma tal menina consentisse em receber com ele o Sacramento do Matrimónio. Estranhou-me o pedido e pensei: se ela te tiver tanto medo como eu, nunca te dirá que sim! Terminada a reza do nosso Terço, o bom jovem acompanhou-me até perto do meu lugar e despediu-se amavelmente, recomendando-me o seu pedido. Desatei, então, em uma corrida desfeita até chegar à casa de meus tios, receando que ele ainda voltasse atrás. Qual não foi o meu espanto quando, no dia 13 de Outubro, me encontrei, de repente, depois das aparições, nos braços do dito personagem, nadando por em cima das cabeças do povo. Realmente estava bem, para que todos pudessem satisfazer a sua curiosidade de me ver! Passado pouco, o bom Senhor, como não via onde punha os pés, tropeçou em uns pedregulhos e caiu. Eu não caí, porque fiquei entalada entre as massas que me apertavam. Outros pegaram logo em mim e o dito personagem desapareceu, até que, passado algum tempo, lá apareceu, com (a) dita menina, já então sua esposa. Ia agradecer à Santíssima Virgem a graça recebida e pedir-Lhe uma copiosa bênção. Este jovem é hoje o senhor Dr. Carlos Mendes, de Torres Novas.

## 16. *Treze de Outubro*

Estamos, pois, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, em o dia 13 de Outubro. Neste dia, já V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> sabe tudo o que se passou (23). Desta aparição, as palavras que mais se me gravaram no coração foi o pedido da Nossa Santíssima Mãe do Céu:

(23) *Temos o precioso relatório do Pároco de Fátima; nos interrogatórios são mencionados os mesmos acontecimentos.*

– Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido.

Que amorosa queixa e que terno pedido! Quem me dera que ele ecoasse pelo mundo fora e que todos os filhos da Mãe do Céu ouvissem o som da Sua voz!

Tinha-se espalhado o boato que as autoridades haviam decidido fazer explodir uma bomba junto de nós, no momento da aparição. Não concebi, com isso, medo algum; e falando disto a meus primos, dissemos:

– Mas que bom, se nos for concedida a graça de subir dali com Nossa Senhora para o Céu!

No entanto, meus pais assustaram-se e, pela primeira vez, quiseram acompanhar-me, dizendo:

– Se a minha filha vai morrer, eu quero morrer a seu lado.

Meu pai levou-me, então, pela mão, até ao local das aparições. Mas, desde o momento da aparição, não o voltei mais a ver, até que me encontrei, à noite, no seio da família.

A tarde deste dia passeia-a com meus primos, como se fôssemos algum bicho curioso que as multidões procuram ver e observar! Cheguei à noite verdadeiramente cansada de tantas perguntas e interrogatórios. Estes nem com a noite acabaram. Várias pessoas, por não terem podido interrogar-me, ficaram para o dia seguinte, à espera de vez. Quiseram ainda, algumas, falar-me ao serão; mas eu, vencida pelo cansaço, deixei-me cair no chão a dormir. Graças a Deus, o respeito humano e o amor próprio, em aquela altura, ainda os não conhecia; e, por isso, estava à vontade diante de qualquer pessoa, como se estivesse com meus pais. No dia seguinte, continuaram-se os interrogatórios ou, para melhor dizer, nos dias seguintes, porque, desde então, quase todos os dias iam várias pessoas implorar a protecção da Mãe do Céu à Cova da Iria e todos queriam ver os videntes, fazer-lhes as suas perguntas e rezar com eles o seu Terço. Às vezes, sentia-me tão cansada de tanto repetir o mesmo e de rezar, que procurava um pretexto para me escusar e escapar. Mas essa pobre gente tanto insistia, que eu tinha de fazer um esforço, por vezes não pequeno, para os satisfazer. Repetia, então, a minha oração habitual, no fundo do meu coração: É por Vosso amor, meu Deus, em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre.

## 17. Interrogatórios de sacerdotes

Já disse a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, no escrito sobre a minha prima, como foram dois veneráveis Sacerdotes que nos falaram de Sua Santidade e da necessidade que tinha de orações. Desde então, não oferecemos a Deus oração ou sacrifício algum, em que não dirigíssemos uma súplica por Sua Santidade. E concebemos um amor tão grande ao Santo Padre que, quando, um dia, o Senhor Prior disse a minha mãe que provavelmente eu vinha a ter que ir a Roma, para ser interrogada por Sua Santidade, batia as palmas de contente, e dizia a meus primos:

– Que bom, se vou ver o Santo Padre!

E a eles caíam as lágrimas e diziam:

– Nós não vamos, mas oferecemos este sacrifício por Ele.

O Senhor Prior fez-me também o seu último interrogatório. O tempo determinado para os factos tinha acabado e Sua Rev.<sup>cia</sup> não sabia que dizer a tudo isto. Começou também por mostrar o seu descontentamento:

– Para que vai essa quantidade de gente prostrar-se em oração em um descampado, enquanto que o Deus vivo, o Deus dos nossos altares, Sacramentado, permanece solitário, abandonado no Tabernáculo? Para quê esse dinheiro que deixam ficar, sem fim algum, debaixo dessa carrasqueira, enquanto que a Igreja em obras não há maneira de se acabar, por falta de meios <sup>(24)</sup>?

Eu compreendia perfeitamente a razão das suas reflexões; mas, que lhe havia de fazer? Se eu fosse senhora dos corações destas pessoas, inclinava-os, por certo, para a Igreja. Mas, como não era, oferecia a Deus mais este sacrifício.

Como a Jacinta tinha o costume de, nos interrogatórios, baixar a cabeça, pôr os olhos no chão e não dizer quase palavra, eu era a chamada quase sempre para satisfazer a curiosidade dos Peregrinos. Era, por isso, continuamente chamada a casa do Senhor Prior, para ser interrogada por esta ou aquela pessoa, por este ou aquele Sacerdote. Veio, em uma ocasião, interrogar-me um Sacerdote de Torres Novas <sup>(25)</sup>. Fez-me um interrogatório tão

<sup>(24)</sup> *Pode concluir-se, pelos documentos de então, que uma das razões da saída do Pároco foi a dificuldade encontrada na construção da nova igreja.*

<sup>(25)</sup> *Cónego Ferreira, naquele tempo o Vigário de Torres Novas, confessou, um dia, que ele próprio tinha sido um destes interrogadores.*

minucioso, tão cheio de enredos, que fiquei com algum escrúpulo, por Lhe haver ocultado algumas coisas. Consultei meus primos sobre o caso:

– Não sei – lhes disse – se estamos fazendo mal em não dizer tudo. Quando nos perguntam se Nossa Senhora nos disse alguma coisa mais, não sei se, com dizer que nos disse o segredo, não mentimos, calando o resto.

– Não sei – respondeu a Jacinta. – Vê lá! Tu é que não queres que se diga.

– Já se vê que não quero, não – lhe respondi. – Para nos começarem a perguntar que mortificações fazemos? Não nos faltava mais nada! Olha: se tu te tens calado e não tens dito nada, agora ninguém sabia se tínhamos visto a Senhora, falado com Ela, como com o Anjo e ninguém precisava de o saber.

A pobre criança, ao ouvir as minhas razões, começou a chorar e, como em Maio, segundo o que já escrevi na sua história, pediu-me perdão. Fiquei, pois, com o meu escrúpulo, sem saber como resolver a minha dúvida. Passado pouco, apareceu outro sacerdote, de Santarém. Parecia irmão do primeiro ou, pelo menos, que se tinham ensaiado juntos: as mesmas perguntas e enredos, os mesmos modos de rir e fazer troça, até a estatura e feições pareciam quase as mesmas. Depois deste interrogatório, a minha dúvida aumentou e não sabia verdadeiramente que fazer. Pedia constantemente a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que me dissessem como havia de fazer:

– Ó meu Deus e minha Mãezinha do Céu, Vós sabeis que não Vos quero ofender com mentiras, mas bem vedes que não é bem dizer o mais que me dissestes!

Em meio desta perplexidade, tive a felicidade de falar com o Senhor Vigário do Olival <sup>(26)</sup>. Não sei porquê, Sua Rev.<sup>cia</sup> inspirou-me confiança e expus a Sua Rev.<sup>cia</sup> a minha dúvida. Já escrevi, no escrito sobre a Jacinta, como Sua Rev.<sup>cia</sup> nos ensinou a guardar o nosso segredo. Deu-nos ainda algumas instruções mais sobre a vida espiritual. Sobretudo, ensinou-nos o modo de dar gosto a Nosso Senhor em tudo e a maneira de Lhe oferecer um sem número de pequenos sacrifícios:

<sup>(26)</sup> Trata-se do Padre Faustino.

– Se vos apetecer comer uma coisa, meus filhinhos, deixai-a e, em seu lugar, comeis outra e ofereceis a Deus um sacrifício; se vos apetece brincar, não brincais e ofereceis a Deus outro sacrifício; se vos interrogam e não vos podeis escusar, é Deus que assim o quer; ofereceis-Lhe mais este sacrifício.

Compreendi, verdadeiramente, a linguagem do venerável Sacerdote e como fiquei a gostar dele! Sua Rev.<sup>cia</sup> não perdeu mais de vista a minha alma e, de vez em quando, dignava-se, ou passar por ali, ou se servia duma piedosa viúva que vivia em um lugarzito perto do Olival <sup>(27)</sup>; chamava-se Senhora Emília. Esta piedosa mulher ia várias vezes à Cova de Iria rezar. Depois, passava por minha casa, pedia para me deixarem ir passar uns dias com ela e depois levava-me a casa do Senhor Vigário. Sua Rev.<sup>cia</sup> tinha a bondade de me mandar ficar dois ou três dias em sua casa, dizendo que era para fazer companhia a uma sua irmã <sup>(28)</sup>. Tinha, então, a paciência de passar a sós comigo largas horas, ensinando-me a praticar a virtude e guiando-me com os seus sábios conselhos. Sem eu, então, compreender nada de direcção espiritual, posso dizer que foi o meu primeiro director. Conservo, pois, deste venerável Sacerdote gratas e santas recordações.

### *III. DEPOIS DAS APARIÇÕES*

#### *1. Lúcia vai à escola*

Que coisa, estou a escrever para aqui, sem rei nem roque, como se costuma dizer; e já vou deixando para trás algumas coisas. Mas estou fazendo como V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> me disse: que escrevesse à maneira que me fosse recordando, com toda a simplicidade. Assim, pois, o quero fazer, sem me importar de ordem nem estilo. Parece-me que, assim, a minha obediência é mais perfeita e, portanto, mais agradável a Nosso Senhor e ao Imaculado Coração de Maria.

Volto, pois, à casa paterna. Já disse a V. Ex.<sup>cia</sup> que minha mãe teve de vender o nosso rebanho, ficando apenas com umas três

<sup>(27)</sup> O lugar chama-se Soutaria. A casa da Sr<sup>ª</sup> Emília foi transformada em capela.

<sup>(28)</sup> O Sr. Dr. Galamba corrigiu para sobrinha no seu livro «Jacinta»

ovelhas que levávamos atrás de nós para os campos, e, quando não íamos, dávamos-lhes alguma coisa de comer, no curral. Minha mãe mandou-me, então, à escola; e, no tempo que me ficava livre, queria que aprendesse a tecer e a costurar. Assim, tinha-me segura em casa e não tinha que perder tempo à minha procura.

Um belo dia falaram a minhas irmãs para irem, com outras raparigas, fazer as vindimas dum rico Senhor de Pé de Cão <sup>(29)</sup>. Minha mãe resolveu que elas iriam, mas que eu ia também com elas. (Também já disse, no princípio, que minha mãe tinha o costume de não as deixar ir a parte alguma sem me levarem).

## 2. *Atitude do Pároco*

Por esta ocasião, o Senhor Prior começou também a preparar as crianças para uma comunhão solene. Como desde os 6 anos que eu repetia a comunhão solene, minha mãe resolveu que este ano não a faria. Por este motivo, não fui à explicação da doutrina. Ao sair da escola, enquanto as demais crianças iam para a varanda do Senhor Prior, eu vinha para casa continuar a minha costura ou a teia. O bom Pároco levou a mal a minha falta à doutrina e sua irmã, um dia, ao sair da escola, mandou-me chamar por uma outra criança. Esta encontrou-me já a caminho de Aljustrel, junto da casita dum pobre homem a quem chamavam o Caracol. Disse-me que a irmã do Senhor Prior me mandava chamar, por isso, que fosse lá. Julgando que era para algum interrogatório, desculpei-me, dizendo que minha mãe me tinha mandado ir em seguida para casa; e, sem mais, deitei a correr como uma tonta, pelos campos fora, em busca dum esconderijo onde não pudesse ser encontrada. Mas, desta vez, a brincadeira saiu-me cara.

Passados poucos dias, houve na Freguesia uma festa, cuja Missa vieram a cantar vários Sacerdotes de fora. Ao terminar a festa, o Senhor Prior mandou-me chamar e, diante de todos aqueles Sacerdotes, repreendeu-me severamente por não ter ido à doutrina, por não ter acudido ao chamamento de sua irmã, enfim, todas as minhas misérias ali apareceram; e o sermão foi-se prolongando

<sup>(29)</sup> *Esta propriedade, nas proximidades de Torres Novas, pertenceu ao Engenheiro Mário Godinho. Ele mesmo fez, em 13 de Julho de 1917, a primeira fotografia que possuímos das crianças.*

por largo tempo. Por fim, não sei como, apareceu ali um venerável Sacerdote que procurou advogar a minha causa. Quis desculpar-me, dizendo que talvez fosse a minha mãe que me não deixava. Mas o bom Pároco respondeu:

– A mãe? A mãe é uma santa! Ela é que é uma criatura que ainda estamos para ver o que daqui vai sair!

O bom Sacerdote, que vinha a ser o Senhor Vigário de Torres Novas, perguntou-me, então, amavelmente, o motivo por que não tinha ido à doutrina. Expus, então, a determinação que minha mãe tinha tomado. Parecendo não acreditar, o Senhor Prior mandou-me chamar a minha irmã Glória, que ali estava no adro, para se informar da verdade. Depois de saber que as coisas eram como eu acabava de dizer, concluiu:

– Pois bem: ou a menina agora há-de vir, estes dias que faltam, à doutrina e, depois de fazer a confissão comigo, receber a comunhão solene com as demais crianças ou, então, na Freguesia, não torna a receber a comunhão.

Ao ouvir tal proposta, minha irmã apresentou que, 5 dias antes, eu devia partir com elas e que nos fazia muito desarranjo; que, se Sua Rev.<sup>cia</sup> queria, que eu me ia confessar e comungar em outro dia, antes de partir. O bom Pároco não atendeu a pedidos e manteve firme a sua proposta.

Ao chegar a casa, informámos minha mãe que ainda foi também pedir a Sua Rev.<sup>cia</sup> para me confessar e dar a Sagrada Comunhão em outro dia. Mas tudo foi inútil. Minha mãe decidiu, então, que, além de ser longíssimo, era preciso ir por caminhos péssimos, atravessar montes e serras, que, depois do dia da comunhão solene, meu irmão faria a viagem para me lá ir levar. Eu creio que suava tinta só com a ideia de ter de me confessar com o Senhor Prior! Que medo que eu lhe tinha! Chorava de aflição. Chegou a véspera e Sua Rev.<sup>cia</sup> mandou que todas as crianças, à tarde, fossem à Igreja, para se confessarem. Lá fui, pois, com o coração mais apertado do que se estivesse em uma prensa.

Ao entrar na Igreja, vi que havia vários Sacerdotes confessando. Em um confessional, ao fundo, estava o Senhor Padre Cruz, de Lisboa. Eu já tinha falado com Sua Rev.<sup>cia</sup>, de quem tinha gostado muito. Sem reparar que em confessional aberto, a meio da Igreja, estava o Senhor Prior notando tudo, pensei: Primeiro,

vou confessar-me ao Senhor Padre Cruz e perguntar-lhe como hei-de fazer; e depois vou, então, ao Senhor Prior.

O Senhor Dr. Cruz recebeu-me com toda a amabilidade e, depois de me ouvir, deu-me os seus conselhos, dizendo que, se não queria ir junto do Senhor Prior, que não fosse; e que, por isso, Sua Rev.<sup>cia</sup> não me poderia negar a comunhão. Radiante com tais conselhos, rezei a penitência e escapei-me da Igreja, com medo que alguém me chamasse. No dia seguinte, lá fui com o meu vestido branco, receando ainda que a comunhão me fosse negada. Mas Sua Rev.<sup>cia</sup> contentou-se, por então, com fazer-me saber, no fim da festa, que não lhe tinha passado desapercibida a minha falta de obediência em ir-me confessar com outro Sacerdote.

O bom Pároco continuou a mostrar-se cada vez mais descontente e perplexo a respeito dos factos e, um belo dia, deixou a Freguesia. Espalhou-se, então, a notícia que Sua Rev.<sup>cia</sup> havia saído por minha causa <sup>(30)</sup>, por não querer assumir a responsabilidade dos factos. Como era um Pároco zeloso e querido do povo, não me faltou, por isso, que sofrer. Algumas piedosas mulheres, quando me encontravam, desafogavam o seu desgosto, dirigindo-me insultos; e, por vezes, despediam-me com um par de bofetadas ou pontapés.

### 3. *Comunhão no sofrimento*

A Jacinta e o Francisco poucas vezes tomavam parte em estes mimos que o Céu nos enviava, porque seus pais não consentiam que ninguém lhes tocasse. Mas sofriam por me ver sofrer e não poucas vezes as lágrimas lhes banharam as faces, por me verem aflita ou mortificada.

Um dia, a Jacinta dizia-me:

– Quem me dera que meus pais fossem como os teus, para que esta gente também me pudesse bater, porque, assim, tinha mais sacrifícios para oferecer a Nosso Senhor.

No entanto, ela sabia bem aproveitar as ocasiões de se mortificar. Tínhamos também, por costume, de vez em quando,

<sup>(30)</sup> *Isso, certamente, não foi a razão da sua saída. A dificuldade que o Pároco tinha com os seus paroquianos, na construção da Igreja, terá sido a verdadeira causa..*



oferecer a Deus o sacrifício de passar uma novena ou um mês sem beber. Fizemos uma vez este sacrifício em pleno mês de Agosto, em que o calor era sufocante. Voltávamos, um dia, de haver ido rezar o nosso Terço à Cova de Iria e, ao chegar junto duma lagoa, que fica à beira do caminho, diz-me a Jacinta:

– Olha: tenho tanta sede e dói-me tanto a cabeça! Vou beber uma pouquita desta água.

– Desta, não – lhe respondi. – Minha mãe não (*quer*) que bebamos daqui, porque faz mal. Vamos ali pedir uma pouquita à ti Maria dos Anjos. (Era uma nossa vizinha que há pouco se tinha casado e vivia aí em uma casita).

– Não! Dessa água boa não quero. Bebia desta, porque, em vez de oferecer a Nosso Senhor a sede, oferecia-Lhe o sacrifício de beber desta água suja.

Na verdade, a água desta lagoa era sujíssima. Várias pessoas aí lavavam a roupa e os animais iam aí beber e banhar-se; por isso, minha mãe tinha o cuidado de recomendar a seus filhos que não bebessem dessa água.

Outras vezes, dizia:

– Nosso Senhor deve estar contente com os nossos sacrifícios, porque eu tenho tanta, tanta sede! Mas não quero beber; quero sofrer por Seu amor.

Um dia, estávamos sentados no portal da casa de meus tios, quando notamos que se aproximam várias pessoas. O Francisco, comigo, sem tempo para mais, corremos cada um para seu quarto a esconder-nos debaixo das camas. A Jacinta diz:

– Eu não me escondo. Vou oferecer a Nosso Senhor este sacrifício.

Essas pessoas aproximaram-se, falaram com ela, esperaram largo tempo, enquanto que nos procuravam e, por fim, foram embora. Saí, então, do meu esconderijo e perguntei-lhe:

– Que respondeste, quando te perguntaram se sabias de nós?

– Não respondi nada. Baixei a cabeça, pus os olhos no chão e não disse nada. Faço sempre assim, quando não quero dizer a verdade; e mentir também não quero, porque é pecado mentir.

Na verdade, ela tinha muito o costume de proceder assim e era escusado cansarem-se a fazer-lhe perguntas, que não lhe obtinham a mínima resposta. Sacrifícios desta espécie, por ordinário, se nos podíamos escapar, não nos dispúnhamos a oferecê-los.

Um outro dia, estávamos sentados a alguns passos da casa deles, à sombra de duas figueiras que caem sobre o caminho. O Francisco afastou-se um pouco, brincando. Notando que se aproximavam várias senhoras, corre a dar-nos a notícia. Como em esse tempo se usavam uns chapéus com umas abas quase do tamanho duma peneira, pensámos que, com semelhante cartapácio, elas não nos veriam; e, sem mais, subimos para cima das figueiras. Logo que as senhoras passaram, descemos apressadamente e, em precipitada fuga, fomo-nos esconder entre um campo de milho.

Esta nossa maneira de escapar, sempre que podíamos, constituía também uma queixa do Senhor Prior; e, em especial, Sua Rev.<sup>cia</sup> queixava-se de que nos escapávamos em especial dos Sacerdotes. Era certo, e Sua Rev.<sup>cia</sup> tinha razão. Mas era porque também, em especial os Sacerdotes, nos interrogavam reinterrogavam e tornavam a interrogar. Quando nos víamos em presença dum Sacerdotes, já nos dispúnhamos para oferecer a Deus um dos nossos maiores sacrifícios.

#### 4. *Proibição da peregrinação*

Entretanto, o Governo não se conformava com os progressos dos acontecimentos. Tinham posto, no local das aparições, uns paus, à maneira de arco, com umas lanternas que algumas pessoas tinham o cuidado de conservar acesas. Mandaram, pois, uma noite, alguns homens com um automóvel, para derrubar os ditos paus, cortar a carrasqueira onde se tinha dado a aparição e levá-la de rasto atrás do automóvel. Pela manhã, espalhou-se, rápida, a notícia do acontecido. Lá fui correndo, para ver se era verdade. Mas qual não foi a minha alegria, quando notei que os pobres homens se tinham enganado e que, em vez da carrasqueira, tinham levado uma das azinheiras contíguas! Pedi, então, a Nossa Senhora perdão para esses pobres homens e rezei pela sua conversão.

Passado algum tempo, em um dia 13 de Maio, não me lembro se de 1918 se 19<sup>(31)</sup>, ao amanhecer, correu a notícia que, em Fátima, estava uma força de cavalaria, para impedir ao povo a ida

<sup>(31)</sup> Foi a 13 de Maio de 1920. Há datas que a própria Lúcia não pode identificar.

à Cova de Iria. Toda a gente meia assustada me ia levar a notícia, dizendo que, decerto, era aquele dia o último da minha vida. Sem fazer caso do que me diziam, pus-me a caminho para a Igreja. Ao chegar a Fátima, passei por entre os cavalos que cobriam o adro, entrei na Igreja, ouvi Missa que celebrou um Sacerdote desconhecido, fiz a Sagrada Comunhão e, depois de dar graças, em paz voltei para casa, sem que ninguém me dissesse uma palavra. Não sei se me viram, se me não ligaram importância.

À tarde, apesar das notícias que constantemente chegavam de que a tropa fazia esforços por afastar o povo, sem o conseguir, lá fui também para rezar lá o meu Terço. No caminho, juntou-se a mim um grupo de mulheres que tinham vindo de fora.

Quando me aproximava já do local, vêm ao encontro do grupo dois militares, fustigando apressadamente os seus cavalos, para nos alcançarem. Ao chegar junto de nós, perguntam para onde vamos. Ao ouvirem a resposta ousada das mulheres – que não lhes importava – fustigaram os cavalos, fazendo menção de querer atropelar-nos. As mulheres deitaram a fugir, cada uma para seu lado e, em um momento, encontrava-me só, em presença dos dois cavaleiros. Perguntaram-me, então, o meu nome, o que eu disse sem hesitar. Perguntaram-me se era, então, a tal vidente. Respon-di que sim. Deram-me, então, ordem de passar para o meio da estrada e de caminhar no meio dos dois cavalos, indicando o caminho para Fátima.

Ao aproximar-se da lagoa de que já tenho falado aí atrás, uma pobre mulher que aí vivia, de quem há pouco também falei, ao avistar-me a alguma distância, assim entre os cavalos, sai para o meio da estrada e, como se fora outra Verónica, procura incutir-me coragem. Os soldados obrigam-na a retirar-se sem perca de tempo e a pobre mulher fica em um pranto desfeito, lamentando a minha desgraça. Alguns passos adiante, mandam-me parar e perguntam-me se aquela mulher é minha mãe. Respon-di que não. Eles não acreditaram e perguntaram se aquela casa não era a minha. De novo lhes disse que não. Eles, então, parecendo não acreditarem, mandaram-me seguir um pouco adiante, até à casa de meus pais.

Ao chegar a um terreno que fica um pouco antes de se entrar em Aljustrel, perto duma pequena fonte, ao verem aí abertas umas

covas para tanchões, mandaram-me parar e, talvez para me assustar, disseram um para o outro:

– Aqui estão covas abertas. Com uma das nossas espadas cortamos-lhe a cabeça e aqui a deixamos, já enterrada. Assim acabamos com isto numa vez para sempre.

Ao ouvir este discurso, julguei-me realmente chegada ao meu último momento; mas fiquei tanto em paz como se nada fosse comigo. Passado um momento, em que pareceu ficarem pensativos, o outro respondeu:

– Não, não temos autorização para isso.

E mandaram-me continuar o meu caminho. Atravessei, assim, a nossa pequena aldeia, até chegar à casa de meus pais. Toda a gente vinha às janelas e portas ver o que se passava. Uns riam de troça, outros lamentavam, com pena, a minha sorte. Ao chegar a minha casa, mandaram-me chamar meus pais. Não estavam. Um apeou-se, então, para ver se estavam escondidos. Deu uma busca à casa e, depois, não os encontrando, deu-me ordem de não sair dali mais, aquele dia; e, montando no seu cavalo, foram-se embora.

Ao cair da tarde, correu a notícia de que a tropa se tinha retirado, vencida pelo povo; e ao pôr do sol, eu rezava o meu Terço na Cova de Iria, acompanhada por centenas de pessoas. Segundo contaram depois, quando eu ia assim presa, foram algumas pessoas avisar minha mãe do que se passava. Ela respondeu:

– Se é certo que ela viu Nossa Senhora, Nossa Senhora a defenderá; e se ela mente, é bem que seja castigada.

E permaneceu, como antes, em paz. Agora, perguntar-me-á alguém:

– E enquanto se passou tudo isso, que foi feito dos seus companheiros?

– Não sei. Não (*me*) lembro nada deles neste momento. Talvez que os pais, em vista das notícias que corriam, os não deixassem sair de casa neste dia.

##### 5. *A mãe de Lúcia adoecer gravemente*

O Senhor devia comprazer-se em ver-me sofrer, pois me preparava agora um cálix bem mais amargo, que dentro em pouco me dará a beber. Minha mãe cai gravemente enferma e a tal ponto

que, um dia, a julgámos agonizante. Foram, então, todos os seus filhos junto da sua cama, para receber a sua última bênção e beijar-lhe a mão moribunda. Por ser a mais nova, fui a última. Minha pobre mãe, ao ver-me, reanimou-se um pouco, lançou-me os braços ao pescoço e, suspirando, exclamou:

– Minha pobre filha! Que será de ti sem mãe? Morro contigo atravessada no coração.

E, prorrompendo em amargos soluços, apertava-me cada vez mais. Minha irmã mais velha arrancou-me de seus braços, à força; e, levando-me à cozinha, proibiu-me voltar mais ao quarto da doente e concluiu, dizendo:

– A mãe morre amargurada com os desgostos que tu lhe tens dado.

Ajoelhei-me, inclinei a cabeça sobre um banco e, numa profunda amargura, qual ainda não tinha experimentado, oferecia a nosso bom Deus o meu sacrifício. Poucos momentos depois, as minhas duas irmãs mais velhas, vendo o caso perdido, voltam junto de mim e dizem-me:

– Lúcia, se é certo que tu viste Nossa Senhora, vai agora à Cova da Iria, pede-lhe que cure a nossa mãe. Promete-Lhe o que quiseres, que o faremos; e então acreditaremos.

Sem me deter nem um momento, pus-me a caminho. Para não ser vista, fui por uns atalhos que havia entre campos, rezando até lá o Rosário. Fiz à Santíssima Virgem o meu pedido; desafoguei aí a minha dor, derramando copiosas lágrimas e voltei para casa, confortada com a esperança de que a minha querida Mãe do Céu me daria a saúde da da terra.

Ao entrar em casa, minha querida mãe já sentia algumas melhoras; e, passados três dias, podia já desempenhar os seus trabalhos domésticos.

Eu tinha prometido à Santíssima Virgem, se Ela me concedesse o que eu lhe pedia, ir aí, durante nove dias seguidos, acompanhada de minhas irmãs, rezar o Rosário e ir, de joelhos, desde o cimo da estrada até ao pé da carrasqueira; e, no último dia, levar 9 crianças pobres e dar-lhes, no fim, um jantar. Fomos, pois, cumprir a minha promessa, acompanhadas de minha mãe que dizia:

– Que coisa! Nossa Senhora curou-me e eu parece que ainda não acredito! Não sei como isto é!

## 6. *Morte do pai*

Nosso bom Deus deu-me esta consolação, mas de novo me batia à porta com outro sacrifício, nada mais pequeno. Meu pai era um homem sadio, robusto, que dizia não saber que coisa era uma dor de cabeça. E, em menos de 24 horas, quase de repente, uma pneumonia dupla levava-o para a eternidade <sup>(32)</sup>. Foi tal a minha dor, que julguei morrer também. Ele era o único que continuava a mostrar-se meu amigo e que nas discussões que contra mim se levantavam, em família, era o único que me defendia.

– Meu Deus, meu Deus! – exclamava eu, retirada no meu quarto –. Nunca pensei que me tivesses guardado tanto sofrimento! Mas sofro por Teu amor, em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, pelo Santo Padre e pela conversão dos pecadores.

## 7. *Doença da Jacinta e do Francisco*

Por este tempo, a Jacinta e o Francisco começaram também a piorar <sup>(33)</sup>. A Jacinta dizia-me, às vezes:

– Sinto uma dor tão grande no peito! Mas não digo nada a minha mãe; quero sofrer por Nosso Senhor, em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, pelo Santo Padre e pela conversão dos pecadores.

Quando, um dia, pela manhã, cheguei junto dela, perguntou-me:

– Quantos sacrifícios ofereceste, esta noite, a Nosso Senhor?

– Três: levantei-me três vezes a rezar as orações do Anjo.

– Pois eu ofereci-Lhe muitos, muitos; não sei quantos foram, porque tive muitas dores e não me queixei.

O Francisco era mais calado. Fazia, por ordinário, tudo que nos via fazer a nós e raras vezes sugeria coisa alguma. Na sua doença, sofria com uma paciência heróica, sem nunca deixar escapar um gemido, nem a mais leve queixa. Perguntei-lhe, um dia, pouco antes dele morrer:

<sup>(32)</sup> O pai da Lúcia morreu em 31 de Julho de 1919.

<sup>(33)</sup> Francisco e Jacinta adoecem quase ao mesmo tempo, em fins de Outubro de 1918.

– Francisco, sofres muito?

– Sim; mas sofro tudo por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora.

Um dia, deu-me a corda, de que já falei e disse-me:

– Toma; leva-a, antes que minha mãe a veja. Agora já não sou capaz de a ter à cinta.

Tomava tudo o que a mãe lhe levava e não cheguei a saber se alguma coisa lhe repugnava.

Assim chegou ao dia feliz de partir para o Céu <sup>(34)</sup>. Na véspera, disse(-me) a mim e à sua irmãzinha:

– Vou para o Céu, mas lá hei-de pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que as levem também para lá, depressa.

Parece-me que já descrevi, no escrito sobre a Jacinta, quanto esta separação nos custou. Por isso, não o repito agora aqui.

A Jacinta ficou, pois, já na sua doença que pouco a pouco se foi agravando. Tão-pouco vou agora a descrevê-la, porque também já o fiz. Apenas vou contar um ou outro acto de virtude que lhe vi praticar e que me parece que ainda não descrevi.

Sua mãe sabia quanto lhe repugnava o leite. Um dia, levou-lhe, junto com a xícara do leite, um belo cacho de uvas.

– Jacinta – lhe disse – toma lá. Se não puderes tomar o leite, deixa-o ficar e come as uvas.

– Não, minha mãe, as uvas não as quero; leve-as. Dê-me antes o leite que o tomo.

E, sem mostrar a mínima repugnância, tomou-o. Minha tia retirou-se contente, pensando que o fastio da sua filhinha ia desaparecendo. Depois voltou-se para mim e disse-me:

– Apeteciam-me tanto aquelas uvas e custou-me tanto tomar o leite! Mas quis oferecer este sacrifício a Nosso Senhor.

Um outro dia, pela manhã, encontrei-a muito desfigurada e perguntei-lhe se se achava pior.

– Esta noite – respondeu ela – tive muitas dores e quis oferecer a Nosso Senhor o sacrifício de não me voltar na cama, por isso não dormi nada.

<sup>(34)</sup> *Francisco morre em casa dos pais, em Aljustrel, a 4 de Abril de 1919.*

Outra vez disse-me:

– Quando estou só, desço da cama para rezar as orações do Anjo; mas agora já não sou capaz de chegar com a cabeça ao chão, porque caio. Rezo só de joelhos.

Um dia, tive ocasião de falar com o Senhor Vigário, Sua Rev.<sup>cia</sup> perguntou-me pela Jacinta e como estava. Disse o que me parecia do seu estado de saúde e depois contei a Sua Rev.<sup>cia</sup>, como ela me tinha dito, que já não era capaz de se inclinar até ao chão, para rezar. Sua Rev.<sup>cia</sup> mandou-me, então, dizer-lhe que não queria que descesse mais da cama para rezar; que deitada, rezasse só o que pudesse, sem se cansar. Dei-lhe o recado, na primeira ocasião que tive, e ela perguntou:

– E Nosso Senhor ficará contente?

– Fica – lhe respondi. – Nosso Senhor quer que a gente faça o que o Senhor Vigário nos manda.

– Então está bem; nunca mais me torno a levantar.

Eu gostava, sempre que podia, (*de*) ir ao Cabeço, à nossa lapa predilecta rezar. Como a Jacinta gostava tanto de flores, à volta colhia um ramo, na encosta, de lírios e peónias, quando os havia, e levava-lho, dizendo:

– Toma! São do Cabeço.

Ela pegava nelas e, às vezes, dizia, com as lágrimas a banhar-lhe as faces:

– Nunca mais lá torno! Nem aos Valinhos, nem à Cova da Iria! E tenho tantas saudades!

– Mas que te importa, se vais para o Céu ver a Nosso Senhor e a Nossa Senhora?

– Pois é! – respondia.

E ficava contente, desfolhando o seu ramo de flores e contando as pétalas de cada uma.

Poucos dias depois de adoecer, entregou-me a corda que usava, dizendo:

– Guarda-ma, que tenho medo que a minha mãe ma veja. Se eu melhorar, quero-a outra vez.

Esta corda tinha três nós e estava algo manchada de sangue. Conservei-a escondida até sair definitivamente de casa de minha mãe. Depois, não sabendo o que lhe fazer, queimei-a, com a de seu Irmãozinho.



## 8. *Também a Lúcia adocece*

Várias pessoas que aí iam, de fora, ao verem-me com uma cara amarelenta e meia anémica, pediam a minha mãe para me deixar ir uns dias para suas casas, dizendo que a mudança de ares me fazia bem. Com este intento, minha mãe dava o seu consentimento e lá me levavam, ora para umas partes, ora para outras.

Nestas viagens nem sempre encontrava estima e carinho. Ao lado das pessoas que me admiravam e julgavam santa, havia sempre outras que me vituperavam e chamavam hipócrita, visionária e feiticeira. Era o nosso bom Deus a deitar o sal na água, para que ela se não corrompesse. E assim, graças a esta Divina Providência, passei pelo fogo sem me queimar, nem chegar a conhecer aquele bichinho da vaidade que tudo costuma carcomer. Nestas ocasiões, eu costumava pensar: Todos se enganam: nem sou uma santa, como alguns dizem, nem uma mentirosa, como dizem outros; só Deus sabe o que sou.

Ao voltar, corria junto da Jacinta que me dizia:

– Olha, não voltes a ir. Já tinha tantas saudades tuas! Desde que foste embora, não falei com ninguém; com os outros não sei falar.

Chegou, por fim, o tempo de ela partir para Lisboa. Já escrevi a nossa despedida, por isso não a repito aqui. Que tristeza que eu senti ao ver-me só! Em tão pouco tempo, o nosso bom Deus levava-me para o Céu o meu querido pai, em seguida o Francisco e agora a Jacinta que eu não tornaria a ver neste mundo. Logo que pude, retirei-me para o Cabeço; internei-me na caverna do rochedo, para aí, a sós com Deus, desafogar a minha dor e derramar, com abundância, as lágrimas do meu pranto. Ao descer a encosta, tudo me recordava os meus queridos companheiros: pedras onde tantas vezes nos havíamos sentado; as flores que eu já não colhia, por não ter a quem as levar; os Valinhos onde, juntos, tínhamos gozado as delícias do Paraíso! Como que duvidando da realidade e meia abstracta, entrei, um dia, em casa de minha tia, dirigindo-me ao quarto da Jacinta, chamando por ela. Sua irmãzinha Teresa, ao ver-me assim, embargou-me os passos, dizendo que a Jacinta já ali não estava!

Passado pouco tempo, chegou a notícia de que havia voado ao Céu <sup>(35)</sup>. Trouxeram, então, o seu cadáver para Vila Nova de Ourém. Minha tia lá me levou um dia, junto dos restos mortais da sua filhinha, com a esperança de, assim, me distrair. Mas, por longo tempo, a minha tristeza parecia aumentar cada vez mais. Quando encontrava o cemitério aberto, sentava-me junto da campa do Francisco ou de meu pai e aí passava longas horas.

Graças (*a Deus*) que, passado algum tempo, minha mãe resolveu ir a Lisboa e levar-me consigo <sup>(36)</sup>. Por intermédio do Senhor Dr. Formigão, uma piedosa senhora recebe-nos em sua casa e ofereceu-se para pagar a minha educação em um colégio, se eu quisesse ficar. Minha mãe e eu aceitámos, reconhecidas, a generosa oferta da caritativa senhora, de nome D. Assunção Avelar. Minha mãe, depois de haver consultado os médicos e ouvir que necessitava de uma operação aos rins e espinha, mas que eles não se responsabilizavam pela sua vida, em vistas de ter também uma lesão cardíaca, voltou para casa, deixando-me entregue aos cuidados dessa senhora. Quando já estava com tudo pronto e o dia marcado para entrar no colégio disseram que o Governo tinha sabido que eu estava em Lisboa e que me procurava. Levaram-me, então, para Santarém, para casa do Senhor Dr. Formigão, onde estive alguns dias escondida, sem, nem sequer, me deixarem ir à Missa. E, por fim, a irmã de Sua Rev.<sup>cia</sup> veio-me trazer a casa de minha mãe, prometendo arranjar a minha entrada em um colégio que, então, tinham as Religiosas Doroteias em Espanha; e que, logo que estivesse tudo arranjado, me iriam buscar. Com todas estas coisas, distraí-me alguma coisa, e aquela tristeza acabrunhadora foi-me passando.

## 9. Primeiro encontro com o Bispo

Por este tempo, V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> entrava em Leiria <sup>(37)</sup> e o nosso bom Deus confiava, aos seus cuidados, um pobre rebanho há lar-

<sup>(35)</sup> *Jacinta morre em Lisboa, no Hospital D. Estefânia, a 20 de Fevereiro de 1920, pelas 22.30 horas.*

<sup>(36)</sup> *Lúcia esteve em Lisboa de 7 de Julho até 6 de Agosto de 1920. A seguir foi a Santarém e daqui regressou a Aljustrel, em 12 de Agosto.*

<sup>(37)</sup> *O novo Bispo, D. José Alves Correia da Silva, entrou na Diocese em 5 de Agosto de 1920.*

gos anos sem Pastor. Não faltou quem julgasse assustar-me com a chegada de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, como já doutra vez tinham feito com um venerável Sacerdote, dizendo que V. Ex.<sup>cia</sup> sabia tudo, que adinvitava e penetrava no íntimo das consciências e que, agora, iria descobrir todas as minhas intrujices. Longe de me assustar, ansiava por lhe falar e pensava: Se é certo que sabe tudo, sabe que falo verdade.

Assim, logo que uma boa senhora de Leiria se ofereceu para me levar junto de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, aceitei, gostosa, a proposta. Lá fui, na expectativa do feliz momento. Chegou, enfim, esse dia. E ao chegar ao Paço, mandaram-me entrar, com essa senhora, em uma sala e esperar um pouco. Veio, passados alguns momentos, o Secretário <sup>(38)</sup> de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> que falou amavelmente com a Senhora D. Gilda, que me acompanhava, fazendo-me, de vez em quando, algumas perguntas. Como já me tinha confessado duas vezes a Sua Rev.<sup>cia</sup>, já o conhecia; e, por isso, a sua conversação foi-me agradável.

Passado um pouco, veio o Senhor Dr. Marques dos Santos <sup>(39)</sup>, com os seus sapatos de fivela e envolvido na sua grande capa. Era a primeira vez que eu assim via vestido um Sacerdote e, por isso, chamou-me mais a atenção. Começou, pois, a desenvolver o seu reportório de perguntas que parecia não terem fim. De vez em quando ria-se, com um ar de troça das minhas respostas e o momento de falar com o Senhor Bispo não havia maneira de chegar. Por fim, veio de novo o Secretário de V. Ex.<sup>cia</sup> dizer à senhora que me acompanhava que, quando o Senhor Bispo chegasse, que se desculpasse, dizendo que tinha que ir a um recado, e que se retirasse, porque, dizia Sua Rev.<sup>cia</sup>, pode ser que Sua Ex.<sup>cia</sup> lhe queira alguma coisa em particular. Ao ouvir este recado, exultei de alegria e pensei: O Senhor Bispo, como sabe tudo, não me fará muitas perguntas e está só comigo; mas que bom!

A boa senhora soube bem fazer a parte, quando V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> chegou; e, assim, tive a felicidade de falar a sós com V. Ex.<sup>cia</sup>. O que em essa entrevista se passou não vou agora descrevê-lo, porque V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> decerto o recorda melhor do que eu. Na verdade, quando vos vi, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor, receber-me com tanta

<sup>(38)</sup> *Padre Augusto de Sousa Maia (†1959)*

<sup>(39)</sup> *Mons. Manuel Marques dos Santos (1892-1971)*

bondade, sem me fazer a mínima pergunta curiosa ou inútil, interessando-vos apenas pelo bem da minha alma e prontificando-vos a tomar conta da pobre ovelhinha que o Senhor acabava de vos confiar, fiquei, mais do que nunca, crente que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> tudo sabia; e não hesitei um momento em me abandonar nas vossas mãos. As condições impostas por V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> para o conseguir, para o meu natural, eram fáceis: guardar perfeito segredo de tudo que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> me tinha dito e ser boa. Lá me fui guardando para mim o meu segredo, até ao dia em (*que*) V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> mandou pedir o consentimento da minha mãe.

#### 10. *Despedida de Fátima*

Marcou-se, por fim, o dia da partida. Na véspera, fui, pois, com o coração esmagado de saudades, despedir-me de todos os nossos terrenos, bem certa de que era a última vez que os pisava: do Cabeço, da Rocha, dos Valinhos, da Igreja Paroquial, onde o bom Deus tinha começado a obra da Sua misericórdia, e do Cemitério, onde deixava os restos mortais do meu querido pai e do Francisco, que ainda não tinha podido esquecer. Do nosso poço despedi-me já alumiada pelo pálido clarão da lua, e da velha eira, onde tantas vezes tinha passado longas horas, contemplando o lindo Céu estrelado e as maravilhas do nascer e pôr do sol, que por vezes me encantava, fazendo brilhar os seus raios nas gotas de orvalho que pela manhã cobriam as montanhas, como se fossem pérolas e, à tarde, os flocos de neve, quando esta caía durante o dia, pendentes dos pinheiros, que faziam lembrar as belezas do Paraíso.

Sem me despedir de ninguém, no dia seguinte <sup>(40)</sup>, às duas da manhã, acompanhada de minha mãe e dum pobre trabalhador que vinha para Leiria, chamado Manuel Correia, pus-me a caminho, levando inviolável o meu segredo. Passámos pela Cova da Iria, para aí fazer as minhas últimas despedidas. Rezei, aí, pela última vez, o meu Rosário; e, enquanto avistei o local, fui-me voltando para trás, como que a dizer-lhe o meu último adeus.

<sup>(40)</sup> *Lúcia deixou Aljustrel na madrugada de 16 de Junho de 1921 e chegou a Leiria algumas horas depois. De lá continuou a viagem até ao colégio do Porto, onde chegou na manhã seguinte.*

Chegámos a Leiria, aí pelas nove da manhã. Lá me encontrei com a Senhora D. Filomena Miranda, mais tarde minha madrinha de Crisma, encarregada por V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> para me acompanhar. O comboio partia às 2 da tarde e lá estava eu, na estação, a dar a minha pobre mãe o meu abraço de despedida, deixando-a mergulhada em abundantes lágrimas de saudade. O comboio partiu e, com ele, o meu pobre coração mergulhado em um mar de saudades e recordações que me era impossível esquecer.

## EPÍLOGO

Julgo, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, ter acabado de colher a mais bela flor e o mais delicado fruto do meu pequenino jardim, para agora o ir depor nas mãos misericordiosas do nosso bom Deus, representado por V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, rogando-Lhe que o faça frutificar numa abundante colheita de almas para a vida eterna. E já que o nosso bom Deus se compraz na humilde obediência da última das suas criaturas, termino com as palavras d'Aquela que Ele, na Sua infinita misericórdia, me deu por Mãe, Protectora e Modelo, com as quais também comecei: «Eis aqui a escrava do Senhor»! Que Ele continue a servir-se dela, como Lhe aprouver!

### 1. *Ainda alguns pormenores acerca da Jacinta*

P.S. – Esqueci-me de dizer que a Jacinta, ao ir para os hospitais de Vila Nova de Ourém e Lisboa, sabia que não ia para se curar, mas sim para sofrer. Muito antes de ninguém falar em ela entrar no Hospital de Vila Nova de Ourém, ela disse, um dia:

– Nossa Senhora quer que eu vá para dois hospitais; mas não é para me curar, é para sofrer mais por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores.

As palavras exactas de Nossa Senhora, nestas aparições a ela só, não as sei, porque nunca Lhe perguntei. Limitava-me a ouvir apenas estas frases soltas que ela me dizia.

Neste escrito, procurei não repetir o que já escrevi no outro anterior, para não o tornar tão extenso.

## 2. Poder atractivo de Lúcia

Poderá talvez parecer, neste escrito, que na minha terra não encontrava amizade ou carinho em pessoa alguma. Não é assim. Havia uma porçõzinha escolhida do redil do Senhor que mostrava por mim uma simpatia única: eram as criancinhas. Corriam para junto de mim numa alegria doida. E, quando sabiam que eu pastoreava o meu rebanho cerca da nossa pequena aldeia, a grupos lá iam ter, para passarem o dia comigo. Minha mãe costumava dizer:

– Não sei que atractivo possas ter; as crianças correm para junto de ti como se fossem para uma festa!

Eu é que muitas vezes não me sentia bem em meio de tanta grita e, por isso, procurava ocultar-me.

O mesmo se passou com as minhas companheiras em Vilar e, quase me atrevia a dizer, me passa agora com as minhas Irmãs em religião. Há alguns anos atrás, me dizia a Madre Mestra, agora Rev.<sup>ma</sup> Madre Provincial <sup>(41)</sup>:

– A Irmã tem uma tal influência sobre as Irmãs que, se quiser, lhes pode fazer muito bem.

E, há pouco, me dizia a Rev.<sup>ma</sup> Madre Superiora, em Pontevedra <sup>(42)</sup>:

– Em parte, a Irmã é responsável, diante de Nosso Senhor, do estado de fervor ou de negligência das Irmãs, na observância, porque o fervor se aumenta ou se esfria nos recreios; e as Irmãs fazem os recreios que a Irmã fizer. Por tal e tais conversas que a Irmã suscitou no recreio, tal e tal Irmã obteve um conhecimento mais claro da regra e resolveu-se a observá-la com mais exactidão.

Que será isto? Não sei; talvez mais uma moeda que o Senhor quis confiar-me, da qual me pedirá contas. Oxalá eu saiba negociar com ela, para Lha restituir mil vezes multiplicada!

<sup>(41)</sup> *M. Maria do Carmo Corte Real.*

<sup>(42)</sup> *M. Carmen Refojo, superiora em Pontevedra (1933-1939).*

### 3. *Boa memória da Vidente*

Talvez que alguém queira perguntar: Como é que a Irmã se lembra de tudo isto? Como é, não sei. O nosso bom Deus, que reparte os Seus dons como Lhe apraz, repartiu comigo este bocadinho de memória; e, por isso, Ele só sabe como é. Ademais, entre as coisas sobrenaturais e as naturais parece-me encontrar uma diferença que é: quando falamos com uma simples criatura, vamos como que esquecendo o que se vai dizendo; ao passo que estas outras coisas, à maneira que as vamos vendo ou ouvindo, vão-se gravando tão intimamente na nossa alma, que não é fácil esquecê-las.

# TERCEIRA MEMÓRIA

## Introdução

As duas memórias anteriores, como vimos, tiveram, como motivo ocasional, umas insinuações do Sr. Bispo de Leiria e do P. Fonseca. Ainda desta vez, Lúcia não escreve por iniciativa própria. A ocasião apresentou-se assim: O livro «Jacinta», de Maio a Outubro de 1938, tivera duas edições. Aproximando-se o ano jubilar de 1942, pensou-se numa nova edição; para isso, uma vez mais se pensou que Lúcia podia contribuir de um modo definitivo.

O Sr. D. José anunciava a Lúcia uma visita do Dr. Galamba, para que este lhe fizesse mais algumas perguntas sobre a vida de Jacinta. Lúcia sente interiormente que, para explicar o que se passara com a vida espiritual de Jacinta, era necessário descobrir já as duas primeiras partes do segredo de Julho de 1917. Por isso, antes de completar os relatos das suas recordações sobre Jacinta, crê ser necessário redigir o referente a esses duas primeiras partes.

O Dr. Galamba não chegou a encontrar-se, nesta ocasião, com Lúcia. Esta, porém, desde fins de Julho – data em que recebe a ordem do Sr. Bispo – , pensa já na redacção. Termina-a em 31 de Agosto. Imediatamente envia o escrito ao Sr. Bispo de Leiria. Além do que a Irmã Lúcia diz no prólogo deste escrito, é conveniente reproduzir aqui o que escreve em carta para o P. Gonçalves: «O Sr. Bispo escreveu-me anunciando-me um interrogatório do Dr. Galamba e mandou-me recordar tudo mais que me possa lembrar que tenha relação com a Jacinta, para uma nova edição que querem imprimir. Esta ordem caiu-me no fundo da alma como um raio de luz, dizendo-me que era chegado o momento de revelar as duas primeiras partes do segredo e acrescentar à nova edição dois capítulos: um sobre o inferno, outro sobre o Imaculado Coração de Maria. Mas a repugnância em manifestá-lo faz-me duvidar. Os apontamentos estão tirados, mas duvido se os entrego ou se, antes, os meto no fogão. Não sei o que farei».

O «espírito» pois, com que a Irmã Lúcia escreve esta Memória é o mesmo que nas anteriores: por um lado, uma imensa repugnância; por outro, uma obediência intocável, segura de que «aí vai a Sua glória e o bem das almas».



## PREFÁCIO

J. M. J.

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo

Em obediência à ordem que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> me dá, na carta de 26 de Julho (*de*) 1941, de pensar e apontar alguma coisa mais, que da Jacinta me possa lembrar, pensei e pareceu-me que, por essa ordem, Deus falava, e era chegado o momento de responder a dois pontos de interrogação que várias vezes me têm sido enviados e aos quais tenho diferido a resposta.

Parece-me que seria do agrado de Deus e do Imaculado Coração de Maria que no livro «Jacinta» se dedicasse um capítulo a falar do inferno e outro do Imaculado Coração de Maria (1). V. Ex.<sup>cia</sup> vai decerto achar esquisito e fora de jeito este parecer, mas ele não é meu; e Deus fará ver, a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, que aí vai a Sua glória e o bem das almas.

Terei, para isso, que falar algo do segredo e responder ao primeiro ponto de interrogação.

### 1. *O que é o segredo*

O que é o segredo?

Parece-me que o posso dizer, pois que do Céu tenho já a licença. Os representantes de Deus na terra têm-me autorizado a isso várias vezes e em várias cartas, uma das quais, julgo que conserva V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, do Senhor Padre José Bernardo Gonçalves (2), na em que me manda escrever ao Santo Padre (3). Um dos pontos que me indica é a revelação do segredo. Algo disse; mas, para não alongar mais esse escrito que devia ser breve, limitei-me ao indispensável, deixando a Deus a oportunidade dum momento mais favorável.

Expus já, no segundo escrito, a dúvida que de 13 de Junho a 13 de Julho me atormentou e que nessa aparição tudo se desvaneceu.

(1) *Na realidade, estes capítulos não foram publicados na segunda edição (Outubro de 1938), mas na terceira (1942).*

(2) *O P.<sup>e</sup> José Bernardo Gonçalves era um dos directores espirituais da Lúcia (†1966).*

(3) *A carta para o Santo Padre Pio XII foi expedida em 2 de Dezembro de 1940.*

## 2. *Visão do inferno*

Bem; o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar <sup>(4)</sup>.

A primeira foi, pois, a vista do inferno <sup>(5)</sup>!

Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à nossa boa Mãe do Céu, que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição)! Se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor.

Em seguida, levantámos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza:

– Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração <sup>(6)</sup>. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar <sup>(7)</sup>. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI <sup>(8)</sup> começará outra pior. Quando virdes uma noite, alumiada por uma

<sup>(4)</sup> *Note-se que se trata de um único Segredo que consta de três partes. Aqui, Lúcia descreve as duas primeiras. A terceira, escrita em 3 de Janeiro de 1944, foi publicada em 26 de Junho de 2000).*

<sup>(5)</sup> *Lúcia descreve muito pormenorizadamente a visão que ela teve do Inferno.*

<sup>(6)</sup> *A grande promessa de salvação, na Mensagem de Fátima, aparece muitas vezes ligada à intercessão do Coração Imaculado de Maria.*

<sup>(7)</sup> *Trata-se da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).*

<sup>(8)</sup> *Posteriormente Lúcia voltou a confirmar o nome do Papa Pio XI (pontificado de 1922-10-2-1939). À objecção de que o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) teria sido no Pontificado de Pio XII, ela respondeu que a anexação da Áustria, em 1938, fora o verdadeiro início da guerra.*

luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal <sup>(9)</sup> que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir, virei pedir <sup>(10)</sup> a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia <sup>(11)</sup>, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz <sup>(12)</sup>.

### 3. Forte impressão para a Jacinta

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo: disse já a V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, em os apontamentos que enviei depois de ler o livro «Jacinta», que ela se impressionava muito com algumas coisas reveladas no segredo. Realmente, assim era. A vista do inferno tinha-a horrorizado a tal ponto, que todas as penitências e mortificações lhe pareciam nada, para conseguir livrar de lá algumas almas.

Bem; agora respondo já ao segundo ponto de interrogação que, de várias partes, aqui me tem chegado.

Como é que a Jacinta, tão pequenina, se deixou possuir e compreendeu um tal espírito de mortificação e penitência?

<sup>(9)</sup> *Lúcia aceitou que a «extraordinária», aurora boreal, na noite de 25 para 26 de Janeiro de 1938, fosse o sinal de Deus para o começo da guerra.*

<sup>(10)</sup> *Esta «promessa» cumpriu-se a 10 de Dezembro de 1925, quando Nossa Senhora apareceu a Lúcia, em Pontevedra (Apêndice I).  
A 13 de Junho de 1929 pediu a Lúcia, em Tuy, numa visão, a consagração da Rússia ao Seu Imaculado Coração.*

<sup>(11)</sup> *A Irmã Lúcia confirmou pessoalmente que o acto solene e universal de consagração feito em 25 de Março de 1984, correspondia aquilo que Nossa Senhora queria: «Sim, está feita tal como Nossa Senhora a pediu, desde o dia 25 de Março de 1984» (carta de 8 de Novembro de 1989 para o Santo Padre). Por isso, qualquer discussão e ulterior petição não tem fundamento (ver Apêndice III, pág. 202).*

<sup>(12)</sup> *Esta promessa é incondicionada; de certeza se cumprirá. Nós é que, de facto, não conhecemos o dia em que se tornará realidade.*

Parece-me que foi: primeiro, por uma graça especial que Deus, por meio do Imaculado Coração de Maria, lhe quis conceder; segundo, olhando para o inferno e desgraça das almas que aí caem.

Algumas pessoas, mesmo piedosas, não querem falar às crianças do inferno, para não as assustar; mas Deus não hesitou em mostrá-lo a três e uma de 6 anos apenas e que Ele sabia se havia de horrorizar a ponto de, quase me atrevia a dizer, de susto se definhar.

Com frequência se sentava no chão ou em alguma pedra e, pensativa, começava a dizer:

– O inferno! o inferno! que pena eu tenho das almas que vão para o inferno! E as pessoas lá vivas a arder como a lenha no fogo!

E meio trémula ajoelhava, de mãos postas, a rezar a oração que Nossa Senhora nos tinha ensinado:

– Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.

Agora, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, já V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> compreenderá por que a mim me ficou a impressão de que as últimas palavras desta oração se referiam às almas que se encontram em maior perigo ou mais iminente de condenação.

E permanecia assim, por grandes espaços de tempo, de joelhos, repetindo a mesma oração. De vez em quando, chamava por mim ou pelo irmão (como que acordando dum sono):

– Francisco, Francisco, vocês estão a rezar comigo? É preciso rezar muito, para livrar as almas do inferno. Vão para lá tantas! tantas!

Outras vezes, perguntava:

– Por que é que Nossa Senhora não mostra o inferno aos pecadores? Se eles o vissem, já não pecavam, para não irem para lá! Hás-de dizer àquela Senhora que mostre o inferno a toda aquela gente (referia-se aos que se encontravam na Cova da Iria, no momento da aparição). Verás como se convertem.

Depois, meio descontente, perguntava-me:

– Por que não disseste a Nossa Senhora que mostrasse o inferno àquela gente?

– Esqueci-me – respondia.

– Também me não lembrei! – dizia com ar triste.

Às vezes, perguntava ainda:

– Que pecados são os que essa gente faz, para ir para o inferno?

– Não sei. Talvez o pecado de não ir à Missa ao Domingo, de roubar, de dizer palavras feias, rogar pragas, jurar.

– E só assim por uma palavra vão para o inferno?!

– Pois! É pecado!

– Que lhes custava estar calados e ir à Missa!? Que pena eu tenho dos pecadores! Se eu pudesse mostrar-lhes o inferno!

Repentinamente, às vezes, agarrava-se a mim e dizia:

– Eu vou para o Céu; mas tu que ficas cá, se Nossa Senhora te deixar, diz a toda a gente como é o inferno, para que não façam mais pecados e não vão para lá.

Outras vezes, depois de estar um pouco de tempo a pensar, dizia:

– Tanta gente a cair no inferno, tanta gente no inferno!

Para a tranquilizar dizia-lhe:

– Não tenhas medo; tu vais para o Céu.

– Pois vou – dizia com paz –, mas eu queria que toda aquela gente para lá fosse também.

Quando ela, por mortificação, não queria comer, dizia-lhe:

– Jacinta! Anda, agora come.

– Não. Ofereço este sacrifício pelos pecadores que comem demais.

Quando, já na doença, ia algum dia à Missa, dizia-lhe:

– Jacinta, não venhas; tu não podes. Hoje não é Domingo!

– Não importa. Vou por os pecadores que nem ao Domingo vão.

Se calhava de ouvir algumas dessas palavras que alguma gente parece fazer alarde de pronunciar, encobria a cara com as mãos e dizia:

– Ó meu Deus! Esta gente não saberá que por dizer estas coisas pode ir para o inferno? Perdoa-lhes, meu Jesus, e converte-os. Decerto não sabem que, com isto, ofendem a Deus. Que pena, meu Jesus! Eu rezo por eles.

E lá repetia a oração ensinada por Nossa Senhora:

– Ó meu Jesus, perdoai-nos, etc.

#### 4. Olhar retrospectivo de Lúcia

Aqui, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, me vem à mente uma reflexão. Por vezes me têm perguntado se Nossa Senhora, em alguma das aparições, nos indicou que classe de pecados ofendiam mais a Deus, pois, segundo dizem, a Jacinta, em Lisboa, nomeou o da carne <sup>(13)</sup>. Talvez, penso eu agora, como era uma das perguntas que às vezes me fazia a mim, lhe ocorresse fazê-la, em Lisboa, a Nossa Senhora e que, então, lhe fosse indicado esse.

#### 5. O Coração Imaculado de Maria

Bem, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, parece-me ter já manifestado a primeira parte do segredo.

A segunda refere-se à devoção do Imaculado Coração de Maria.

Já disse, no segundo escrito, que Nossa Senhora, a 13 de Junho (*de*) 1917, me disse que nunca me deixaria e que Seu Imaculado Coração seria o meu refúgio e o caminho que me conduziria a Deus. Que foi ao dizer estas palavras que abriu as mãos, fazendo-nos penetrar no peito o reflexo que delas expedia. Parece-me que, em este dia, este reflexo teve por fim principal infundir em nós um conhecimento e amor especial para com o Coração Imaculado de Maria <sup>(14)</sup>; assim como das outras duas vezes o teve, me parece, a respeito de Deus e do mistério da Santíssima Trindade. Desde esse dia, sentimos no coração um amor mais ardente pelo Coração Imaculado de Maria. A Jacinta dizia-me, de vez em quando:

– Aquela Senhora disse que o Seu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus. Não gostas tanto? Eu gosto tanto do Seu Coração! É tão bom!

<sup>(13)</sup> *É verdade que Jacinta, por causa da sua idade, não sabia plenamente o que significava este pecado. Mas isso não quer dizer que ela, com a sua grande intuição, não tenha compreendido a importância dele.*

<sup>(14)</sup> *O amor ao Coração Imaculado de Maria era, segundo Lúcia, como uma «virtude infusa». Isto só se pode explicar por uma mística extraordinária que a ela foi dada.*

Depois que, em Julho, no segredo, como já deixo exposto, nos disse que Deus queria estabelecer no Mundo a devoção a Seu Imaculado Coração; que, para impedir a futura guerra, viria pedir a consagração da Rússia a Seu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados, falando disto entre nós, a Jacinta dizia:

– Tenho tanta pena de não poder comungar em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria!

Já disse também como a Jacinta escolheu, entre a ladainha de jaculatórias que o Senhor Padre Cruz nos sugeriu, a de: Doce Coração de Maria, sede a minha salvação! Às vezes, depois de a dizer, acrescentava, com aquela simplicidade que lhe era natural:

– Gosto tanto do Coração Imaculado de Maria! É o Coração da nossa Mãezinha do Céu! Tu não gostas tanto de dizer muitas vezes: Doce Coração de Maria! Imaculado Coração de Maria!? Eu gosto tanto, tanto!

Às vezes, andava a apanhar as flores do campo e a cantar com uma música arranjada por ela no mesmo momento:

– Doce Coração de Maria, sede a minha salvação! Imaculado Coração de Maria, converte os pecadores, livra as almas do inferno!

## 6. *Jacinta vê o Santo Padre*

Um dia, fomos passar as horas da sesta para junto do poço de meus pais. A Jacinta sentou-se nas lajes do poço; o Francisco, comigo, foi procurar o mel silvestre nas silvas dum silvado numa ribanceira que aí havia. Passado um pouco de tempo, a Jacinta chama por mim:

– Não viste o Santo Padre?

– Não!

– Não sei como foi! Eu vi o Santo Padre em uma casa muito grande, de joelhos, diante de uma mesa, com as mãos na cara, a chorar. Fora da casa estava muita gente e uns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias <sup>(15)</sup>. Coitadinho do Santo Padre! Temos que pedir muito por Ele.

<sup>(15)</sup> Com a revelação da 3ª parte do «segredo» compreende-se melhor porque reconheceu a Jacinta, nas suas visões, o Santo Padre. Em 27.IV.2000, Lúcia respondendo à pergunta de Mons. Bertone se a personagem principal da vi-

Já disse como, um dia, dois Sacerdotes nos recomendaram a oração pelo Santo Padre e nos explicaram quem era o Papa. A Jacinta, depois, perguntou-me:

– É o mesmo que eu vi a chorar e de quem aquela Senhora nos falou no segredo?

– É – lhe respondi.

– Decerto aquela Senhora também o mostrou a estes Senhores Padres! Vês? Eu não me enganei. É preciso rezar muito por Ele.

Em outra ocasião, fomos para a Lapa do Cabeço. Chegados aí, prostrámo-nos por terra, a rezar as orações do Anjo. Passado algum tempo, a Jacinta ergue-se e chama por mim:

– Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome, e não tem nada para comer? E o Santo Padre em uma Igreja, diante do Imaculado Coração de Maria, a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?

Passados alguns dias, perguntou-me:

– Posso dizer que vi o Santo Padre e toda aquela gente?

– Não. Não vês que isso faz parte do segredo? que por aí logo se descobria?

– Está bem; então não digo nada.

## 7. *Visões da guerra*

Um dia fui a sua casa, para estar um pouco com ela. Encontrei-a sentada na cama, muito pensativa.

– Jacinta, que estás a pensar?

– Na guerra que há-de vir. Há-de morrer tanta gente! E vai quase toda para o inferno <sup>(16)</sup>! Hão-de ser arrasadas muitas casas e mortos muitos Padres. Olha: eu vou para o Céu. E tu, quando vires, de noite, essa luz que aquela Senhora disse que vem antes, foge para lá também <sup>(17)</sup>!

*são era o Papa, disse: «Não sabíamos o nome do Papa; Nossa Senhora não nos disse o nome do Papa. Não sabíamos se era Bento XV, Pio XII, Paulo VI ou João Paulo II, mas era o Papa que sofria e isso fazia-nos sofrer a nós também». (Apêndice III, pág. 216 e 217.)*

<sup>(16)</sup> *Trata-se da Segunda Guerra Mundial. A Jacinta viveu, portanto, de uma maneira mística, esta parte do segredo.*

<sup>(17)</sup> *Lúcia, com esta expressão, quer manifestar o grande espanto que estas visões provocaram na alma da pequena Jacinta.*



– Não vêes que para o Céu não se pode fugir?

– É verdade! Não podes. Mas não tenhas medo! Eu, no Céu, hei-de pedir muito por ti, por o Santo Padre, por Portugal, para que a guerra não venha para cá <sup>(18)</sup>, e por todos os Sacerdotes.

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo! V. Ex.<sup>cia</sup> não ignora como, há alguns anos, Deus manifestou esse sinal que os astrónomos quiseram designar com o nome de aurora boreal <sup>(19)</sup>. Não sei. Parece-me que, se examinarem bem, verão que não foi nem podia ser, da forma que se apresentou, tal aurora. Mas seja o que quiserem. Deus serviu-se disso para me fazer compreender que a Sua justiça estava prestes a descarregar o golpe sobre as nações culpadas e comecei, por isso, a pedir, com insistência, a Comunhão reparadora nos primeiros sábados e a consagração da Rússia. O meu fim era, não só conseguir misericórdia e perdão de todo o Mundo, mas, em especial, para a Europa. Deus, na Sua infinita misericórdia, foi-me fazendo sentir como esse terrível momento se aproximava, e V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> não ignora como, nas ocasiões oportunas, o fui indicando. E digo ainda que a oração e penitência que se tem feito em Portugal não aplacou ainda a Divina Justiça, porque não tem sido acompanhada de contrição nem emenda. Espero que a Jacinta interceda por nós no Céu.

Já disse, nos apontamentos que enviei sobre o livro «Jacinta», que ela se impressionava muito com algumas coisas reveladas no segredo. Assim era a vista do inferno, a desgraça de tantas almas que para lá vão, a futura guerra, cujos horrores ela parecia ter presentes. Faziam-na estremecer de pavor. Quando a via muito pensativa, perguntava-lhe:

– Jacinta, em que pensas?

E não poucas vezes me respondia:

– Nessa guerra que há-de vir, em tanta gente que há-de morrer e ir para o inferno. Que pena! Se deixassem de ofender a Deus, nem vinha a guerra, nem iam para o inferno!

Às vezes, dizia-me também:

<sup>(18)</sup> *Portugal, apesar dos grandes perigos, foi verdadeiramente poupado, na Segunda Guerra Mundial.*

<sup>(19)</sup> *Cfr. nota 9.*

– Tenho pena de ti. O Francisco e eu vamos para o Céu e vais a ficar cá sozinha! Pedia a Nossa Senhora para te levar também para o Céu, mas Ela quer que cá fiques mais algum tempo! Quando vier a guerra, não tenhas medo. No Céu, eu peço por ti.

Pouco tempo antes de ir para Lisboa, num desses momentos (*em*) que ela parecia abatida pela saudade, disse-lhe:

– Não tenhas pena de eu não ir contigo. É pouco tempo; podes passá-lo a pensar em Nossa Senhora, em Nosso Senhor e a dizer muitas vezes essas palavras (*de*) que gostas tanto: Meu Deus, eu Vos amo! Imaculado Coração de Maria! Doce Coração de Maria! etc.

– Isso sim! – respondeu com vivacidade – Não me cansarei nunca de dizê-las até morrer! E, depois hei-de cantá-las muitas vez no Céu!

## 8. *Interpretação do silêncio da Lúcia*

Pode ser, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, que a alguém pareça que eu devia ter manifestado todas estas coisas há mais tempo, porque, a seu parecer, teriam, há alguns anos antes, dobrado valor <sup>(20)</sup>. Assim seria, se Deus tivesse querido apresentar-me ao Mundo como profeta. Mas creio que tal não foi o intento de Deus, ao manifestar-me todas estas coisas. Se assim fosse, penso que, quando, em 1917, me mandou calar, a qual ordem foi confirmada por meio dos que O representavam, ter-me-ia mandado falar <sup>(21)</sup>. Julgo, pois, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, que Deus quis apenas servir-se de mim para recordar ao Mundo a necessidade que há de evitar o pecado e reparar a Deus ofendido, pela oração e pela penitência.

Onde me teria ocultado, para não responder às inúmeras perguntas que sobre isto me teriam sido feitas?! Ainda agora temo, só

<sup>(20)</sup> *Não se pode dizer que as «profecias» de Lúcia fossem «post eventum», por causa de os seus superiores terem permitido a sua publicação apenas depois dos acontecimentos que são anunciados nelas. Estes escritos foram feitos antes da realização dos mesmos acontecimentos.*

<sup>(21)</sup> *Existe acerca da publicação dos documentos de Fátima uma maravilhosa «economia silentii», i.e., um cuidado especial que só se pode explicar pela admirável Providência Divina que tem na mão todos os acontecimentos.*

em pensar o que poderá vir! E confesso que a repugnância em manifestá-lo é tal que, apesar de ter diante de mim a carta em que V. Ex.<sup>cia</sup> me manda apontar tudo mais que me possa lembrar, e de sentir interiormente que é esta a hora marcada por Deus para o fazer, estou hesitando, com verdadeira luta, se entrego o escrito ou se o queimo. Não sei ainda o que vencerá. Será o que Deus quiser. O silêncio tem sido para mim uma grande graça.

O que teria sido com a exposição do inferno?! Sem encontrar palavras exactas que digam a realidade, pois o que digo é nada, dá apenas uma fraca ideia, teria dito, ora uma coisa ora outra, querendo-me explicar sem o conseguir. Formaria, assim, talvez, uma tal confusão de ideias, que viriam – quem sabe? – a estragar a obra de Deus. Por isso dou graças a Deus e creio que tudo o que Ele faz está bem.

Ordinariamente, Deus acompanha as Suas revelações dum conhecimento íntimo e minucioso do que elas significam. Mas nisso não me atrevo a falar, pois temo haver aí, o que parece muito fácil, engano da própria imaginação. A Jacinta parecia ter este conhecimento em grau bastante elevado.

#### 9. *Amor da Jacinta ao Coração Imaculado de Maria*

Pouco tempo antes de ir para o hospital, dizia-me:

– Já me falta pouco para ir para o Céu. Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no Mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria. Quando for para dizeres isso, não te escondas. Diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria; que lhas peçam a Ela; que o Coração de Jesus quer que, a Seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria; que peçam a paz ao Imaculado Coração de Maria, que Deus Lha entregou a Ela. Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria <sup>(22)</sup>!

<sup>(22)</sup> *Esta recomendação da Jacinta, de promover a devoção ao Coração Imaculado de Maria, é extraordinariamente notável. Ela foi mesmo, para a Lúcia, um grande estímulo na sua vida.*

Um dia, deram-me uma estampa do Coração de Jesus, bastante bonita, para o que os homens podem fazer. Levei-a à Jacinta:

– Queres este santinho?

Pegou nele, olhou-o com atenção e disse:

– É tão feio! Não se parece nada com Nosso Senhor que é tão bonito! Mas quero; sempre é Ele.

E trazia-o sempre com ela. De noite e na doença tinha-o de baixo da almofada, até que se rompeu. Beijava-o com frequência e dizia:

– Beijo-o no Coração, que é do que mais gosto. Quem me dera também um Coração de Maria! Não tens nenhum? Gostava de ter os dois juntos.

Em outra ocasião, levei-lhe uma estampa que tinha o sagrado cálix com uma hóstia. Pegou nele, beijou-o e, radiante de alegria, dizia:

– É Jesus escondido! Gosto tanto d’Ele! Quem me dera recebê-l’O na Igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital a levar-me outra vez a Sagrada Comunhão! Que contente que eu ficava!

Quando, às vezes, voltava da Igreja e entrava em sua casa, perguntava-me:

– Comungaste?

Se lhe dizia que sim:

– Chega-te aqui bem para junto de mim, que tens em teu coração a Jesus escondido.

Outras vezes, dizia-me:

– Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro em mim. Compreendo o que me diz e não O vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele!

Em outra ocasião:

– Olha: sabes? Nosso Senhor está triste, porque Nossa Senhora disse-nos para não O ofenderem mais, que já estava muito ofendido, e ninguém fez caso; continuam a fazer os mesmos pecados.

## EPÍLOGO

Eis, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, o mais que recordo da Jacinta e que me parece ainda não disse. O sentido de tudo que digo é exacto <sup>(23)</sup>. Na maneira de me exprimir, não sei se trocarei alguma palavra por outra, como, por exemplo: Quando falávamos de Nossa Senhora. Agora não recordo bem os momentos em que empregávamos a frase duma maneira ou de outra. E assim alguns outros pequenos detalhes que me parece não terão importância maior.

Ofereço a nosso bom Deus e ao Imaculado Coração de Maria este pequeno trabalho, fruto da minha pobre e humilde submissão aos que m'O representam, e peço se dignem fazê-lo frutificar, para a Sua Glória e bem das almas.

Tuy, 31-8-1941.

<sup>(23)</sup> *É muito importante esta distinção entre o «sentido» e a «forma», para bem se compreenderem os escritos da Lúcia.*

# QUARTA MEMÓRIA

## Introdução

*Também esta memória, a mais extensa de todas, tem origem ocasional, não por iniciativa da Lúcia, mas dos seus Superiores. No dia 7 de Outubro de 1941 apresentam-se, em Valença do Minho, o Sr. Bispo e o Dr. Galamba, bem apetrechados de interrogatórios. Ali se deslocou Lúcia. Recebem o escrito da Terceira Memória e começam com os novos desejos do Dr. Galamba e as ordens do Sr. D. José. Era tão grande a urgência, que Lúcia, acabado o primeiro grande caderno, em 25 de Novembro, imediatamente o enviava ao Sr Bispo. O segundo e último estava terminado no dia 8 de Dezembro.*

*Que se pedia, agora, a Lúcia? Alguém teria querido já «tudo»... mas o Sr. Bispo, prudentemente, havia recordado: «Isso não mando!...» Sem dúvida, o que se pedia desta vez a Lúcia era muito:*

1. °– O Dr. Galamba fez muitas perguntas a que, por falta de tempo, nessa ocasião, teria de responder por escrito.
2. °– Escrever tudo o que recordasse sobre o Francisco, como tinha feito para a Jacinta
3. °– Escrever, com mais pormenores, as aparições do Anjo.
4. °– Uma nova história das aparições.
5. °– Tudo o que ainda pudesse recordar sobre a Jacinta.
6. °– Não deixar de escrever os versos profanos que cantava.
- 7 °– Ler o livro do P.<sup>e</sup> Fonseca e anotar tudo o que lhe parecesse menos exacto.

*Efectivamente, com notável esforço e limpidez admirável, Lúcia trata de todas essas questões, dando-lhes uma extensa resposta. Com toda a verdade, podia dizer ao Sr Bispo: «Parece-me, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, ter escrito tudo o que, por agora, V Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> me mandou».*

*Advertidamente, portanto, só não manifesta a terceira parte do segredo.*

*O «espírito», com que escreve não difere do das anteriores memórias: «...obediência e abandono em Deus, que é Quem opera em mim. Na verdade, eu não sou mais que o pobre e miserável instrumento de que Ele se quer servir. O Divino Pintor fará reduzir às cinzas do túmulo o Seu inutilizado instrumento, até ao dia das aleluias eternas».*

## PREFÁCIO

### 1. *Confiança e abandono*

J. M. J.

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo

Depois duma humilde prece aos pés do Sacrário e do Imaculado Coração de Maria, nossa tão querida Mãe do Céu, pedindo a graça de não permitirem que escreva nem uma só letra que não seja para a Sua glória, venho na paz e felicidade dos que têm a consciência certa de que fazem em tudo a Divina Vontade.

É, pois, completamente abandonada nos braços do Pai Celeste e na protecção do Imaculado Coração de Maria, que venho depor, mais esta vez, nas mãos de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, os frutos da minha única árvore – a obediência.

### 2. *Despojamento total*

Antes de começar, quis abrir o Novo Testamento, único livro que quero ter aqui diante de mim, a um retirado canto do sótão, à luz duma pobre telha de vidro, para onde me retiro, para escapar, quanto me seja possível, às vistas humanas. De mesa, serve-me o regaço; de cadeira, uma velha mala.

– Por que – me dirá alguém – não escreve na sua cela?

O bom Deus achou por bem privar-me até de cela, apesar de aqui em casa <sup>(1)</sup> haver bastantes e desocupadas. Na verdade, para a realização de Seus desígnios, é mais a propósito a sala do recreio e trabalho, tanto mais incómoda para escrever alguma coisa durante o dia, tanto demasiado boa para descansar durante a noite. Mas estou contente e agradeço a Deus a graça de ter nascido pobre e de, por Seu amor, viver mais pobre ainda.

– Ai, meu Deus! Não era nada disto o que eu queria dizer!

Volto ao que Deus me deparou, ao abrir o Novo Testamento: uma carta de S. Paulo aos Fil. 2, 5-8. Li assim: «Tende em vós os mesmos sentimentos que houve em Jesus Cristo, O qual, existin-

(<sup>1</sup>) *Escreve no Noviciado, em Tuy, no sótão.*

do na forma de Deus..., Se aniquilou a Si mesmo, tomando a forma de servo... Humilhou-se a Si mesmo, feito obediente até à morte». Depois de reflectir um pouco, li ainda no mesmo cap. 5, 12 e 13: «Trabalhai na vossa salvação com temor e tremor. Porque Deus é O que opera em vós o querer e o executar, segundo o Seu beneplácito».

Está bem. Não preciso de mais: obediência e abandono em Deus que é Quem opera em mim. Na verdade, não sou mais que o pobre e miserável instrumento de que Ele se quer servir e que dentro em pouco, como o pintor que arremessa ao lume o pincel inutilizado, para que se reduza a cinzas, assim o Divino Pintor fará reduzir às cinzas do túmulo o Seu inutilizado instrumento, até ao grande dia das aleluias eternas. E eu desejo ardentemente este dia, porque o túmulo não aniquila tudo, e a felicidade do amor eterno e infinito começa já <sup>(2)</sup>.

### 3. *Assistência do Espírito Santo*

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo

No dia 7-10-1941, perguntava-me, em Valença, Sua Rev.<sup>cia</sup> o Senhor Dr. Galamba:

– A Irmã, quando disse que a penitência estava feita só em parte, disse-o de si mesma ou foi-lhe revelado?

Parece-me, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, que, proveniente de mim só, não digo nem escrevo, em tais casos, coisa alguma. Tenho que agradecer a Deus a assistência do Divino Espírito Santo que sinto sugerindo-me o que devo escrever ou dizer. Se, por vezes, a própria imaginação ou entendimento me sugere alguma coisa, sinto logo que lhe falta a unção divina e suspendo até conhecer, no íntimo da minha alma, o que Deus quer dizer em seu lugar <sup>(3)</sup>. Mas por que estou eu a dizer tudo isto? Não sei. Sabe-o Deus que inspirou V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> a mandar-me que diga tudo; que, advertidamente, não oculte nada.

<sup>(2)</sup> *Esta introdução manifesta o seu gosto literário e formação cultural. Elucida bem o dom literário da Lúcia.*

<sup>(3)</sup> *Lúcia nunca quis dizer que se sentia «inspirada» como os escritores dos Livros Sagrados.*



## I. RETRATO DE FRANCISCO

### 1. *Espiritualidade*

Vou, pois, começar, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, por escrever o que o bom Deus me queira fazer lembrar do Francisco. Espero que Nosso Senhor lhe faça conhecer, no Céu, o que a seu respeito escrevo na terra, para que, junto de Jesus e Maria, interceda por mim, em especial nestes dias.

A amizade que me unia ao Francisco era apenas a de parentesco <sup>(4)</sup> e a que consigo traziam as graças que o Céu se dignava conceder-nos.

O Francisco não parecia irmão da Jacinta senão nas feições do rosto e na prática da virtude. Não era, como ela, caprichoso e vivo; era, ao contrário, de natural pacífico e condescendente.

Quando, nos nossos (*jogos*) e brincadeiras, algum se empenhava em negar-lhe os seus direitos por ter ganhado, cedia sem resistência, limitando-se a dizer apenas:

– Pensas que ganhaste tu? Pois sim! A mim isso não me importa.

Não manifestava, como a Jacinta, a paixão pela dança; gostava mais de tocar o pifarito, enquanto os outros dançavam.

Nos jogos, era bastante animado, mas poucos gostavam de jogar com ele, porque perdia quase sempre. Eu mesma confesso que simpatizava pouco com ele, porque o seu natural pacífico excitava, por vezes, os nervos da minha demasiada vivacidade. Às vezes, pegava-lhe por um braço, obrigava-o a sentar-se no chão ou em alguma pedra, mandava-lhe que estivesse quieto e ele obedecia-me, como se eu tivesse uma grande autoridade. Depois, sentia pena, ia buscá-lo pela mão e vinha com o mesmo bom humor, como se nada tivesse acontecido. Se alguma das outras crianças porfiava em tirar-lhe alguma coisa que lhe pertencesse, dizia:

– Deixa lá! A mim que me importa?

Recordo que chegou, um dia, a minha casa com um lenço do bolso, com Nossa Senhora de Nazaré pintada, que dessa praia acabavam de lhe trazer. Mostrou-mo com grande alegria e toda aquela criançada o veio admirar. De mão em mão, a poucos ins-

(4) *A mãe do Francisco e o pai de Lúcia eram irmãos.*

tantes, o lenço desapareceu. Procurou-se, mas não se encontrava. Pouco depois, descobri-o no bolso dum outro pequeno. Quis-lho tirar, mas ele porfiava que era dele, que também lho tinham trazido da praia. Então, o Francisco, para acabar com a contenda, aproximou-se, dizendo:

– Deixa-o lá! A mim que me importa o lenço?

Parece-me que, se houvesse crescido, o seu defeito principal seria o de não-te-rales.

Quando, aos 7 anos, comecei a pastorear o meu rebanho, ele pareceu ficar indiferente. Lá ia, à noite, esperar-me com a sua irmãzinha, mas parecia ir mais para lhe fazer a vontade que por amizade. Iam esperar-me no pátio de meus pais. E enquanto a Jacinta corria a meu encontro, logo que sentia os chocalhos do rebanho, ele esperava-me sentado nuns degraus de pedra que havia em frente da porta de casa. Depois, lá ia connosco, para a velha eira, a brincar, enquanto esperávamos que Nossa Senhora e os Anjos acendessem as Suas candeias. Animava-se também a contá-las, mas nada o encantava tanto como o lindo nascer e pôr-do-sol. Enquanto deste se avistava algum raio, não investigava se já havia alguma candeia acesa.

– Nenhuma candeia é tão bonita como a de Nosso Senhor – dizia ele à Jacinta que gostava mais da de Nossa Senhora, porque, dizia ela, não faz doer a vista.

E entusiasmado seguia com a vista todos os raios que, dardejando nos vidros das casas das aldeias vizinhas ou nas gotas de água espalhadas nas árvores e matos da serra, (os) faziam brilhar como outras tantas estrelas, a seu ver mil vezes mais bonitas que as dos Anjos.

Quando, com tanta insistência, pediu à mãe que o deixasse ir com o seu rebanho para andar comigo, era mais bem por fazer a vontade à Jacinta que gostava mais dele que de seu irmão João. Um dia que a mãe, já pouco contente, lhe negava essa licença, respondeu com a sua paz natural:

– A mim, minha Mãe, pouco me importa. A Jacinta é que quer que eu vá.

Em outra ocasião, confirmou isto mesmo. Veio a minha casa uma das minhas antigas companheiras convidar-me para ir com ela, pois tinha, para esse dia, uma boa pastagem. Como o dia se apresentava fosco, fui a casa de minha tia perguntar se ia o Fran-

cisco com a Jacinta ou se ia seu irmão João, porque, no caso de ir este último, preferia a companhia da outra antiga companheira. Minha tia tinha já decidido que, aquele dia, por estar de chuva, ia o João. Mas o Francisco quis ir ainda junto da mãe fazer uma nova insistência. Ao receber um não, seco e sacudido, respondeu:

– A mim, tanto me dá. A Jacinta é que tem mais pena.

## 2. *Inclinações naturais*

No que ele se entretinha mais, quando andávamos pelos montes, era, sentado no mais elevado penedo, a tocar o seu pífaru ou a cantar. Se a sua irmãzinha descia para comigo dar algumas corridas, ele lá ficava entretido com as suas músicas e cantos. O que ele cantava com mais frequência era:

### Coro

Amo a Deus no céu.  
Amo (-O) também na terra.  
Amo o campo, as flores.  
Amo as ovelhas na serra.

Sou uma pobre pastora,  
Rezo sempre a Maria.  
No meio do meu rebanho,  
Sou o sol do meio-dia.

Com os meus cordeirinhos  
Eu aprendi a saltar.  
Sou a alegria da serra,  
Sou o lírio do vale.

Nos jogos, tomava parte sempre que a isso o convidávamos, mas, às vezes, manifestava pouco entusiasmo, dizendo:

– Vou, mas já sei que perco.

Os jogos que sabíamos e em que nos entretínhamos eram: o das pedrinhas, o das prendas, passar o anel, o do botão, o fito, a malha, as cartas, jogar a bisca, descobrir os reis, os condes e as sotas, etc. Tínhamos dois baralhos: um meu, outro deles. O jogo preferido pelo Francisco era o das cartas, a bisca.

### 3. *Participação nas Aparições do Anjo*

Na aparição do Anjo, prostrou-se como sua irmã e eu, levado por uma força sobrenatural que a isso nos movia; mas a oração aprendeu-a ouvindo-nos repeti-la, pois, ao Anjo, dizia não ter ouvido nada.

Quando, depois, nos prostrávamos para rezar essa oração, ele era o primeiro que se cansava da posição, mas permanecia de joelhos ou sentado, rezando também, até que nós acabássemos. Depois, dizia:

– Eu não sou capaz de estar assim tanto tempo como vocês. Doem-me as costas tanto que não posso.

Na segunda aparição do Anjo, no poço, perguntou, passados os primeiros momentos que se lhe seguiram:

– Tu falaste com o Anjo; que é que Ele te disse?

– Não ouviste?

– Não. Vi que falava contigo, ouvi o que tu lhe disseste, mas o que Ele te disse não sei.

Como a atmosfera do sobrenatural em que Ele nos deixava ainda não tinha de todo passado, disse-lhe que mo perguntasse no dia seguinte, ou à Jacinta.

– Jacinta, conta-me tu o que disse o Anjo.

– Digo-to amanhã. Hoje não posso falar.

No dia seguinte, logo que chegou junto de mim, perguntou-me:

– Dormiste esta noite? Eu pensei sempre no Anjo e no que seria que Ele disse.

Contei-lhe, então, tudo o que o Anjo tinha dito na primeira e segunda aparição. Mas ele parecia não ter recebido a compreensão do que as palavras significavam e perguntava:

– Quem é o Altíssimo? Que quer dizer: os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas? Etc.

E, obtida a resposta, ficava-se pensando, para logo interromper com outra pergunta. Mas o meu espírito ainda não estava de todo livre e disse-lhe que esperasse para o dia seguinte, que naquele ainda não podia falar.

Esperou, contente, mas não deixou perder as primeiras ocasiões, para logo fazer novas perguntas, o que levou a Jacinta a dizer-lhe:

– Olha: nessas coisas fala pouco.

Quando falávamos no Anjo, não sei o que sentíamos. A Jacinta dizia:

– Não sei o que sinto; já não posso falar, nem cantar, nem brincar e não tenho força para nada.

– Eu também não – respondeu o Francisco. – Mas que importa? O Anjo é mais bonito que tudo isso. Pensemos n’Ele.

Na terceira aparição, a presença do sobrenatural foi ainda muitíssimo mais intensa. Por vários dias, nem mesmo o Francisco se atrevia a falar. Dizia depois:

– Gosto muito de ver o Anjo; mas o pior é que, depois, não somos capazes de nada. Eu nem andar podia, não sei o que tinha!

Apesar de tudo, foi ele quem se deu conta, depois da terceira aparição do Anjo, das proximidades da noite. Foi quem disse nos advertiu e quem pensou em conduzir o rebanho para casa.

Passados os primeiros dias e recuperado o estado normal, perguntou o Francisco:

– O Anjo, a ti, deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, que foi o que Ele nos deu?

– Foi também a Sagrada Comunhão – respondeu a Jacinta, numa felicidade indizível. – Não vês que era o Sangue que caía da Hóstia?

– Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!

E prostrando-se por terra, permaneceu por largo tempo, com a sua Irmã, repetindo a oração do Anjo: Santíssima Trindade..., etc.

Pouco a pouco, foi passando aquela atmosfera e, no dia 13 de Maio, brincávamos já quase com o mesmo gosto e com a mesma liberdade de espírito.

#### *4. Influência da primeira Aparição de Nossa Senhora*

A aparição de Nossa Senhora veio de novo a concentrar-nos no sobrenatural, mas mais suavemente: em vez daquele aniquilamento na Divina Presença, que prostrava, mesmo fisicamente, deixou-nos uma paz e alegria expansiva que nos não impedia falar, em seguida, de quanto se tinha passado. No entanto, a respeito do reflexo que Nossa Senhora, com as mãos, nos tinha comunicado e de tudo que, com ele, se relacionava, sentíamos um não sei quê interior que nos movia a calar.

Contámos, em seguida, ao Francisco, tudo quanto Nossa Senhora tinha dito. E ele, manifestando o contentamento que sentia, na promessa de ir para o Céu, cruzando as mãos sobre o peito, dizia:

– Ó minha Nossa Senhora, terços, rezo todos quantos Vós quiserdes.

E, desde aí, tomou o costume de se afastar de nós, como que passeando; e se chamava por ele e lhe perguntava que andava a fazer, levantava o braço e mostrava-me o terço. Se lhe dizia que viesse brincar, que depois rezava connosco, respondia:

– Depois também rezo. Não te lembras que Nossa Senhora disse que tinha de rezar muitos terços?

Um dia, disse-me:

– Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum.

Já disse, no segundo escrito sobre a Jacinta, como foi ele que me deu a notícia de que ela tinha faltado ao nosso contrato de não dizer nada. E como era de meu parecer que se guardasse segredo, acrescentou, com ar triste:

– Eu, como minha Mãe me perguntou se era verdade, tive que dizer que sim, para não mentir.

Por vezes, dizia:

– Nossa Senhora disse que íamos a ter muito que sofrer! Não me importo; sofro tudo quanto Ela quiser! O que eu quero é ir para o Céu.

Um dia que eu me mostrava descontente com a perseguição que dentro e fora da família se começava a levantar, ele procurou animar-me, dizendo:

– Deixa lá. Não disse Nossa Senhora que íamos a ter muito que sofrer, para reparar a Nosso Senhor e o Seu Imaculado Coração, de tantos pecados com que são ofendidos? Eles estão tão tristes! Se com estes sofrimentos os pudermos consolar, já ficamos contentes.

Poucos dias depois da primeira aparição de Nossa Senhora, ao chegar à pastagem, subiu-se a um elevado penedo e disse-nos:

– Vocês não venham para aqui; deixem-me estar sozinho.

– Está bem.

E pus-me, com a Jacinta, atrás das borboletas que apanhá-vamos, para logo fazer o sacrifício de deixar fugir, e nem mais do Francisco nos lembrou. Chegada a hora da merenda, demos pela sua falta, e lá fui a chamá-lo:

– Francisco, não queres vir a merendar?

– Não. Comam vocês.

– E a rezar o terço?

– A rezar, depois vou. Torna-me a chamar.

Quando voltei a chamá-lo, disse-me:

– Venham vocês a rezar aqui pró pé de mim.

Subimos para o cimo do penedo, onde mal cabíamos os três de joelhos, e perguntei-lhe:

– Mas que estás aqui a fazer tanto tempo?

– Estou a pensar em Deus que está tão triste, por causa de tantos Recados! Se eu fosse capaz de Lhe dar alegria <sup>(5)</sup>!

Um dia, pusemo-nos a cantar, em coro, as alegrias da Serra:

#### Coro

Ai, trai lari, lai, lai,  
Trai lari, lai, lai,  
Lai, lai, lai!

#### 1

Nesta vida tudo canta,  
Comigo, ao desafio:  
Canta a pastora na serra  
E a lavadeira no rio.

#### 2

É a voz do pintassilgo  
Que me vem a despertar,  
Logo ao nascer do sol,  
No silvado, a cantar!

<sup>(5)</sup> *Pode dizer-se que o Francisco recebeu o dom da contemplação.*

3

De noite, canta a coruja  
Que me quer assustar!  
Na escamisada, canta  
A rapariga ao luar!

4

O rouxinol, na campina,  
Passa o dia a cantar!  
Canta a rola no bosque,  
Canta o carro a chiar!

5

A serra é um jardim  
Todo o dia a sorrir!  
São as gotas do orvalho,  
Nas montanhas, a luzir!

Terminada a primeira vez, íamos a repetir, mas o Francisco interrompeu:

– Não cantemos mais. Desde que vimos o Anjo e Nossa Senhora, já não me apetece cantar.

##### *5. Influência da segunda Aparição*

Na segunda aparição, 13 de Junho (*de*) 1917, o Francisco impressionou-se muito com a comunicação do reflexo que já disse no segundo escrito que foi no momento em que Nossa Senhora disse:

– O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Ele parecia não ter, no momento, a compreensão dos factos, talvez por não lhe ser dado ouvir as palavras que os acompanhavam. Por isso, depois, perguntava:

– Para que estava Nossa Senhora com um coração na mão, espalhando pelo mundo essa luz tão grande que é Deus? Tu estavas com Nossa Senhora na luz que descia para a terra, e a Jacinta, comigo, na que subia para o Céu.



– É que – lhe respondi – tu, com a Jacinta, vais breve para o Céu e eu fico com o Coração Imaculado de Maria mais algum tempo na terra.

– Quantos anos cá ficas? – perguntava.

– Não sei; bastantes.

– Foi Nossa Senhora que o disse?

– Foi. E eu vi-o nessa luz que nos meteu no peito.

E a Jacinta confirmava isto mesmo, dizendo:

– É assim, é! Eu também assim o vi!

Por vezes, dizia:

– Esta gente fica tão contente só por a gente lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler! O que seria, se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus, no Seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande! Mas isso é segredo, não se lhes diz. É melhor que ninguém o saiba.

Desde esta aparição, começámos a dizer, quando nos perguntavam se Nossa Senhora nos não tinha dito mais nada:

– Sim, disse, mas é segredo.

Se nos perguntavam o motivo por que era segredo, encolhíamos os ombros e, baixando a cabeça, guardávamos silêncio. Mas, passado o dia 13 de Julho, dizíamos:

– Nossa Senhora disse-nos que não o disséssemos a ninguém – referindo-nos, então, ao segredo imposto por Nossa Senhora.

## 6. *Francisco encoraja a Lúcia*

No decorrer deste mês, aumentou consideravelmente a afluência de gente e, com ela, os contínuos interrogatórios e contradições. O Francisco sofria bastante com isso e lamentava-se, dizendo para a irmã:

– Que pena! Se tu te tivesses calado, ninguém o sabia. Se não fosse por ser mentira, dizíamos a toda a gente que não vimos nada e tudo acabava. Mas isso não pode ser!

Quando me via perplexa com a dúvida, chorava e dizia:

– Mas como é que tu podes pensar que é o demónio? Não viste Nossa Senhora e Deus naquela luz tão grande? Como é que nós vamos a ir sem ti, se tu é que tens de falar?

Depois da ceia, já noite, voltou ainda a minha casa, chamou-me à velha eira e disse-me:

– Olha: tu amanhã vais?

– Não vou; já te disse que não volto mais.

– Mas que tristeza! Por que é que tu agora pensas assim? Não vês que não pode ser o demónio? Deus já está tão triste com tantos pecados e, agora, se tu não vais, fica ainda mais triste! Anda, vai!

– Já te disse que não vou; escusas de mo pedir.

E meti-me bruscamente em casa.

Passados alguns dias, dizia-me:

– Credo! Aquela noite não dormi nada; passei-a toda a chorar e a rezar, para que Nossa Senhora te fizesse ir.

### *7. Influência da terceira Aparição*

Na terceira aparição, o Francisco pareceu ser o que menos se impressionou com a vista do inferno, embora lhe causasse também uma sensação bastante grande.

O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois, dizia:

– Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer! Mas que pena Ele estar tão triste! Se eu O pudesse consolar!...

Um dia perguntaram-me se Nossa Senhora nos tinha mandado rezar por os pecadores. Eu respondi que não. Logo que pôde, enquanto interrogavam a Jacinta, chamou-me e disse-me:

– Tu agora mentiste. Como é que disseste que Nossa Senhora não nos mandou rezar por os pecadores? Então Ela não nos mandou rezar por os pecadores?!

– Por os pecadores, não. Mandou-nos rezar por a paz, para acabar a guerra. Por os pecadores, mandou-nos fazer sacrifícios.

– Ah! É verdade. Já estava a pensar que tinhas mentido.

## 8. *Comportamento em Ourém*

Já disse como ele passou o dia a chorar e a rezar, numa aflição talvez maior que a minha, quando meu pai foi intimado a levar-me a Vila Nova de Ourém <sup>(6)</sup>.

Na prisão, mostrou-se bastante animado e procurava animar a Jacinta nas horas de mais saudade.

Quando rezámos o terço, na prisão, ele viu que um dos presos estava de joelhos com a boina na cabeça. Foi junto dele e disse-lhe:

– Vossemecê, se quer rezar, tem de tirar a boina.

E o pobre homem, sem mais, entrega-lha, e ele põe-na em cima do seu carapuço, sobre um banco.

Enquanto interrogavam a Jacinta, ele dizia-me, com imensa paz e alegria:

– Se nos matarem, como dizem, daqui a pouco estamos no Céu! Mas que bom! Não me importa nada.

E passado um momento de silêncio:

– Deus queira que a Jacinta não tenha medo. Vou a rezar uma Ave-Maria por ela!

Sem mais, tira o carapuço e reza. O guarda, ao vê-lo em atitude de rezar, pergunta-lhe:

– Que estás a dizer?

– Estou a rezar uma Ave-Maria, para *(que)* a Jacinta não tenha medo.

O guarda fez um gesto de desprezo e deixou correr.

Quando, depois do regresso de Vila Nova de Ourém, começámos a sentir que a presença do sobrenatural nos envolvia, sentindo que alguma comunicação celeste se aproximava, o Francisco mostrava-se preocupado por a Jacinta não estar.

– Que pena – dizia –, se a Jacinta não vem a tempo!

E pediu ao irmão que fosse depressa.

– Diz-lhe que venha a correr.

Depois do irmão partir, dizia-me:

– A Jacinta, se não vem a tempo, vai ficar muito triste.

<sup>(6)</sup> Em 11 de Agosto, o pai da Lúcia levou-a ao Administrador, mas o tio Marto foi sozinho.

Depois da aparição, disse para a irmã, que queria ficar ali o resto da tarde:

– Não. Tu tens de ir embora, porque a Mãe, hoje, não te deixou vir com as ovelhas.

E, para a animar, foi acompanhá-la a casa.

Quando, na prisão, vimos que se passava a hora do meio-dia e que não nos deixavam ir à Cova da Iria, o Francisco dizia:

– Talvez que Nossa Senhora nos venha a aparecer aqui.

Mas, no dia seguinte, manifestava grande pena e dizia, quase a chorar:

– Nossa Senhora é capaz de ter ficado triste, por a gente não ir à Cova de Iria, e não voltar mais a aparecer-nos. E eu gostava tanto de A ver!

Quando a Jacinta, na cadeia, chorava com saudades da mãe e da família, ele procurava animá-la e dizia:

– A Mãe, se não a tornarmos a ver, paciência! Oferecemos pela conversão dos pecadores. O pior é se Nossa Senhora não volta mais! Isso é que mais me custa! Mas também o ofereço pelos pecadores.

Depois, perguntava-me:

– Olha: Nossa Senhora não voltará mais a aparecer-nos?

– Não sei. Penso que sim.

– Tenho tantas saudades d’Ela!

A aparição nos Valinhos foi, pois, para ele, de dobrada alegria. Sentia-se torturado pelo receio de que Ela não voltasse. Depois, dizia:

– Decerto não nos apareceu no dia 13 para não ir à casa do Senhor Administrador, talvez por ele ser tão mau.

## 9. *Influência das últimas Aparições*

Quando, depois do dia 13 de Setembro, lhe disse que em Outubro vinha também Nosso Senhor, ele mostrou grande alegria:

– Ai que bom! Só O vimos duas vezes ainda <sup>(7)</sup> e eu gosto tanto d’Ele!

De vez em quando perguntava:

<sup>(7)</sup> *Refere-se à aparição dos meses de Junho e Julho. Viram Nosso Senhor, na luz misteriosa da Mãe de Deus.*

– Ainda faltarão muitos dias para o dia 13? Estou ansioso que venha, para ver outra vez a Nosso Senhor.

Depois, pensava um pouco, e dizia:

– Mas, olha: Ele ainda estará tão triste?! Tenho tanta pena que esteja assim tão triste! Eu ofereço-Lhe todos os sacrifícios que posso arranjar. Às vezes, já nem fujo dessa gente, para fazer sacrifícios.

Depois do dia 13 de Outubro, dizia:

– Gostei muito de ver Nosso Senhor. Mas gostei mais de O ver naquela luz onde nós estávamos também. Daqui a pouco, já Nosso Senhor me leva lá pró pé d'Ele e, então, vejo-O sempre.

Um dia, perguntei-lhe:

– Por que é que tu, quando te perguntam alguma coisa, baixas a cabeça e não queres responder?

– Porque antes quero que o digas tu e mais a Jacinta. Eu não ouvi nada. Só posso dizer que sim, que vi. E, depois, se digo alguma coisa dessas que tu não queres?

De vez em quando, afastava-se de nós dissimuladamente. Quando lhe dávamos pela falta, punhamo-nos à sua procura, chamando por ele. Lá nos respondia, detrás duma paredita ou de algum arbusto ou silvado, onde estava de joelhos, a rezar.

– Por que não nos dizes para rezarmos contigo? – lhe perguntava, às vezes.

– Porque gosto mais de rezar sozinho.

Já contei, em as notas sobre o livro «Jacinta» o que se passou em uma propriedade chamada Várzea. Parece-me que não é preciso repeti-lo aqui.

Um dia, passávamos, para minha casa, em frente da casa de minha madrinha de baptismo. Ela acabava de fazer a água-mel e chamou-nos para nos dar um copo dela. Entrámos, e o Francisco foi o primeiro a quem ela deu o copo, para que bebesse. Pega nele e, sem beber, passa-o à Jacinta, para que beba primeiro, comigo; e, entretanto, numa meia volta, desapareceu.

– Onde está o Francisco? – pergunta a minha Madrinha.

– Não sei; não sei. Ainda agora aqui estava!

Não apareceu. E a Jacinta, comigo, agradecendo a dádiva, lá fomos ter com ele, onde não duvidámos um instante que estaria, sentado na beira do poço já tantas vezes mencionado.

– Francisco, tu não bebeste a água-mel! A Madrinha chamou tantas vezes por ti, mas não apareceste!

– Quando peguei no copo, lembrei-me de repente de fazer aquele sacrifício para consolar a Nosso Senhor e, enquanto vocês bebiam, fugi para aqui.

## 10. Casos e canções

Entre minha casa e a de Francisco vivia meu padrinho Anastácio, casado com uma mulher de bastante idade, a quem o Senhor não tinha dado descendência. Lavradores bastante ricos, não precisavam de trabalhar. Meu pai tomava-lhes conta da lavoura e guiava-lhes por lá os jornaleiros. Agradecidos por isso tinham uma predilecção para comigo, sobretudo a dona da casa, a quem chamava a Madrinha Teresa. Se para lá não ia de dia, tinha que dormir a noite, pois ela dizia não poder passar sem o seu torrãozinho de carne – assim me chamava.

Nos dias de festa, gostava de me enfeitar com o seu cordão d'ouro e as grandes argolas que me caíam bastante abaixo dos ombros e o lindo chapeuzito na cabeça, coberto de contas d'ouro que sujeitavam imensas penas de várias cores. Nos arraiais, não aparecia outra mais enfeitada; e minhas irmãs, com a Madrinha Teresa, reviam-se nisso. As outras crianças cercavam-me em numerosos grupos, admirando o brilho de tantos enfeites. A dizer a verdade, eu também gostava bastante da festa, e a vaidade era o meu pior enfeite. Todos mostravam simpatia e estima por mim, menos uma orfãzinha de quem a Madrinha Teresa se tinha encarregado, ao morrer-lhe a mãe. Ela parecia temer que lhe viesse a tirar parte da herança que ela esperava e decerto não se teria enganado, se o bom Deus me não tivesse destinado uma outra herança bem mais preciosa.

Logo que se começou a espalhar a notícia das aparições, o Padrinho mostrou-se indiferente e a Madrinha completamente contrária. Mostrava-se descontente por tais invenções, como ela dizia. Comecei, por isso, a escapar-me quanto podia, de sua casa e, comigo, começaram a desaparecer esses grupos de crianças que aí, com frequência, se juntavam, e que a Madrinha tanto gostava de ver dançar e cantar, dando-lhes figos secos, nozes, amêndoas, castanhas, fruta, etc.

Passando, pois, um domingo de tarde, por junto de sua casa, com o Francisco e a Jacinta, chamou-nos:

– Venham cá, meus intrujõezinhos, venham cá! Há já tanto tempo que cá não vêm!

E lá nos foi a dar os seus mimos.

Parecendo adivinhar a nossa chegada, as outras crianças começaram-se a juntar. A boa madrinha, contente por tornar a ver em sua casa essa reunião que havia tanto tempo se havia dispersado, depois de nos mimosear com várias coisas, quis ver-nos dançar e cantar.

– Vamos lá: que há-de ser? que não há-de ser? – Escolheu ela: – Os parabéns desenganados. Um desafio: os pequenos dum lado, as pequenas do outro.

I

Coro

Tu és o sol desta esfera,  
Não lhe negues os teus raios.  
Sorrisos de primavera – ah!!!  
Não convertas em desmaios!

1

Parabéns à rapariga,  
Com fragrância, ao novo sol,  
Porque, risonha, adivinha  
Os mimos doutro arrebol.

2

É ano rico de flores,  
Rico de frutas e bem!  
E o novo, nos seus alvares,  
Rico de esperanças te vem.

3

São o teu melhor presente,  
Teus melhores parabéns!  
Cinge com eles a fronte,  
É a melhor c'roa que tens.

4

Se o passado te foi lindo,  
Futuro mais lindo tens!  
Parabéns pelo findo,  
Pelo que entra, parabéns!

5

Nesta vida, flor do Atlântico,  
Neste amigável festim,  
Celebre-se, em ledo cântico.  
O jardineiro e o jardim!

6

Compadecem-te as flores  
De teu paterno torrão!  
Teu lar de castos amores,  
Teus laços de coração.

II

Coro

Achas acto, cavalheiro,  
Que ao ver surdir o penal,  
A Berlenga e o Carvoeiro <sup>(8)</sup> – ah!!!  
Apaguem o seu farol?

1

Mas o mar em frol rebenta,  
Remoinho, eterno fulcro!  
Cada norte é uma tormenta,  
Cada tormenta um sepulcro.

<sup>(8)</sup> A Berlenga é uma pequena ilha no Atlântico, perto do Cabo Carvoeiro, em Peniche.



2

Tristes morros da Papoa,  
Estelas e Farilhões <sup>(9)</sup>!  
Que tragédia não ressoa  
Cada um de seus cachões!

3

Cada escolho, nestas águas,  
É de morte um presságio!  
Cada vaga canta mágoas,  
Cada cruz lembra um naufrágio.

4

Pois tu queres ser mais duro,  
Queres sumir-te, e és luz  
Que, da vida, em mar escuro,  
Tanto barquinho conduz?!

III

Coro

E fico d'olhos enxutos  
Ao falar em despedida!  
O hesitar foi de minutos - ah!!!  
O imolar-me é de toda a vida.

1

Vai, mas diz ao Céu que corte  
Da sua graça o raudal!  
E as flores mirre de morte,  
Por não seres seu canal.

<sup>(9)</sup> *As Estelas e Farilhões são ilhéus próximos da Berlenga.*

2

Vai, que fico em desconforto,  
Enlutado o Santuário!  
Dobrará o bronze a morte,  
Na grimpa do campanário.

3

Mas apenas me deixas  
Da triste Igreja, no Adro,  
Vou deixar eternas queixas,  
Escrevendo em negro quadro!

4

Foi jardim risonho e belo  
Este solo hoje sem flor!  
Não lhe faltou o desvelo;  
Faltou ele ao seu cultor.

5

Espero da Providência  
Futurosos carinhos!  
Esperem-nos, com preferência,  
As que deixam pátrios ninhos.

#### 11. *Francisco, o pequeno moralista*

Ao som do animado descante, foram-se juntando as vizinhas; e, ao terminar, pediram uma nova repetição. Mas o Francisco aproximou-se de mim e disse-me:

– Não cantemos mais isso. Nosso Senhor decerto agora não gosta que cantemos essas coisas.

E lá nos escapámos como pudemos, por entre a outra criançada, para o nosso poço predilecto.

Na verdade, eu, agora, que por obediência acabo de o escrever, cubro a cara com vergonha. Mas V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, a pedido do Senhor Dr. Galamba, achou por bem mandar-me escrever os

cantares profanos que sabíamos. Aí vão! Não sei para quê. Mas basta-me saber que é para cumprir a vontade de Deus.

Entretanto, aproximou-se o Carnaval de 1918. As raparigas e rapazes juntaram-se, ainda esse ano, para a costumada cozinhada e brincadeira desses dias. Cada um levava de sua casa uma coisa: uns, azeite; outros, farinha; outros, carne; etc. e junto tudo em uma casa, para isso destinada, as raparigas aí cozinhavam um faustoso banquete. E nesses dias era comer e bailar até que horas da noite, em especial no último dia.

As crianças de 14 anos para baixo tinham a sua festa noutra casa, à parte. Vieram, pois, várias a convidar-me para com elas organizar a festa. Recusei, a princípio; mas, levada por uma cobarde condescendência, cedi às instâncias de várias, em especial duma filha e dois filhos dum homem da Casa Velha, José Carreira, que punha a sua casa à nossa disposição. Ele mesmo, com sua mulher, insistiam para que fosse. Cedi, pois, e lá fui com um bom rancho a ver o local: uma boa sala ou quase salão para a brincadeira e um bom pátio para o jantar. Combinou-se tudo e de lá vim, exteriormente em grande festa, mas, no íntimo, com a consciência a dar-me gritos de reprovação. Ao chegar junto da Jacinta e do Francisco, disse-lhes o que se tinha passado.

– E tu voltas a essas cozinhadas e brincadeiras? – me perguntou, com seriedade, o Francisco. – Já te esqueceste que prometemos nunca mais lá voltar?!

– Eu não queria ir; mas como bem vêes que me não deixam, a pedir-me que vá; e não sei como fazer.

Na verdade, as instâncias eram muitas, e as amigas que, para brincar comigo, se juntavam, não eram menos. Vinham até de várias aldeias bem distantes: da Moita, uma Rosa e Ana Caetano e Ana Brogueira; da Fátima, duas filhas de Manuel Caracol; de Boleiros <sup>(10)</sup>, duas filhas de Manuel da Ramira e duas de Joaquim Chapeleta; da Amoreira, duas de Silva; dos Currais, uma Laura Gato; Josefa Valinho e várias outras, cujos nomes não recordo, de Boleiros, da Lomba, da Pederneira, etc.; e isto fora as que se juntavam da Eira da Pedra, Casa Velha e Aljustrel. Como, assim de

<sup>(10)</sup> *Do Montelo e não de Boleiros. A própria Lúcia o confirma mais adiante (pág. 158): “Quiseram levar-nos um dia, ao Montelo, a casa dum homem chamado Joaquim Chapeleta...”*

repente, desenganar tudo isto, que parecia não saber divertir-se sem mim, e fazer-lhes compreender que era preciso acabar para sempre com tais reuniões?! Deus inspirou-o ao Francisco:

– Sabes como vais a fazer? Toda a gente sabe que Nossa Senhora te apareceu; por isso, dizes que Lhe prometeste não tornar mais a bailar e que, por isso, não vais. Depois, nesses dias, escapamo-nos para a Lapa do Cabeço; lá ninguém nos encontra.

Aceitei a proposta; e dada a minha decisão, ninguém pensou mais em organizar tal assembleia. Era Deus a abençoar. E essas amigas, que antes me procuravam para se divertir, agora seguiam-me e vinham procurar-me a casa, aos Domingos pela tarde, para ir com elas rezar o terço à Cova da Iria.

## 12. *Amor ao recolhimento e à oração*

O Francisco era de poucas palavras; e para fazer a sua oração e oferecer os seus sacrifícios, gostava de se ocultar até da Jacinta e de mim. Não poucas vezes o íamos surpreender, de trás duma parede ou dum silvado, para onde, dissimuladamente, se tinha escapado, de joelhos, a rezar ou a pensar, como ele dizia, em Nosso Senhor triste por causa de tantos pecados. Se lhe perguntava:

– Francisco, por que não me dizes para rezar contigo e mais a Jacinta?

– Gosto mais – respondia – de rezar sozinho, para pensar e consolar a Nosso Senhor que está tão triste.

Um dia, perguntei-lhe:

– Francisco, tu, de que gostas mais: de consolar a Nosso Senhor ou converter os pecadores, para que não (*vão*) fossem mais almas para o inferno?

– Gostava mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora, ainda no último mês, se pôs tão triste, quando disse que não ofendessem a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido? Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores, para que não O ofendessem mais.

Quando ia à escola, por vezes, ao chegar a Fátima, dizia-me:

– Olha: tu vai à escola. Eu fico aqui na igreja, junto de Jesus escondido. Não me vale a pena aprender a ler; daqui a pouco vou para o Céu. Quando voltares, vem por cá chamar-me.

O Santíssimo estava, então, à entrada da Igreja, do lado esquerdo. Metia-se entre a pia baptismal e o altar e aí o encontrava, quando voltava. (O Santíssimo estava aí por andar a Igreja em obras).

Depois que adoeceu, dizia-me, às vezes, quando, a caminho da escola, passava por sua casa:

– Olha: vai à Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido.

Um dia, ao chegar junto de sua casa, despedi-me dum grupo de crianças da escola que vinham comigo e entrei, para lhe fazer uma visita e a sua irmã. Como tinha sentido o barulho, perguntou-me:

– Tu vinhas com todos esses?

– Vinha.

– Não andes com eles, que podes aprender a fazer pecados.

Quando saíres da escola, vai um bocado para o pé de Jesus escondido e depois vem sozinha.

Um dia, perguntei-lhe:

– Francisco, sentes-te muito mal?

– Sinto; mas sofro para consolar a Nosso Senhor.

Ao entrar, um dia, com a Jacinta, no seu quarto, disse-nos:

– Hoje falem pouco, que me dói muito a cabeça.

– Não te esqueças de oferecer por os pecadores – lhe disse a Jacinta.

– Sim. Mas primeiro ofereço para consolar a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e depois, então, é que ofereço por os pecadores e por o Santo Padre.

Outro dia, ao chegar, encontrei-o muito contente.

– Estás melhor?

– Não. Sinto-me muito pior. Já me falta pouco para ir para o Céu. Lá vou consolar muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora. A Jacinta vai a pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre e por ti; e tu ficas cá, porque Nossa Senhora o quer. Olha: faz tudo o que Ela te disser.

Enquanto a Jacinta parecia preocupada com o único pensamento de converter pecadores e livrar almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que lhe tinha parecido estarem tão tristes.

### 13. *Visão do demónio*

Bem diferente é um facto que agora me está a lembrar. Andávamos, um dia, num sítio chamado a Pedreira e, enquanto as ovelhas pastavam, saltávamos de penedo em penedo, fazendo ecoar a voz no fundo desses grandes barrancos. O Francisco, como era seu costume, retirou-se lá para a concavidade dum penedo. Passado um bom bocado, ouvimo-lo gritar e chamar por nós e por Nossa Senhora. Aflitas pelo que lhe teria acontecido, começamos a procurá-lo, chamando por ele.

– Onde estás?

– Aqui! Aqui!

Mas ainda nos levou tempo a encontrá-lo. Por fim, lá demos com ele, a tremer de medo, ainda de joelhos, que, aflito, nem arte tinha para se pôr de pé.

– Que tens? Que foi?

Com a voz meia sufocada pelo susto, lá disse:

– Era um daqueles bichos grandes, que estavam no inferno, que estava aqui a deitar lume.

Não vi nada, nem a Jacinta, por isso ri-me e disse-lhe:

– Tu não queres nunca pensar no inferno, para não teres medo, e agora foste o primeiro a tê-lo!?

Ele, quando a Jacinta se mostrava mais impressionada com a lembrança do inferno, costumava dizer-lhe:

– Não penses tanto no inferno! Pensa antes em Nosso Senhor e Nossa Senhora. Eu não penso nele, para não ter medo.

E não mostrava ser nada medroso. Ia de noite, sozinho, a qualquer sítio escuro, sem mostrar dificuldade. Brincava com os lagartos e cobras que encontrava; fazia-as enrolar-se à volta dum pau; deitava-lhes, nas covas das pedras, leite das ovelhas, para que o bebessem. Metia-se nas covas, à procura das louras das raposas, dos coelhos e ginetes, etc.

### 14. *Fioretti de Fátima*

Dos passarinhos gostava muito; não podia ver que lhes roubassem os ninhos. Migava sempre parte do pão que levava para a merenda, no cimo das pedras, para que eles o comessem; e,

afastando-se, chamava por eles, como se o entendessem, e não queria que ninguém se aproximasse, para não lhes meter medo.

– Coitadinhos! Estão cheios de fome – dizia, falando com eles.

– Venham, venham comer!

E eles, com o olho vivo que têm, não se faziam rogar; e lá vinham em grandes ranchos. Era, então, a sua alegria, vê-los voar para o cimo das árvores, com o papinho cheio, a cantar, numa chilreada medonha que ele imitava com arte, fazendo coro com eles.

Um dia encontramos um pequeno que trazia na mão um passarinho que tinha apanhado. Cheio de pena, o Francisco prometeu-lhe dois vinténs, se o deitasse a voar. O rapaz aceitou o contrato, mas, antes, queria o dinheiro na mão. O Francisco voltou, então, a casa, da Lagoa da Carreira, que fica um pouco abaixo da Cova da Iria, a buscar os dois vinténs, para dar liberdade ao prisioneiro. Quando, depois, o viu voar, batia as palmas de contente e dizia:

– Tem cautela! não te tornem a apanhar.

Havia aí uma velhinha, a quem chamávamos Ti Mari' Carreira, a quem os filhos, às vezes, mandavam pastorear um rebanho de cabras e ovelhas. Estas, pouco domesticadas, às vezes tresmalhavam-se-lhe umas para cada lado.

Quando a encontrávamos assim aflita, o Francisco era o primeiro a correr em seu auxílio. Ajudava-a a conduzir o rebanho à pastagem, juntando-lhe as que se tinham tresmalhado. A pobre velhinha desfazia-se em mil agradecimentos e chamava-lhe o seu Anjinho da guarda.

Quando por aí iam doentes, ele ficava cheio de pena e dizia:

– Eu não posso ver assim esta gente. Faz-me tanta pena!

Quando nos chamavam, para falar a algumas pessoas que nos procuravam, ele perguntava se eram doentes e dizia:

– Se são doentes, não vou! Não os posso ver, que me fazem muita pena! Digam-lhes que peço por eles.

Quiseram levar-nos, um dia, ao Montelo, a casa dum homem chamado Joaquim Chapeleta. O Francisco não quis ir.

– Eu não vou. Não posso ver essa gente a querer falar sem poder. (Este homem tinha a mãe muda).

Quando voltei, à noite, com a Jacinta, perguntei a minha tia por ele.

– Eu sei lá! Cansei-me de o procurar esta tarde. Vieram aí umas senhoras que vos queriam ver. Vocês não estavam. Ele sumiu-se; não foi capaz de aparecer. Agora procurem-no vocês.

Sentámo-nos um pouco, num banco da cozinha, pensando ir depois à Loca do Cabeço, não duvidando que lá estaria. Mas, mal minha tia sai de casa, fala-nos por um buraquito que tinha o forro do sótão. Tinha subido para lá, quando sentiu que vinha gente. Daí tinha presenciado tudo que se tinha passado e dizia-nos depois:

– Era tanta gente! Deus me livre, se me apanhavam cá sozinho! O que é que eu lhes havia de dizer?

(Havia na cozinha um alçapão por onde, de cima duma mesa e uma cadeira, era fácil subir para o sótão).

## 15. *Outros casos*

Como já disse, minha tia vendeu o seu rebanho primeiro que minha mãe. Desde aí, pela manhã, antes de sair, avisava a Jacinta e o Francisco do lugar da pastagem para onde ia, e eles, logo que se podiam escapar, lá iam ter.

Um dia, quando cheguei, já lá estavam à minha espera.

– Ah! Como viestes tão cedo?

– Vim – respondeu o Francisco –, porque não sei como é: antes, não me importava muito de ti, vinha por causa da Jacinta mas agora, pela manhã, já nem posso dormir com a pressa de vir para o pé de ti.

Passados os dias 13 das aparições, nas vésperas dos outros dias 13, dizia-nos:

– Olhem: amanhã, logo pela manhãzinha, escapo-me pelo quintal para a Lapa do Cabeço e vocês, logo que possam, vão lá ter.

Ai, meu Deus! Eu estava já a escrever as coisas da sua doença, tão próxima à morte, e agora vejo que voltei aos alegres tempos da Serra, entre o meigo chilrear dos passarinhos. Peço desculpa. Escrevo para aqui o que me vai lembrando, à maneira do caranguejo que anda para trás e para diante, sem se preocupar com o termo da jornada. O trabalho deixo-o para o Senhor Dr. Galamba, se por acaso quiser daqui aproveitar alguma coisa. Suponho que pouco ou nada será.

Volto, pois, à sua doença. Mas, antes, ainda uma outra coisa do seu breve tempo de escola.



Saio, um dia, de casa, e encontro-me com minha irmã Teresa, casada, então, havia pouco tempo, na Lomba. Vinha a pedido duma outra mulher, dum lugarejo vizinho, a quem tinham prendido um filho, acusando-o não me lembro de que crime, pelo qual, se não se justificava a sua inocência, seria condenado ao desterro ou, pelo menos, a um considerável número de anos de prisão. Pedia-me, pois, com insistência, em nome da pobre mulher a quem ela desejava comprazer, que lhe alcançasse esta graça de Nossa Senhora. Recebido o recado, parti para a escola e, pelo caminho, contei a meus primos o que se passava. Ao chegar a Fátima, diz-me o Francisco:

– Olha: enquanto que vais à escola, eu fico com Jesus escondido e cá Lhe peço isso.

Ao sair da escola, fui chamá-lo e perguntei-lhe:

– Pediste aquela graça a Nosso Senhor?

– Pedi. Diz à tua Teresa que daqui a poucos dias ele vem para casa.

Efectivamente, daí a alguns dias, o pobre rapaz estava em casa e, no dia 13, estava, com toda a família, a agradecer a Nossa Senhora a graça recebida.

Um outro dia, ao sair de casa, notei que o Francisco andava muito devagar.

– Que tens? – Lhe perguntei – Parece que não podes andar!

– Dói-me muito a cabeça e parece que vou a cair.

– Então não venhas; fica em casa.

– Não fico! Quero antes ficar na Igreja, com Jesus escondido, enquanto que tu vais à escola.

Num desses dias que o Francisco, já doente, conseguiu ainda dar os seus passeios, fui com ele à Lapa do Cabeço e aos Valinhos. Na volta, ao chegar a casa, encontramos-la cheia de gente e uma pobre mulher que, junto duma mesa, fingia que benzia inúmeros objectos de piedade: terços, medalhas, crucifixos, etc. A Jacinta comigo fomos logo cercadas por numerosas pessoas que nos queriam interrogar. O Francisco foi apanhado por essa benzilheira que o convidou a ajudá-la.

– Eu não posso benzer – Lhe respondeu com seriedade – e vossemecê também não! São só os Senhores Padres.

A frase do pequeno espalhou-se imediatamente por entre a multidão, como se ecoasse por meio dalgum porta-voz e a pobre

mulher teve que se retirar imediatamente, entre os insultos dos que lhe exigiam os objectos que acabavam de lhe entregar.

Já disse, no escrito da Jacinta, como ele conseguiu ainda ir alguma vez à Cova de Iria, como usou e entregou a corda, como, num sufocante dia de calor, foi o primeiro a oferecer o sacrifício de não beber e como, por vezes, recordava à irmã a ideia de sofrer por os pecadores, etc. Suponho que não é por isso necessário repeti-lo aqui.

Estava um dia a fazer-lhe um pouco de companhia, junto de sua cama, com a Jacinta que se tinha levantado um pouco. De repente, vem sua irmã Teresa avisar que, pela estrada, vem uma multidão de gente que decerto vem à nossa procura. Logo que ela saiu, digo-lhes:

– Bem! Vocês atendam-nos cá; eu vou a esconder-me.

A Jacinta conseguiu ainda correr atrás de mim, e lá nos fomos meter dentro numa dorna que estava tombada junto da porta que dá para o quintal. Não tardamos a ouvir o ruído das pessoas que, andando a ver a casa, saíram para o quintal e estiveram mesmo encostadas à dita dorna que nos salvou, por ter a boca voltada para o lado oposto.

Quando sentimos que tinham ido embora, saímos do nosso esconderijo e lá fomos ter com o Francisco que nos informou do que se tinha passado.

– Era muita gente e queriam que eu lhes dissesse onde vocês estavam, mas eu também o não sabia. Queriam ver-nos e pedir-nos muitas coisas. Era também uma mulher do Alqueidão que queria a cura dum doente e a conversão dum pecador. Por esta mulher peço eu; vocês peçam lá por os outros que são muitos.

Esta mulher apareceu pouco depois da morte do Francisco. Pediu-me para lhe ir dizer qual era a sua campa, pois queria ir lá agradecer-lhe as duas graças que lhe tinha perdido.

Íamos, um dia, a caminho da Cova de Iria e, ao sair um pouco de Aljustrel, fomos surpreendidos por um grupo de gente, em uma curva da estrada, que, para nos verem e ouvirem melhor, puseram a Jacinta comigo em cima numa parede. O Francisco recusou deixar-se colocar lá em cima, como se tivesse medo de cair. Depois, foi-se escapando, pouco e pouco, e encostou-se a um velho muro que estava em frente. Uma pobre mulher e um rapaz, ao verem que não conseguiam falar-nos em particular, como deseja-

vam, foram ajoelhar-se diante dele, a pedir-lhe que alcançasse de Nossa Senhora a cura do pai e a graça de não ir para a guerra (era mãe e filho). O Francisco ajoelha também, tira o carapuço e pergunta se (*querem*) rezar com ele o terço. Dizem que sim e começam a rezar; dentro em pouco, toda aquela gente, deixando-se de perguntas curiosas, está também de joelhos a rezar. Depois, acompanham-nos à Cova de Iria. Pelo caminho, rezam connosco outro terço e, lá no local, outro e despedem-se satisfeitos. A pobre mulher promete voltar ali a agradecer a Nossa Senhora as graças que pede, se as alcança. E voltou várias vezes, acompanhada não só do filho, mas também do marido, já bem de saúde. (Eram da freguesia de S. Mamede e chamávamo-lhes os Casaleiros).

#### 16. *Francisco adoecer*

Na doença, o Francisco mostrou-se sempre alegre e contente. Às vezes, perguntava-lhe:

– Sofres muito, Francisco?

– Bastante; mas não importa. Sofro para consolar a Nosso Senhor; e depois, daqui a pouco, vou para o Céu!

– Lá, não te esqueças de pedir a Nossa Senhora que me leve para lá também depressa.

– Isso não peço! Tu bem sabes que Ela não te quer lá ainda.

Nas vésperas de morrer, disse-me:

– Olha: estou muito mal; já me falta pouco para ir para o Céu.

– Então vê lá: não te esqueças de lá pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre, por mim e pela Jacinta.

– Sim, eu peço. Mas olha: essas coisas pede-as à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer, quando vir a Nosso Senhor! E depois antes O quero consolar.

Um dia de madrugada, cedo, sua irmã Teresa vai chamar-me:

– Vem cá depressa. O Francisco está muito mal e diz que te quer dizer uma coisa!

Vesti-me à pressa e lá fui. Pediu à mãe e irmãos que saíssem do quarto, que era segredo o que me queria. Saíram e ele disse-me:

– É que me vou a confessar para comungar e morrer depois. Queria que me dissesses se me viste fazer algum pecado e que fosses perguntar à Jacinta se me viu ela fazer algum.

– Desobedeceste algumas vezes a tua mãe, – lhe respondi –

quando ela te dizia que te deixasses estar em casa e tu te escapavas para o pé de mim e para te ires esconder.

– É verdade! tenho esse. Agora vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais algum.

Lá fui, e a Jacinta, depois de pensar um pouco, respondeu-me:

– Olha: diz-lhe que, ainda antes de Nossa Senhora nos aparecer, roubou um tostão ao pai, para comprar o realejo ao José Mar- to, da Casa Velha; e que, quando os rapazes de Aljustrel atiraram pedras aos de Boleiros, ele também atirou algumas.

Quando lhe dei este recado da Irmã, respondeu:

– Esses já os confessei, mas torno a confessá-los. Se calhar, é por causa destes pecados que eu fiz que Nosso Senhor está tão triste! Mas eu, ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer. Agora estou arrependido.

E pondo as mãos, rezou a oração:

– Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.

Olha: pede tu também a Nosso Senhor que me perdoe os meus pecados.

– Peço, sim; está descansado. Se Nosso Senhor tos não tivesse já perdoado, não dizia Nossa Senhora, ainda outro dia, à Jacinta, que te vinha buscar muito em breve para o Céu. Agora, eu vou à Missa e lá peço a Jesus escondido por ti.

– Olha: pede-Lhe para o Senhor Prior me dar a Sagrada Co- munhão.

– Pois sim.

Quando voltei da Igreja, já a Jacinta se tinha levantado e esta- va sentada na sua cama. Logo que me viu, perguntou-me:

– Pediste a Jesus escondido para o Senhor Prior me dar a Sagrada Comunhão?

– Pedi.

– Depois, no Céu, peço eu por ti.

– Pedes?! Ainda outro dia disseste que não pedias!

– Isso era para te levar para lá breve; mas, se tu queres, eu peço, e depois Nossa Senhora faz como quiser.

– Pois quero; tu, pede.

– Pois sim; fica descansada, que eu peço.

Deixei-os ficar e fui para as minhas ocupações diárias de tra-

balho e escola. Quando voltei, à noitinha, estava já radiante de alegria.

Tinha-se confessado e o Senhor Prior tinha prometido trazer-lhe, no dia seguinte, a Sagrada Comunhão. Depois de comungar, no dia seguinte, dizia para a irmãzinha:

– Hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido. Eu vou para o Céu; mas lá vou pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que vos levem também para lá depressa.

Este dia passei-o quase todo com a Jacinta, junto de sua cama. Como já não podia rezar, pediu-nos que rezássemos nós o terço por ele. Depois, disse-me:

– Decerto, no Céu, vou ter muitas saudades tuas! Quem dera que Nossa Senhora te levasse também para lá breve!

– Não tens, não. Imagine-se! Ao pé de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que são tão bons!

– Pois é! Se calhar, nem me lembro.

E agora acrescento eu:

– Se calhar, nem mais se lembrou !!! Paciência! !!

## 17. *Morte santa*

Já de noite, despedi-me dele.

– Francisco, adeus! Se fores para o Céu esta noite, não te esqueças lá de mim, ouviste?

– Não te esqueço, não; fica descansada.

E agarrando-me a mão direita, apertou-ma com força, por um bom bocado, olhando para mim com as lágrimas nos olhos.

– Queres mais alguma coisa? – lhe perguntei, com as lágrimas a correr-me também já pelas faces.

– Não – me respondeu com voz sumida.

Como a cena se estava a tornar demasiado comovedora, minha tia mandou-me sair do quarto.

– Então adeus, Francisco! Até ao Céu!

– Adeus, até ao Céu!...

E o Céu aproximava-se. Para lá voou no dia seguinte <sup>(11)</sup>, nos braços da Mãe celeste.

<sup>(11)</sup> Este «dia seguinte», foi 4 de Abril de 1919.

A saudade não se descreve; é um espinho triste a pungir o coração pelos anos além! é a lembrança do passado ecoando sempre na eternidade.

Era de noite... e eu, plácida, sonhava  
Que em tão festivo, suspirado dia,  
Celestial enlace, em grã porfia,  
Entre nós com os Anjos se agitava!

Que áurea coroa – ninguém ideava  
Das florinhas que a terra produzia!  
Que igualasse a que o Céu lhe oferecia  
No angélico primor que a saudade deixava!

De lábios maternos... gozo, sorriso!  
No celeste paraíso... vive em Deus!  
D'amor encantado, de gozos sob'ranos,  
Passou estes anos... tão breves... Adeus!!!

#### 18. *Mais canções*

Como o Senhor Dr. Galamba deseja os versos profanos, e já escrevi alguns no decorrer da história do Francisco, antes de começar com outro assunto, vou pôr aqui mais alguns, para que Sua Rev.<sup>cia</sup> possa escolher, se por acaso algum se puder aproveitar para alguma coisa.

#### A Serrana

Serrana, Serrana,  
De olhos castanhos!  
Quem te deu, Serrana,  
Encantos tamanhos?...  
Encantos tamanhos!  
Nunca vi assim!!!  
Serrana, Serrana,  
Tem pena de mim.  
Tem pena de mim.  
Serrana, Serrana,  
Tem pena de mim!!!

Serrana, Serrana,  
De saia volante,  
Quem te deu, Serrana,  
Ser tão elegante?  
Ser tão elegante!  
Nunca vi assim!!! etc.

(o final de todos como o primeiro)

Serrana, Serrana,  
Peito cor de rosa!  
Quem te deu, Serrana,  
Uma cor tão mimosa?  
Uma cor tão mimosa!  
Nunca vi assim!!! etc.  
Serrana, Serrana,  
D'ouro enfeitada!  
Quem te deu, Serrana,  
Saia tão rodada?  
Saia tão rodada!  
Nunca vi assim!!! etc.

Tem cautela

Se fores à Serra,  
Vai devagarinho.  
Olha lá: não caias  
N'algum barroquinho!  
N'algum barroquinho,  
Não hei-de eu cair,  
Que as Serranitas  
Me hão-de acudir.  
Me hão-de acudir,  
Queiram ou não.  
Serranitas, meu coração!!!

Me hão-de acudir.  
Me hão-de tratar.  
São as Serranitas  
Boas para amar!

Boas para amar,  
Queiram ou não.  
Serranitas, meu coração!!!

## II. HISTÓRIA DAS APARIÇÕES

### PREFÁCIO

Agora, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, será a página mais custosa de quantas V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> me tem mandado escrever. Depois de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, em particular, me ter mandado escrever as aparições do Anjo, com todos os seus detalhes e pormenores e, quanto me seja possível, até com os próprios efeitos íntimos, vem o Senhor Dr. Galamba a pedir também a ordem de me mandar escrever as aparições de Nossa Senhora.

– Mande-lhe, Senhor Bispo – dizia, há pouco, em Valença, Sua Rev.<sup>cia</sup>. – Ó Senhor Bispo, mande-lhe que escreva tudo, mas tudo. Que há-de dar muitas voltas no purgatório por ter calado tanta coisa!

Do purgatório, nesse sentido, não tenho o menor receio. Obedeci sempre. E a obediência não tem pena nem castigo. Primeiro, obedeci aos movimentos íntimos do Espírito Santo; depois, às ordens dos que em Seu nome me falavam. Foi esta mesma a primeira ordem e conselho que, por meio de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, o bom Deus Se dignou dar-me.

E contente e feliz recordava as palavras dos tempos passados, do venerável sacerdote, Senhor Vigário de Torres Novas:

– O segredo da filha do Rei está todo no seu interior.

E começando a penetrar-lhe o sentido, dizia:

– O meu segredo é para mim.

Agora, já não digo assim! Imolada no altar da obediência, digo:

– O meu segredo pertence a Deus. Depu-lo nas Suas mãos; que faça dele o que mais Lhe agradar.

Dizia, pois, o Senhor Dr. Galamba:

– Senhor Bispo, mande-lhe que diga tudo, tudo; que não oculte nada. E V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, assistido, com certeza, pelo Divino Espírito Santo, pronunciou a sentença:



– Isso não mando. Em assuntos de segredos, não me meto <sup>(12)</sup>.

Graças a Deus! Qualquer outra ordem ter-me-ia sido uma fonte de perplexidades e escrúpulos. Com uma ordem contrária, perguntar-me-ia a mim mesma, milhares de vezes, a quem devia obedecer: a Deus ou ao Seu representante? E talvez sem encontrar a decisão, permaneceria numa verdadeira tortura íntima.

Depois, V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> continuou a falar em nome de Deus:

– A Irmã escreva as aparições do Anjo e de Nossa Senhora porque, minha irmã, é para glória de Deus e de Nossa Senhora.

Como Deus é bom! Ele é o Deus da paz e por esse caminho conduz os que em Ele confiam.

Começo, pois, a minha nova tarefa e cumprirei as ordens de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> e os desejos do Senhor Dr. Galamba. Exceptuando a parte do segredo que, por agora, não me é permitido revelar, direi tudo; advertidamente não deixarei nada. Suponho que poderão esquecer-me apenas alguns pequenos detalhes de mínima importância.

### 1. *Aparições do Anjo*

Pelo que posso mais ou menos calcular, parece-me que foi em 1915 que se deu essa primeira aparição do que julgo ser o Anjo, que não ousou, por então, manifestar-se de todo. Pelo aspecto do tempo, penso que se deveram dar nos meses de Abril até Outubro – 1915.

Na encosta do cabeço que fica voltada para o Sul, ao tempo de rezar o terço na companhia de três companheiras, de nome Teresa Matias, Maria Rosa Matias, sua irmã e Maria Justino, do lugar da Casa Velha, vi que sobre o arvoredado do vale que se estendia a nossos pés pairava uma como que nuvem, mais branca que neve, algo transparente, com forma humana. As minhas companheiras perguntaram-me o que era. Respondi que não sabia. Em dias diferentes, repetiu-se mais duas vezes.

Esta aparição deixou-me no espírito uma certa impressão que não sei explicar. Pouco e pouco, essa impressão ia-se desvanecendo; e creio que, se não são os factos que se lhe seguiram, com o tempo a viria a esquecer por completo.

<sup>(12)</sup> *Esta é a razão por que Lúcia, aqui, não descreve a terceira parte do Segredo.*

As datas não posso precisá-las com certeza, porque, nesse tempo, eu não sabia ainda contar os anos, nem os meses, nem mesmo os dias da semana. Parece-me, no entanto, que deveu ser na Primavera de 1916 que o Anjo nos apareceu a primeira vez na nossa Loca do Cabeço.

Já disse, no escrito sobre a Jacinta, como subimos a encosta em procura dum abrigo e como foi, depois de aí merendar e rezar, que começámos a ver, a alguma distância, sobre as árvores que se estendiam em direcção ao Nascente, uma luz mais branca que a neve, com a forma dum jovem, transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do Sol. À medida que se aproximava, íamos-lhe distinguindo as feições. Estávamos surpreendidos e meios absortos. Não dizíamos palavra.

Ao chegar junto de nós, disse:

– Não temais. Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.

E ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão. Levados por um movimento sobrenatural, imitámo-lo e repetimos as palavras que lhe ouvimos pronunciar:

– Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Depois de repetir isto três vezes, ergueu-se e disse:

– Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.

E desapareceu.

A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa, que quase não nos dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. No dia seguinte, sentíamos o espírito ainda envolvido por essa atmosfera que só muito lentamente foi desaparecendo.

Nesta aparição, nenhum pensou em falar nem em recomendar o segredo. Ela de si o impôs. Era tão íntima que não era fácil pronunciar sobre ela a menor palavra. Fez-nos, talvez, também, maior impressão, por ser a primeira assim manifesta.

A segunda deveu ser no pino do Verão, nesses dias de maior

calor, em que íamos com (os) rebanhos para casa, no meio da manhã, para os tornar a abrir só à tardinha.

Fomos, pois passar as horas da sesta à sombra das árvores que cercavam o poço já várias vezes mencionado. De repente, vimos o mesmo Anjo junto de nós.

– Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.

– Como nos havemos de sacrificar? – perguntei.

– De tudo que puderdes, ofereci um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começamos a oferecer ao Senhor tudo que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, excepto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado.

A terceira aparição parece-me que deveu ser em Outubro ou fins de Setembro, porque já não íamos passar as horas da sesta a casa.

Como já disse no escrito sobre a Jacinta, passámos da Prégueira (é um pequeno olival pertencente a meus pais) para a Lapa, dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e Casa Velha. Rezámos aí o terço e (a) oração que na primeira aparição nos tinha ensinado. Estando, pois, aí, apareceu-nos pela terceira vez, trazendo na mão um cálix e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam, dentro do cálix, algumas gotas de sangue. Deixando o cálix e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração:

– Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os

sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

Depois, levantando-se, tomou de novo na mão o cálix e a Hóstia e deu-me a Hóstia a mim e o que continha o cálix deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo, ao mesmo tempo:

– Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horriavelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolei o vosso Deus.

De novo se prostrou em terra e repetiu connosco a mais três vezes a mesma oração:

– Santíssima Trindade... etc.

E desapareceu.

Levados pela força do sobrenatural que nos envolvia, imitávamos o Anjo em tudo, isto é, prostrando-nos como Ele e repetindo as orações que Ele dizia. A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia privar-nos até do uso dos sentidos corporais por um grande espaço de tempo. Nesses dias, fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico, que nos prostrava, também era grande.

## 2. *Silêncio da Lúcia*

Não sei porquê, as aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade, mas, em vez desse abatimento físico, uma certa agilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na Divina presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade no falar, um certo entusiasmo comunicativo. Mas apesar destes sentimentos, sentia a inspiração para calar, sobretudo algumas coisas. Nos interrogatórios, sentia a inspiração íntima que me indicava as respostas que, sem faltar à verdade, não descobrissem o que devia, por então, ocultar. Neste sentido, resta-me apenas uma dúvida: se não deveria ter dito tudo no interrogatório canónico. Mas não sinto escrúpulo de ter calado, porque, nessa altura, eu não tinha ainda

conhecimento da importância desse interrogatório. Tomei-o, pois, como um de tantos a que estava habituada. Apenas estranhei a ordem de jurar; mas, como era o confessor que mo mandava e jurava a verdade, fi-lo sem dificuldade. Mal eu suspeitava, nesse momento, o que o demónio daí ia tirar, para mais tarde me atormentar com um sem fim de escrúpulos. Mas, graças a Deus, já tudo passou.

Há ainda outra razão que me confirma no pensamento de que fiz bem, calando. No decurso do interrogatório canónico, um dos interrogantes, Senhor Dr. Marques dos Santos, achou que podia alongar a lista das suas perguntas e começou por descer um pouco mais fundo. Antes de responder, com um simples olhar, interroguei o confessor. Sua Rev.<sup>cia</sup> tirou-me do embaraço, respondendo por mim. Lembrou ao interlocutor que ultrapassava os direitos que lhe eram dados.

Quase o mesmo me aconteceu no interrogatório do senhor Dr. Fischer. Autorizado por V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> e pela Rev.<sup>da</sup> Madre Provincial, parecia ter direito a perguntar-me tudo. Mas graças a Deus que veio acompanhado pelo confessor. A um dado momento, uma estudada pergunta sobre o segredo. Senti-me perplexa, sem saber que responder. Um olhar: o confessor tinha-me entendido e respondia por mim. O interrogante entendeu também e limitou-se a tapar-me a cara com umas revistas que tinha diante.

Assim Deus me ia mostrando que ainda não era chegado o momento por Ele designado.

Passo, então, a escrever as aparições de Nossa Senhora. Não me detenho a escrever as circunstâncias que as precederam, nem as que se lhe seguiram, visto o Senhor Dr. Galamba ter feito o favor de me dispensar disso.

### 3. *Treze de Maio*

Dia 13 de Maio (*de*) 1917 – Andando a brincar com a Jacinta e o Francisco, no cimo da encosta da Cova da Iria, a fazer uma paredita em volta duma moita, vimos, de repente, como que um relâmpago.

– É melhor irmos embora para casa, – disse a meus primos – que estão a fazer relâmpagos; pode vir trovoada.

– Pois sim.

E começamos a descer a encosta, tocando as ovelhas em direcção à estrada. Ao chegar, mais ou menos a meio da encosta, quase junto duma azinheira grande que aí havia, vimos outro relâmpago e, dados alguns passos mais adiante, vimos, sobre uma carrasqueira, uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal, cheio d'água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente. Parámos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto, que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia, talvez a metro e meio de distância, mais ou menos.

Então Nossa Senhora disse-nos:

– Não tenhais medo. Eu não vos faço mal.

– De onde é Vossemecê? – lhe perguntei.

– Sou do Céu.

– E que é que Vossemecê me quer?

– Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez <sup>(13)</sup>.

– E eu também vou para o Céu?

– Sim, vais.

– E a Jacinta?

– Também.

– E o Francisco?

– Também, mas tem que rezar muitos terços.

Lembrei-me então de perguntar por duas raparigas que tinham morrido há pouco. Eram minhas amigas e estavam em minha casa a aprender a tecedeiras com minha irmã mais velha.

– A Maria das Neves já está no Céu?

– Sim, está.

Parece-me que devia ter uns 16 anos.

– E a Amélia?

– Estará no purgatório até ao fim do mundo.

Parece-me que devia ter de 18 a 20 anos.

– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos

<sup>(13)</sup> Esta «sétima vez» já foi em 16 de Junho de 1921, nas vésperas da sua partida para o colégio de Vilar, no Porto. Foi uma aparição com mensagem pessoal para Lúcia, que, por isso, não a revelou.

pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

– Sim, queremos.

– Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

– Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Passados os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou:

– Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.

Em seguida, começou-Se a elevar serenamente, subindo em direcção ao nascente, até desaparecer na imensidade da distância. A luz que A cercava ia como que abrindo um caminho no cerrado dos astros, motivo por que alguma vez dissemos que vimos abrir-se o Céu.

Parece-me que já expus, no escrito sobre a Jacinta ou numa carta, que o medo que sentimos não foi propriamente de Nossa Senhora, mas sim da trovoada que supúnhamos lá vir; e dela, da trovoada, é que queríamos fugir. As aparições de Nossa Senhora não infundem medo ou temor, mas sim surpresa. Quando me perguntavam se tinha sentido e dizia que sim, referia-me ao medo que tinha tido dos relâmpagos e da trovoada que supunha vir próxima; e disto foi do que quisemos fugir, pois estávamos habituados a ver relâmpagos só quando trovejava.

Os relâmpagos também não eram propriamente relâmpagos, mas sim o reflexo duma luz que se aproximava. Por vermos esta luz, é que dizíamos, às vezes, que víamos vir Nossa Senhora; mas, propriamente, Nossa Senhora só A distinguíamos nessa luz, quando já estava sobre a azinheira. O não sabermos explicar e querer evitar perguntas foi que deu lugar a que umas vezes disséssemos que A víamos vir, outras que não. Quando dizíamos que sim, que

A víamos vir, referíamos-nos a que víamos aproximar essa luz que, afinal, era Ela. E quando dizíamos que A não víamos vir, referíamos a que, propriamente Nossa Senhora, só A víamos quando já estava sobre a azinheira.

#### 4. Treze de Junho

Dia 13 de Junho (*de*) 1917 – Depois de rezar o terço com a Jacinta e o Francisco e mais pessoas que estavam presentes, vimos de novo o reflexo da luz que se aproximava (a que chamávamos relâmpago) e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira, em tudo igual a Maio.

– Vossemecê que me quer? – perguntei.

– Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois direi o que quero.

Pedi a cura dum doente.

– Se se converter, curar-se-á durante o ano.

– Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.

– Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração<sup>(14)</sup>.

– Fico cá sozinha? – perguntei, com pena.

– Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Com-

(14) *Aqui, Lúcia, talvez pela pressa, omite o fim do parágrafo que, noutros documentos, diz assim: «A quem a (devoção ao Coração Imaculado de Maria) aceita, prometer-lhe-ei a salvação e estas almas serão amadas de Deus, como flores colocadas por Mim para enfeitar o Seu Trono».*



preendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação.

Eis, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, ao que nos referíamos, quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado um segredo em Junho. Nossa Senhora não nos mandou, ainda desta vez, guardar segredo, mas sentíamos que Deus a isso nos movia.

## 5. *Treze de Julho*

Dia 13 de Julho de 1917 – Momentos depois de termos chegado à Cova de Iria, junto da carrasqueira, entre numerosa multidão de povo, estando a rezar o terço, vimos o reflexo da costumada luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

– Vossemecê que me quer? – perguntei.

– Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.

– Queria pedir-Lhe para nos dizer Quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.

– Continuem a vir aqui todos os meses. Em Outubro direi Quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão-de ver, para acreditar.

Aqui, fiz alguns pedidos que não recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem as graças durante o ano. E continuou:

– Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Ao dizer estas últimas palavras, abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados.

O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes (*incêndios*), sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de

dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor (deveu ser ao deparar-me com esta vista que dei esse ai! que dizem ter-me ouvido). Os demónios distinguiram-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa. Assustados e como que a pedir socorro, levantámos a vista para Nossa Senhora que nos disse, com bondade e tristeza:

– Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida <sup>(15)</sup>, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados <sup>(16)</sup>. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz <sup>(17)</sup>. Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.

Quando rezais o terço, dizei, depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem.

Seguiu-se um instante de silêncio e perguntei:

– Vossemecê não me quer mais nada?

– Não. Hoje não te quero mais nada.

<sup>(15)</sup> *Trata-se da aurora boreal, na noite de 25 de Janeiro de 1938, que foi um fenómeno extraordinário e que a Lúcia sempre considerou como o sinal prometido do Céu.*

<sup>(16)</sup> *Cfr. Apêndice I.*

<sup>(17)</sup> *Cfr. Apêndice II.*

E, como de costume, começou a elevar-se em direcção ao nascente até desaparecer na imensa distância do firmamento.

## 6. *Treze de Agosto*

Dia 13 de Agosto de 1917 – Como já está dito o que neste dia se passou, não me detenho nisso e passo à aparição, a meu ver no dia 15, ao cair da tarde <sup>(18)</sup>. Como ainda então não sabia contar os dias do mês, pode ser que seja eu a que esteja enganada; mas conservo a ideia que foi no mesmo dia em que chegamos de Vila Nova de Ourém.

Andando com as ovelhas, na companhia de Francisco e seu irmão João, num lugar chamado Valinhos, e sentindo que alguma coisa de sobrenatural se aproximava e nos envolvia, suspeitando que Nossa Senhora nos viesse a aparecer e tendo pena que a Jacinta ficasse sem A ver, pedimos a seu irmão João que a fosse a chamar. Como ele não queria ir, ofereci-lhe, para isso, dois vinténs e lá foi a correr.

Entretanto, vi, com o Francisco, o reflexo da luz a que chamávamos relâmpago; e chegada a Jacinta, um instante depois, vimos Nossa Senhora sobre uma carrasqueira.

– Que é que Vossemecê me quer?

– Quero que continueis a ir à Cova de Iria no dia 13, que continueis a rezar o terço todos os dias. No último mês, farei o milagre, para que todos acreditem.

– Que é que Vossemecê quer que se faça ao dinheiro que o povo deixa na Cova de Iria?

– Façam dois andores: um, leva-o tu com a Jacinta e mais duas meninas vestidas de branco; o outro, que o leve o Francisco com mais três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar é para a ajuda duma capela que hão-de mandar fazer.

– Queria pedir-Lhe a cura dalguns doentes.

– Sim; alguns curei durante o ano.

E tomando um aspecto mais triste:

<sup>(18)</sup> *Lúcia está enganada ao afirmar que a aparição tenha sido no mesmo dia em que voltaram da prisão de Vila Nova de Ourém. A aparição foi no Domingo seguinte, em 19 de Agosto.*

– Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

E, como de costume, começou a elevar-se em direcção ao nascente.

## 7. *Treze de Setembro*

Dia 13 de Setembro de 1917 – Ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe:

– Pelo amor de Deus! peçam a Nossa Senhora que me cure meu filho, que é aleijadinho!

Outro:

– Que me cure o meu, que é cego!

Outro:

– O meu, que é surdo!

– Que me traga meu marido...

– ... meu filho, que anda na guerra!

– Que me converta um pecador!

– Que me dê saúde, que estou tuberculoso!

Etc., etc.

Ali apareciam todas (as) misérias da pobre humanidade. E alguns gritavam até do cimo das árvores e paredes, para onde subiam, com o fim de nos ver passar. Dizendo a uns que sim, dando a mão a outros para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo passagem por entre a multidão.

Quando agora leio, no Novo Testamento, essas cenas tão encantadoras da passagem de Nosso Senhor pela Palestina, recordo estas que, tão criança ainda, Nosso Senhor me fez presenciar, nesses pobres caminhos e estradas de Aljustrel a Fátima e à Cova de Iria, e dou graças a Deus, oferecendo-Lhe a fé do

nosso bom Povo português. E penso: se esta gente se abate assim diante de três pobres crianças, só porque a elas é concebida misericordiosamente a graça de falar com (a) Mãe de Deus, que não fariam, se vissem diante de si o próprio Jesus Cristo?

Bem; mas isto não era nada chamado para aqui. Foi mais uma distração da pena que me escapou para onde eu não queria. Paciência! Mais uma coisa inútil; não na tiro, para não inutilizar o caderno.

Chegámos, por fim, à Cova de Iria, junto da carrasqueira e começamos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e a seguir Nossa Senhora sobre a azinheira.

– Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra. Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia.

– Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo.

– Sim, alguns curarei; outros não. Em Outubro farei o milagre, para que todos acreditem. E começando a elevar-se, desapareceu como de costume.

## 8. *Treze de Outubro*

Dia 13 de Outubro de 1917 – Saímos de casa bastante cedo, contando com as demoras do caminho. O povo era em massa. A chuva, torrencial. Minha mãe, temendo que fosse aquele o último dia da minha vida, com o coração retalhado pela incerteza do que iria acontecer, quis acompanhar-me. Pelo caminho, as cenas do mês passado, mais numerosas e comovedoras. Nem a lamaceira dos caminhos impedia essa gente de se ajoelhar na atitude mais humilde e suplicante. Chegados à Cova de Iria, junto da carrasqueira, levada por um movimento interior, pedi ao povo que fechasse os guarda-chuvas para rezarmos o terço. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

– Que é que Vossemecê me quer?

– Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o

terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas.

– Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia uns pecadores, etc.

– Uns, sim; outros, não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

E tomando um aspecto mais triste:

– Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido.

E abrindo as mãos, fê-las reflectir no sol. E enquanto que se elevava, continuava o reflexo da Sua própria luz a projectar (-se) no sol.

Eis, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, o motivo pelo qual exclamei que olhassem para o sol. O meu fim não era chamar para aí a atenção do povo, pois que nem sequer me dava conta da sua presença. Fi-lo apenas levada por um movimento interior que a isso me impeliu.

Desaparecida Nossa Senhora, na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o Mundo com uns gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o Mundo da mesma forma que S. José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.

## *EPÍLOGO*

Eis, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, a história das aparições de Nossa Senhora na Cova de Iria, em 1917. Sempre que por algum motivo tinha que falar delas, procurava fazê-lo com as mínimas palavras, na ambição de guardar, para mim só, essas partes mais íntimas que tanto me custava manifestar. Mas, como elas são de Deus e não minhas, e Ele, agora, por meio de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup>, mas reclama, aí vão. Restituo o que me não pertence. Advertidamente, não reservo nada. Parece-me que devem faltar apenas alguns

pequenos detalhes referentes aos pedidos que eu fazia. Como eram coisas meramente materiais, não lhes ligava tanta importância, e talvez por isso se me não gravaram tão vivamente no espírito. E depois, elas eram tantas, tantas! Devido, talvez, a preocupar-me com a recordação das inúmeras graças que tinha para pedir a Nossa Senhora, houve o engano de entender que a guerra acabava no próprio dia 13 <sup>(19)</sup>.

Não poucas pessoas se têm mostrado bastante admiradas com a memória que Deus se dignou dar-me. Por uma bondade infinita, ela é em mim bastante privilegiada, em todo o sentido. Mas, nestas coisas sobrenaturais, não é de admirar, porque elas gravam-se no espírito, de tal forma, que é quase impossível esquecê-las. Pelo menos, o sentido das coisas que elas indicam nunca se esquece, a não ser que Deus o queira também fazer esquecer.

### *III. MAIS APONTAMENTOS SOBRE A JACINTA*

#### *1. Uma cura milagrosa*

Pede-me ainda, o Senhor Dr. Galamba, para escrever alguma graça mais que tenha sido alcançada por meio da Jacinta. Pensei um pouco e lembro-me de duas apenas.

A primeira vez que a boa Senhora Emília, de quem falo no segundo escrito sobre a Jacinta, me foi buscar, para me levar ao Olival, a casa do Senhor Vigário, a Jacinta foi comigo. Quando chegámos à aldeia onde vivia essa boa viúva, era noite. Apesar disso, a notícia da nossa chegada não tardou a divulgar-se e a casa da Senhora Emília achou-se logo cercada de inúmeras pessoas. Queriam ver-nos, interrogar-nos, pedir graças, etc.

Havia aí uma piedosa mulher que costumava rezar em sua casa o terço, com as pessoas da pequena aldeia que se queriam juntar a ela. Veio, pois, pedir para lá irmos a sua casa rezar o terço. Quisemos escusar-nos, dizendo que o rezávamos com a Senhora Emília, mas as instâncias foram tantas que não houve outro remé-

<sup>(19)</sup> *Lúcia não afirmou categoricamente que a guerra terminaria no mesmo dia; foi induzida a isso pelas muitas e insistentes perguntas que lhe faziam.*

dio senão ceder. À notícia de que íamos, o povo correu em massa para a casa da boa mulher, com o fim de apanhar lugar; e ainda bem que assim nos deixaram o caminho mais livre. Quando íamos a caminho, saiu-nos ao encontro uma rapariga, talvez dos seus vinte anos, a chorar. Prostra-se de joelhos e pede para entrarmos em sua casa a rezar sequer uma Ave-Maria pelas melhoras de seu pai, que havia mais de três anos não podia descansar, com um contínuo soluço.

Impossível resistir a umas cenas destas. Ajudei a pobre rapariga a levantar-se; e, como a noite era já bastante adiantada (caminhávamos à luz dumas lanternas), disse à Jacinta que ficasse ela ali, enquanto eu ia rezar o terço com o povo, que na volta a chamava. Ela aceitou. Quando voltei, entrei também nessa casa. Encontrei a Jacinta sentada numa cadeira, em frente dum homem também sentado, de aspecto não muito velho, mas mirrado, e a chorar de comoção. Rodeavam-no algumas pessoas mais, que julgo serem da família. Ao ver-me, levantou-se, despediu-se prometendo não o esquecer nas suas orações, e lá viemos para a casa da Senhora Emília.

No dia seguinte, saímos de manhãzinha cedo para o Olival, e voltámos só passados uns três dias. Ao chegar a casa da Senhora Emília, lá nos apareceu a ditosa rapariga, acompanhada já de seu pai, de aspecto bastante melhor, sem aquela aparência de tanto nervosismo e de tão extremada fraqueza. Vinham agradecer a graça recebida, porque, diziam, não tinha tornado mais a sentir o importuno soluço. Todas as vezes que ainda por aí passei, sempre essa boa família me vinha mostrar o seu agradecimento, dizendo que estava completamente curado, que não tinha sentido mais o menor assomo de soluços.

## 2. *Regresso dum filho pródigo*

A outra era uma tia minha, casada na Fátima, de nome Vitória, que tinha um filho que era um verdadeiro pródigo. Não sei porquê, havia tempo que tinha abandonado a casa paterna, sem se saber que feito era dele. Aflita, minha tia veio um dia a Aljustrel, para me pedir que pedisse a Nossa Senhora por aquele seu filho. Não me encontrando, fez o pedido à Jacinta. Esta prometeu pedir



por ele. Passados alguns dias, apareceu em casa a pedir perdão aos pais e depois foi a Aljustrel a contar a sua desventurada sorte.

Depois (contava ele) de haver gastado tudo que tinha roubado aos pais, andou vário tempo por lá, feito vadio, até que, não recorde o motivo, foi metido na cadeia de Torres Novas. Algum tempo depois de estar aí, conseguiu, uma noite, escapar-se; e, fugitivo, de noite, meteu-se por entre montes e pinhais desconhecidos.

Julgando-se completamente perdido, entre o susto de ser apanhado e a escuridão da noite cerrada e tempestuosa, encontrou-se com o único recurso da oração. Caiu de joelhos e começou a rezar. Passados alguns minutos, afirmava ele, aparece-lhe a Jacinta, pega-lhe por a mão e condu-lo à estrada (*de*) macadame que vem do Alqueidão ao Reguengo, fazendo-lhe sinal que continuasse por ali. Quando amanheceu, achou-se a caminho de Boleiros, reconheceu o ponto onde estava e, comovido, dirigiu-se a casa dos pais.

Ora bem, ele afirmava que a Jacinta lhe tinha aparecido, que a tinha reconhecido perfeitamente. Eu perguntei à Jacinta se era verdade ela lá ter ido ter com ele. Respondeu-me que não, que nem sabia onde eram esses pinhais e montes onde ele se perdeu.

– Eu só rezei e pedi muito a Nossa Senhora por ele, com pena da tia Vitória – foi o que me respondeu.

– Como foi então isto?

– Não sei; sabe-o Deus.

#### IV. JACINTA COM FAMA DE SANTIDADE

##### 1. *Indicação*

Falta-me ainda responder a uma outra pergunta do Senhor Dr. Galamba:

– Que sentiam as pessoas junto da Jacinta?

É difícil a resposta, porque, de ordinário, eu não sei o que se passa no interior dos outros; e por isso não conheço os seus sentimentos. Posso, pois, apenas dizer alguma coisa do que eu mesma sentia e descrever alguma manifestação exterior do sentimento das outras pessoas.

## 2. *Jacinta, espelho de Deus*

O que eu sentia era o que, de ordinário, se sente junto duma pessoa santa que em tudo parece comunicar a Deus.

A Jacinta tinha um porte sempre sério, modesto e amável, que parecia traduzir a presença de Deus em todos os seus actos, próprio de pessoas já avançadas em idade e de grande virtude. Não lhe vi nunca aquela demasiada leviandade ou entusiasmo próprio das crianças, pelos enfeites e brincadeiras. (Isto, depois das aparições, que, antes, era o número um de entusiasmo e capricho).

Não posso dizer que as outras crianças corressem para junto dela, como o faziam para junto de mim. E isto, talvez, porque ela não sabia tanta cantiga e historieta para lhes ensinar e as entreter; ou, então, porque a seriedade do seu porte era demasiado superior à sua idade. Se, na sua presença, alguma criança ou mesmo pessoas grandes diziam alguma coisa ou faziam qualquer acção menos conveniente, repreendia-as, dizendo:

– Não façam isso, que ofendem a Deus Nosso Senhor; e Ele já está tão ofendido!

Se a pessoa ou criança retorquia, chamando-lhe beata falsa ou santinha de pau carunchento, ou coisa semelhante, o que acontecia várias vezes, ela olhava-as com uma certa severidade e, sem dizer palavra, afastava-se. Talvez fosse este um dos motivos pelo qual não gozava de mais simpatia. Se eu estava junto dela, depressa aí se juntavam dezenas de crianças; mas, se me ia embora, depressa ficava só. No entanto, quando estavam junto dela, parecia gostarem da sua companhia. Abraçavam-na com os abraços próprios do carinho inocente; gostavam de cantar e jogar com ela. Por vezes pediam-me para a ir buscar, quando não estava; e se eu lhes dizia que ela não queria ir, por elas serem más, prometiam ser boas, se ela fosse.

– Vai buscá-la e diz-lhe que vamos a ser boas, se ela vier.

Na doença, quando, às vezes, a ia visitar, encontrava, fora da porta, um bom grupo, esperando por mim para entrar a vê-la. Parecia que um certo respeito as detinha. Antes de me vir embora, às vezes, perguntava-lhe:

– Jacinta, queres que diga a algumas que fiquem aqui ao pé de ti, a fazer-te companhia?

– Pois sim. Mas dessas mais pequeninas que eu.

Então, todas porfiavam, dizendo:

– Fico eu! Fico eu!

Depois, entretinha-se com elas, ensinando-lhes o Padre-Nosso, a Ave-Maria, a benzer-se, a cantar e, sobre a cama dela ou sentadas no chão, no meio da casa, se estava levantada, jogavam as pedrinhas, servindo-se, para isso, das pequeninas maçãs, castanhas, bolota doce, figos secos, etc., com que minha tia não lhes faltava, para que fizessem companhia a sua filhinha.

Rezava com elas o terço, aconselhava-as a não fazerem pecados, para não ofenderem a Deus Nosso Senhor e não irem para o inferno.

Algumas passavam aí manhãs e tardes quase inteiras, parecendo sentirem-se felizes junto dela. Mas, depois de se terem ido embora, não se atreviam a voltar com aquela confiança que parecia ser natural entre crianças. Um dia, iam procurar-me e pedir-me para entrar com elas; outras, esperavam-me junto da casa ou, então, esperavam, fora da porta, que minha tia ou a própria Jacinta as chamasse e convidasse a entrar e a ir para junto dela. Parecia gostarem dela e da sua companhia, mas sentirem-se retidas por um certo acanhamento ou respeito que as mantinha a uma certa distância.

### 3. *Jacinta, exemplo de virtudes*

As pessoas grandes iam também visitá-la; mostravam admiração pelo seu porte, sempre igual, paciente, sem a menor queixa ou exigência. Na posição em que a mãe a deixava, assim permanecia. Se lhe perguntavam se estava melhor, respondia:

– Estou na mesma.

Ou,

– Parece que estou pior. Muito obrigada.

Com um ar mais bem triste, mantinha-se em silêncio diante de quem a visitava. As pessoas sentavam-se aí junto dela, às vezes longo tempo, parecendo sentirem-se aí felizes. Aí tinham também lugar minuciosos e fatigantes interrogatórios, e ela sem mostrar nunca a mínima impaciência ou aborrecimento. Apenas me dizia, depois:

– Já me doía tanto a cabeça de ouvir aquela gente! Agora, que

não posso fugir para me esconder, ofereço mais sacrifícios destes a Nosso Senhor.

As vizinhas, às vezes, iam coser a roupa para junto dela e diziam:

– Vou trabalhar um pouco para o pé da Jacinta. Não sei o que é que ela tem. A gente gosta de estar ao pé dela.

Levavam os filhinhos que com ela se entretinham a brincar e as mães ficavam assim mais livres para coser. Às perguntas que lhe faziam, respondia com palavras amáveis, mas breves. Se diziam alguma coisa que não lhe parecesse bem, acudia logo:

– Não digam isso, que ofendem a Deus Nosso Senhor.

Se contavam alguma coisa de suas famílias, que não fosse boa, respondia-lhes:

– Não deixem os seus filhinhos fazer pecados, que lhes podem ir para o inferno.

Se eram pessoas maiores:

– Digam-lhes que não façam isso, que é pecado; que ofendem a Deus Nosso Senhor e depois podem condenar-se.

As pessoas de longe, que por curiosidade ou devoção nos visitavam, parecia sentirem algo de sobrenatural junto dela. Às vezes, ao chegar a minha casa para falar comigo, diziam:

– Vimos de falar com a Jacinta e Francisco; junto deles, sente-se um não sei quê de sobrenatural.

Por vezes, queriam até que eu lhes explicasse de que provinha esse sentimento. Como não sabia, encolhia os ombros e guardava silêncio. Não poucas vezes, ouvi comentar isto.

Um dia, chegaram a minha casa dois sacerdotes e um cavalheiro. Enquanto minha mãe lhes abriu a porta e os mandou sentar-se, subi para o sótão a esconder-me. Minha mãe, depois de os ter recebido, deixou-os sós, para me ir chamar ao pátio, onde acabava de me deixar. Não me encontrando, demorou-se à minha procura. Entretanto, os bons Senhores iam comentando o caso:

– Vamos a ver o que nos diz esta – dizia o cavalheiro. – A mim impressionou-me a inocência e sinceridade da Jacinta e do irmãozinho. Se esta se não desdiz, eu acredito.

– Não sei que senti junto dos dois pequenos! Parece que se sente ali algo de sobrenatural – acrescentou um dos Sacerdotes. – A mim fez-me bem à alma falar com eles.

Minha mãe não me encontrou, e os bons Senhores tiveram que resignar-se a partir sem me falar.

– Às vezes – dizia-lhes minha mãe –, vai-se por aí a brincar com as outras crianças e não há quem na encontre.

– Temos muita pena! Gostámos muito de falar com os dois pequenitos e queríamos também falar com a sua; mas voltaremos noutra ocasião.

Um Domingo, minhas amigas da Moita, Maria, Rosa e Ana Caetano, e Maria e Ana Brogueira, depois da Missa, foram pedir a minha mãe para me deixar ir passar o dia com elas. Obtida a licença, pediram-me para levar comigo a Jacinta e Francisco. Obtida a licença de minha tia, lá fomos para a Moita. Depois do jantar, a Jacinta começou a deixar cair a cabecita com sono. O Senhor José Alves mandou uma das sobrinhas ir deitá-la na sua cama. Daí a pouco, dormia a sono solto. Começou a juntar-se a gente do lugarejo, para passar a tarde connosco; e, na ansiedade de a ver, foram espreitar, a ver se já estava acordada. Ficaram admiradas de vê-la dormir um pesadíssimo sono com um sorriso nos lábios, um ar angelical, as mãozinhas postas e levantadas para o Céu. O quarto encheu-se depressa de curiosos. Todos queriam vê-la, e a custo uns saíam para deixarem entrar os outros. A mulher do Senhor José Alves e as sobrinhas diziam:

– Isto deve ser um Anjo.

E tomadas dum certo respeito, permaneceram de joelhos junto da cama, até que eu, perto das quatro e meia, a fui chamar, para irmos rezar o terço à Cova de Iria e depois irmos para casa. As sobrinhas do Senhor José Alves são as atrás apelidadas Caetano.

#### 4. *O Francisco era diferente*

O Francisco era, também, neste ponto, um pouco diferente: sempre a sorrir, sempre amável e condescendente, brincava com todas as crianças indistintamente. Não repreendia a ninguém. Apenas, às vezes, se retirava, quando via alguma coisa que não estava bem. Se se lhe perguntava por que se ia embora, respondia:

– Porque vocês não são bons.

ou

– Porque não quero brincar mais.

Na doença, as crianças entravam e saíam do seu quarto com a maior liberdade, falavam-lhe da janela do quarto, perguntavam-lhe se estava melhor, etc. Se se lhe perguntava se queria que algumas crianças ficassem junto dele a fazer-lhe companhia, respondia que não, que queria antes estar só.

– Só gosto – dizia às vezes – que estejas aqui tu e mais a Jacinta.

Diante das pessoas grandes que o visitavam, mantinha-se em silêncio e respondia, ao que lhe perguntavam, em poucas palavras. As pessoas que o visitavam, tanto da terra como de fora, sentavam-se junto da cama dele, às vezes longo tempo, e diziam:

– Não sei que tem o Francisco! A gente sente-se aqui bem.

Algumas vizinhas comentavam, um dia, com minha tia e minha mãe, depois de haverem estado um bom bocado de tempo no quarto de Francisco:

– É um mistério que a gente não entende. São crianças como as outras, não nos dizem nada, e junto delas sente-se um não sei quê diferente das demais.

– Parece que se sente, ao entrar no quarto do Francisco, o que sentimos ao entrar na Igreja – dizia uma mulher vizinha de minha tia, de nome Romana, e que não mostrava acreditar nada nos factos.

Nesse grupo estavam ainda mais três: uma era mulher de Manuel Faustino, outra de José Marto, outra de José Silva.

Não me admira que as pessoas experimentassem estes sentimentos, habituadas a encontrar, em todos, somente a materialidade da vida caduca e perecedoura. Agora, a só vista destas eleva-lhes o pensamento para a Mãe do Céu, com Quem se diz que têm relações; para a eternidade, para onde os vêem tão presenças a partir, tão alegres e felizes; para Deus, a Quem eles dizem que amam mais que os próprios pais; e também para o inferno, para onde eles lhes dizem que vão, se continuam a fazer pecados. Materialmente são, como dizem, crianças como as outras. Mas se essa boa gente, tão habituada só ao material da vida, soubesse elevar um pouco o espírito, veria sem dificuldade, que nelas havia algo que bastante as distinguia.

Veio-me agora à mente um outro facto que teve relação com o Francisco e vou apontá-lo.

Entrou, um dia, no quarto de Francisco, uma mulher da Casa Velha, chamada Mariana, que, aflita por o marido ter expulsado um filho de casa, pedia a graça da reconciliação do filho com o pai. O Francisco respondeu-lhe:

– Fique descansada. Vou em breve para o Céu e, quando lá chegar, peço essa graça a Nossa Senhora.

Não me lembro bem os dias que tardou ainda a ir para o Céu; mas o que recordo é que, na tarde do dia em que Francisco morreu, o filho pediu pela segunda vez perdão ao pai que já lho tinha negado uma vez, por ele se não querer sujeitar às condições impostas. Sujeitou-se a tudo o que o pai lhe impunha e restabeleceu-se a paz naquela casa.

Uma irmã deste rapaz, de nome Leocádia, casou depois com um irmão da Jacinta e Francisco e é agora a mãe daquela sobrinha da Jacinta e Francisco que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> há tempo viu entrar, na Cova de Iria, para religiosa Doroteia.

## EPÍLOGO

Parece-me, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo, ter escrito tudo que, por agora, V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> me mandou. Até aqui, fiz quanto pude para ocultar o que as aparições de Nossa Senhora, na Cova de Iria, tinham de mais íntimo. Sempre que delas me vi obrigada a falar, procurei tocar-lhe ao de leve, para não descobrir o que tanto desejava reservar. Mas, agora, que a obediência a isso me obrigou, aí vai! E eu fico, como o esqueleto despojado de tudo e até da mesma vida, posto no Museu Nacional, a recordar aos visitantes a miséria e o nada de tudo que passa. Assim despojada, ficarei no Museu do Mundo, lembrando, aos que passam, não a miséria e o nada, mas a grandeza das Divinas Misericórdias.

Que o bom Deus e o Imaculado Coração de Maria se dignem aceitar os pobres sacrifícios que se têm dignado pedir-me, para avivar nas almas o espírito de fé, de confiança e de amor!

Tuy, 8 de Dezembro (de) 1941.

# APÊNDICE I

## Introdução

*O texto que se segue é um documento escrito pela Irmã Lúcia, em fins de 1927, por ordem do seu director espiritual, o Rev. P.<sup>e</sup> Aparício, S. J. Pouco tempo depois de ter tido esta aparição, no dia 10 de Dezembro de 1925, na sua cela, redigiu um primeiro escrito que foi destruído pela própria Irmã Lúcia. Este documento constitui, portanto, a segunda redacção, exactamente igual à primeira; apenas lhe acrescentou o parágrafo introdutório referente à data de 17 de Dezembro de 1927. Nele, a Vidente explica como recebeu autorização do Céu, para dar a conhecer parte do segredo.*

*A este documento chamamos: « Testa da grande promessa do Coração de Maria ». Efectivamente, é expressão da misericordiosa e gratuita Vontade Divina, dando-nos um meio de salvação fácil e seguro, visto que se apoia na tradição católica mais sã, sobre a eficácia salvadora da Intercessão Mariana.*

*Neste texto podem ler-se as condições necessárias para corresponder ao apelo dos Cinco Primeiros Sábados do mês, em reparação das injúrias feitas ao Coração de Maria. E não pode esquecer-se nunca a sua intenção mais profunda: a reparação ao Coração de Maria.*

## TEXTO DA GRANDE PROMESSA DO CORAÇÃO DE MARIA, NA APARIÇÃO DE PONTEVEDRA (ESPANHA)

J. M. J.

No dia 17-12-1927, foi junto do Sacrário perguntar a Jesus como satisfaria o pedido que lhe era feito, se a origem da devoção ao Imaculado Coração de Maria estava encerrada no segredo que a SS. Virgem lhe tinha confiado.

Jesus, com voz clara, fez-lhe ouvir estas palavras:

– Minha filha, escreve o que te pedem; e tudo que te revelou a SS. Virgem, na aparição em que falou desta devoção, escreve-o também; quanto ao resto do segredo, continua o silêncio.



O que em 1917 foi confiado a este respeito é o seguinte: ela pediu para os levar para o Céu. A SS. Virgem respondeu:

– Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve, mas tu (1) ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no Mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação, e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o Seu trono.

– Fico cá sozinha? – disse, com tristeza.

– Não, filha. Eu nunca te deixarei. O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Dia 10-12-1925, apareceu-lhe a SS. Virgem e, ao lado, suspenso em uma nuvem luminosa, um Menino. A SS. Virgem, pondo-lhe no ombro a mão e mostrando, ao mesmo tempo, um coração que tinha na outra mão, cercado de espinhos.

Ao mesmo tempo, disse o Menino:

– Tem pena do Coração de tua SS. Mãe que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Lhe cravam sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar.

Em seguida, disse a SS. Virgem:

– Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfêmias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que todos aqueles que durante 5 meses, ao 1.º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário, com o fim de Me desagrar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas.

No dia 15-2-1926, apareceu-lhe, de novo, o Menino Jesus. Perguntou se já tinha espalhado a devoção a Sua SS. Mãe. Ela expôs-lhe as dificuldades que tinha o Confessor e que a Madre Superiora estava pronta a propagá-la, mas que o Confessor tinha dito que ela, só, nada podia. Jesus respondeu:

– É verdade que a tua Superiora, só nada pode; mas, com a Minha graça, pode tudo.

(1) *Respeitámos a vontade da Irmã Lúcia que, depois de ter escrito o seu nome, o rasurou, permitindo, no entanto, a sua leitura.*

Apresentou a Jesus a dificuldade que tinham algumas almas em se confessar ao sábado e pediu para ser válida a confissão de 8 dias. Jesus respondeu:

– Sim, pode ser de muitos mais ainda, contanto que, quando Me receberem, estejam em graça e que tenham a intenção de desagravar o Imaculado Coração de Maria.

Ela perguntou:

– Meu Jesus, as que se esquecerem de formar essa intenção?

Jesus respondeu:

– Podem formá-la na outra confissão seguinte, aproveitando a 1.<sup>a</sup> ocasião que tiverem de se confessar.

*Uns dias depois, a Irmã Lúcia escrevia o seu relato, o qual foi enviado a Mons. Manuel Pereira Lopes, mais tarde Vigário Geral da Diocese do Porto, e que tinha sido confessor de Lúcia durante a sua permanência no Asilo de Vilar, da cidade do Porto. Este documento inédito foi publicado pelo Rev. Dr. Sebastião Martins dos Reis no livro: “Uma Vida ao Serviço de Fátima» A/d págs. 336-357.*

No dia 15 (de Fevereiro de 1926), andava eu muito ocupada com o meu ofício e quase nem disso me lembrava. E indo eu deitar um apanhador de lixo fora do quintal, onde, alguns meses atrasados, tinha encontrado uma criança, à qual tinha perguntado se ela sabia a Avé-Maria e, respondendo-me que sim, lhe mandei que a dissesse, para eu ouvir. Mas, como ela não se resolvia a dizê-la só, disse(-a) eu, com ela, três vezes; e ao fim das três Avé-Marias pedi-lhe que (a) dissesse só. Mas, como ela se calou e não foi capaz de dizer, só, a Avé-Maria, perguntei-lhe se ela sabia qual era a Igreja de Santa Maria. Respondeu-me que sim. Disse-lhe que fosse lá todos os dias e que dissesse assim: Ó minha Mãe do Céu, dai-me o Vosso Menino Jesus! Ensinei-lhe isto e vim-me embora.

No dia 15-2-1926, voltando eu lá, como é de costume, encontrei ali uma criança que me parecia ser a mesma e perguntei-lhe, então:

– Tens pedido o Menino Jesus à Mãe do Céu?

A criança volta-se para mim e diz:

– E tu tens espalhado, pelo mundo, aquilo que a Mãe do Céu te pediu?

E, nisto, transforma-se num Menino resplandecente. Conhecendo, então, que era Jesus disse:

– Meu Jesus! Vós bem sabeis o que o meu Confessor me disse na carta que Vos li. Dizia que era preciso que aquela visão se repetisse, que houvesse factos para que ela fosse acreditada, e a Madre Superiora, só, a espalhar este facto, nada podia.

– É verdade que a Madre Superiora só, nada pode; mas, com a Minha graça, pode tudo. E basta que o teu Confessor te dê licença e a tua Superiora o diga, para que seja acreditado, até sem se saber a quem foi revelado.

– Mas o meu Confessor dizia na carta que esta devoção não fazia falta no mundo, porque já havia muitas almas que Vos recebiam, aos 1.<sup>os</sup> Sábados, em honra de Nossa Senhora e dos 15 Mistérios do Rosário.

– É verdade, minha filha, que muitas almas os começam, mas poucas os acabam e as que os terminam é com o fim de receberem as graças que aí estão prometidas; e me agradam mais as que fizerem os 5 com fervor e com o fim de desagravar o Coração da Tua Mãe do Céu, que as que fizerem os 15, tíbios e indiferentes...

## APÊNDICE II

### *Introdução*

*O texto deste Apêndice não é um documento manuscrito pela Irmã Lúcia, mas tem todas as garantias de autenticidade, visto que foi o próprio director espiritual, nessa altura o Rev. P. José Bernardo Gonçalves, S. J. que o transcreveu directa e literalmente dos apontamentos da Vidente.*

*A visão a que se refere o texto tem-na a Irmã Lúcia no dia 13 de Junho de 1929, na capela da casa de Tuy (Espanha).*

*Começa por narrar a visão da Santíssima Trindade que acompanha a da presença da Virgem Maria, mostrando o Seu Coração, como nas aparições de Junho e Julho de 1917. A promessa feita então torna-se agora realidade. E a Irmã Lúcia ouve a Virgem Maria que pede a consagração da Rússia ao Seu Coração Imaculado em circunstâncias bem determinadas.*

## TEXTO DO PEDIDO DA CONSAGRAÇÃO DA RÚSSIA

«Veio algumas vezes confessar à nossa Capela o Sr. P. Gonçalves. Confessei-me com Sua Rev.<sup>a</sup> e, como me entendia bem com Sua Rev.<sup>a</sup>, continuei por espaço de 3 anos que aqui estive de Sócio.

Foi nesta época que Nossa Senhora me avisou de que era chegado o momento em que queria participasse à Santa Igreja o Seu desejo da consagração da Rússia e a Sua promessa de a converter... A comunicação foi assim:

13-6-1929 – Eu tinha pedido e obtido licença das minhas Superiores e Confessor para fazer a Hora-Santa das 11 à meia-noite, de quintas para sextas-feiras. Estando uma noite só, ajoelhei-me entre a balaustrada, no meio da capela, a rezar, prostrada, as Orações do Anjo. Sentindo-me cansada, ergui-me e continuei a rezá-las com os braços em cruz. A única luz era a da lâmpada. De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um cálix e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e numa ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálix. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora («era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração... na mão esquerda, ... sem espada, nem rosas, mas com uma Coroa de espinhos e chamas...»), com o Seu Imaculado Coração na mão... Sob o braço esquerdo, umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse para cima do Altar, formavam estas palavras: «Graça e Misericórdia».

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar.

Depois Nossa Senhora disse-me:

– É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do Mundo, a Consa-

gração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio. São tantas as almas que a Justiça de Deus condena por pecados contra Mim cometidos que venho pedir reparação: sacrifica-te por esta intenção e ora.

Dei conta disto ao Confessor que me mandou escrever o que Nossa Senhora queria se fizesse.

Mais tarde, por meio duma comunicação íntima, Nossa Senhora disse-me, queixando-se:

– Não quiseram atender ao Meu pedido!... Como o rei de França\*, arrepender-se-ão e fá-la-ão, mas será tarde. A Rússia terá já espalhado os seus erros pelo mundo, provocando guerras, perseguições à igreja: O Santo Padre terá muito que sofrer.

*\* Em 1689, um ano antes de morrer, Santa Margarida Maria tentou, por vários meios e iniciativas, fazer chegar ao «Rei Sol», Luís XIV da França, uma mensagem do Sagrado Coração de Jesus, com quatro pedidos: gravar o Sagrado Coração de Jesus nas bandeiras reais; construir um templo em Sua honra, onde devia receber as homenagens da Corte; o Rei deveria fazer a sua consagração ao Sagrado Coração; e deveria empenhar a sua autoridade perante a Santa Sé para obter uma missa em honra do Sagrado Coração de Jesus. No entanto, nada se conseguiu. Parece mesmo que esta mensagem nem sequer chegou ao conhecimento do Rei.*

*Só um século mais tarde, a família real responderia, na medida do possível, a esta mensagem. Luís XVI, em 1792, concebe a ideia do seu voto ao Coração de Jesus, mas já só o realiza na prisão do Templo, prometendo cumprir, após a sua libertação, todos os pedidos comunicados por Santa Margarida Maria.*

*Mas, para a Providência Divina, era já tarde: Luís XVI foi guilhotinado em 21 de Janeiro de 1793.*

## APÊNDICE III

*A parte mais bem guardada do «segredo» de Fátima, acompanhada de um comentário adequado da Congregação para a Doutrina da Fé, foi publicada em 26 de Junho de 2000. Com esta divulgação a Mensagem de Fátima alcança uma actualidade e um valor extraordinários.*

*Transcrevemos aqui, na íntegra, o texto do referido documento.*

### A MENSAGEM DE FÁTIMA

#### APRESENTAÇÃO

Na passagem do segundo para o terceiro milénio, o Papa João Paulo II decidiu tornar público o texto da terceira parte do «segredo de Fátima».

Depois dos acontecimentos dramáticos e cruéis do século XX, um dos mais tormentosos da história do homem, com o ponto culminante no cruento atentado ao «doce Cristo na terra», abre-se assim o véu sobre uma realidade que faz história e a interpreta na sua profundidade segundo uma dimensão espiritual, a que é refractária a mentalidade actual, frequentemente eivada de racionalismo.

A história está constelada de aparições e sinais sobrenaturais, que influenciam o desenrolar dos acontecimentos humanos e acompanham o caminho do mundo, surpreendendo crentes e descrentes. Estas manifestações, que não podem contradizer o conteúdo da fé, devem convergir para o objecto central do anúncio de Cristo: o amor do Pai que suscita nos homens a conversão e dá a graça para se abandonarem a Ele com devoção filial. Tal é a mensagem de Fátima, com o seu veemente apelo à conversão e à penitência, que leva realmente ao coração do Evangelho.

Fátima é, sem dúvida, a mais profética das aparições modernas. A primeira e a segunda parte do «segredo», que são publicadas em seguida para ficar completa a documentação, dizem respeito antes de mais à pavorosa visão do inferno, à devoção ao Imaculado Coração de Maria, à segunda guerra mundial, e depois ao prenúncio dos danos imensos que a Rússia, com a sua defecção da fé cristã e adesão ao totalitarismo comunista, haveria de causar à humanidade.

Em 1917, ninguém poderia ter imaginado tudo isto: os três pastorinhos de Fátima vêem, ouvem, memorizam, e Lúcia, a testemunha sobrevivente, quando recebe a ordem do Bispo de Leiria e a autorização de Nossa Senhora, põe por escrito.

Para a exposição das primeiras duas partes do «segredo», aliás já publicadas e conhecidas, foi escolhido o texto escrito pela Irmã Lúcia na terceira memória, de 31 de Agosto de 1941; na quarta memória, de 8 de Dezembro de 1941, ela acrescentará qualquer observação.

A terceira parte do «segredo» foi escrita «por ordem de Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Leiria e da (...) Santíssima Mãe», no dia 3 de Janeiro de 1944.

Existe apenas um manuscrito, que é reproduzido aqui fotostaticamente. O envelope selado foi guardado primeiramente pelo Bispo de Leiria. Para se tutelar melhor o «segredo», no dia 4 de Abril de 1957 o envelope foi entregue ao Arquivo Secreto do Santo Ofício. Disto mesmo, foi avisada a Irmã Lúcia pelo Bispo de Leiria.

Segundo apontamentos do Arquivo, no dia 17 de Agosto de 1959 e de acordo com Sua Eminência o Cardeal Alfredo Ottaviani, o Comissário do Santo Ofício, Padre Pierre Paul Philippe OP, levou a João XXIII o envelope com a terceira parte do «segredo de Fátima». Sua Santidade, «depois de alguma hesitação», disse: «Aguardemos. Rezarei. Far-lhe-ei saber o que decidi».<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Lê-se no diário de João XXIII, a 17 de Agosto de 1959: «Audiências: P. Philippe, Comissário do S.O., que me traz a carta que contém a terceira parte dos segredos de Fátima. Reservo-me de a ler com o meu Confessor».

L U N E D I

s. Rinaldo v. 229-136

1959  
Agosta 17

Vénice:

F. Philippe Commiss.  
Del S.O. che mi reca la lettera con la  
memoria la terza parte del segreto di  
Fatima. Mi riparto di leggerla col mio  
Confessore.

Na realidade, a decisão do Papa João XXIII foi enviar de novo o envelope selado para o Santo Ofício e não revelar a terceira parte do «segredo».

Paulo VI leu o conteúdo com o Substituto da Secretaria de Estado, Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Ângelo Dell'Acqua, a 27 de Março de 1965, e mandou novamente o envelope para o Arquivo do Santo Ofício, com a decisão de não publicar o texto.

João Paulo II, por sua vez, pediu o envelope com a terceira parte do «segredo», após o atentado de 13 de Maio de 1981. Sua Eminência o Cardeal Franjo Seper, Prefeito da Congregação, a 18 de Julho de 1981 entregou a Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Eduardo Martínez Somalo, Substituto da Secretaria de Estado, dois envelopes: um branco, com o texto original da Irmã Lúcia em língua portuguesa; outro cor-de-laranja, com a tradução do «segredo» em língua italiana. No dia 11 de Agosto seguinte, o Senhor D. Martínez Somalo devolveu os dois envelopes ao Arquivo do Santo Ofício.<sup>2</sup>

Como é sabido, o Papa João Paulo II pensou imediatamente na consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria e compôs ele mesmo uma oração para o designado «Acto de Entrega», que seria celebrado na Basílica de Santa Maria Maior a 7 de Junho de 1981, solenidade de Pentecostes, dia escolhido para comemorar os 1600 anos do primeiro Concílio Constantinopolitano e os 1550 anos do Concílio de Éfeso. O Papa, forçadamente ausente, enviou uma radiomensagem com a sua alocução. Transcrevemos a parte do texto, onde se refere exactamente o **acto de entrega**:

*«Ó Mãe dos homens e dos povos, Vós conheceis todos os seus sofrimentos e as suas esperanças, Vós sentis maternalmente todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que abalam o mundo, acolhei o nosso brado, dirigido no Espírito Santo directamente ao vosso Coração, e abraçai com o amor da Mãe e da Serva do Senhor aqueles que mais esperam por este abraço e, ao mesmo tempo, aqueles cuja entrega também Vós esperais de maneira particular.* Tomai sob a vossa protecção materna a

<sup>2</sup> Vale a pena recordar o comentário feito pelo Santo Padre, na Audiência Geral de 14 de Outubro de 1981, sobre «O acontecimento de Maio: grande prova divina», em: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IV-2 (Città del Vaticano 1981), 409-412; cf. *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 18-X-1981), 484.



família humana inteira, que, com enlevo afectuoso, nós Vos confiamos, ó Mãe. Que se aproxime para todos o tempo da paz e da liberdade, o tempo da verdade, da justiça e da esperança».<sup>3</sup>

Mas, para responder mais plenamente aos pedidos de Nossa Senhora, o Santo Padre quis, durante o Ano Santo da Redenção, tornar mais explícito o acto de entrega de 7 de Junho de 1981, repetido em Fátima no dia 13 de Maio de 1982. E, no dia 25 de Março de 1984, quando se recorda o *fiat* pronunciado por Maria no momento da Anunciação, na Praça de S. Pedro, em união espiritual com todos os Bispos do mundo precedentemente «convocados», o Papa entrega ao Imaculado Coração de Maria os homens e os povos, com expressões que lembram as palavras arduas pronunciadas em 1981:

«E por isso, *ó Mãe dos homens e dos povos*, Vós que conheceis todos os seus sofrimentos e as suas esperanças, Vós que sentis maternalmente todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que abalam o mundo contemporâneo, acolhei o nosso clamor que, movidos pelo Espírito Santo, elevamos directamente ao vosso Coração: *Abraçai*, com *amor* de Mãe e de Serva do Senhor, este nosso mundo humano, que Vos confiamos e consagramos, cheios de inquietude pela sorte terrena e eterna dos homens e dos povos.

De modo especial Vos entregamos e consagramos aqueles homens e *aqueles nações* que desta entrega e desta consagração têm particularmente necessidade.

“À vossa protecção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus”! *Não desprezeis as súplicas que se elevam de nós que estamos na provação!*».

Depois o Papa continua com maior veemência e concretização de referências, quase comentando a Mensagem de Fátima nas suas predições infelizmente cumpridas:

«Encontrando-nos hoje diante Vós, Mãe de Cristo, diante do vosso Imaculado Coração, desejamos, juntamente com toda a Igreja, unir-nos à consagração que, por nosso amor, o vosso Filho fez

<sup>3</sup> Radiomensagem durante o rito, na Basílica de Santa Maria Maior, « Veneração, agradecimento, entrega à Virgem Maria Theotokos », em: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IV-1 (Città del Vaticano 1981), 1246; cf. *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 14-VI-1981), 302.

de Si mesmo ao Pai: “Eu consagro-Me por eles — foram as suas palavras — para eles serem também consagrados na verdade” (Jo 17, 19). Queremos unir-nos ao nosso Redentor, nesta consagração pelo mundo e pelos homens, a qual, no seu Coração divino, tem o poder de alcançar o perdão e de conseguir a reparação.

*A força desta consagração* permanece por todos os tempos e abrange todos os homens, os povos e as nações; e supera todo o mal, que o espírito das trevas é capaz de despertar no coração do homem e na sua história e que, de facto, despertou nos nossos tempos.

Oh quão profundamente sentimos a necessidade de consagração pela humanidade e pelo mundo: pelo nosso mundo contemporâneo, em união com o próprio Cristo! Na realidade, a obra redentora de Cristo deve ser *participada pelo mundo por meio da Igreja*.

Manifesta-o o presente Ano da Redenção: o Jubileu extraordinário de toda a Igreja.

Neste Ano Santo, bendita sejais *acima de todas as criaturas* Vós, Serva do Senhor, que obedecestes da maneira mais plena ao chamamento Divino!

Louvada sejais Vós, que *estais inteiramente unida* à consagração redentora do vosso Filho!

Mãe da Igreja! Iluminai o Povo de Deus nos caminhos da fé, da esperança e da caridade! Iluminai de modo especial os povos dos quais Vós esperais a nossa consagração e a nossa entrega. Ajudai-nos a viver na verdade da consagração de Cristo por toda a família humana do mundo contemporâneo.

Confiando-Vos, ó Mãe, o mundo, todos os homens e todos os povos, nós *Vos confiamos* também a *própria consagração do mundo*, depositando-a no vosso Coração materno.

Oh Imaculado Coração! Ajudai-nos a vencer a ameaça do mal, que se enraíza tão facilmente nos corações dos homens de hoje e que, nos seus efeitos incomensuráveis, pesa já sobre a vida presente e parece fechar os caminhos do futuro!

Da fome e da guerra, *livrai-nos!*

Da guerra nuclear, de uma autodestruição incalculável, e de toda a espécie de guerra, *livrai-nos!*

Dos pecados contra a vida do homem desde os seus primeiros instantes, *livrai-nos!*

Do ódio e do aviltamento da dignidade dos filhos de Deus,  
*livrai-nos!*

De todo o género de injustiça na vida social, nacional e internacional,  
*livrai-nos!*

Da facilidade em calcar aos pés os mandamentos de Deus,  
*livrai-nos!*

Da tentativa de ofuscar nos corações humanos a própria verdade de Deus,  
*livrai-nos!*

Da perda da consciência do bem e do mal, *livrai-nos!*

Dos pecados contra o Espírito Santo, *livrai-nos, livrai-nos!*

Acolhei, ó Mãe de Cristo, este clamor *carregado do sofrimento* de todos os homens! *Carregado do sofrimento* de sociedades inteiras!

Ajudai-nos com a força do Espírito Santo a vencer todo o pecado: o pecado do homem e o “pecado do mundo”, enfim o pecado em todas as suas manifestações.

Que se revele uma vez mais, na história do mundo, a força salvífica infinita da Redenção: a força do *Amor misericordioso!* Que ele detenha o mal! Que ele transforme as consciências! Que se manifeste para todos, no vosso Imaculado Coração, a *luz da Esperança!*».<sup>4</sup>

A Irmã Lúcia confirmou pessoalmente que este acto, solene e universal, de consagração correspondia àquilo que Nossa Senhora queria: «Sim, está feita tal como Nossa Senhora a pediu, desde o dia 25 de Março de 1984» (carta de 8 de Novembro de 1989). Por isso, qualquer discussão e ulterior petição não tem fundamento.

Na documentação apresentada, para além das páginas manuscritas da Irmã Lúcia inserem-se mais quatro textos: 1) A carta do Santo Padre à Irmã Lúcia, datada de 19 de Abril de 2000; 2) Uma descrição do colóquio que houve com a Irmã Lúcia no dia 27 de Abril de 2000; 3) A comunicação lida, por encargo do Santo Padre, por Sua Eminência o Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado, em Fátima no dia 13 de Maio deste ano; 4) O comentário teológico de Sua Eminência o Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

<sup>4</sup> Na Jornada Jubilar das Famílias, o Papa entrega a Nossa Senhora os homens e as nações: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VII-1 (Città del Vaticano 1984), 775-777; cf. *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 1-IV-1984), 157 e 160.

Uma orientação para a interpretação da terceira parte do «segredo» tinha sido já oferecida pela Irmã Lúcia, numa carta dirigida ao Santo Padre a 12 de Maio de 1982, onde dizia:

*«A terceira parte do segredo refere-se às palavras de Nossa Senhora: “Se não, [a Rússia] espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas” (13-VII-1917).*

*A terceira parte do segredo é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da Mensagem, condicionada ao facto de aceitarmos ou não o que a Mensagem nos pede: “Se atenderem a meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, etc.”.*

*Porque não temos atendido a este apelo da Mensagem, verificamos que ela se tem cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado, do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência, etc.*

*E não digamos que é Deus que assim nos castiga; mas, sim, que são os homens que para si mesmos se preparam o castigo. Deus apenas nos adverte e chama ao bom caminho, respeitando a liberdade que nos deu; por isso os homens são responsáveis».*<sup>5</sup>

5

*A terceira parte do segredo: — Refere-se às palavras de Nossa Senhora: “Se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas.” (13-VII-1917)*

*A terceira parte do segredo, que tanto azeiteis por conhecer, é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da Mensagem, condicionada a se, sim, ou não, nós aceitarmos ou não, o que a Mensagem nos pede: “Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo”, etc.*

*Porque não temos atendido a este apelo da Mensagem, verificamos que ela se tem cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, o facto consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência etc.*

*E não digamos que é Deus, que assim nos castiga, mas sim, que são os homens, que para si mesmos se preparam o castigo. Deus, apenas nos adverte e chama ao bom caminho, respeitando a liberdade que nos deu, por isso, os homens são responsáveis.*

A decisão tomada pelo Santo Padre João Paulo II de tornar pública a terceira parte do «segredo» de Fátima encerra um pedaço de história, marcado por trágicas veleidades humanas de poder e de iniquidade, mas permeada pelo amor misericordioso de Deus e pela vigilância cuidadosa da Mãe de Jesus e da Igreja.

Acção de Deus, Senhor da história, e corresponsabilidade do homem, no exercício dramático e fecundo da sua liberdade, são os dois alicerces sobre os quais se constrói a história da humanidade.

Ao aparecer em Fátima, Nossa Senhora faz-nos apelo a estes valores esquecidos, a este futuro do homem em Deus, do qual somos parte activa e responsável.

✠Tarcisio Bertone, SDB  
*Arcebispo emérito de Vercelli*  
*Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé*

## O «SEGREDO» DE FÁTIMA

Primeira e segunda parte do «Segredo» segundo a redacção feita pela Irmã Lúcia na «Terceira Memória», de 31 de Agosto de 1941, destinada ao Bispo de Leiria-Fátima.

(texto original)

Texi para isso que falar algo do segredo e responder  
as perguntas feitas de interrogação.

O que é o segredo?

Passou-me que o passo dizer, pois que do céu tenho  
já a licença. Os representantes de Deus na terra, têm uma  
autoridade a isso várias vezes, e em várias cartas, uma das  
quais julgo que concerne J. <sup>do</sup> <sup>1917</sup> <sup>de</sup> <sup>Leiria</sup> <sup>o</sup> <sup>Padre</sup>  
João Bernardo Gonçalves, na em que me mandam escrever  
ao Santo Padre. Uma dos pontos que me indica é a revelação  
do segredo. Algo disse, mas para não alongar mais um escrito  
que devia ser breve, limito-me ao indispensável, deixando  
a Deus a oportunidade de um momento mais favorável.

Espero já no segundo escrito a devota que de 13 de  
Junho a 13 de Julho me atormentou e que nunca aparecia tudo  
se desvanecia.

Beim o segredo consta de três coisas distintas, duas  
das quais vou revelar.

A primeira foi pois a vista do inferno!

Uma sinfonia mostrava-se, um grande mar de  
fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em um  
fogo os demónios e as almas, como se fossem bracos transparentes  
e negras, ou trouxeadas com forma humana, que flutuam  
no incendio levadas pelas chamas que d'elas mesmas saiam  
justamente com um verso de fumo, caindo para todos os  
lados, semelhante ao cair das folhas em os grandes incendios  
um pouco mais equilibrado, entre gritos e gemidos de dor e

desespero que vos ligava e fazia estremecer de pavor. Os Russos distinguiram-se por formas horríveis e mesuras de assírios e partas e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à Nossa Mãe Mãe do Céu; que antes vos tinha prevenido com a promessa de vos levar para o Céu. (na primeira aparição) se assim não fosse, creio que tínhamos sofrido de susto e pavor. Logo seguida levantamos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza. Vistes o inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores, para as salvar Deus que estabelecer no mundo a devoção a Nossa Imaculada Coração. E fiquem o que eu estiver salvar a muitos almas e terá paz, os que não acabarem se não desparem de ofender a Deus, no sinado de São Xi começará outra peza. Quando virdes uma noite, iluminada por uma luz desconhecida, sabei que, é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome, e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a Nossa Imaculada Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados de atendimento a meus pedidos a Rússia se converterá e terá paz, se não se afastar seus erros pelo mundo; promovendo guerra e perseguições à Igreja, os seus reinos serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, varias nações serão enfiadas, por fim a Nossa Imaculada Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá e será conselheiro ao mundo algum tempo de paz.

(transcrição) <sup>6</sup>

Terei para isso que falar algo do segredo e responder ao primeiro ponto de interrogação.

O que é o segredo?

Parece-me que o posso dizer, pois que do Céu tenho já a licença. Os representantes de Deus na terra, têm-me autorizado a isso várias vezes, e em várias cartas, uma das quais, julgo que conserva V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> do Senhor Padre José Bernardo Gonçalves, na em que me manda escrever ao Santo Padre. Um dos pontos que me indica é a revelação do segredo. Algo disse, mas para não alongar mais esse escrito que devia ser breve, limitei-me ao indispensável, deixando a Deus a oportunidade d'um momento mais favorável.

Expus já no segundo escrito a dúvida que de 13 de Junho a 13 de Julho me atormentou e que n'essa aparição tudo se desvaneceu.

Bem o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar.

A primeira foi pois a vista do inferno!

Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em êsse fogo os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou

<sup>6</sup> Na «quarta memória», de 8 de Dezembro de 1941, a Irmã Lúcia escreve: «Começo pois a minha nova tarefa, e cumprirei as ordens de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> e os desejos do Senhor Dr. Galamba. Exceptuando a parte do segredo que por agora não me é permitido revelar, direi tudo, advertidamente não deixarei nada. Suponho que poderão esquecer-me apenas alguns pequenos detalhes de mínima importância».

Texto original:

*Começo pois a minha nova tarefa, e cumprirei as ordens de V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> e os desejos do Senhor Dr. Galamba. Exceptuando a parte do segredo que por agora não me é permitido revelar, direi tudo, advertidamente não deixarei nada. Suponho que poderão esquecer-me apenas alguns pequenos detalhes de mínima importância.*



bronzizadas com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que d'elas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faulhas em os grandes incêndios sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dôr e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e ascrosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à nossa Mãe do Céu; que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição) se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor.

Em seguida, levantámos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza:

– Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores, para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu disser salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra peor. Quando virdes uma noite, alumiada por uma luz desconhecida, sabeí que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja, os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será consedido ao mundo algum tempo de paz.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Na citada «quarta memória», a Irmã Lúcia acrescenta: «Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc.».

Texto original:

*Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc.*

TERCEIRA PARTE DO «SEGREDO»

(texto original)

J. M. J.

es terceira parte do segredo  
revelado a 13 de julho de 1917  
na Cova de Liza - Fátima

Escrevo em acto de obediên-  
cia a vós Deus Meus, que me  
mandais por meio de sua  
Graça Bem. o Senhor Bispo  
de Leiria e da Foz e Mi-  
selha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes  
que já escrevi, vim ao lado  
esquerdo de Nossa Senhora

um pouco mais alto um  
estrujo com uma espada de  
fogo em a mão esquerda; ao  
escutelar, despedia chamas que  
pareia iam incendiar o  
mundo; mas apagam-se  
com o contacto do bilho que  
da mão direita expedia uma  
senhora ao seu encontro: o  
estrujo apontando com a mão  
direita para a terra, com voz  
forte disse: Tenitência, Tenitên-  
cia, Tenitência! E vimos  
H'uma luz enorme que é  
Deus: "algo semelhante a como  
se vem as fumaças H'um espelho

quando lhe passaram por diante”  
um Bispo vestido de Branco  
“tivemos o presentimento de  
que era o Santo Padre”. Tários  
outros Bispos, sacerdotes, religio-  
sos e religiosas subiu numa  
veloz montanha, no topo  
da qual estava uma grande  
cruz de troncos secos como se  
fóra de sobreiro com a casca;  
o Santo Padre, antes de chegar  
ai, atravessou uma grande  
cidade cheia em ruínas e muito  
tremulo com andar vacilante,  
acabrunhado de dor e pena,  
ia orando pelas almas dos cada

veres que encontrava pelo  
caminho; chegado ao sumo do  
Monte, frustrado de juelhos  
aos pés da grande Cruz, foi morto  
por um grupo de soldados que  
lhe dispararam varios tiros e  
setes, e assim mesmo foram  
morrando uns trás outros os  
Bispos, sacerdotes, religiosos e  
religiosas e varias pessoas nula-  
res, caratheiros e senhoras de varias  
clases e posições. Sob os dois bra-  
ços da Cruz estavam dois estufoz  
cada um com um regador  
de cristal em a mão, n'elles reco-  
lhiam o sangue dos Martires e com  
elle regavam as almas que se aproxi-  
mavam de Deus. July-3-1-1944

(transcrição) <sup>8</sup>

«J.M.J.

A terceira parte do segredo revelado a 13 de Julho de 1917 na Cova da Iria-Fátima.

Escrevo em acto de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fôgo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam encendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n'uma luz emensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Varios outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dôr e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de juelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam varios tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'êles recolhiam o sangue dos Martires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus.

Tuy-3-1-1944 ».

<sup>8</sup> Na transcrição, respeitou-se o texto original mesmo quando havia erros e imprecisões de escrita e pontuação, os quais, aliás, não impedem a compreensão daquilo que a vidente quis dizer.

## INTERPRETAÇÃO DO «SEGREDO»

CARTA DE JOÃO PAULO II  
À IRMÃ LÚCIA

(texto original)



Reverenda Irmã  
**Maria Lúcia**  
Convento de Coimbra

Na exultância das festas pascaís, apresento-lhe os votos de Cristo Ressuscitado aos discípulos: “A paz esteja contigo!”

Terei a felicidade de poder encontrá-la no tão aguardado dia da beatificação de Francisco e Jacinta que, se Deus quiser, beatificarei no próximo dia 13 de maio.

Tendo em vista, porém, que naquele dia não haverá tempo para um colóquio, mas somente para uma breve saudação, encarreguei expressamente de vir falar consigo Sua Excelência Monsenhor Tarcisio Bertone, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé. É a Congregação que colabora mais directamente com o Papa para a defesa da verdadeira fé católica, e que conservou, como saberá, desde 1957, a Sua carta manuscrita contendo a terceira parte do segredo revelado dia 13 de julho de 1917 na Cova da Iria, em Fátima.

Monsenhor Bertone, acompanhado pelo Bispo de Leiria, Sua Excelência Monsenhor Serafim de Sousa Ferreira e Silva, **vem em Meu nome** fazer-lhe algumas perguntas sobre a interpretação da “terceira ‘parte do segredo”.

Reverenda Irmã Lúcia, pode falar abertamente e sinceramente a Monsenhor Bertone, que Me referirá directamente as suas respostas.

Peço ardentemente à Mãe do Ressuscitado pela Reverenda Irmã, pela Comunidade de Coimbra e por toda a Igreja.

Maria, Mãe da humanidade peregrina, nos mantenha sempre estreitamente unidos a Jesus, Seu dilecto Filho e nosso Irmão, Senhor da vida e da glória.

Com uma especial Bênção Apostólica.

Vaticano, 19 de Abril de 2000

*Joannes Paulus II*



## COLÓQUIO COM A IRMÃ MARIA LÚCIA DE JESUS E DO CORAÇÃO IMACULADO

O encontro da Irmã Lúcia com Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Tarcisio Bertone, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, por encargo recebido do Santo Padre, e Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, Bispo de Leiria-Fátima, teve lugar a 27 de Abril passado (uma quinta-feira), no Carmelo de Santa Teresa em Coimbra.

A Irmã Lúcia estava lúcida e calma, dizendo-se muito feliz com a ida do Santo Padre a Fátima para a Beatificação de Francisco e Jacinta, há muito desejada por ela.

O Bispo de Leiria-Fátima leu a carta autógrafa do Santo Padre, que explicava os motivos da visita. A Irmã Lúcia disse sentir-se muito honrada, e releu pessoalmente a carta comprazendo-se por vê-la nas suas próprias mãos. Declarou-se disposta a responder francamente a todas as perguntas.

Então, o Senhor D. Tarcisio Bertone apresenta-lhe dois envelopes: um exterior que tinha dentro outro com a carta onde estava a terceira parte do «segredo» de Fátima. Tocando esta segunda com os dedos, logo exclamou: «É a minha carta», e, depois de a ler, acrescentou: «É a minha letra».

Com o auxílio do Bispo de Leiria-Fátima, foi lido e interpretado o texto original, que é em língua portuguesa. A Irmã Lúcia concorda com a interpretação segundo a qual a terceira parte do «segredo» consiste numa visão profética, comparável às da história sagrada. Ela reafirma a sua convicção de que a visão de Fátima se refere sobretudo à luta do comunismo ateu contra a Igreja e os cristãos, e descreve o imane sofrimento das vítimas da fé no século XX.

À pergunta: «A personagem principal da visão é o Papa?», a Irmã Lúcia responde imediatamente que sim e recorda como os três pastorinhos sentiam muita pena pelo sofrimento do Papa e Jacinta repetia: «Coitadinho do Santo Padre. Tenho muita pena dos pecadores!» A Irmã Lúcia continua: «Não sabíamos o nome do Papa; Nossa Senhora não nos disse o nome do Papa. Não sabíamos se era Bento XV, Pio XII, Paulo VI ou João Paulo II, mas

que era o Papa que sofria e isso fazia-nos sofrer a nós também».

Quanto à passagem relativa ao Bispo vestido de branco, isto é, ao Santo Padre – como logo perceberam os pastorinhos durante a «visão» – que é ferido de morte e cai por terra, a irmã Lúcia concorda plenamente com a afirmação do Papa: «Foi uma mão materna que guiou a trajetória da bala e o Santo Padre agonizante deteve-se no limiar da morte» (João Paulo II, *Meditação com os Bispos Italianos, a partir da Policlínica Gemelli*, 13 de Maio de 1994).

Uma vez que a Irmã Lúcia, antes de entregar ao Bispo de Leiria-Fátima de então o envelope selado com a terceira parte do «segredo», tinha escrito no envelope exterior que podia ser aberto somente depois de 1960 pelo Patriarca de Lisboa ou pelo Bispo de Leiria, o Senhor D. Bertone pergunta-lhe: «Porquê o limite de 1960? Foi Nossa Senhora que indicou aquela data?». Resposta da Irmã Lúcia: «Não foi Nossa Senhora; fui eu que meti a data de 1960 porque, segundo intuição minha, antes de 1960 não se perceberia, compreender-se-ia somente depois. Agora pode-se compreender melhor. Eu escrevi o que vi; não compete a mim a interpretação, mas ao Papa».

Por último, alude-se ao manuscrito, não publicado, que a Irmã Lúcia preparou para dar resposta a tantas cartas de devotos e peregrinos de Nossa Senhora. A obra intitula-se «Os apelos da Mensagem de Fátima», e contém pensamentos e reflexões que exprimem, em chave catequética e parenética, os seus sentimentos e espiritualidade cândida e simples. Perguntou-se-lhe se gostava que fosse publicado, ao que a Irmã Lúcia respondeu: «Se o Santo Padre estiver de acordo, eu fico contente; caso contrário, obedeco àquilo que decidir o Santo Padre». A Irmã Lúcia deseja sujeitar o texto à aprovação da Autoridade Eclesiástica, esperando que o seu escrito possa contribuir para guiar os homens e mulheres de boa vontade no caminho que conduz a Deus, meta última de todo o anseio humano.

O colóquio termina com uma troca de terços: à Irmã Lúcia foi dado o terço oferecido pelo Santo Padre, e ela, por sua vez, entregou alguns terços confeccionados pessoalmente por ela.

A Bênção, concedida em nome do Santo Padre, concluiu o encontro.

COMUNICAÇÃO DE SUA EMINÊNCIA  
O CARD. ÂNGELO SODANO  
SECRETÁRIO DE ESTADO DE SUA SANTIDADE

*No final da solene Concelebração Eucarística presidida por João Paulo II em Fátima, o Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado, pronunciou em português as palavras seguintes:*

Irmãos e irmãs no Senhor!

No termo desta solene celebração, sinto o dever de apresentar ao nosso amado Santo Padre João Paulo II os votos mais cordiais de todos os presentes pelo seu próximo octogésimo aniversário natalício, agradecidos pelo seu precioso ministério pastoral em benefício de toda a Santa Igreja de Deus.

Na circunstância solene da sua vinda a Fátima, o Sumo Pontífice incumbiu-me de vos comunicar uma notícia. Como é sabido, a finalidade da vinda do Santo Padre a Fátima é a beatificação dos dois Pastorinhos. Contudo Ele quer dar a esta sua peregrinação também o valor de um renovado preito de gratidão a Nossa Senhora pela protecção que Ela Lhe tem concedido durante estes anos de pontificado. É uma protecção que parece ter a ver também com a chamada terceira parte do «segredo» de Fátima.

Tal texto constitui uma visão profética comparável às da Sagrada Escritura, que não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo factos que se prolongam no tempo numa sucessão e duração não especificadas. Em consequência, a chave de leitura do texto só pode ser *de carácter simbólico*.

A visão de Fátima refere-se sobretudo à luta dos sistemas ateus contra a Igreja e os cristãos e descreve o sofrimento imane das testemunhas da fé do último século do segundo milénio. É uma *Via Sacra* sem fim, guiada pelos Papas do século vinte.

Segundo a interpretação dos pastorinhos, interpretação confirmada ainda recentemente pela Irmã Lúcia, o «Bispo vestido de branco» que reza por todos os fiéis é o Papa. Também Ele, caminhando penosamente para a Cruz por entre os cadáveres dos martirizados (bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e várias pessoas seculares), cai por terra como morto sob os tiros de uma arma de fogo.

Depois do atentado de 13 de Maio de 1981, pareceu claramente a Sua Santidade que foi «uma mão materna a guiar a trajetória da bala », permitindo que o «Papa agonizante» se detivesse «no limiar da morte» [João Paulo II, *Meditação com os Bispos Italianos, a partir da Policlínica Gemelli*, em: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVII-1 (Città del Vaticano 1994), 1061]. Certa ocasião em que o Bispo de Leiria-Fátima de então passara por Roma, o Papa decidiu entregar-lhe a bala que tinha ficado no *jeep* depois do atentado, para ser guardada no Santuário. Por iniciativa do Bispo, essa bala foi depois encastoadada na coroa da imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Depois, os acontecimentos de 1989 levaram, quer na União Soviética quer em numerosos Países do Leste, à queda do regime comunista que propugnava o ateísmo. O Sumo Pontífice agradece do fundo do coração à Virgem Santíssima também por isso. Mas, noutras partes do mundo, os ataques contra a Igreja e os cristãos, com a carga de sofrimento que eles provocam, infelizmente não cessaram. Embora os acontecimentos a que faz referência a terceira parte do « segredo » de Fátima pareçam pertencer já ao passado, o apelo à conversão e à penitência, manifestado por Nossa Senhora ao início do século vinte, conserva ainda hoje uma estimulante actualidade. «A Senhora da Mensagem parece ler com uma perspicácia singular os sinais dos tempos, os sinais do nosso tempo. (...) O convite insistente de Maria Santíssima à penitência não é senão a manifestação da sua solicitude materna pelos destinos da família humana, necessitada de conversão e de perdão» [João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial do Doente - 1997*, n. 1, em: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIX-2 (Città del Vaticano 1996), 561].

Para consentir que os fiéis recebam melhor a mensagem da Virgem de Fátima, o Papa confiou à Congregação para a Doutrina da Fé o encargo de tornar pública a terceira parte do «segredo», depois de lhe ter preparado um adequado comentário.

Irmãos e irmãs, damos graças a Nossa Senhora de Fátima pela sua protecção. Confiamos à sua materna intercessão a Igreja do Terceiro Milénio.

*Sub tuum præsidium confugimus, Sancta Dei Genetrix! Intercede pro Ecclesia. Intercede pro Papa nostro Ioanne Paulo II. Amen.*  
Fátima, 13 de Maio de 2000.

## COMENTÁRIO TEOLÓGICO

Quem lê com atenção o texto do chamado terceiro «segredo» de Fátima, que depois de longo tempo, por disposição do Santo Padre, é aqui publicado integralmente, ficará presumivelmente desiludido ou maravilhado depois de todas as especulações que foram feitas. Não é revelado nenhum grande mistério; o véu do futuro não é rasgado. Vemos a Igreja dos mártires deste século que está para findar, representada através duma cena descrita numa linguagem simbólica de difícil decifração. É isto o que a Mãe do Senhor queria comunicar à cristandade, à humanidade num tempo de grandes problemas e angústias? Serve-nos de ajuda no início do novo milénio? Ou não serão talvez apenas projecções do mundo interior de crianças, crescidas num ambiente de profunda piedade, mas simultaneamente assustadas pelas tempestades que ameaçavam o seu tempo? Como devemos entender a visão, o que pensar dela?

### **Revelação pública e revelações privadas – o seu lugar teológico**

Antes de encetar uma tentativa de interpretação, cujas linhas essenciais podem encontrar-se na comunicação que o Cardeal Sodano pronunciou, no dia 13 de Maio deste ano, no fim da Celebração Eucarística presidida pelo Santo Padre em Fátima, é necessário dar alguns esclarecimentos básicos sobre o modo como, segundo a doutrina da Igreja, devem ser compreendidos no âmbito da vida de fé fenómenos como o de Fátima. A doutrina da Igreja distingue «revelação pública» e «revelações privadas»; entre as duas realidades existe uma diferença essencial, e não apenas de grau. A noção «revelação pública» designa a acção reveladora de Deus que se destina à humanidade inteira e está expressa literariamente nas duas partes da Bíblia: o Antigo e o Novo Testamento. Chama-se «revelação», porque nela Deus Se foi dando a conhecer progressivamente aos homens, até ao ponto de Ele mesmo Se tornar homem, para atrair e reunir em Si próprio o mundo inteiro por meio do Filho encarnado, Jesus Cristo. Não se trata, portanto, de comunicações intelectuais, mas de um processo vital em que

Deus Se aproxima do homem; naturalmente nesse processo, depois aparecem também conteúdos que têm a ver com a inteligência e a compreensão do mistério de Deus. Tal processo envolve o homem inteiro e, por conseguinte, também a razão, mas não só ela. Uma vez que Deus é um só, também a história que Ele vive com a humanidade é única, vale para todos os tempos e encontrou a sua plenitude com a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por outras palavras, em Cristo Deus disse tudo de Si mesmo, e portanto a revelação ficou concluída com a realização do mistério de Cristo, expresso no Novo Testamento. O *Catecismo da Igreja Católica*, para explicar este carácter definitivo e pleno da revelação, cita o seguinte texto de S. João da Cruz: «Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra — e não tem outra —, Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única (...) porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade» (*CIC*, n. 65; S. João da Cruz, *A Subida do Monte Carmelo*, II, 22).

O facto de a única revelação de Deus destinada a todos os povos ter ficado concluída com Cristo e o testemunho que d'Ele nos dão os livros do Novo Testamento vincula a Igreja com o acontecimento único que é a história sagrada e a palavra da Bíblia, que garante e interpreta tal acontecimento, mas não significa que agora a Igreja pode apenas olhar para o passado, ficando assim condenada a uma estéril repetição. Eis o que diz o *Catecismo da Igreja Católica*: «No entanto, apesar de a Revelação ter acabado, não quer dizer que esteja completamente explicitada. E está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance no decorrer dos séculos» (n. 66). Estes dois aspectos — o vínculo com a unicidade do acontecimento e o progresso na sua compreensão — estão optimamente ilustrados nos discursos de despedida do Senhor, quando Ele declara aos discípulos: «Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Espírito da Verdade, Ele guiar-vos-á para a verdade total, porque não falará de Si mesmo (...) Ele glorificar-

-Me-á, porque há-de receber do que é meu, para vo-lo anunciar» (Jo 16, 12-14). Por um lado, o Espírito serve de guia, desvendando assim um conhecimento cuja densidade não se podia alcançar antes porque faltava o pressuposto, ou seja, o da amplidão e profundidade da fé cristã, e que é tal que não estará concluída jamais. Por outro lado, esse acto de guiar é «receber» do tesouro do próprio Jesus Cristo, cuja profundidade inexaurível se manifesta nesta condução por obra do Espírito. A propósito disto, o *Catecismo* cita uma densa frase do Papa Gregório Magno: «As palavras divinas crescem com quem as lê» (*CIC*, n. 94; S. Gregório Magno, *Homilia sobre Ezequiel* 1, 7, 8). O Concílio Vaticano II indica três caminhos essenciais, através dos quais o Espírito Santo efectua a sua guia da Igreja e, conseqüentemente, o «crescimento da Palavra»: realiza-se por meio da meditação e estudo dos fiéis, por meio da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, e por meio da pregação daqueles «que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade» (*Dei Verbum*, n. 8).

Neste contexto, torna-se agora possível compreender correctamente o conceito de «revelação privada», que se aplica a todas as visões e revelações verificadas depois da conclusão do Novo Testamento; nesta categoria, portanto, se deve colocar a mensagem de Fátima. Ouçamos o que diz o *Catecismo da Igreja Católica* sobre isto também: «No decurso dos séculos tem havido revelações ditas “privadas”, algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. (...) O seu papel não é (...) “completar” a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente numa determinada época da história » (n. 67). Isto deixa claro duas coisas:

1. A autoridade das revelações privadas é essencialmente diversa da única revelação pública: esta exige a nossa fé; de facto, nela, é o próprio Deus que nos fala por meio de palavras humanas e da mediação da comunidade viva da Igreja. A fé em Deus e na sua Palavra é distinta de qualquer outra fé, crença, opinião humana. A certeza de que é Deus que fala, cria em mim a segurança de encontrar a própria verdade; uma certeza assim não se pode verificar em mais nenhuma forma humana de conhecimento. É sobre tal certeza que edifico a minha vida e me entrego ao morrer.

2. A revelação privada é um auxílio para esta fé, e manifesta-se credível precisamente porque faz apelo à única revelação pública. O Cardeal Próspero Lambertini, mais tarde Papa Bento XIV, afirma a tal propósito num tratado clássico, que se tornou normativo a propósito das beatificações e canonizações: «A tais revelações aprovadas não é devida uma adesão de fé católica; nem isso é possível. Estas revelações requerem, antes, uma adesão de fé humana ditada pelas regras da prudência, que no-las apresentam como prováveis e religiosamente credíveis». O teólogo flamengo E. Dhanis, eminente conhecedor desta matéria, afirma sinteticamente que a aprovação eclesial duma revelação privada contém três elementos: que a respectiva mensagem não contém nada em contraste com a fé e os bons costumes, que é lícito torná-la pública, e que os fiéis ficam autorizados a prestar-lhe de forma prudente a sua adesão [E. Dhanis, *Sguardo su Fatima e bilancio di una discussione*, em: *La Civiltà Cattolica*, CIV (1953-II), 392-406, especialmente 397]. Tal mensagem pode ser um válido auxílio para compreender e viver melhor o Evangelho na hora actual; por isso, não se deve transcurar. É uma ajuda que é oferecida, mas não é obrigatório fazer uso dela.

Assim, o critério para medir a verdade e o valor duma revelação privada é a sua orientação para o próprio Cristo. Quando se afasta d'Ele, quando se torna autónoma ou até se faz passar por outro desígnio de salvação, melhor e mais importante que o Evangelho, então ela certamente não provém do Espírito Santo, que nos guia no âmbito do Evangelho e não fora dele. Isto não exclui que uma revelação privada realce novos aspectos, faça surgir formas de piedade novas ou aprofunde e divulgue antigas. Mas, em tudo isso, deve tratar-se sempre de um alimento para a fé, a esperança e a caridade, que são, para todos, o caminho permanente da salvação. Podemos acrescentar que frequentemente as revelações privadas provêm da piedade popular e nela se reflectem, dando-lhe novo impulso e suscitando formas novas. Isto não exclui que aquelas tenham influência também na própria liturgia, como o demonstram por exemplo a festa do Corpo de Deus e a do Sagrado Coração de Jesus. Numa determinada perspectiva, pode-se afirmar que, na relação entre liturgia e piedade popular, está delineada a relação entre revelação pública e revelações privadas: a liturgia é o critério, a forma vital da Igreja no seu conjunto alimen-



tada directamente pelo Evangelho. A religiosidade popular significa que a fé cria raízes no coração dos diversos povos, entrando a fazer parte do mundo da vida quotidiana. A religiosidade popular é a primeira e fundamental forma de «inculturação» da fé, que deve continuamente deixar-se orientar e guiar pelas indicações da liturgia, mas que, por sua vez, a fecunda a partir do coração.

Desta forma, passámos já das especificações mais negativas, e que eram primariamente necessárias, à definição positiva das revelações privadas: Como podem classificar-se de modo correcto a partir da Escritura? Qual é a sua categoria teológica? A carta mais antiga de S. Paulo que nos foi conservada e que é também o mais antigo escrito do Novo Testamento, a primeira Carta aos Tessalonicenses, parece-me oferecer uma indicação. Lá, diz o Apóstolo: «Não extingais o Espírito, não desprezeis as profecias. Examinai tudo e retende o que for bom» (5, 19-21). Em todo o tempo é dado à Igreja o carisma da profecia, que, embora tenha de ser examinado, não pode ser desprezado. A este propósito, é preciso ter presente que a profecia, no sentido da Bíblia, não significa predizer o futuro, mas aplicar a vontade de Deus ao tempo presente e consequentemente mostrar o recto caminho do futuro. Aquele que prediz o futuro pretende satisfazer a curiosidade da razão, que deseja rasgar o véu que esconde o futuro; o profeta vem em ajuda da cegueira da vontade e do pensamento, ilustrando a vontade de Deus enquanto exigência e indicação para o presente. Neste caso, a predição do futuro tem uma importância secundária; o essencial é a actualização da única revelação, que me diz respeito profundamente: a palavra profética ora é advertência ora consolação, ou então as duas coisas ao mesmo tempo. Neste sentido, pode-se relacionar o carisma da profecia com a noção «sinais do tempo», redescoberta pelo Vaticano II: «Sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu; como é que não sabeis interpretar o tempo presente?» (Lc 12, 56). Por «sinais do tempo», nesta palavra de Jesus, deve-se entender o seu próprio caminho, Ele mesmo. Interpretar os sinais do tempo à luz da fé significa reconhecer a presença de Cristo em cada período de tempo. Nas revelações privadas reconhecidas pela Igreja – e portanto na de Fátima –, trata-se disto mesmo: ajudar-nos a compreender os sinais do tempo e a encontrar na fé a justa resposta para os mesmos.

## A estrutura antropológica das revelações privadas

Tendo nós procurado, com estas reflexões, determinar o lugar teológico das revelações privadas, devemos agora, ainda antes de nos lançarmos numa interpretação da mensagem de Fátima, esclarecer, embora brevemente, o seu carácter antropológico (psicológico). A antropologia teológica distingue, neste âmbito, três formas de percepção ou «visão»: a visão pelos sentidos, ou seja, a percepção externa corpórea; a percepção interior; e a visão espiritual (*visio sensibilis, imaginativa, intellectualis*). É claro que, nas visões de Lourdes, Fátima, etc, não se trata da percepção externa normal dos sentidos: as imagens e as figuras vistas não se encontram fora no espaço circundante, como está lá, por exemplo, uma árvore ou uma casa. Isto é bem evidente, por exemplo, no caso da visão do inferno (descrita na primeira parte do «segredo» de Fátima) ou então na visão descrita na terceira parte do «segredo», mas pode-se facilmente comprovar também noutras visões, sobretudo porque não eram captadas por todos os presentes, mas apenas pelos «videntes». De igual modo, é claro que não se trata duma «visão» intelectual sem imagens, como acontece nos altos graus da mística. Trata-se, portanto, da categoria intermédia, a percepção interior que, para o vidente, tem uma força de presença tal que equivale à manifestação externa sensível.

Este ver interiormente não significa que se trata de fantasia, que seria apenas uma expressão da imaginação subjectiva. Significa, antes, que a alma recebe o toque suave de algo real mas que está para além do sensível, tornando-a capaz de ver o não-sensível, o não-visível aos sentidos: uma visão através dos «sentidos internos». Trata-se de verdadeiros «objectos» que tocam a alma, embora não pertençam ao mundo sensível que nos é habitual. Por isso, exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma. A pessoa é levada para além da pura exterioridade, onde é tocada por dimensões mais profundas da realidade que se lhe tornam visíveis. Talvez assim se possa compreender por que motivo os destinatários preferidos de tais aparições sejam precisamente as crianças: a sua alma ainda está pouco alterada, e quase intacta

a sua capacidade interior de percepção. «Da boca dos pequeninos e das crianças de peito recebeste louvor»: esta foi a resposta de Jesus — servindo-se duma frase do Salmo 8 (v. 3) — à crítica dos sumos sacerdotes e anciãos, que achavam inoportuno o grito *hossana* das crianças (*Mt 21, 16*).

Como dissemos, a «visão interior» não é fantasia, mas uma verdadeira e própria maneira de verificação. Fá-lo, porém, com as limitações que lhe são próprias. Se, na visão exterior, já interfere o elemento subjectivo, isto é, não vemos o objecto puro mas este chega-nos através do filtro dos nossos sentidos que têm de operar um processo de tradução; na visão interior, isso é ainda mais claro, sobretudo quando se trata de realidades que por si mesmas ultrapassam o nosso horizonte. O sujeito, o vidente, tem uma influência ainda mais forte; vê segundo as próprias capacidades concretas, com as modalidades de representação e conhecimento que lhe são acessíveis. Na visão interior, há, de maneira ainda mais acentuada que na exterior, um processo de tradução, desempenhando o sujeito uma parte essencial na formação da imagem daquilo que aparece. A imagem pode ser captada apenas segundo as suas medidas e possibilidades. Assim, tais visões não são em caso algum a «fotografia» pura e simples do Além, mas trazem consigo também as possibilidades e limitações do sujeito que as apreende.

Isto é patente em todas as grandes visões dos Santos; naturalmente vale também para as visões dos pastorinhos de Fátima. As imagens por eles delineadas não são de modo algum mera expressão da sua fantasia, mas fruto duma percepção real de origem superior e íntima; nem se hão-de imaginar como se por um instante se tivesse erguido a ponta do véu do Além, aparecendo o Céu na sua essencialidade pura, como esperamos vê-lo na união definitiva com Deus. Poder-se-ia dizer que as imagens são uma síntese entre o impulso vindo do Alto e as possibilidades disponíveis para o efeito por parte do sujeito que as recebe, isto é, das crianças. Por tal motivo, a linguagem feita de imagens destas visões é uma linguagem simbólica. Sobre isto, diz o Cardeal Sodano: «Não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo factos que se prolongam no tempo numa sucessão e

duração não especificadas». Esta sobreposição de tempos e espaços numa única imagem é típica de tais visões, que, na sua maioria, só podem ser decifradas *a posteriori*. E não é necessário que cada elemento da visão tenha de possuir uma correspondência histórica concreta. O que conta é a visão como um todo, e a partir do conjunto das imagens é que se devem compreender os detalhes. O que efectivamente constitui o centro numa imagem só pode ser desvendado, em última análise, a partir do que é o centro absoluto da «profecia» cristã: o centro é o ponto onde a visão se torna apelo e indicação da vontade de Deus.

### **Uma tentativa de interpretação do «segredo» de Fátima**

A primeira e a segunda parte do «segredo» de Fátima foram já discutidas tão amplamente por específicas publicações, que não necessitam de ser ilustradas novamente aqui. Queria apenas chamar brevemente a atenção para o ponto mais significativo. Os pastorinhos experimentaram, durante um instante terrível, uma visão do inferno. Viram a queda das «almas dos pobres pecadores». Em seguida, foi-lhes dito o motivo pelo qual tiveram de passar por esse instante: para «salvá-las» — para mostrar um caminho de salvação. Isto faz-nos recordar uma frase da primeira Carta de Pedro que diz: «Estais certos de obter, como prémio da vossa fé, a salvação das almas» (1, 9). Como caminho para se chegar a tal objectivo, é indicado de modo surpreendente para pessoas originárias do ambiente cultural anglo-saxónico e germânico — a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Para compreender isto, deveria bastar uma breve explicação. O termo «coração», na linguagem da Bíblia, significa o centro da existência humana, uma confluência da razão, vontade, temperamento e sensibilidade, onde a pessoa encontra a sua unidade e orientação interior. O «coração imaculado» é, segundo o evangelho de Mateus (5, 8), um coração que a partir de Deus chegou a uma perfeita unidade interior e, consequentemente, «vê a Deus». Portanto, «devoção» ao Imaculado Coração de Maria é aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat* — «seja feita a vossa vontade» — se torna o centro conformador de toda a existência. Se porventura alguém objectasse que não se deve interpor um ser humano entre nós e Cristo, lembre-se de que Paulo não tem medo de dizer às suas comunidades:

«Imitai-me» (cf. *1 Cor* 4, 16; *Fil* 3, 17; *1 Tes* 1, 6; *2 Tes* 3, 7.9). No Apóstolo, elas podem verificar concretamente o que significa seguir Cristo. Mas, com quem poderemos nós aprender sempre melhor do que com a Mãe do Senhor?

Chegamos assim finalmente à terceira parte do «segredo» de Fátima, publicado aqui pela primeira vez integralmente. Como resulta da documentação anterior, a interpretação dada pelo Cardeal Sodano, no seu texto do dia 13 de Maio, tinha antes sido apresentada pessoalmente à Irmã Lúcia. A tal propósito, ela começou por observar que lhe foi dada a visão, mas não a sua interpretação. A interpretação, dizia, não compete ao vidente, mas à Igreja. No entanto, depois da leitura do texto, a Irmã Lúcia disse que tal interpretação corresponde àquilo que ela mesma tinha sentido e que, pela sua parte, reconhecia essa interpretação como correcta. Sendo assim, limitar-nos-emos, naquilo que vem a seguir, a dar de forma profunda um fundamento à referida interpretação, partindo dos critérios anteriormente desenvolvidos.

Do mesmo modo que tínhamos indentificado, como palavra-chave da primeira e segunda parte do «segredo», a frase «salvar as almas», assim agora a palavra-chave desta parte do «segredo» é o tríplice grito: «Penitência, Penitência, Penitência!» Volta-nos ao pensamento o início do Evangelho: «*Pœnitementi et credite evangelio*» (*Mc* 1, 15). Perceber os sinais do tempo significa compreender a urgência da penitência, da conversão, da fé. Tal é a resposta justa a uma época histórica caracterizada por grandes perigos, que serão delineados nas sucessivas imagens. Deixo aqui uma recordação pessoal: num colóquio que a Irmã Lúcia teve comigo, ela disse-me que lhe parecia cada vez mais claramente que o objectivo de todas as aparições era fazer crescer sempre mais na fé, na esperança e na caridade; tudo o mais pretendia apenas levar a isso.

Examinemos agora mais de perto as diversas imagens. O anjo com a espada de fogo à esquerda da Mãe de Deus lembra imagens análogas do Apocalipse: ele representa a ameaça do juízo que pende sobre o mundo. A possibilidade que este acabe reduzido a cinzas num mar de chamas, hoje já não aparece de forma alguma como pura fantasia: o próprio homem preparou, com suas invenções, a espada de fogo. Em seguida, a visão mostra a força

que se contrapõe ao poder da destruição: o brilho da Mãe de Deus e, de algum modo proveniente do mesmo, o apelo à penitência. Deste modo, é sublinhada a importância da liberdade do homem: o futuro não está de forma alguma determinado imutavelmente, e a imagem vista pelos pastorinhos não é, absolutamente, um filme antecipado do futuro, do qual já nada se poderia mudar. Na realidade, toda a visão acontece só para chamar em campo a liberdade e orientá-la numa direcção positiva. O sentido da visão não é, portanto, o de mostrar um filme sobre o futuro, já fixo irremediavelmente; mas exactamente o contrário: o seu sentido é mobilizar as forças da mudança em bem. Por isso, há que considerar completamente extraviadas aquelas explicações fatalistas do «segredo» que dizem, por exemplo, que o autor do atentado de 13 de Maio de 1981 teria sido, em última análise, um instrumento do plano divino predisposto pela Providência e, por conseguinte, não poderia ter agido livremente, ou outras ideias semelhantes que por aí andam. A visão fala sobretudo de perigos e do caminho para salvar-se deles.

As frases seguintes do texto mostram uma vez mais e de forma muito clara o carácter simbólico da visão: Deus permanece o incomensurável e a luz que está para além de qualquer visão nossa. As pessoas humanas são vistas como que num espelho. Devemos ter continuamente presente esta limitação inerente à visão, cujos confins estão aqui visivelmente indicados. O futuro é visto apenas «como que num espelho, de maneira confusa» (cf. *1 Cor* 13, 12). Consideremos agora as diversas imagens que se sucedem no texto do «segredo». O lugar da acção é descrito com três símbolos: uma montanha íngreme, uma grande cidade meia em ruínas e finalmente uma grande cruz de troncos toscos. A montanha e a cidade simbolizam o lugar da história humana: a história como árdua subida para o alto, a história como lugar da criatividade e convivência humana e simultaneamente de destruições pelas quais o homem aniquila a obra do seu próprio trabalho. A cidade pode ser lugar de comunhão e progresso, mas também lugar do perigo e da ameaça mais extrema. No cimo da montanha, está a cruz: meta e ponto de orientação da história. Na cruz, a destruição é transformada em salvação; ergue-se como sinal da miséria da história e como promessa para a mesma.

Aparecem lá, depois, pessoas humanas: o Bispo vestido de branco («tivemos o pressentimento que era o Santo Padre»), outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas e, finalmente, homens e mulheres de todas as classes e posições sociais. O Papa parece caminhar à frente dos outros, tremendo e sofrendo por todos os horrores que o circundam. E não são apenas as casas da cidade que jazem meio em ruínas; o seu caminho é ladeado pelos cadáveres dos mortos. Deste modo, o caminho da Igreja é descrito como uma *Via Sacra*, como um caminho num tempo de violência, destruições e perseguições. Nesta imagem, pode-se ver representada a história dum século inteiro. Tal como os lugares da terra aparecem sinteticamente representados nas duas imagens da montanha e da cidade e estão orientados para a cruz, assim também os tempos são apresentados de forma contraída: na visão, podemos reconhecer o século vinte como século dos mártires, como século dos sofrimentos e perseguições à Igreja, como o século das guerras mundiais e de muitas guerras locais que ocuparam toda a segunda metade do mesmo, tendo feito experimentar novas formas de crueldade. No «espelho» desta visão, vemos passar as testemunhas da fé de decénios. A este respeito, é oportuno mencionar uma frase da carta que a Irmã Lúcia escreveu ao Santo Padre no dia 12 de Maio de 1982: «A terceira parte do “segredo” refere-se às palavras de Nossa Senhora: “Se não, [a Rússia] espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas”».

Na *Via Sacra* deste século, tem um papel especial a figura do Papa. Na árdua subida da montanha, podemos sem dúvida ver figurados conjuntamente diversos Papas, começando de Pio X até ao Papa actual, que partilharam os sofrimentos deste século e se esforçaram por avançar, no meio deles, pelo caminho que leva à cruz. Na visão, também o Papa é morto na estrada dos mártires. Não era razoável que o Santo Padre, quando, depois do atentado de 13 de Maio de 1981, mandou trazer o texto da terceira parte do «segredo», tivesse lá identificado o seu próprio destino? Esteve muito perto da fronteira da morte, tendo ele mesmo explicado a sua salvação com as palavras seguintes: «Foi uma mão materna que guiou a trajectória da bala e o Papa agonizante deteve-se no

limiar da morte» (13 de Maio de 1994). O facto de ter havido lá uma «mão materna» que desviou a bala mortífera demonstra uma vez mais que não existe um destino imutável, que a fé e a oração são forças que podem influir na história e que, em última análise, a oração é mais forte que as balas, a fé mais poderosa que os exércitos.

A conclusão do «segredo» lembra imagens, que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé. É uma visão consoladora, que quer tornar permeável à força santificante de Deus uma história de sangue e de lágrimas. Anjos recolhem, sob os braços da cruz, o sangue dos mártires e com ele regam as almas que se aproximam de Deus. O sangue de Cristo e o sangue dos mártires são vistos aqui juntos: o sangue dos mártires escorre dos braços da cruz. O seu martírio realiza-se solidariamente com a paixão de Cristo, identificando-se com ela. Eles completam em favor do corpo de Cristo o que ainda falta aos seus sofrimentos (cf. *Col* 1, 24). A sua própria vida tornou-se eucaristia, inserindo-se no mistério do grão de trigo que morre e se torna fecundo. O sangue dos mártires é semente de cristãos, disse Tertuliano. Tal como nasceu a Igreja da morte de Cristo, do seu lado aberto, assim também a morte das testemunhas é fecunda para a vida futura da Igreja. Deste modo, a visão da terceira parte do «segredo», tão angustiante ao início, termina numa imagem de esperança: nenhum sofrimento é vão, e precisamente uma Igreja sofredora, uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus. Não se trata apenas de ver os que sofrem acolhidos na mão amorosa de Deus como Lázaro, que encontrou a grande consolação e misteriosamente representa Cristo, que por nós Se quis fazer o pobre Lázaro; mas há algo mais: do sofrimento das testemunhas deriva uma força de purificação e renascimento, porque é a actualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica.

Chegamos assim a uma última pergunta: O que é que significa no seu conjunto (nas suas três partes) o «segredo» de Fátima? O que é nos diz a nós? Em primeiro lugar, devemos supor, como afirma o Cardeal Sodano, que «os acontecimentos a que faz refe-



rência a terceira parte do “segredo” de Fátima parecem pertencer já ao passado». Os diversos acontecimentos, na medida em que lá são representados, pertencem já ao passado. Quem estava à espera de impressionantes revelações apocalípticas sobre o fim do mundo ou sobre o futuro desenrolar da história, deve ficar desiludido. Fátima não oferece tais satisfações à nossa curiosidade, como, aliás, a fé cristã em geral que não pretende nem pode ser alimento para a nossa curiosidade. O que permanece — dissemo-lo logo ao início das nossas reflexões sobre o texto do «segredo» — é a exortação à oração como caminho para a «salvação das almas», e no mesmo sentido o apelo à penitência e à conversão.

Queria, no fim, tomar uma vez mais outra palavra-chave do «segredo» que justamente se tornou famosa: «O meu Imaculado Coração triunfará». Que significa isto? Significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O *fiat* de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele «Sim», Deus pôde fazer-Se homem no nosso meio e tal permanece para sempre. Que o maligno tem poder neste mundo, vemo-lo e experimentamo-lo continuamente; tem poder, porque a nossa liberdade se deixa continuamente desviar de Deus. Mas, desde que Deus passou a ter um coração humano e deste modo orientou a liberdade do homem para o bem, para Deus, a liberdade para o mal deixou de ter a última palavra. O que vale desde então, está expresso nesta frase: «No mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo» (Jo 16, 33). A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa.

Joseph Card. Ratzinger  
*Prefeito da Congregação  
para a Doutrina da Fé*

## ÍNDICE

Prefácio do Editor .....	5
Introdução às Memórias da Irmã Lúcia .....	7
Biografia inacabada de Lúcia .....	8
Em torno da fisionomia literária de Lúcia .....	11
Gênero literário das «Memórias» .....	13
Tema das Memórias .....	15

### PRIMEIRA MEMÓRIA

Introdução .....	33
PREFÁCIO .....	34
1. Oração e Obediência .....	34
2. Silêncio sobre alguns assuntos .....	34
3. Prece à Jacinta .....	36
I. RETRATO DE JACINTA	
1. Temperamento .....	36
2. Delicadeza de alma .....	38
3. Amor a Cristo Crucificado .....	39
4. Sensibilidade .....	40
5. Catequese infantil .....	40
6. Jacinta, a pequena Pastora .....	42
7. Primeira Aparição .....	44
8. Meditação sobre o Inferno .....	45
9. Amor aos pecadores .....	46
10. Resistência da família .....	48
11. Amor ao Santo Padre .....	50
12. Na cadeia de Ourém .....	51
13. Terço na prisão .....	52
14. Afeiçãozinha pelo baile .....	53

## II. DEPOIS DAS APARIÇÕES

1. Orações e sacrifícios no Cabeço .....	54
2. O incómodo dos interrogatórios .....	54
3. O santo Padre Cruz .....	55
4. Graças alcançadas pela Jacinta .....	56
5. Novos sacrifícios .....	57

## III. DOENÇA E MORTE DE JACINTA

1. Jacinta, vítima da pneumónica .....	58
2. Visita de Nossa Senhora .....	59
3. No hospital de Ourém .....	60
4. Regresso a Aljustrel .....	61
5. Novas visitas de Nossa Senhora .....	62
6. Partida para Lisboa .....	63

APÊNDICE .....	64
----------------	----

## SEGUNDA MEMÓRIA

Introdução .....	65
------------------	----

PREFÁCIO .....	66
----------------	----

## I. ANTES DAS APARIÇÕES

1. Infância de Lúcia .....	67
2. Divertimentos populares .....	68
3. Primeira Comunhão .....	69
4. Sorriso da Mãe de Deus .....	70
5. Vigília de esperança .....	71
6. O grande dia .....	72
7. Família de Lúcia .....	73
8. Reflexão da Autora .....	74

## II. AS APARIÇÕES

1.	Manifestações em 1915 .....	74
2.	Aparições do Anjo em 1916 .....	76
3.	Problemas familiares .....	79
4.	Aparições de Nossa Senhora .....	82
5.	Dúvidas de Lúcia .....	84
6.	Jacinta e Francisco encorajam-na .....	85
7.	Descrença da mãe de Lúcia .....	87
8.	Ameaças do Administrador .....	88
9.	Prejuízos na família .....	89
10.	Ajuda espiritual .....	90
11.	Na cadeia de Ourém .....	91
12.	Mortificações e sofrimentos .....	92
13.	Treze de Setembro .....	94
14.	Espírito de sacrifício de Lúcia .....	95
15.	Uma visita curiosa .....	95
16.	Treze de Outubro .....	96
17.	Interrogatórios de sacerdotes .....	98

## III. DEPOIS DAS APARIÇÕES

1.	Lúcia vai à escola .....	100
2.	Atitude do Pároco .....	101
3.	Comunhão no sofrimento .....	103
4.	Proibição da peregrinação .....	105
5.	A mãe de Lúcia adoecer gravemente .....	107
6.	Morte do pai .....	109
7.	Doença da Jacinta e do Francisco .....	109
8.	Também a Lúcia adoecer .....	112
9.	Primeiro encontro com o Bispo .....	113
10.	Despedida de Fátima .....	115
	EPÍLOGO .....	116
1.	Ainda alguns pormenores acerca da Jacinta .....	116
2.	Poder atractivo de Lúcia .....	117
3.	Boa memória da Vidente .....	118

## TERCEIRA MEMÓRIA

Introdução .....	119
Prefácio .....	120
1. O que é o segredo? .....	120
2. Visão do inferno .....	121
3. Forte impressão para a Jacinta .....	122
4. Olhar retrospectivo de Lúcia .....	124
5. O Coração Imaculado de Maria .....	125
6. Jacinta vê o Santo Padre .....	126
7. Visões da guerra .....	127
8. Interpretação do silêncio da Lúcia .....	129
9. Amor da Jacinta ao Coração Imaculado de Maria .....	130
EPÍLOGO .....	131

## QUARTA MEMÓRIA

Introdução .....	133
PREFÁCIO .....	134
1. Confiança e abandono .....	134
2. Despojamento total .....	134
3. Assistência do Espírito Santo .....	135
I. RETRATO DE FRANCISCO	
1. Espiritualidade .....	136
2. Inclinações naturais .....	138
3. Participação nas Aparições do Anjo .....	139
4. Influência da primeira Aparição de Nossa Senhora .....	140
5. Influência da segunda Aparição .....	143
6. Francisco encoraja a Lúcia .....	144
7. Influência da terceira Aparição .....	145
8. Comportamento em Ourém .....	146
9. Influência das últimas Aparições .....	147
10. Casos e canções .....	149

11. Francisco, o pequeno moralista .....	153
12. Amor ao recolhimento e à oração .....	155
13. Visão do demónio .....	157
14. Fioretti de Fátima .....	157
15. Outros casos .....	159
16. Francisco adoece .....	162
17. Morte santa .....	164
18. Mais canções .....	165

## II. HISTÓRIA DAS APARIÇÕES

PREFÁCIO .....	167
1. Aparições do Anjo .....	168
2. Silêncio da Lúcia .....	171
3. Treze de Maio .....	172
4. Treze de Junho .....	175
5. Treze de Julho .....	176
6. Treze de Agosto .....	178
7. Treze de Setembro .....	179
8. Treze de Outubro .....	180
Epílogo .....	181

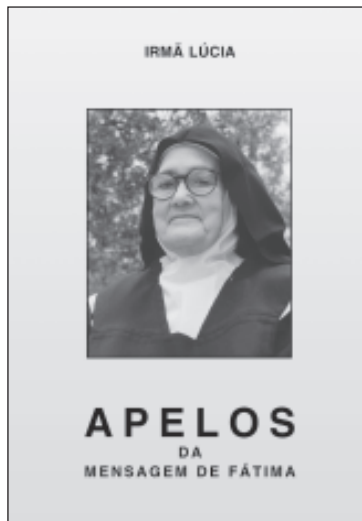
## III. MAIS APONTAMENTOS SOBRE A JACINTA

1. Uma cura milagrosa .....	182
2. Regresso dum filho pródigo .....	183

## IV. JACINTA COM FAMA DE SANTIDADE

1. Indicação .....	184
2. Jacinta, espelho de Deus .....	185
3. Jacinta, exemplo de virtudes .....	186
4. O Francisco era diferente .....	188
Epílogo .....	190

APÊNDICE I .....	191
Texto da Grande Promessa do Coração de Maria, ..... na Aparição de Pontevedra (Espanha) .....	191
APÊNDICE II .....	194
Texto do Pedido da Consagração da Rússia.....	195
APÊNDICE III .....	197
A Mensagem de Fátima .....	197
Apresentação .....	197
O «Segredo» de Fátima .....	205
Terceira Parte do «Segredo» .....	209
Interpretação do «Segredo» .....	214
Colóquio com a Irmã Lúcia .....	216
Comunicação do Cardeal Sodano .....	218
Comentário Teológico do Cardeal Ratzinger .....	220



No Secretariado dos Pastorinhos, encontram-se à venda mais dois livros escritos pela Irmã Lúcia:

«**Memórias da Irmã Lúcia - II**» neste segundo volume, a Irmã Lúcia recorda a sua infância em mais duas Memórias: a Quinta dedicada especialmente a seu pai e a Sexta a sua mãe.

«**Apelos da Mensagem de Fátima**» no qual Lúcia responde a muitas perguntas que lhe foram colocadas sobre a Mensagem de Fátima.



Execução Gráfica  
Gráfica Almondina – Torres Novas

---

Depósito Legal n.º 265 624/07



ISBN 978-972-8524-18-0



9 789728 524180



ISBN 978-972-8524-18-0



9 789728 524180